

prisma.com

Revista de Ciências e Tecnologias de Informação e Comunicação



CIC.DIGITAL PORTO

CENTER FOR RESEARCH IN COMMUNICATION,
INFORMATION AND DIGITAL CULTURE

U. PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Direção

Elisa Cerveira, Universidade do Porto, Faculdade de Letras / CIC.Digital (Porto), Portugal

Conselho Editorial

1. **António Machuco Rosa**, Universidade do Porto, Faculdade de Letras / CIC.Digital (Porto), Portugal
2. **Armando Malheiro da Silva**, Universidade do Porto - Faculdade de Letras / CIC.Digital (Porto), Portugal
3. **Fernando Zamith**, Universidade do Porto - Faculdade de Letras / CIC.Digital (Porto), Portugal
4. **Helena Sousa**, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Portugal
5. **Maria Manuela Cardoso**, Instituto Politécnico do Porto, ISCAP, / Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, Portugal
6. **Óscar Mealha**, Universidade de Aveiro, Departamento de Comunicação e Arte, Portugal
7. **Paulo Faustino**, Universidade do Porto, Faculdade de Letras / CIC.Digital (Porto), Portugal
8. **Sara Jesus Gomes Pereira**, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Portugal

Gestão da Informação

1. **Mariana Paula Martins Selas**, Universidade do Porto - Faculdade de Letras, Portugal
2. **Raquel Graça**, CIC.Digital – Porto, Portugal

Comissão Científica

1. **Alfredo Pena-Vega**, IIAC - Institut Interdisciplinaire d'Anthropologie du Contemporain - Centre Edgar Morin-EHESS/CNRS, França
2. **Ana Isabel Reis**, Universidade do Porto, Faculdade de Letras / CIC.Digital (Porto), Portugal
3. **Ana Lúcia Terra**, Instituto Politécnico do Porto, ISCAP / CIC.Digital (Porto), Portugal
4. **Ana Margarida Pisco Almeida**, Universidade de Aveiro, Departamento de Comunicação e Arte, Portugal
5. **António Machuco Rosa**, Universidade do Porto, Faculdade de Letras / CIC.Digital (Porto), Portugal
6. **Armando Malheiro da Silva**, Universidade do Porto - Faculdade de Letras / CIC.Digital (Porto), Portugal
7. **Brasilina Passarelli**, Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, Brasil
8. **Carla Conti de Freitas**, Universidade Estadual de Goiás (Campus Inhumas), Brasil
9. **Carlos Ávila de Araújo**, Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Brasil
10. **Carlos Felimer del Valle Rojas**, Facultad de Educación y Humanidades, Universidad de la Frontera, Chile
11. **Cláudio Roberto Magalhães Pessoa**, Universidade FUMEC, Belo Horizonte, Brasil
12. **Cristina Ponte**, Universidade Nova de Lisboa, Departamento de Ciências da Comunicação, Portugal
13. **Edileuza Regina Pena**, Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais (Campus de Rondonópolis), Brasil
14. **Edson Luiz Riccio**, Universidade de São Paulo, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Brasil
15. **Enói Dagô Liedke**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Brasil
16. **Fernanda da Silva Martins**, Universidade do Porto, Faculdade de Letras / CIC.Digital (Porto), Portugal
17. **Fernanda Ribeiro**, Universidade do Porto - Faculdade de Letras / CIC.Digital (Porto), Portugal
18. **Fernando Ramos**, Universidade de Aveiro, Departamento de Comunicação e Arte, Portugal
19. **Fernando Zamith**, Universidade do Porto - Faculdade de Letras / CIC.Digital (Porto), Portugal
20. **Francisco Alberto Severo de Almeida**, Universidade Estadual de Goiás (Campus Inhumas), Brasil
21. **Francisco Carlos Palleta**, Universidade de S. Paulo, Escola de Comunicações e Artes, Brasil
22. **George Leal Jamil**, Universidade FUMEC, Belo Horizonte, Brasil

23. **Helder Bastos**, Universidade do Porto, Faculdade de Letras / CIC.Digital (Porto), Portugal
24. **Helena Lima**, Universidade do Porto, Faculdade de Letras / CIC.Digital (Porto), Portugal
25. **Helena Santos**, Universidade do Porto, Faculdade de Economia / CIC.Digital (Porto), Portugal
26. **Inês Amaral**, Universidade Autónoma de Lisboa, Instituto Superior Miguel Torga, Portugal
27. **Inês Peixoto Braga**, Instituto Politécnico do Porto, ISCAP / CIC.Digital (Porto), Portugal
28. **Jorge Ferraz de Abreu**, Universidade de Aveiro, Departamento de Comunicação e Arte, Portugal
29. **José António Moreiro González**, Universidad Carlos III, Facultad de Humanidades, Comunicación y Documentación, Espanha
30. **José Azevedo**, Universidade do Porto, Faculdade de Letras / CIC.Digital (Porto), Portugal
31. **José Simões de Almeida Júnior**, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Brasil
32. **Laura Rosseti Ricapito**, Universidad Autónoma Metropolitana, Xochimilco, México
33. **Lidia Barboza Norbis**, Universidad de Montevideo, Facultad de Humanidades y Educación, Uruguay
34. **Lídia Oliveira**, Universidade de Aveiro, Departamento de Comunicação e Arte, Portugal
35. **Luc Quoniam**, Université Sud – Toulon Var, França
36. **Lucivaldo Barros**, Universidade Federal do Pará, Faculdade de Biblioteconomia do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Brasil
37. **Luís Borges Gouveia**, Universidade Fernando Pessoa, Porto / CIC.Digital (Porto), Portugal
38. **Lynn Gama Alves**, Universidade do Estado da Bahia, SENAI - CIMATEC, Brasil
39. **Marcos Galindo**, Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Ciência da Informação, Brasil
40. **Maria Beatriz Marques**, Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras / CIC.Digital (Porto), Portugal
41. **Maria Irene Fonseca e Sá**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Brasil
42. **Maria Manuel Borges**, Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Portugal
43. **Maria Manuela Pinto**, Universidade do Porto, Faculdade de Letras / CIC.Digital (Porto), Portugal
44. **María Victoria Carrillo Durán**, Universidad de Extremadura, Facultad de Biblioteconomía y Documentación, Espanha
45. **Moisés Rockembach**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Brasil
46. **Olívia Pestana**, Universidade do Porto, Faculdade de Letras / CIC.Digital (Porto), Portugal
47. **Paulo Frias**, Universidade do Porto, Faculdade de Letras / CIC.Digital (Porto), Portugal
48. **Pedro Almeida**, Universidade de Aveiro, Departamento de Comunicação e Arte, Portugal
49. **Renata Baracho**, Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Brasil
50. **Silvana Vidotti**, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências (Campus de Marília), Brasil
51. **Tom Linden**, University of North Carolina at Chapel Hill, School of Media and Journalism, Estados Unidos da América do Norte
52. **Vasco Ribeiro**, Universidade do Porto, Faculdade de Letras / CIC.Digital (Porto), Portugal
53. **Zeny Duarte**, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação, Brasil

Periodicidade: semestral (edição de 1 ou 2 números temáticos por ano)

ISSN: 1646-3153

Contacto: prisma.com@letras.up.pt

Editorial

Claudio Paixão Anastácio de Paula

Escola de Ciência da Informação
Universidade Federal de Minas Gerais
claudiopap@hotmail.com

Eliane Pawlowski Oliveira Araújo

Escola de Ciência da Informação
Universidade Federal de Minas Gerais
elianepaw@yahoo.com.br

Nas discussões epistemológicas sobre a Ciência da Informação (CI) é possível verificar a evolução de sua perspectiva interdisciplinar desde seu nascedouro, na década de 1960, cuja interface se deu de forma prioritária com a matemática, a lógica, a linguística, a psicologia, a computação, a comunicação e a biblioteconomia. O desenvolvimento do campo em função do próprio desenvolvimento da sociedade, da qual a CI é reflexo visto ser uma ciência social, ampliou o escopo das disciplinas que entrelaçam a informação – objeto de estudo desta ciência – com campos distintos e diferenciados que vão desde a filosofia até a inteligência artificial.

Várias pesquisas têm possibilitado confirmar essa vocação interdisciplinar. Em especial, os estudos desenvolvidos na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no Brasil, tem buscado uma maior amplitude neste campo ao procurar inserir o Imaginário em suas pesquisas como objeto sobre o qual se aplica uma hermenêutica com vista a compreender os comportamentos e práticas informacionais dos sujeitos.

Os estudos iniciais utilizando a dimensão simbólica e afetiva na Ciência da Informação foram desenvolvidos em 2005 a partir de bases teóricas desenhadas em 1999 e, desde aquela data, pesquisas tem sido realizadas visando a solidificação do binômio informação-imaginário. Esta vertente de pesquisas pressupõe a análise do fenômeno informacional sob uma dimensão simbólica consolidando o entrelaçamento da Psicologia e Antropologia com a CI, não em nível de colaboração, mas mirando e consolidando a criação de uma unidade de conhecimento numa perspectiva integralizadora que contemple as dimensões social, histórica, cultural e

psíquica e englobando os aspectos cognitivos, afetivos e perceptivos, tanto conscientes quanto inconscientes.

À medida que as pesquisas foram consolidando uma base teórica sobre informação e imaginário e que a repercussão desses trabalhos encontrou aporte teórico em estudos desenvolvidos por pesquisadores em universidades portuguesas houve a necessidade de se criar uma estrutura formal e registrar de forma unificada o desenvolvimento dos estudos e de sua base teórica e metodológica. Assim, em janeiro de 2017, foi criado o Gabinete de Estudos da Informação e do Imaginário (GEDII), grupo de pesquisa registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3022296834260274>.

A designação Gabinete dada ao grupo busca transcender a noção de um mero laboratório (na acepção positivista) para ampliar a noção de um espaço de trabalho que evocasse todo o imaginário que circundava os ancestrais dos museus, das coleções científicas e dos laboratórios de hoje com suas *animalia*, *vegetalia* e *mineralia* a que se juntavam outras coleções: a *mirabilia*, a *scientifica* e a *artificialia*. Um lugar para se reunir e ordenar imaginativamente o científico, o natural, o exótico e os objetos e os materiais criados ou modificados pelo engenho humano. Um trabalho ao mesmo tempo interno e externo onde as operações metodológico-científicas busquem não somente transmutações no conhecimento, mas também um “fazer alma”.

Este número especial da Revista Prisma busca reunir as pesquisas e reflexões desenvolvidas na última década neste novo campo interdisciplinar. Em termos práticos, são apresentados aqui trabalhos que dialogam entre si de muitas maneiras.

Araújo e Araújo, por exemplo, se dedicam a explorar as semelhanças entre a informação e o imaginário tratando-os a partir do esforço humano para a significação do mundo. Paula, por sua vez, trata das semelhanças entre a abordagem que conduz a maioria dos trabalhos nesta publicação (a Abordagem Clínica da Informação - ACI) e o Paradigma Indiciário. Para isso, o autor destaca a abertura que o diálogo entre estas perspectivas oferece para a investigação do imaginário como fonte de indícios da ação do inconsciente sobre os fenômenos informacionais. Esse exercício de reunir evidências como tônica do trabalho da ACI é

explorado por Paula e Araújo através de uma leitura panorâmica dos estudos desenvolvidos na área até o presente momento.

A multiplicidade intrínseca a esse panorama é representada por cinco pesquisadores: por Araújo, quando esta investiga o imaginário subjacente ao processo de tomada de decisão inerente a atividade de análise de assunto em uma biblioteca universitária; por Queiroz, quando suas reflexões oferecem indicações de que o imaginário pode ser a base para o estabelecimento de vínculos capazes de sustentar a manutenção da conexão dos egressos com as suas instituições de ensino de origem; por Sá quando esta analisa os elementos simbólico-afetivos envolvidos no compartilhamento do conhecimento entre docentes e discentes de um programa de pós-graduação *stricto sensu* de uma universidade brasileira durante as orientações acadêmicas; por Antunes que investiga o imaginário, a afetividade e as percepções de nativos digitais que refletem sobre as semelhanças e diferenças entre a biblioteca e o buscador Google; e, finalmente, por Pedrosa quando esta investiga a interferência da subjetividade, e do imaginário a ela subjacente, na tomada de decisão diante dos desafios da gestão de bibliotecas de uma universidade federal.

Se junta a esse grupo de estudos o artigo de Rocha e Paula. Fundamentado em dados de uma pesquisa ainda em andamento, esse trabalho explora a utilização do monomito da jornada do herói como uma metáfora conceitual para analisar a narrativa que um pesquisador faz da sua formação dentro de um grupo de pesquisa, da sua trajetória e do desenvolvimento de sua carreira. Ao analisar como o imaginário que permeia a visão que ele faz desse processo o auxiliou a ser reconhecido como o líder e mentor desse grupo, a autora aponta indícios que sugerem que foi essa vinculação pela via do imaginário que auxiliou esse grupo na sua conversão em um espaço de referência na produção de conhecimento.

A proposta desta edição é apresentar as pesquisas realizadas que se inspiram na ideia de que os Gabinetes são lugares destinados com exclusividade ao trabalho, mas não a um trabalho ordinário. “São locais destinados a grandes empreitadas, lugares onde grandes temas são debatidos, futuros e destinos são traçados, mas onde por debaixo dos assentos está perenemente escrita a advertência de que a fortuna muda sempre de direção: *Hecubam Reginam.*”¹

¹ Conforme descrição disponível em <http://gedii.eci.ufmg.br/por-que-gabinete-e-nao-um-laboratorio/>

Espera-se que essa forma de abordar a informação sob a via do imaginário (com toda a riqueza dos símbolos, seus afetos e seu *mythos*) encontre eco e inspire novos argonautas e novas pesquisas.

Informação e Imaginário. inserindo uma nova perspectiva interdisciplinar em pesquisas sobre o fenômeno informacional

*Imaginary and Information:
Inserting a new interdisciplinary
perspective in research on
Informational phenomenon*

Eliane Pawlowski Oliveira Araújo

Escola de Ciência da Informação
Universidade Federal de Minas Gerais
elianepaw@yahoo.com.br

Alberto Filipe Araújo

Instituto de Educação
Universidade do Minho
afaraujo@ie.uminho.pt

Resumo

A informação e o imaginário possuem características semelhantes. Ambos fazem parte da estrutura da história humana e situam-se na perspectiva de significação do mundo. Por meio da informação o indivíduo, dentre outras coisas, constrói sentido e compõe sua história de mundo; por meio do imaginário, ele também faz a mesma coisa. Duas faces da mesma moeda, como Jano, o deus das transições e passagens. Neste artigo pretende-se caracterizar esses dois elementos e integrá-los reforçando o entendimento de que o imaginário pode se consolidar como uma estratégia para a compreensão dos comportamentos e práticas informacionais. O resultado desse esforço consolida na Ciência da Informação uma perspectiva interdisciplinar que traz a dimensão simbólica, aqui representada na perspectiva durandiana, para dentro do campo formando uma unidade de conhecimento que visa compreender a complexidade do mundo atual. Considera-se que esse alinhamento pode vir a configurar uma área transdisciplinar abrindo novas

Abstract

Information and imaginary have similar characteristics. Both are part of the structure of human history and are situated in the perspective of giving meaning to the world. Through information, the individual, among other things, builds meaning and composes his history of the world; by means of the imaginary, he also does the same thing. Two sides of the same coin, like Jano, the god of transitions and passages. This article characterizes these two elements and integrates them reinforcing the understanding that the imaginary can consolidate itself as a strategy for understanding behaviors and informational practices. The result of this effort consolidates in Information Science an interdisciplinary perspective that brings the symbolic dimension, represented here in the Durandian perspective, into the field, forming a unit of knowledge that aims to understand the complexity of the world today. It is considered that this alignment can configure a transdisciplinary area opening new

perspectivas de pesquisas sobre o fenômeno *perspectives of research about the informational phenomenon.*

Palavras-chave: Informação; Imaginário; **Keywords:** Information; imaginary; Interdisciplinarity; Interdisciplinaridade; Dimensão simbólico-afetiva *Symbolic-affective dimension.*

1. Introdução

As ciências sociais e humanas, em seus trajetos para se consolidarem enquanto ciência, procuraram incorporar em seus procedimentos métodos e técnicas similares às das ciências naturais para que os resultados obtidos pudessem ser considerados válidos e confiáveis. Como mencionado por Santos (2006), o modelo de racionalidade da ciência moderna, constituído a partir da revolução científica do século XVI, foi desenvolvido basicamente no domínio das ciências naturais tendo se estendido, no século XIX, às ciências sociais emergentes. Esse *status* de excelência das ciências naturais, como modelo a ser seguido, foi adquirido e mantido durante séculos em decorrência de posicionamentos filosóficos e pragmáticos de pesquisadores e filósofos. Este modelo negava o caráter racional a todas as formas de conhecimento que não se pautassem pelos princípios epistemológicos e pelas regras metodológicas relacionadas às ciências naturais (Santos, 2006, p. 21).

Entretanto, nos últimos dois séculos, as ciências sociais e humanas têm envidado esforços para impor sua especificidade, o que implicou, além de não anular suas características fundamentais, em firmar métodos, técnicas e abordagens próprias que pudessem dar conta dos fenômenos inerentes aos seus objetos.

Algumas vertentes foram desenvolvidas, algumas consolidadas, outras resgatadas. Neste repertório destaca-se o imaginário, forma que as primeiras civilizações humanas se utilizaram para compreender e explicar o mundo. Abordar o imaginário como objeto sobre o qual se aplica uma hermenêutica tem se constituído um esforço e uma perspectiva que visa resgatar o pensamento simbólico e o símbolo em, como afirma Durand (1988), seu dinamismo instaurativo à procura do sentido.

Não se trata de algo novo; pelo contrário, trata-se de voltar às origens e perceber o valor hermenêutico que o imaginário sempre teve na significação do mundo, na criação de sentido, na resposta às angústias primeiras do ser humano. Trata-se de trazer à denominada “louca da

casa"¹, o reconhecimento do seu potencial revelador, compreensivo, integrador e mediador. Trata-se de entender que o fazer científico pode seguir caminhos que não são considerados ortodoxos pelos pesquisadores tradicionalistas, mas que possuem uma lógica estrutural própria que possibilita que a ciência avance e evolua ampliando as perspectivas de saberes. Sem fantasias, adivinhações ou suposições, mas com estruturas e entendimentos fundamentados e consolidados. Uma das hermas² que congregam novas compreensões e antigos saberes.

Quando se olha com mais vagar percebe-se que o imaginário e a informação possuem características semelhantes. Ambos fazem parte da estrutura da história humana e situam-se na perspectiva de significação do mundo. Por meio da informação o indivíduo, dentre outras coisas, constrói sentido e compõe sua história de mundo; por meio do imaginário, ele também faz a mesma coisa. Duas faces da mesma moeda, como Jano, deus de origem indo-europeia possuidor de dois rostos contrapostos que marcam a evolução de um estado a outro, de uma visão a outra (Chevalier & Gheerbrant, 2015).

Este artigo pretende caracterizar esses dois elementos e integrá-los, reforçando o entendimento de que o imaginário pode se consolidar como uma estratégia para a compreensão dos aspectos subjacentes presentes nos comportamentos e práticas dos sujeitos em seus processos informacionais marcando a inserção de uma nova perspectiva interdisciplinar na Ciência da Informação.

Esta nova perspectiva visa contemplar uma lacuna percebida nos estudos sobre usuários de informação cujas pesquisas vêm demonstrando a necessidade do desenvolvimento de instrumentos inovadores. Essa percepção parte da observação de que as teorias sobre o comportamento informacional não tem considerado as motivações e as emoções que estão fora do domínio da consciência do sujeito, não contemplando, portanto, os aspectos subjacentes aos comportamentos aparentes (Venâncio, 2007; Albright, 2011). Acredita-se que o progresso na Ciência da Informação, conforme mencionado por Badwen e Robinson (2008), depende de uma melhor compreensão dos fundamentos do comportamento informacional

¹Durand (2012, p.19) menciona essa expressão ao se referir à perspectiva em que a psicologia clássica reduz o imaginário.

² *Hermas*, segundo Araújo, Gomes e Almeida (2014) eram elementos de devoção hermesiana relacionadas ao deus grego da comunicação e caminhos, Hermes. Consistiam de pedras esculpidas ou montículos de pedra que sinalizavam as estradas, ou marcavam os territórios na antiguidade, servindo de ponto de encontro de peregrinos e viajantes.

humano, perspectiva que, considera-se, é abarcada pelo uso do imaginário e da dimensão simbólico-afetiva.

A hermenêutica simbólica adotada neste artigo parte da concepção de uma cultura do imaginário estabelecida por Gilbert Durand (1921-2012) que considera o imaginário como um elemento constitutivo e instaurador do comportamento específico do *homo sapiens* e que tem no “trajeto antropológico” a sua pedra angular (Durand, 2012, p.41).

2. Da Informação

*O que é informação? É uma substancia indefinida e etérea ou fenômeno cognoscível? É uma propriedade básica do Universo, tal como a energia, revestindo várias formas ou tal analogia é equívoca e inútil?*³

A informação é um componente intrínseco a todas as atividades humanas. Insere-se numa vertente de compreensão de natureza complexa, pois é indissociável da existência do homem à medida que está relacionada, tanto a situações de necessidades (sejam primárias ou secundárias⁴) quanto a situações de “não necessidade”. Neste rol inserem-se também a necessidade e o desejo de conhecimento, bem como o contato com a informação nas situações rotineiras, que muitas vezes pode ocorrer de forma passiva e sem intencionalidade ou necessidade premente.

Considera-se que a informação faz parte do cotidiano do ser humano desde sua origem, não necessariamente registrada em suporte físico, mas sempre comunicada e compartilhada por meio de ações do *homo sapiens*. Saber localizar uma fonte de água ou como caçar um animal para prover sua subsistência se baseava em informações vitais para a sobrevivência do homem que “lia” as informações do seu habitat, processava e as transformava em conhecimento.

Arrisca-se pontuar que talvez este seja um dos aspectos mais complexos da informação: sua incorporação natural ao ser e ao fazer humano a torna tão sutil que por vezes é utilizada e assimilada sem se notar, de modo inconsciente e autômato. Originada do latim “*informare*”, a definição de Informação perpassa a noção de “formar uma ideia de algo”, o que pode

3 Silva & Ribeiro (2002, p.21).

4A denominação de necessidades considerada no texto parte da proposta de Henry Murray (1938) que identificou duas categorias de necessidades: as primárias ou viscerogênicas (de natureza biológica) e as secundárias ou psicogênicas (derivadas da primeira ou inerentes à estrutura psíquica humana). Murray, H. A. (1938). *Explorations in Personality*. New York: Oxford University Press.

implicar ação e apropriação nem sempre intencionais, mas que contribuem para a construção de um repertório individual que embasa e orienta o sujeito em seus comportamentos e práticas.

O termo “Informação”, de acordo com Capurro (1985), tem um fundo epistemológico muito rico: sua forma latina (*informatio*), por exemplo, tornou-se um *terminus technicus* na epistemologia medieval e desempenhou um papel importante nas teorias racionalistas e empiristas do conhecimento da filosofia moderna. O autor resgata do famoso dicionário inglês “*A Dictionary of the English Language*”, de Johnson (1755)⁵, três usos para o vocábulo (“Inteligência dada; instrução”, “Carga ou acusação exibida”, “O ato de informar ou atuação”) e descreve que o termo [*informatio*], tal como cunhado por Tomás de Aquino (1225-1274), traz implicações ontológicas, pedagógicas, linguísticas e epistemológicas. Nesta última perspectiva, Capurro (1985) aponta uma conexão íntima com os conceitos de intelecto (*intellectus*) e percepção (*sensus*) e menciona que, embora a filosofia moderna tenha criticado muitos aspectos das proposições de Aquino, o termo Informação desempenhou um papel importante na tradição empirista inglesa referindo-se à mediação entre a mente e os objetos, ou seja, como estes são percebidos pelos sentidos.

Lancaster (1989) considera que é extremamente difícil definir Informação ou obter um consenso sobre seu significado, visto que o termo pode significar coisas diferentes para pessoas diferentes. O autor sistematiza as observações feitas por Ruben (1985)⁶ quando este afirma que Informação pode ser tratada como produto (o que lhe caracteriza como algo tangível), como um código ou padrão (na área da genética), como um sinal (no campo da comunicação), como dados captados e processados pelo cérebro, como sinônimo de conhecimento, dentre outras várias definições.

Essa incursão sobre como o termo vem sendo definido em várias áreas auxilia a sistematizar a percepção da pluralidade de significados que a informação assume em várias ciências e contextos. A polissemia da palavra demonstra as diferentes perspectivas de estudos que a informação pode assumir o que culmina, como mencionou Capurro (1985), na complexidade

⁵Johnson, S. (1755) *A Dictionary of the English Language*. London. Repr.Olms, Hildesheim, 1968.

⁶Ruben, B. D. (1985) *The coming of the information age: informations, technology and the study of behavior*, In: *Information and Behavior*, New Brunswick, Transaction Books, 1, 3-26.

em se defini-la na atualidade, pois o termo é usado não só na filosofia, mas também nas ciências naturais e sociais.

Na esteira dessas considerações epistemológicas, resgata-se o entendimento de Floridi (2011), que postula não ser possível a consolidação de uma teoria unificada da informação. Gonzalez de Gómez (2013, p. 9), ao analisar a abordagem desse autor, destaca que a adoção de uma teoria unificada, dada a existência de uma pluralidade de conceitos e modelos,

implicaria pressupor uma entidade, essência ou princípio universal e invariável como objeto preferencial, tal que eliminaria todas as outras concepções e definições concorrentes. Para Floridi, uma teoria unificada da informação só poderia ter efeitos reducionistas, entre outras razões, porque desativaria numerosas questões ainda sem responder.

Na Ciência da Informação (CI) a definição do termo Informação tem implicado não apenas uma necessidade conceitual de se entender o objeto pesquisado, mas também em caracterizar a atuação desta ciência face ao conceito. Como estudar aquilo que não se sabe exatamente o que é?

A complexidade trazida por esta indagação tem envidado de vários pesquisadores análises e ponderações. Silva e Ribeiro (2002, p. 29), por exemplo, consideram que “a Informação é algo em si mesma e anterior à coisificação/materialização que lhe dá temporalidade e espacialidade”. Esses dois aspectos mencionados pelos autores suscitam reflexões que perpassam a discussão sobre o fenômeno informacional que, acredita-se, devem ser observadas antes mesmo das tentativas de definir o termo numa expressão única, quer se considere o conceito num estado absoluto ou integrado em outras formulações⁷.

O primeiro aspecto é o tempo histórico, pois a percepção da informação vai se modificando em relação ao tempo no qual se insere. Um fato que corrobora esse entendimento é que não havia sentido, por exemplo, se falar de informação como um emaranhado de *bits* e *bytes* antes do século XX⁸... O outro aspecto que se destaca é o situacional, pois o significado de informação será diferenciado em relação ao local de onde parte sua definição. Este aspecto

⁷José Marques, no prefácio da obra de Silva e Ribeiro (2002) menciona que o sentido de informação pode advir do conceito em um estado absoluto ou integrado noutras formulações como gestão da informação, sistemas de informação, comportamento informacional, etc.

⁸**Bit (Binary Digit)** é uma sigla usada geralmente na computação que representa a menor unidade de informação que pode ser armazenada ou transmitida, pois pode assumir somente dois valores: 0 ou 1. O byte é definido como um conjunto de 8 bits.

foi abordado neste texto na citação de Lancaster (1989) quando se apresentou o conceito variando conforme sua apropriação por campos ou áreas diversas.

Outro aspecto que se considera relevante ressaltar, apesar de sua obviedade, é que a informação não é exclusividade da CI. Pode não ser o “objeto” de outras ciências, mas é um elemento intrínseco a todo o saber, já que é a base do conhecimento. Assim, considera-se que não há sentido em se estabelecer um conceito que se pretenda ser universal, mas definir o termo de modo que essa definição possa estabelecer as bases para a compreensão da abordagem que está sendo desenvolvida e caracterize o fenômeno que está sendo estudado numa perspectiva ampla, mas sem a pretensão de esgotar todas as variáveis. Considera-se fundamental que o estabelecimento de contornos e fronteiras relativas a outros campos e conceitos ocorra, pois essa condição irá permitir definir o substrato teórico e subscrever um conceito que direcione o olhar sobre o fenômeno.

Dito isto, as reflexões deste artigo, que envolvem o fenômeno informacional e suas dimensões subjetivas, partem do conceito de informação elaborado por Silva e Ribeiro (2002) que se considera adequado para, dentre outras, a compreensão dos estudos que utilizam uma hermenêutica simbólica. O conceito elaborado pelos autores, que foi complementado posteriormente por Silva (2006, 2013), considera que a informação é um conjunto estruturado de representações mentais e emocionais codificadas, modeladas com/pela interação social, passíveis de serem registradas em um suporte material e comunicadas de forma assíncrona e multidirecionada.

Esse conceito parte do pressuposto de que as raízes da informação mergulham na ação e na vida do homem em sociedade⁹ e pressupõe que o ato individual ou coletivo é responsável por fundar e modelar estruturalmente a informação. Conforme ressalta Silva (2006, p. 24)

Desde já, importa esclarecer que entendemos a Informação como um fenômeno humano e social, que deriva de um sujeito que conhece, pensa, se emociona e interage com o mundo sensível à sua volta e a comunidade de sujeitos que comunicam entre si.

Silva e Ribeiro (2002), ao conceberem a informação a partir dessas premissas, atribuem a ela algumas propriedades que são indissociáveis do conceito elaborado, como sua estruturação pela ação humana e social, a possibilidade de propiciar uma integração dinâmica entre as

⁹ José Marques em Silva & Ribeiro (2002, Prefácio).

condições internas e externas ao indivíduo. Apontam também como características a condição de ser transmissível, comunicável ou reprodutível (estando implícitos nesta propriedade os conceitos de retenção e memorização), e as propriedades de pregnância (enquanto ação modeladora da informação) e quantificação (que abarca aspectos relacionados à codificação e mensuração).

Nesta concepção, a Ciência da Informação pode abordá-la como parte de um fenômeno infocomunicacional, caracterizado, segundo Silva (2013), de forma genericamente sumarizada, pelas situações nas quais indivíduos partilham sentido por meio da interação pessoal. Esta “perspectiva infocomunicacional” de compreender o fenômeno remete a uma percepção da informação a qual perpassa o campo da Cultura que, abordada em um sentido antropológico mais geral, pode ser considerada como um “modo de relacionamento humano com o real” e como “depositária da informação social” (Marteleto, 1995). Neste aspecto, a informação toma forma de criação e instituição dos significados, o que implica uma “probabilidade de sentido” e reflete uma forma de relação dos sujeitos com a realidade aproximando-se de uma dimensão imaginária que tem como esquema dominante a significação.

Analisar, portanto, as práticas e comportamentos informacionais de uma dada sociedade importa lembrar que ela está permeada por matrizes de significações diferentes, perspectiva que aproxima o imaginário e o simbólico do fenômeno informacional e infocomunicacional.

3. Do Imaginário

Cada um é livre de escolher o seu estilo de verdade. Quanto a nós, recusamo-nos a alienar o que quer que seja da herança da espécie. Foi-nos claro que as jovens verdades estudadas pelas epistemologias se gastam e se combatem. Por que pôr de lado os “erros” quando mostram ser a coisa do mundo mais bem partilhada? [...] Uma das convicções que resulta da nossa investigação é que precisamos rever, quando se trata de compreensão antropológica, as nossas definições sectárias da verdade.

Gilbert Durand¹⁰

Boaventura de Souza Santos em seu “Discurso sobre as Ciências”, resgata de Jean-Jacques Rousseau o seguinte questionamento: “Há alguma razão de peso para substituímos o

¹⁰ Durand, G. (2012, pp. 427-428)

conhecimento vulgar que temos da natureza e da vida e que partilhamos com os homens e mulheres da nossa sociedade pelo conhecimento científico produzido por poucos e inacessível à maioria? (Santos, 2006, p. 16). Essa indagação provoca reflexões principalmente quando se percebe, conforme destaca Minayo (2011), que desde tempos imemoriais, foram as religiões, a filosofia e os mitos os instrumentos que possibilitaram desvendar as lógicas profundas do inconsciente coletivo e do destino do ser humano.

Apesar das evidências apontarem a importância do símbolo como uma forma de expressão, podemos dizer que “a civilização ocidental, erigida sob o racionalismo positivista, tratou o mito e a imagem como resultado de processos rudimentares da história da evolução do pensamento do homem”, desvalorizando a função da imaginação no desenvolvimento científico (Oliveira & Maia, 2008, p.1).

Para se compreender como esse fenômeno de desconfiguração do potencial revelador do imaginário foi se constituindo recorre-se aos apontamentos feitos Durand (2010) em seu *ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. O autor inicia suas reflexões mencionando que o Ocidente, ao almejar a posição de herdeiro único da Verdade, desafiou as imagens visto que o “método da verdade” descendente do pensamento de Sócrates (baseado numa lógica binária de falso-verdadeiro) a excluiu por não se reduzir a esse silogismo.

A consideração da razão como único meio de acesso à verdade suprimiu o imaginário dos processos intelectuais e o exclusivismo do método proposto por Descartes no século XVII invadiu todas as áreas de pesquisa do “verdadeiro” saber. Junto com as experiências de Galileu, o famoso *Discurso* de Descartes (datado de 1637) consolidou um “universo mecânico” no qual não havia espaço para o imaginário e o pensamento simbólico¹¹.

No início do século XIX, entretanto, insurgiram na sociedade alguns “bastiões” da resistência dos valores do imaginário por meio do Romantismo, do Simbolismo e do Surrealismo. E, no alvorecer do século XX, por meio dos estudos de Sigmund Freud (1856-1939) e Carl Gustav Jung (1875-1961), comprovou-se o papel das imagens como intermediária entre o

¹¹Estas considerações, relatadas por Durand (2010, p.13), também incluem a afirmativa de que “o legado do universo mental, as experiências de Galileu (lembramo-nos da demonstração da ‘lei da queda dos corpos’ no plano inclinado) e o sistema geométrico de Descartes (na geometria analítica, uma equação algébrica corresponde a cada imagem e a cada movimento, donde a cada objeto físico) representam um universo mecânico no qual não há espaço para a abordagem poética”.

inconsciente não manifesto e uma tomada de consciência ativa e sua vocação como modelo de autoconstrução da psique (Durand, 2010).

A abordagem da imagem – que na perspectiva desses dois pesquisadores estava inscrita em uma prática médica relacionada às “doenças da mente” – foi sendo ampliada, no decorrer deste último século, para uma perspectiva antropológica, que tem como pressuposto que o “funcionamento” do imaginário é apoiado sobre fatos de natureza sociocultural, ou seja, literatura, artes, mitos, contos e lendas (Durand, 2001). A imagem resgatada passar a situar-se, portanto, na perspectiva de uma imaginação criadora, de natureza poética e transcendental. Neste aspecto, é interessante observar que, segundo Durand (2010), desde os tempos primeiros já era admitido por Platão o fato de muitas verdades “escaparem” à filtragem lógica do método.

A reflexão sobre a importância do Imaginário e a Imaginação simbólica iniciou-se, de acordo com Araújo e Batista (2003) com o *Círculo de Eranos*, em Ascona, Suíça, nos anos de 1930, tendo como nomes reconhecidos desse mesmo Círculo, os de Mircea Eliade, Henry Corbin, James Hillman, Gilbert Durand, dentre outros notáveis.

Foi Gilbert Durand, de acordo com Oliveira e Maia (2008, p.1), quem procurou colocar “a imagem, a imaginação e o imaginário no cenário dos estudos acadêmicos” ao considerar o imaginário como o “alicerce fundante sobre o qual se constroem as concepções de homem, de mundo, de sociedade” e defini-lo como o museu “de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas” (Durand, 2010, p.6).

Teixeira e Araújo (2013) consideram que Gilbert Durand se destaca como um dos grandes pensadores do século XX no campo do imaginário em função do valor que atribuiu ao *homo symbolicus* e aos processos de simbolização. Este fato possibilitou a reabilitação da força diretiva do mito demonstrando que o imaginário não é uma abstração, mas segue regras estruturais o que possibilita uma hermenêutica.

Os estudos de Gilbert Durand consideram que, para abordar o simbolismo imaginário, é necessário enveredar pela via da antropologia para afastar os problemas de anterioridade ontológica. Segundo a fala do próprio autor, é necessário que nos coloquemos, deliberadamente, “no que chamaremos o trajeto antropológico, ou seja, a incessante troca

que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (Durand, 2012, p.41).

A obra de Gilbert Durand contempla, em uma descrição aqui sumarizada, a elaboração de uma teoria que sistematiza uma classificação dinâmica das imagens – considerando como princípio uma configuração baseada na constelação de imagens simbólicas – e o desenvolvimento de uma metodologia apoiada no método crítico do mito.

A metodologia desenvolvida por Durand, denominada *Mitodologia*, emergiu como uma tentativa de abordagem científica considerando, de acordo com Mello (1994, p.46), que “em todas as épocas, em todas as sociedades existem, subjacentes, mitos que orientam, que modulam o curso do homem, da sociedade e da história”. Seu propósito relaciona-se, assim, ao desvendamento dos grandes mitos diretivos responsáveis pela dinâmica social. A *Mitodologia* ampara suas abordagens em dois métodos: a mitocrítica, que consiste em um método de análise do “texto cultural” que busca evidenciar os mitos que atuam por detrás dele, e a *mitanálise*, um método de análise que tenta apreender os grandes mitos que orientam os momentos históricos, os tipos de grupos e de relações sociais. De forma sintética considera-se que, enquanto a *mitocrítica* centra sua análise nos mitos de textos culturais, a *mitanálise* analisa o contexto social no sentido de identificar a presença dos mitos diretivos, configuradores dos fenômenos socioculturais de uma dada sociedade (Durand, 2003).

A teoria proposta por Gilbert Durand, apresentada em sua obra intitulada *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*, partiu, segundo Araújo (2009, p.30) “de uma concepção simbólica da imaginação que postula o semantismo das imagens e que estas não são signos, mas que, de qualquer modo, contêm materialmente o seu sentido”. Sem poder desenvolver aqui toda a dimensão da teoria proposta por Durand (2012), tem-se, numa apresentação simplificada, que as estruturas do imaginário – que postula uma estrutura classificatória das imagens – se organizam em torno de três gestos reflexos humanos dominantes: o postural, o digestivo e o copulativo. A dominante postural remete ao imaginário de luta, de purificação; a dominante digestiva remete ao imaginário de intimidade, de refúgio, e a dominante copulativa remete ao imaginário da conciliação entre a luta e o aconchego. As representações correspondentes às dominantes expressam-se em substratos gestuais que se substantificam em arquétipos ao entrarem em contato com o meio natural e sociocultural. (Paula, 2012)

A junção entre os gestos inconscientes dessa sensóriomotricidade, as dominantes reflexas e as representações é feita pelo schème, cujo significado remete a noção de “ponte” entre o biológico e o cultural. Na estrutura proposta, a cada esquema verbal irá corresponder conjuntos de arquétipos e símbolos que serão agrupados em razão de seu isomorfismo, em dois regimes (diurno e noturno) e três estruturas – heroica, mística ou sintética (Cavalcanti & Cavalcanti, 2015; Teixeira & Araújo, 2013).

Ao apresentar o contributo de Gilbert Durand na elucidação da natureza da imaginação criadora, Araújo (2009, p.32) conclui que a imaginação, enquanto função simbólica, se revela como um importante elemento de equilíbrio psicossocial. Sua função “consiste em equilibrar biológica, psíquica e sociologicamente quer os indivíduos, quer as sociedades face à civilização tecnocrática e iconoclasta”. Neste sentido, Araújo (2009) assinala a convicção de Gilbert Durand de que o imaginário possui como função geral negar o negativo, ou seja, negar a morte e o tempo, assumindo, nesta concepção, uma função de eufemização com vistas a melhorar a situação humana no mundo fazendo a mediação da relação entre ambos. Teixeira e Araújo (2013) concluem que o imaginário, sob a perspectiva durandiana, se configura como um elemento constitutivo do comportamento do *homo sapiens* possibilitando a organização das experiências e ações humanas.

Desta forma, considera-se que sua incorporação às análises do fenômeno informacional permite que se busque uma compreensão dos “comos” e “porquês” dos comportamentos em uma dimensão instauradora de novos sentidos e significados.

4. A hermenêutica simbólica nos fenômenos infocomunicacionais

Se eu tivesse que refletir sobre minha posição pessoal ao longo dos anos, eu diria que, desde o começo, sempre rejeitei o ponto de vista do século dezanove que dividia a sociedade humana em “cultura”, que compreendia símbolos e idéias, e “civilização”, que compreendia coisas e artefatos. Para mim, a “civilização” sempre foi parte da personalidade do homem, uma área em que ele expressou seus ideais básicos, seus sonhos, suas aspirações e seus valores.

Peter Drucker¹²

¹² Drucker, P. (1971) Tecnologia, gerência e sociedade. Petrópolis: Editora Vozes

O *homo symbolicus* tem procurado emergir de um mundo que sempre tendeu a querer reduzir a cinzas a imaginação simbólica (Chanlat, 1996). E essa emergência não é sem motivo, pois, conforme aponta Pitta (1995), os progressos da física no final do século XX demonstraram ser impossível estudar o ser humano como um simples objeto. A autora, em suas considerações, menciona que o raciocínio e a razão tem a faculdade de possibilitar a análise e compreensão dos fatos, mas não possibilitam criar significado, pois

Para que a criação ocorra é necessário imaginar. É o que fazem, na sociedade ocidental, os filósofos, os cientistas sociais, os que estudam as religiões, os políticos, os arquitetos, os artistas, os físicos, os matemáticos... Criam filosofias, teorias, religiões, obras... Criam, a cada instante, o mundo. (Pitta, 1995, p.1)

Nesta perspectiva, entende-se que a obtenção de um conhecimento profundo de um objeto tão complexo quanto o ser humano necessita de um estudo baseado na observação sensível dos fatos. Esta constatação coloca o imaginário como integrante do cenário científico e o relaciona a várias ciências: nas ciências humanas esta abordagem pode caracterizar um modo de ensino não centrado unicamente na razão; nas ciências exatas tem-se os conceitos de limite e infinito sendo utilizados pela matemática; na física quântica, na química e na biologia, por sua vez, verifica-se a utilização de conceitos que vão além do puro raciocínio (Pitta, 1995).

O imaginário postula uma abrangência integradora de um olhar poliédrico e multiperspéctico de uma diversificada rede de “modos de olhar e de ver”.

Por isso mesmo é que o interesse pelo estudo do Imaginário não se limita a explorar a “substância” profunda do mito, mas intenta compreender também a acção humana no quadro das dinâmicas histórico-culturais e políticas envolventes, ou seja, os textos, os intertextos e os contextos.... (Araújo & Baptista, 2003, p.14)

Na Ciência da Informação, parte-se do pressuposto de que o imaginário pode vir a caracterizar uma nova perspectiva de estudos do fenómeno informacional inserindo nas pesquisas uma dimensão psicossocial e se integrando a uma nova vertente investigativa denominada Abordagem Clínica da Informação (ACI). Esta abordagem, proposta por Paula (2012), consiste em uma perspectiva que busca investigar os comportamentos e práticas informacionais considerando a influência de elementos culturais, simbólicos, cognitivos, afetivos, além de fatores psicodinâmicos conscientes e inconscientes. Esta forma de estudar o fenómeno investigado pressupõe um olhar profundo visando atingir níveis de análise não usuais nos estudos tradicionais. Se materializa por meio de várias técnicas e instrumentos de pesquisa

como, por exemplo, a análise de conteúdo, a análise do discurso, os mapas de associações de ideias, os mapas cognitivos, o teste de evocação de palavras, o teste arquetípico de nove elementos, o incidente crítico, as analogias e metáforas, a etnografia, historiografia, netnografia, dentre outros vários. Trata-se de uma lista aberta de possibilidades na qual o objeto de pesquisa vai direcionar sobre a utilização de alternativas únicas ou híbridas. Cabe destacar que não há procedimentos exclusivos a serem utilizados nesta abordagem; antes, vários métodos e técnicas podem ser utilizados devendo estes inserir em suas aplicações instrumentos que possibilitem captar e explorar o objeto de estudo em todas as suas dimensões.

A ACI tem como pressuposto o fato de que o comportamento informacional “é um processo experimental e contingencial, consciente ou inconscientemente marcado pelos campos psíquico, cultural, histórico e social” e que o campo psíquico – que inclui as dimensões cognitiva, perceptiva e afetiva de forma indissociável – tanto influencia quanto é influenciado por aqueles campos (Paula, 2012, online). Assim, para a condução de estudos sobre os aspectos subjetivos que permeiam o comportamento e as práticas informacionais é necessário que os instrumentos de pesquisa deem conta de questões que envolvem, de um lado, a motivação e a necessidade da busca e uso de informação e, de outro, questões relacionadas à personalidade e as estruturas individuais psíquicas. Neste aspecto, a ACI se constitui como uma abordagem que permite enveredar por uma perspectiva profunda devido a sua característica de se “reclinar” sobre todas as nuances que permeiam os comportamentos do sujeito.

Essa abordagem, que intenta o recolhimento de informações sem as isolar das situações em que foram reunidas e dos contextos em que se inserem, objetiva descrever fenômenos, tecer diagnósticos, prognósticos ou prescrever intervenções. Tem como parâmetro conceitual a proposição de que, em um processo de construção de sentido, o símbolo atua como um catalisador das expressões afetivas conscientes e inconscientes, bem como um objeto de passagem, mediando os opostos inerentes aos atos interpessoais produzindo assim, concomitantemente, sentido e cultura (Paula, 2012).

Em virtude da potencialidade de significação e construção de sentido inserida nas dimensões simbólicas, alguns elementos do imaginário que se fazem presente no cotidiano da sociedade

podem servir de instrumentos que irão permitir caracterizar e compreender aspectos intrínsecos do ser humano e dos grupos sociais. Assim, alinhando essa potencialidade à perspectiva proposta pela ACI, considera-se que se pode trazer para o campo da Ciência da Informação uma análise mítica que auxilie a compreender os fenômenos subjacentes aos comportamentos informacionais e infocomunicacionais.

Tal convicção parte do pressuposto já apontado por vários pesquisadores que consideram que a forma como os instrumentos de pesquisa têm sido utilizados nos estudos sobre comportamentos e práticas informacionais têm sido insuficiente para apreender as múltiplas dimensões da relação entre os indivíduos e as informações.

5. Conclusão

... este Imaginário, longe de ser a epifenomenal “louca da casa” a que a sumariíssima psicologia clássica o reduz, é, pelo contrário, a norma fundamental – a “justiça suprema”, escreve Breton – diante da qual a contínua flutuação do progresso científico aparece como um fenômeno anódino e sem significação.

Gilbert Durand¹³

A informação e o imaginário têm apresentado percursos complexos no desenvolvimento da sociedade humana. Interessante observar que ambos, nesses dois últimos séculos (XX e XXI) tem se caracterizado por um processo de saturação perceptível tanto na denominação da sociedade da informação quanto na sociedade midiática.

Tem-se um excesso de informação. Bauman (2011) retrata bem este cenário quando menciona que a flexibilidade exigida na sociedade moderna leva o indivíduo a ansiar cada vez mais por informações sobre o que ocorre e o que poderá ocorrer. Transforma-se, desta forma, a angústia das gerações passadas da “informação insuficiente” no pesadelo ainda mais terrível da enxurrada de informações disponíveis que ameaça afogar a todos. Nas palavras do autor, “A verdade é que nós nunca estivemos antes nessa situação. Ainda é preciso aprender a arte de viver num mundo saturado de informações” (Bauman, 2011, p.125).

Tem-se um excesso de imagens. Gilbert Durand (2010, p.33) fala sobre o paradoxo dos últimos dois séculos que, por um lado, propiciou o desenvolvimento de técnicas de produção de imagens, mas que valorizou apenas a imagem mediática desprovida de valor heurístico. A

¹³ Durand (2012, p. 19)

obsessiva produção de imagens, segundo o autor, situa-se no campo do “distrain”. Essas “imagens mediáticas”, presentes desde o berço até o túmulo, ditam as intenções de produtores anônimos ou ocultos.

Esses dois fenômenos marcados pela saturação podem até sugerir a existência de uma superficialidade nos campos marcados por esse excesso. Entretanto, a essência de cada um está na sua unidade constitutiva, a informação e a imaginação criadora, com suas capacidades de significação e de representação.

Conforme afirma Silva (2017, online), “o ser humano cria, expressa, acumula, busca e usa representações mentais e emocionais, o que o converte num produtor informacional, num mediador infocomunicacional e num usuário/ interprete/transformador de informação”. Para explorar essas dimensões, a Ciência da Informação deve recorrer à sua natural vocação interdisciplinar e se utilizar do imaginário e dos arquétipos para compreender os aspectos inconscientes e subjetivos envolvidos no fenômeno informacional.

Apesar da área de estudo do comportamento informacional se sobressair nessa vertente interpretativa, “pois tem sido nela que estudos que convocam análises mais finas e sofisticadas de recorte psicológico vão se multiplicando” não é só nessa área que “a dimensão biopsíquica, psicossocial e comportamental intrínseca ao fenômeno infocomunicacional aparece e pode ser explorada: ela está presente também na produção e na mediação (organização e representação) da informação” (Silva, 2017, online).

O imaginário tem a potencialidade de oferecer outra leitura, diferente das realizadas até agora, sobre o fenômeno informacional na sociedade humana. Isto porque seu conceito interdisciplinar, conforme destacam Araújo e Araújo (2009), permite seu trânsito na filosofia, teologia, psicologia, sociologia, etnografia, psicanálise, teorias estéticas, literárias... O conceito de informação também abrange essa peculiaridade. Talvez por isso entrelaçar esses dois mundos se configure como um campo tão profícuo de análises e interpretações. Talvez por isso se vislumbre que a articulação desses dois elementos informação-imaginário possa vir a configurar uma vertente transdisciplinar na Ciência da Informação constituindo-se uma nova unidade de conhecimento.

É sabido que o campo de estudos da Ciência da Informação é muito vasto, que a abordagem durandiana sobre o imaginário é extremamente ampla (abrangendo muito mais conceitos dos

que os foram apresentados) e que o campo de estudos do imaginário apresenta outros autores, teorias e possibilidades. Assim, não se pretende esgotar o tema. Antes, o que se faz aqui é plantar uma semente. É instigar e provocar. É suscitar questões que possam criar novas perspectivas ou reinventar paradigmas.

É preciso, pois, inspirar-se em Atena, deusa da sabedoria e uma das principais divindades do panteão grego, para dotar a ciência de novas estratégias e reflexões provendo habilidades inovadoras e reorganizando as estruturas vigentes que carecem de outras inspirações.

6. Referências Bibliográficas

- ALBRIGHT, K.S. (2011). Psychodynamic perspectives in information behaviour. *Information Research*, **16**(1) paper 457. Recuperado em julho de 2017 de <http://InformationR.net/ir/16-1/paper457.html>
- ARAÚJO, A. F. (2009) Da imaginação. In Araújo, A. F.; Araújo, J. M. (2009) *Imaginário educacional: figuras e formas*. Niterói: Intertexto
- ARAÚJO, A. F.; Araújo, J. M. (2009) *Imaginário educacional: figuras e formas*. Niterói: Intertexto
- ARAÚJO, A. F.; Baptista, F. P. (2003) *Variações sobre o imaginário: domínios, teorizações, práticas hermenêuticas*. Lisboa: Instituto Piaget
- ARAÚJO, A. F.; Gomes, E. S.; Almeida, R. (2014) *O mito revivido: a mitanálise como método de investigação do imaginário*. São Paulo: Képos
- ARAÚJO, A. F.; e Silva, A. M. (1995) Mitnálise e interdisciplinaridade. Subsídios para uma hermenêutica em educação e em ciências sociais. *Revista Portuguesa de Educação*, 8 (i), 1995. Recuperado em junho de 2017 de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/22490/2/armandomalheiro000091403.pdf>
- ARAÚJO, A. F.; Teixeira, M. C. S. (2009) Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, 44(4): 7-13. Recuperado em julho de 2017 de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/6539/4746>
- BAUMAN, Z. (2011) *44 cartas do mundo líquido moderno*. Editora Zahar
- BAWDEN, D.; Robinson, L. (2008) The dark side of information: overload, anxiety and other paradoxes and pathologies. *Journal of Information Science*, p. 1–12. Recuperado em julho de 2017 de <http://openaccess.city.ac.uk/3109/1/dark%20side%20of%20information.pdf>

- CAPURRO, R. (1985) *Epistemology and Information Science*. Recuperado em agosto de 2017 de <http://www.capurro.de/trita.htm>
- CAVALCANTI, A. A.; Cavalcanti, A. P. (2015) *O que é imaginário? Olhar biopsicossocial da obra transdisciplinar de Gilbert Durand*. João Pessoa: Editora da UFPB
- CHANLAT, J.F. (1996) *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*. 3 ed. São Paulo: Atlas
- CHEVALIER, J.; Gheerbrant, (2015) A. *Dicionário de símbolos*. 22 ed. Rio de Janeiro: José Olympio
- DURAND, G. (1988). *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix
- DURAND, G. (2003). [Mitos y sociedades : introducción a la mitodología trad. Sylvie Nante](#), Buenos Aires: Editorial Biblos.
- DURAND, G. (2010) *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Difel
- DURAND, G. (2012) *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. 4 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes
- DURAND, Y. (2001) *Quel imaginaire pour quelles perspectives éducatives*. In: Araújo, A.F.; Magalhães, J.; Araújo, J. M. História, educação e imaginário. Atas do V Colóquio de História, Educação e Imaginário. Universidade do Minho. Braga, Portugal
- FLORIDI, L. (2011) A defence of constructionism: philosophy as conceptual engineering. *Metaphilosophy*, 42 (3) : 282-304 . Recuperado em julho de 2017 de <http://www.philosophyofinformation.net/articles/>
- GONZALEZ DE GÓMEZ, M. N. (2013) Luciano Floridi e os problemas filosóficos da Informação: da representação à modelização. *InCID: R. Ci. Inf. e Doc.*, Ribeirão Preto, 4 (1), pp. 03-25 DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v4i1p3-25>. Recuperado em agosto de 2017.
- LANCASTER, F. W. (1989) O currículo de ciência da informação. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*. 17 (1). Recuperado em agosto de 2017 de <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/17682>
- MARTELETO, R. M. (1995) Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. *Ciência da Informação* 24(1). Recuperado em agosto de 2017 de <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/613/615>
- MELLO, G.B.R. (1994) Contribuições para o estudo do imaginário. *Em Aberto*, Brasília, 14 (61)
- MINAYO, M. C. S. (2011) *O desafio da pesquisa social*. In: Deslandes, S. F.; Gomes, R.; Minayo, M.C.S.(org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 30 ed. Petrópolis: Vozes

- OLIVEIRA, G. P.; Maia, L. S. L. (2008) *Estudo do universo imaginário de professores de matemática: uma análise a partir da teoria de Gilbert Durand*. Recuperado em julho de 2017 de <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT19-4798-Int.pdf>.
- PAULA, C. P. A. (2012) Proposta de metodologia para a investigação do comportamento de busca informacional e do processo de tomada de decisão dos líderes nas organizações: introduzindo uma abordagem clínica na informação. *XIII ENANCIB*. Rio de Janeiro. Recuperado em agosto de 2017 de <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xiiienancib/paper/viewFile/3743/2866>
- PITTA, D.P.R. (1995) *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*. Recife. UFPE. Recuperado em junho de 2017 de gepai.yolasite.com/resources/Texto%20Iniciação%20Teoria%20do%20Imaginário.doc.
- SANTOS, B. S. (2006) *Um discurso sobre as ciências*. 4 ed. São Paulo: Cortez
- SILVA, A.M. (2006) *A informação: da compreensão do fenômeno e construção do objeto científico*. Porto, Edições Afrontamento.
- SILVA, A. M.(2013) Ciência da Informação e comportamento informacional: enquadramento epistemológico do estudo das necessidades de busca, seleção e uso. *Prisma*, 21. Recuperado em julho de 2017 de <http://revistas.ua.pt/index.php/prisma/article/view/2659>.
- SILVA A.M. (2017) *A Ciência da Informação abre-se ao Imaginário, aos "Arquétipos", ao Inconsciente...* Recuperado em julho de 2017 de <http://gedii.eci.ufmg.br/wp-content/uploads/2017/03/Apresenta%C3%A7%C3%A3o-AMalheiro.pdf>
- SILVA, A.M.; Ribeiro, F. (2002) *Das "ciências" documentais à ciência da informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto: Edições Afrontamento.
- TEIXEIRA, M. C. S.; Araújo, A.F. (2013) *Gilbert Durand: Imaginário e Educação*. 2. ed. - Niterói: Intertexto
- VENÂNCIO, L. S. (2007). *O caminhar faz a trilha: o comportamento de busca da informação sob o enfoque da cognição situada*. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. Brasil

A Abordagem Clínica da Informação e o Paradigma Indiciário: contribuições metodológicas de um diálogo para a introdução da dimensão do imaginário como tema na pesquisa das práticas informacionais em Ciência da Informação

The Clinical Approach of Information and the Evidential Paradigm: methodological contributions of a dialogue for the introduction of the imaginary dimension as a theme in the research of informational practices in Information Science

Cláudio Paixão Anastácio de Paula

Escola de Ciência da Informação
Universidade Federal de Minas Gerais
claudiopap@hotmail.com

Resumo

Neste estudo descritivo baseado em pesquisa documental reavalia-se o primeiro estudo desenvolvido na Abordagem Clínica da Informação a partir do Paradigma Indiciário sugerindo-a como uma alternativa para mediar o diálogo com as investigações na perspectiva das práticas informacionais. Apresentam-se os aspectos centrais que definem a abordagem analisando-os segundo uma teorização do paradigma que o descreve como uma extensão da prática semiológica médica buscando-se uma aproximação da atuação do pesquisador na abordagem com os estudos de práticas informacionais. Na sequência é apresentado, de forma sintética, o estudo original publicado em 2005, e em seguida, a partir da exposição de evidências e achados coletados nesse estudo, avaliam-se a

Abstract

In this descriptive study based on documentary research, the first study developed in the Clinical Approach of Information is reevaluated from the perspective of the Evidential Paradigm and suggested as an alternative to mediate the dialogue between this paradigm and the investigations from the perspective of informational practices. The aspects which define the approach are presented and analyzed according to a theory of the paradigm that describes it as an extension of the practice of medical semiology. An approximation to the action of the researcher in the approach is sought, with the perspective adopted in the studies of information practices. The original study is presented in summary form. Based on the evidence and findings collected in it, the contribution of this approach to Information Science,

contribuição dessa abordagem para o campo Ciência da Informação, a ideia que estudos baseados na apreensão do imaginário podem conferir uma nova profundidade aos estudos nesse campo e as possíveis exigências que a adoção dessa mudança de postura acarretariam sobre a formação dos pesquisadores.

the idea that studies based on the apprehension of the imaginary can give a new depth to the studies in this field and the requirements that the adoption of this change of posture would entail on the education of the researchers are evaluated.

Palavras-chave: Abordagem Clínica da Informação; Paradigma Indiciário; Práticas Informacionais; Imaginário. **Keywords:** *Clinical Approach to Information; Evidential Paradigm; Informational Practices; Imaginary.*

1. Introdução

A presente comunicação pretende reavaliar a Abordagem Clínica da Informação (ACI) – proposta por Paula (2012a; 2013) como um desdobramento natural de estudos anteriores (PAULA, 1999 e 2005) – à luz do paradigma indiciário (GINZBURG, 1980) como uma alternativa para mediar o diálogo entre esse paradigma e as investigações na perspectiva das práticas informacionais (MCKENZIE, 2003; SAVOLAINEN, 2007; WILSON; SAVOLAINEN, 2009).

Para que isso seja possível serão utilizados os preceitos do mesmo método indiciário (GINZBURG, 1980) para avaliar, sinteticamente, o primeiro estudo (PAULA, 2005) desenvolvido segundo a perspectiva da Abordagem Clínica da Informação. Esse estudo foi o trabalho inicial a partir do qual foram concebidas várias outras investigações desenvolvidas na Escola de Ciência da Informação da Universidade de Minas Gerais (Brasil) e que acabaram dando origem a um grupo de pesquisa cadastrado na base de dados do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Esse grupo escolheu conduzir suas investigações a partir desta abordagem e vem, simultaneamente, adaptando e validando instrumentos desenvolvidos por pesquisadores nacionais e estrangeiros e desenvolvendo teorias e modelos próprios a partir do embasamento teórico nas ciências humanas e sociais.

Buscar-se-á evidenciar, no estudo citado, um substrato que justifique a validade de se propor a ACI como uma ferramenta de trabalho para que as investigações sobre as interações entre os indivíduos e as informações possam migrar de uma posição convencional fixada na adoção de modelos alicerçados nos conceitos de Estudos de Usuários da Informação e de Comportamentos Informacionais – como habitualmente se observa em Wilson (1994), por exemplo – para estudos com sujeitos informacionais (como descreve ARAÚJO, 2013) e práticas

informativas (como apontam ROCHA; SIRIHAL DUARTE; PAULA, 2017). A partir daí, pretende-se demonstrar que, invocada ou não, a metodologia indiciária pode ser considerada uma contribuição relevante em investigações nessas áreas.

2. Da luta para apreender as significações à luta para apreender os significados das ações

Onde se faz a apresentação do conceito de “Doutores do Dinheiro” (*Money Doctors*), se fala de médicos, antropólogos e detetives e se apresenta a possibilidade de um diálogo entre a ACI e o Método Indiciário.

A iniciativa de empreender o trajeto entre o mero comportamento do usuário das informações para o entendimento do sentido das práticas de sujeitos envolvidos em interações com e através das informações se deve à percepção de que a demanda contemporânea por apresentar respostas aos anseios da comunidade conectada aprofundou a complexidade das trocas informativas que sempre envolveu “duas ou mais personalidades comprometidas em uma situação comum e que lutam com as significações” (ANZIEU; MARTIN, 1971, p. 113). Esse aprofundamento alterou radicalmente as práticas e as relações dos sujeitos com a informação e o fato mais marcante dessa condição é, nos dizeres de Paula (2013), a reconfiguração peculiar das escolhas e decisões que passaram a se basear ainda mais em reações afetivas do que nos preceitos racionais encontrados, por exemplo, nos manuais de Gestão do Conhecimento e da Informação.

Essa conjuntura levou o mesmo autor (PAULA, 2015) a evocar a lembrança de certos profissionais surgidos no final do século XIX e na primeira metade do século XX, os chamados *Money Doctors*, para propor uma nova identidade para os pesquisadores e profissionais de informação do século XXI. Esses “doutores do dinheiro” – “especialistas práticos” que foram formados através da experiência do trabalho em grandes bancos europeus – atuavam como consultores financeiros de organizações e de países inteiros. Segundo Flandreau (2003), eles ofereciam consultoria aos países que haviam sofrido crises financeiras, desde os tempos do padrão ouro clássico utilizado anteriormente ao ano de 1914, passando pelo entorno da quebra da bolsa de Nova Iorque (em 1929) até o período em que o Fundo Monetário Internacional (FMI) atuava como o “chefe da medicina monetária do mundo”.

Segundo Paula (2015), o cenário de *boom* informacional do segundo milênio criou uma complexidade e dificuldade semelhantes ao do panorama financeiro dos anos de apogeu do liberalismo econômico que gestou os “doutores do dinheiro”. Sandberg e Pinnington (2009) descrevem o presente contexto como um cenário competitivo movimentado pela fluidez de fronteiras, pelo incremento do confronto com a diversidade, pela intensificação das rupturas e a proliferação de informações. Essa conjuntura produziu um dilema informativo-comunicacional de proporções gigantescas que obriga, segundo Paula (2015), os profissionais da informação, por necessidade de sobrevivência, a tomarem uma nova posição diante do que ele denomina fim do ciclo da modernidade. Nesse sentido o autor propõe uma metáfora para descrever esse profissional: a metáfora do *Information Doctor* ou Doutor da informação. Um profissional cujo olhar “multiperspéctico” considere a natureza do homem, sua cultura e história ao adotar uma estratégia plurimetodológica na abordagem da informação, do seu contexto e dos indivíduos que com ela interagem.

Ainda segundo essa visão, a resposta a esse dilema não seria encontrada através da replicação do repertório de técnicas tradicionais dos repositórios de soluções pré-estabelecidas nas práticas usuais da área de Ciência da Informação – desenvolvidos com base na ênfase na natureza individual das estruturas mentais dos usuários de informação e fundadas numa visão do comportamento informacional/organizacional desvinculada de um contexto (VENÂNCIO, 2007) – e sim numa mudança na perspectiva do investigador. Lançando mão do conceito de Abordagem Clínica da Informação, Paula (2011, 2012a) sugere a possibilidade de abordar os usuários em suas múltiplas dimensões (linguística, simbólica, cognitiva, afetivo- emocional) dentro de uma perspectiva de busca de informação como um processo histórico, social, cultural, experiencial e contingencial.

Segundo Paula (2012a) a Abordagem Clínica da Informação se basearia nos seguintes pressupostos:

- 1)** É impossível dissociar a interação entre indivíduos e a informação da sua inserção nos grupos sociais a que pertencem;
- 2)** O comportamento de busca da informação (e seus desdobramentos) é determinado pela inserção do sujeito informacional em grupos sociais e é um processo experimental e

contingencial, consciente ou inconscientemente marcado pelos campos psíquico, cultural, histórico e social;

3) O campo psíquico é composto indissociavelmente pelas dimensões cognitiva, perceptiva e afetiva;

4) O campo psíquico tanto influencia quanto é influenciado pelos campos cultural, histórico e social;

5) A natureza complexa desses fenômenos impossibilita que a sua investigação seja feita através de um único instrumento;

6) Os instrumentos padronizados não têm sido suficientes para apreender as múltiplas dimensões da relação entre indivíduos e a informação;

7) O método clínico é uma alternativa para abordar esses indivíduos, os grupos e as eventuais organizações ou instituições às quais eles se vinculam e através das quais eles compartilham conhecimentos e experiências adquiridos por meio da aprendizagem individual.

A aplicação do método clínico na abordagem da informação – isso é: na abordagem das condições que a engendram, dos fenômenos que a envolvem, das pessoas que a criam e interagem com ela e dos espaços em que ela se movimenta – consistiria na investigação do objeto sobre o qual se põe um problema, através da inserção das informações coletadas na dinâmica particular desse objeto, reconhecendo e determinando seus estados, padrões, movimentos e alterações. Desse modo, seria possível descrever fenômenos, tecer diagnósticos, prognósticos ou prescrever intervenções. Por ser inerente ao método clínico, a preocupação por recolher dados, indícios e evidências sem isolá-los da situação “original” em que foram reunidas e do seu contexto original, seu “meio” natural, resultaria na utilização do estudo de caso.

Através do estudo de caso seria possível chegar a uma compreensão da sua **dinâmica**, da **origem de sua condição atual** (a gênese da situação-problema) e seu **processo histórico único ou ciclo vital** (a totalidade do processo). Seria abandonada, assim, uma postura funcionalista da relação com a informação, para se voltar para uma busca intensa pelos “comos” e os “porquês” das ações (consideradas subjetivas e dotadas de significados).

A tradução prática do posicionamento de olhar na atitude do pesquisador / profissional de Ciência da Informação proposto pela ACI, e que aponta para essa abertura para múltiplos focos, evoca uma estreita semelhança com a proposição da aplicação do paradigma indiciário de Ginzburg (1980) às ciências humanas e sociais e é, a partir dessa semelhança, que se propõe analisar o primeiro caso estudado segundo a perspectiva da ACI – antes ainda que ela recebesse essa denominação.

Trabalhando a partir de uma analogia entre os métodos do médico Giovanni Morelli¹, de Sherlock Holmes² e o de Sigmund Freud³, Ginzburg (1980) descreve o surgimento, no final século XIX, de um modelo epistemológico que, embora se revelasse extremamente útil, ainda não havia sido teorizado explicitamente até então. Tratava-se do paradigma indiciário que, segundo a formulação de Ginzburg (1980), é uma extensão do modelo da semiótica médica – disciplina centrada em diagnosticar as doenças inacessíveis à observação direta a partir da identificação de sintomas superficiais e aparentemente irrelevantes aos olhos de um observador leigo – para o universo da pesquisa em ciências humanas. Segundo esse autor, no método indiciário o pesquisador reproduziria a postura do conhecedor de arte, do detetive ou do psicanalista que descobrem o autor do quadro, do crime ou a doença com base em indícios imperceptíveis para a maioria das outras pessoas.

O autor recorre ao seu conhecimento da pré-história para demonstrar que as origens desta perspectiva remontam ao desenvolvimento de uma sabedoria sobre a natureza que os ancestrais do homem moderno desenvolveram para observar vestígios, pistas e elementos do ambiente ao seu redor que permitissem a eles reunirem indícios que – uma vez registrados, interpretados e classificados – sustentassem operações mentais complexas e extremamente rápidas que garantissem a sua sobrevivência e orientação em ambientes inóspitos e cheios de armadilhas.

De forma análoga, Harari (2017) afirma que os povos caçadores-coletores ancestrais não saíam em busca somente de alimentos e materiais para a sua subsistência, saíam em busca de conhecimento. Apesar da imagem de “caçador” que o homem contemporâneo empresta

¹ Responsável por criar um originalíssimo critério de atribuição de autoria para obras de pintores antigos.

² Detetive fictício, famoso por suas deduções aparentemente miraculosas, criado pelo médico Arthur Conan Doyle sob a inspiração dos diagnósticos semiológicos de seus preceptores na escola de medicina.

³ Médico neurologista criador da psicanálise que inaugurou, em seus estudos, uma semiologia dos fenômenos mentais inconscientes.

a eles, o autor destaca que a coleta era a atividade principal desses indivíduos e que isso acabou construindo um modelo de apreensão do mundo versátil e oportunista que fez com que esses ancestrais construíssem um muitíssimo complexo mapa mental de seu território e dos elementos que com ele interagem. Assim, uma elaborada capacidade para identificar padrões de crescimento da vegetação; hábitos de animais; propriedades alimentares, medicinais e destrutivas de cada componente do ambiente; o progresso das estações do ano, indícios de ameaças climáticas, padrões e sinais de alerta da natureza, propriedades dos objetos e uma infinidade de complexas relações de causa, efeito e temporalidade foi gestada.

Aproximando os dois autores poder-se-ia afirmar que o *Homo sapiens* de 70 mil anos atrás sobreviveu e suplantou seus contemporâneos da família *Homo* graças a uma habilidade indiciária que rivalizaria à de Morelli, Holmes ou Freud.

A partir desse breve preâmbulo histórico-antropológico, pretende-se demonstrar que as evidências recolhidas pelo estudo que serviu de base para a concepção da ACI apontam para um *continuum* que acompanha as relações humanas com a informação desde o início da diferenciação do *Homo sapiens* dos demais membros do gênero *homo* e que, paralelamente, é apontada como um dos elementos constitutivos do que Harari (2017) descreve como uma “revolução cognitiva”: a ação onipresente do imaginário em suas elaborações mentais. Harari (2017) chama a atenção para o fato de que, para além das capacidades adaptativas comuns aos demais membros do gênero *Homo* (por exemplo, o *Homo rudolfensis*, o *Homo erectus* e o *Homo neanderthalensis*) como a capacidade de se comunicar a partir de uma linguagem e estabelecer trocas de informações, foi a capacidade original adquirida pelo *Homo sapiens* de falar sobre ficções (sobre coisas que não existem de fato, mas que podem ser extremamente importantes para criar conexões e identidades entre indivíduos desconhecidos) que ocasionou a já mencionada “revolução cognitiva”. Para o autor, tornar-se capaz de compartilhar as mesmas crenças permitiu que o *Homo sapiens* pudesse ultrapassar o limite de cerca de 20 a 50 membros por grupamento (ou, em estimativas muito otimísticas, 150 indivíduos), que os outros membros da família *Homo* estabeleciam com base em laços de compadrio, e expandi-lo para grupos muito maiores unidos por crenças, cultura e linguagens comuns. Segundo o autor, foi esse modo revolucionário de lidar com a informação e alinhar conhecimentos que possibilitou todas as demais revoluções estabelecidas, possibilitou que

conceitos como religião, nação e ciência se tornassem possíveis e que os conectou aos artefatos que eles passaram a produzir como extensões de sua própria mente.

Essa revolução possibilitada pelo imaginário e alicerçada nos símbolos que evocam afetos e cognições foi possibilitada pelos mesmos ingredientes que tem sido a tônica das investigações desenvolvidas sob a rubrica da ACI e cuja continuidade desde tempos ancestrais até a contemporaneidade aparece nas reflexões do filósofo espanhol Andrés Ortiz-Osés desse modo:

[...] El símbolo reúne la letra y el espíritu en el alma [...] las imágenes simbólicas [...] la surrealidad que se sitúa entre la realidad típica dada y la suprarrealidad proyectada [...] las estructuras simbólicas del imaginario trascendental, una especie de alma del mundo que surge en la tradición neoplatónica, recoge en el romanticismo alemán e se proyecta hoy en la internet (ORTIZ-OSÉS, 2012, p.11)

3. As evidências de um caminho

De uma revisão que se faz dos achados do primeiro estudo desenvolvido segundo a perspectiva que, futuramente, viria a ser denominada Abordagem Clínica da Informação e da reavaliação da ACI como uma prática indiciária de trabalho e pesquisa sobre as práticas informacionais com a pretensão de investigar de tópicos pouco usuais no campo da Ciência da Informação.

Paula (2005), com base na teoria psicológica dos complexos, propôs-se a analisar as dimensões simbólicas e afetivas subjacentes ao uso e compartilhamento de informações nas interações entre os professores do departamento de psicologia de uma tradicional instituição de ensino superior pública brasileira. Utilizou, como chave de leitura, a ideia de que a diversidade de interpretações de uma realidade, produzida por grupos e subgrupos no ambiente da organização (que, aparentemente, exerce uma influência direta na forma como os indivíduos se apropriam da informação) pudesse ser avaliada através da identificação de indícios muito específicos: as reações motivadas pela ativação de deflagradores individuais de reações afetivas – através de palavras comuns presentes nas comunicações partilhadas – e seu alinhamento com deflagradores coletivos que permeiam a organização.

3.1 O caso

O departamento investigado pertence a uma instituição que foi fundada cerca de 90 anos antes da realização da pesquisa e incorporada a uma instituição muito maior, cerca de 30 anos depois de sua fundação, aumentando muito a sua importância. O departamento foi criado nos

anos 1960 e o curso de psicologia foi um dos primeiros dessa área a serem criados na cidade. Os primeiros professores se reuniram em torno de um líder fundador e os professores do departamento vinham tentando criar uma faculdade autônoma separada daquela a que eles se vinculavam desde a criação do departamento até a época da condução do estudo (Paula, 2005). Esses esforços fracassaram diuturnamente devido a divergências internas. Essas divergências datavam dos primeiros anos do departamento, momento em que seu fundador teve seus direitos civis cassados durante o golpe militar de 1964 no Brasil e quando, com o seu afastamento do grupo, as disputas internas pelo poder se iniciaram. Nesse momento, os professores se polarizaram em dois grupos sustentados por diferentes perspectivas teóricas que, depois, se fragmentaram em diversos outros. O departamento que chegou a ter mais de 100 professores, no momento do estudo possuía menos da metade desse número. É importante ressaltar que, por causa dos conflitos internos, o currículo original do curso sofreu apenas pequenas mudanças desde a fundação e que uma reforma curricular foi tentada por mais de uma década e inviabilizada por causa desses conflitos. Um dos professores relata que a criação de um programa de doutoramento na área chegou a ser adiada por um período semelhante porque havia “uma absoluta falta de capacidade daqueles envolvidos de concordar minimamente quanto às condições e parâmetros básicos para que o curso pudesse ser oferecido” (Sujeito 1 - S1). O histórico de décadas de conflitos envolvendo comunicação, interpretação e uso de informações tornou o departamento um local adequado para se desenvolver o estudo.

3.2 Quem estudar?

Foi necessário determinar quem, dentre os possíveis sujeitos do estudo (o grupo de 50 professores efetivos do departamento à época), seriam os indivíduos investigados de modo a contemplar o máximo das variáveis (diferenças teóricas, subculturas...) presentes na situação. Estudos similares, com objetivos de complexidade semelhante, estudaram apenas uns poucos indivíduos – ver, por exemplo, o método clínico sugerido por Dejours (1991) e o estudo de White e McSwain (1983). Considerando a complexidade do experimento a ser desenvolvido, um estudo com seis indivíduos foi planejado. O critério para a escolha dos sujeitos foi, além da anuência para participar do estudo, o pertencimento a um dos seis grupos significantes ou marcadamente divergentes do departamento no momento do estudo. Além disso, foram considerados o tempo no departamento (indivíduos com menos de 10 anos seriam

descartados) e status desses indivíduos na instituição (sua posição em grupos específicos de relacionamento ou afinidade). O Quadro 1 sintetiza o perfil dos sujeitos estudados:

Quadro 1 - Perfil dos sujeitos estudados

Identificação do Sujeito	Sexo	Idade	Tempo no departamento	Titulação
S1	Feminino	64	11 anos	Doutorado
S2	Masculino	54	24 anos	Pós-doutorado
S3	Masculino	48	10 anos	Doutorado
S4	Feminino	61	38 anos	Mestrado
S5	Masculino	63	31 anos	Doutorado
S6	Masculino	40	09 anos	Doutorado

Fonte: Paula (2005)

3.3 Métodos

Como uma estratégia de acesso à subjetividade e ao imaginário dos indivíduos foi proposta uma utilização complementar de vários métodos e técnicas. Tassara e Rabinovich (2001) sugerem a possibilidade metodológica de estimular a potencialidade poética de expressão criativa a partir da evocação de certas formas, imagens ou metáforas e de uma formulação estético-simbólica com esse propósito na concepção do roteiro semiestruturado de entrevista como um recurso complementar de estimulação à expressão de conteúdos afetivos durante a entrevista.

Paralelamente, foi proposta também a utilização do experimento de associação de palavras como uma forma de acesso ao nível inconsciente dos sujeitos e de confirmação da interferência do afeto nas formulações simbólicas por eles produzidas, bem como evidenciar as relações entre os complexos ideo-afetivos e os símbolos e para rastrear as reações emocionais que são consideradas pela teoria dos complexos como determinantes do conceito de símbolo.

Proposto por Jung (1997) a partir dos estudos de Wilhelm Wundt (1832-1920), inspirados no trabalho de Francis Galton (1822-1911), o experimento, em sua versão atual, consistia na utilização de uma lista de cem palavras (verbos, substantivos, adjetivos) que seria lida, palavra por palavra, para um sujeito (S) a quem se pediria que respondesse, tão rápido quanto possível, com a primeira palavra (e somente com uma palavra) que lhe viesse à mente. Registradas as cem associações com as palavras do teste e o tempo de reação para cada uma, o experimentador deveria percorrer novamente a lista das palavras estímulos, pedindo que S repetisse o que disse na primeira vez. Desvios entre a primeira associação e a lembrança deveriam ser registrados. Após esse registro, os padrões de distúrbios registrados nos protocolos deveriam ser examinados buscando, por exemplo: tempos de reação prolongados, perseveração da mesma reação verbal, esquecimento da reação original eliciada na primeira vez durante a segunda repetição, associação bizarras, rima, ou reações afetivas. A ideia básica era que esses os distúrbios na associação refletisse um grupo inconsciente de ideias, imagens e memórias, entrelaçadas segundo um padrão individual, permeadas por um único matiz de sentimento (desejo intenso, ansiedade, raiva, aflição, etc.), e carregadas de forte emoção. Essas manifestações seriam indicadores de complexos. Segundo o criador do método, apesar das melhores intenções da personalidade de S de prestar atenção e obedecer às instruções, aconteceriam interferências desencadeadas por esses complexos.

Durante o processo de análise dos dados foi empreendida a busca por mitologemas (elementos menores, estruturas quase formais, constituintes de narrativas míticas) como uma alternativa à utilização de categorias previamente estabelecidas na interpretação dos dados. Foi, ainda, proposta a tomada do drama narrado como um campo de ação, um contexto, onde o símbolo se constela. Deve-se destacar ainda a importância conferida à atitude do pesquisador: a) diante do entrevistado (posicionamento como audiência interessada e abertura para interação); b) diante do material apresentado: com a utilização do método da atenção flutuante, inaugurado por Freud e pelos seus contemporâneos nos estudos seminais sobre a psicologia do inconsciente, na busca de indícios que permitissem a identificação de padrões recorrentes que auxiliassem a compreensão das dinâmicas envolvidas na produção de sentido que os sujeitos construíam durante seus esforços infocomunicacionais.

No estudo foi proposta uma inovação em relação ao processo desenvolvido por Jung: introduziu-se uma série específica de palavras retiradas das entrevistas com os sujeitos no

conjunto de palavras padrão convencionadas como base para a investigação. A utilização de elementos da experiência dos indivíduos do departamento (por exemplo, palavras que se referiam a temas polêmicos) das narrativas coletadas pela entrevista semiestruturada e a sua inclusão em uma das listas usadas no experimento original foi feita com base na suposição de que ideias, objetos e situações designadas por essas palavras poderiam permanecer emocionalmente carregadas e influenciar a reação dos sujeitos durante o experimento.

40 palavras foram selecionadas do conteúdo das entrevistas e escolhidas como palavras estímulo críticas para compor o experimento com outras 60 palavras supostamente neutras oriundas do experimento original: alcoólatra, aposentar, arrogante, atendimento, auto-imagem, avaliação, banca, behavioristas, CAPES, chefia, clínica, competição, concorrentes, concurso, corporativismo, crise, currículo, departamento, efetivo, excluído, improdutividade, individualista, interesses, jornada, lacanianos, mal-estar, maracutaia, mestrado, orientando, panelinhas, particular, perder, prejudicar, psicanalistas, radical, rejeitar, reprovar, setor, substituto, turno.

Através da análise dos tempos de reação, das formas como os sujeitos reagiram e do conteúdo das associações (individualmente e em grupo) um número de elementos foi reunido e utilizado para que fosse buscada a interpretação dos sentidos produzidos individualmente e daqueles compartilhados pelo grupo (ou por parte dele). Os dados foram submetidos a uma hermenêutica baseada na teoria de Jung para a análise das relações de sentido produzidas.

3.4 Análise e interpretação dos dados

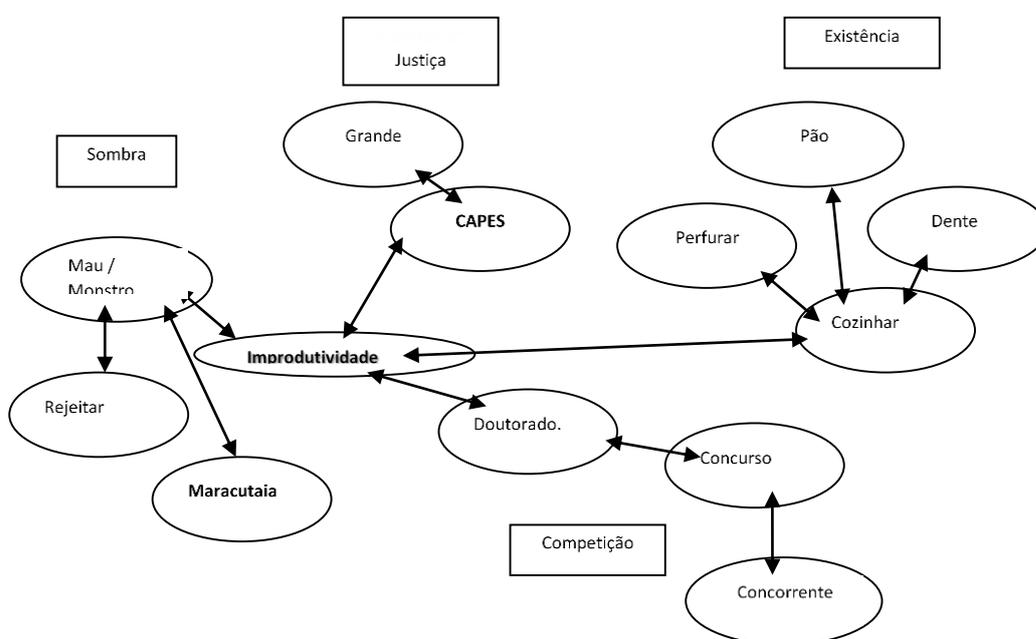
As associações produzidas pelos sujeitos foram submetidas a duas análises, uma individual e outra comparativa. Ambas foram avaliadas em comparação com os dados coletados nas entrevistas em busca de indícios que evidenciassem o processo de produção de sentido de cada um dos integrantes em torno dos temas tratados.

Os dados para análise foram organizados segundo dois critérios: 1) verticalmente: através do percurso de cada sujeito (na entrevista e no experimento com as associações) onde sua trajetória individual de respostas foi acompanhada evidenciando o seu processo particular de construção de sentido a partir do drama por ele vivido em sua relação com o coletivo; 2) horizontalmente: através do percurso de cada questão na amostra, onde as respostas

individuais para cada pergunta foram confrontadas entre si como o objetivo de identificar como cada um dos dramas narrados se conectava entre si em torno do cenário global do departamento.

Na discussão final os resultados das duas análises foram comparados para identificar as relações descritas. Como uma ilustração do tratamento dos dados obtidos dos sujeitos, um mapa das associações produzidas pelo sujeito número 1 (S1) é reproduzido esquematicamente abaixo. As palavras em destaque são as próprias palavras estímulo e se referem àquelas cujas associações foram produzidas após um tempo de resposta consideravelmente superior à média do tempo tomado após a emissão da palavra-estímulo:

Figura 1 - Mapa sintético das associações de S1



Fonte: Paula (2005)

Esses núcleos foram dispostos em categorias sugeridas espontaneamente pelo material estudado (autoridade, justiça, existência, competição e sombra) e claramente integravam conteúdos relacionados a experiências pessoais e organizacionais. Nesse sentido pode-se observar como as questões individuais de S1 no momento do experimento, as grandes determinações de sua história e de seu ciclo vital e a problemática das situações peculiares no departamento se entrelaçam para produzir interpretações e extrair sentidos das comunicações que seus membros buscavam partilhar. Essas interpretações evidenciaram as bases através das quais S1 efetuava seu alinhamento ou seu distanciamento de indivíduos e

grupo no departamento dependendo do tema e do problema em torno do qual as informações eram veiculadas.

A confrontação das entrevistas com a análise comparativa dos seis experimentos com as associações indicou elementos que apontam a presença de um fenômeno similar ao que Kimbles (2000) chamou complexos culturais e que no estudo descrito optou-se, num esforço para circunscrevê-los, por denominar complexos organizacionais.

Certos complexos detectados operavam simultaneamente individual e coletivamente na psicodinâmica dos membros do departamento. Os exemplos mais evidentes foram indicados por palavras que tiveram, para todos os sujeitos, um altíssimo tempo de resposta. Essas palavras: **maracutaia**, **improdutividade** e **CAPES** (sigla para **Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior**, o órgão do Ministério da Educação Brasileiro responsável pelo reconhecimento e a avaliação de cursos de pós-graduação *stricto sensu* - mestrado profissional, mestrado acadêmico e doutorado) e suas várias associações podem ser vistas como a evidência da presença desses complexos.

Os comentários feitos pelos indivíduos quando inquiridos sobre os motivos para terem feito determinadas associações ou por terem levado tanto tempo para eliciar uma resposta são reveladores da intensidade com que essas palavras atingem esses indivíduos e o poder que elas têm para deflagrar respostas emocionais:

a) Maracutaia: “concurso ‘público’ (bota aspas no público)” (S3), “Macunaíma, o rei da maracutaia, representante típico do brasileiro” (S2), “É muito difícil construir sua vida sem fazer maracutaia” (S1), “não conseguia vir uma palavra à cabeça... vigarice” (S6), “eu não acredito que esse pessoal tenha coragem de fazer o que fazem” (S1). Surgiu ainda uma referência cruzada apresentada em associação à palavra Concurso (para professor): maracutaia, com um alto tempo de resposta seguida de um sorriso (S3).

b) Improdutividade: “passei a vida tentando ser produtiva... É uma morte a improdutividade” (S1), “porque nossos bons propósitos falham?” (S2), “corporativismo” (S4), “falta do que fazer (gaguejando)... a pessoa improdutiva é a que não tem num que não faz nada. Não éee... Fo-fo-foi a primeira coisa que veio. Eu teria falado outras coisas, a universidade cobra da gente produtividade, mas a primeira que veio foi essa...” (S2).

c) CAPES: “É um órgão que vive fazendo exigências, cobrando e não reconhecendo... eu percebo uma certa injustiça nas decisões...” (S6), “é uma burocracia infernal, né? São critérios assim injustos e as pessoas fazem as coisas de uma maneira que a gente não entende muito bem como é que funciona” (S4), “O governo... órgão de fomento, nunca usei nem precisei dela, nem para fazer mestrado, nem para fazer doutorado. Eu não tenho relação com ela” (S3), “desconhecido ... Esses critérios (da CAPES, do MEC e do CNPq) não são articulados entre si, então a universidade fica sendo puxada entre essas instituições” (S5).

Embora não se possa afirmar, com base apenas nos dados dessa pesquisa, que essas palavras-símbolo (CAPES, maracutaia e improdutividade) se refiram ao tema do núcleo central de um complexo ou se elas se ligam apenas a situações periféricas, o estudo reuniu elementos suficientes para indicar o papel dessas palavras no drama investigado. Ao alcançarem o status de símbolos, essas palavras atuam no imaginário de cada indivíduo organizando sua interpretação da realidade e, ao mesmo tempo, dentro do imaginário grupal, organizando atitudes, emoções e comportamentos que esses indivíduos e grupos têm em relação às informações que são compartilhadas no departamento. As interpretações diferentes de partes do mapa de leitura simbólico da organização parecem estar na base das subculturas manifestas no departamento. As entrevistas revelam que algumas dessas subculturas ganharam um status de instituições: os chamados setores. Essas “instituições informais”, embora úteis administrativamente, têm uma atuação patológica dentro do departamento e, metaforicamente, drenam a energia fundamental à manutenção da higidez do departamento para seus fins pessoais de sobrevivência e disputa por espaço vital com os seus concorrentes.

O material das entrevistas é extremamente rico e, na identificação das palavras para o experimento, escolhas tiveram que ser feitas. Provavelmente se diferentes palavras críticas tivessem sido usadas, um número diferente de respostas indicadoras de complexos teria sido obtido. Os indícios encontrados sugerem que talvez seja possível determinar como o conjunto de associações ligadas a essas palavras-símbolo operam no nível inconsciente do departamento, bem como crenças grupais e individuais se organizam através delas. Sugerem ainda a possibilidade de analisar a influência desses construtos no processo de interação dos indivíduos com a informação disponível, permitindo uma compreensão de como os mapas de leitura que guiam o processo de produção de sentido dessa coletividade são construídos.

Esses resultados demonstraram que os estudos de usuários ainda podem ser aperfeiçoados, especialmente quanto à investigação das relações entre motivações individuais e coletivas, busca e uso da informação e fatores como personalidade, criatividade e produtividade. Finalmente, a identificação de que fenômenos análogos aos complexos culturais de Kimbles (2000) e Singer e Kimbles (2004) operavam na organização estudada produzindo os alinhamentos, grupais e de ideias que guiavam as interpretações e significações das informações que seus membros tentavam partilhar, evoca a ação dos processos ancestrais que Harari (2017) descreve como os mecanismos para a criação de ficções. Essas ficções tomadas, aqui, como a ação do imaginário sobre as elaborações mentais parece ter, ao final do processo, uma ação quase tão influente quanto as operações conscientes dos indivíduos envolvidos nos processos infocomunicacionais.

4. Colocando em perspectiva

Onde se avalia a contribuição da Abordagem Clínica da Informação para o campo Ciência da Informação, se fala de novo sobre seguir pistas e fazer diagnósticos e se propõe metáforas ao trabalho do pesquisador na área.

Os indícios recolhidos nesse primeiro estudo desenvolvido sob a perspectiva da ACI demonstram que a dimensão do imaginário tem uma presença pouco notada, mas marcadamente influente, nas relações dos sujeitos (tanto sozinhos quanto em coletividades) com a informação. Essa constatação evidencia que as dimensões simbólico-afetivas (e, portanto, subjetivas) são intervenientes não somente nas significações das ações, mas também nas suas motivações tanto conscientes quanto inconscientes. Essa constatação sugere uma ampliação do espectro de focos a serem explorados pela ACI no exercício da compreensão dos casos investigados. Assim, os “comos” e os “porquês” buscados seriam encontrados não apenas na confluência entre sua **dinâmica**, sua **condição atual**, seu **ciclo vital**, mas também no **imaginário que perpassa as ações que o desencadearam** – um novo foco que evoca, conforme já foi dito, a compleição do *Homo sapiens* para a criação de ficções capazes de estabelecer e sustentar conexões entre indivíduos (HARARI, 2017).

Quando esses resultados são avaliados a partir de um confronto com a proposta do paradigma indiciário de Ginzburg (1980) fica evidente que não se poderia aplicar o critério tradicional de rigor utilizado nas perspectivas tradicionais para se avaliar os dados obtidos. Se isso fosse feito, os resultados do estudo se limitariam a um inventário de conteúdos dos depoimentos e

uma classificação de falas em categorias externas a arbitrárias. Foi somente a partir da identificação de pontos divergentes, pistas, marcas e indícios e através da reunião e da interpretação destes sob a forma de um discurso coerente que buscasse reproduzir a especificidade histórica e subjetiva da experiência de cada depoente que se tornou possível transpor a barreira do coloquial.

Se as regras usadas nesse tipo de investigação propõem a busca de padrões escondidos em detalhes e, nesse exercício, entram em jogo elementos imponderáveis captados apenas a partir do treino do olhar do pesquisador para identificar indícios escondidos em meio a inúmeros elementos mais chamativos, então pensar o indivíduo em suas interações com a informação na perspectiva indiciária evoca os princípios da abordagem sociocultural e a sua apreciação dos sujeitos informacionais.

Essa abordagem, segundo as palavras de Rocha, Paula e Sirihal Duarte (2016), enfatiza a coletividade e a intersubjetividade dos sujeitos inseridos em um contexto social, cultural e histórico e abre caminho para uma apreciação positiva da importância de se estudar as interações entre sujeitos, sua subjetividade e a evolução histórica dessas interações, perspectiva extremamente semelhante àquela inerente ao método clínico. Nesse sentido, os resultados obtidos pela ACI no campo dos estudos sobre Gestão da Informação e do Conhecimento (GIC) sugerem ser oportuno deslocar o conceito de Usuário do centro das preocupações dos estudos em GIC e que ele seja substituído, pelo menos em estudos de maior complexidade, pela expressão Sujeito Informacional como um descritor melhor das pessoas em condição contemporânea.

Por outro lado, os mesmos autores – em outro texto (ROCHA, SIRIHAL DUARTE e PAULA, 2017) – ressaltam que o conceito de práticas informacionais se constituiu no campo da Ciência da Informação a partir de uma transição dos estudos de comportamento informacional (tomados como estudos que abordam contextos de trabalho com o foco nas dimensões cognitivas desses sujeitos e da priorização do comportamento individual em detrimento das interações e dos comportamentos coletivos), para uma leitura mais voltada às interações estabelecidas entre sujeitos e informação. Essa mudança de foco rumo a situações onde a informação e o conhecimento não são apenas cumulativos nem decorrentes de um estímulo imediato, mas construídos coletiva e socialmente, de forma contínua, por sujeitos ativos e enraizados num

contexto histórico complexo abre portas para que novas abordagens possam ser utilizadas. Essa abertura sugere que a ACI possa ser usada como uma ferramenta de trabalho que permita trazer para dentro da Ciência da Informação um olhar mais voltado para as práticas que para os comportamentos informacionais.

Finalmente, se o saber indiciário transporta para a pesquisa a necessidade de se preparar os pesquisadores para reconhecer as “pegadas” e os “sinais” que permitirão a ele decifrar a teia que se esconde por trás do manto do óbvio que, conforme Ginzburg (1980), apesar de sua opacidade, deixa entrever zonas privilegiadas (sinais, marcas e indícios) que permitem ultrapassá-lo, então se torna necessário descrever que tipo de profissional/pesquisador da informação deverá ser esse. Longe de se propor um modelo ou uma prescrição, mas tendo em mente que certas especificidades no treinamento desses indivíduos devem ser levadas em conta, é inevitável virem à mente as palavras de Burke:

[...] nós precisamos de profissionais da informação que reordenem o “todo” e relacionem um tipo de conhecimento aos outros, classificando-os. E bibliotecários, não sozinhos, mas com outros acadêmicos, têm um papel importante nesse aspecto. [...] Acredito também ser importante mantermos viva uma rara espécie intelectual, que agora definitivamente é uma espécie ameaçada: o sábio; aquele que sabe muito sobre várias disciplinas e estuda a fundo história, antropologia, sociologia, matemática, geografia etc. Esse tipo de pessoa é capaz de conectar os diferentes assuntos de uma maneira melhor do que um grupo de 10 ou 15 acadêmicos trocando ideias ao redor de uma mesa. Restam pouquíssimos indivíduos assim. (BURKE, 2014, p. 1)

A proposta que Peter Burke faz de uma reordenação do “todo” e que relacione um tipo de conhecimento aos outros, bem como a invocação à intelectualidade – que aproxima o conceito de intelectual/sábio proposto por ele do neologismo *nexialista*⁴ – evoca a forma minuciosa e quase obsessiva com que Morelli se dedicava a registrar detalhes que pudessem caracterizar os pintores que ele buscava reconhecer (orelhas, detalhes das unhas, das mãos, etc); o amplo espectro de conhecimentos ao qual o personagem de Doyle demonstrava recorrer durante as suas investigações criminológicas e à impressionante capacidade que Freud demonstrou para reunir um vasto cabedal de referências tanto na elaboração de sua teoria quanto na execução de seu método (Ginzburg, 1980).

⁴ Expressão que descreve o indivíduo que, por transitar entre as fronteiras que separam os campos de conhecimento, se torna capaz de estabelecer conexões entre diferentes informações. (MOREIRA e BARZOTTO, 2017)

Embora o método teorizado Ginzburg remeta a um personagem de ficção e a dois indivíduos extraordinários, ele é sustentado por capacidades inerentes ao ser humano – conforme se pode observar em Harari (2017) – e que vem sendo aprendidas, treinadas e desenvolvidas por pesquisadores desde a sua proposição há 37 anos. Desse modo, as metáforas do “Médico semiologista” e do “Detetive consultor” (como Holmes gostava de ser definido) tem servido como inspiração a incontáveis historiadores e antropólogos (e, em extensão, a toda uma sorte de pesquisadores nas humanidades). Por que não tomar posse dessa inspiração e transportá-la para o campo da Gestão da Informação e do Conhecimento? Não seriam essas metáforas muito mais úteis para o trabalho no complexo ambiente informacional contemporâneo que modelos estáticos e prescrições pré-fabricadas? Não seria este o momento ideal para que profissionais e pesquisadores da informação, em geral, e da área de GIC, em particular, exercitem suas habilidades como *Information Doctors* (Doutores da Informação) ou *Information Consultants* (Consultores da Informação)?

5. Considerações finais

Parece razoável propor que a adoção de uma Abordagem Clínica da Informação transporte a visão da interação das pessoas com a informação e entre si a partir da mediação da informação nos estudos sobre a Gestão da Informação e do Conhecimento para além dos modelos tradicionais de Estudos de Usuários da Informação e de Comportamentos Informacionais e os aproximando dos estudos com sujeitos informacionais (ARAÚJO, 2013) e de práticas informacionais (ROCHA; SIRIHAL DUARTE; PAULA, 2017).

É razoável propor que uma reinterpretação da ACI segundo a perspectiva do paradigma indiciário possa consolidar a validade dessa perspectiva como uma ferramenta metodológica para apreender elementos das investigações em Ciência da informação até muito recentemente de difícil acesso aos pesquisadores da área.

Finalmente, pode-se sugerir que a inclusão do imaginário que perpassa as ações que desencadearam o fenômeno informacional como foco nos estudos em Ciência da Informação possa contribuir para uma melhor contribuição de como os indícios encontrados nessas pesquisas se enlaçam para oferecer sentido às experiências que os sujeitos informacionais extraem de suas práticas.

6. Referências Bibliográficas

- ANZIEU, D e MARTIN, J-Y. (1971) *La dinámica de los grupos pequeños*. Buenos Aires: Editorial Kapelusz.
- ARAÚJO, C. A. A. (2013) O sujeito informacional no cruzamento da ciência da informação com as ciências humanas e sociais. Trabalho apresentado no XIV *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*. Florianópolis, Sc.
- ARAÚJO, E. P. de O.. (2013) *Tomada de decisão organizacional e subjetividade: análise das dimensões simbólico-afetivas no uso da informação em processos decisórios*. (Dissertação de mestrado) Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- BURKE, P. (2014) Peter Burke explica o papel dos bibliotecários e das bibliotecas na história do conhecimento. Entrevista concedida durante o *SNBU 2014*. Recuperado de <https://www.bu.ufmg.br/bu/index.php/noticias/1038-peter-burke-explica-o-papel-dos-bibliotecarios-e-das-bibliotecas-na-historia-do-conhecimento>.
- DEJOURS, C. (1991) *A Loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo, SP: Cortez / Oboré.
- DURAND, G. (1997) *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- DURAND, Y. (1988) *L'exploration de l'imaginaire: introduction à la modelisation des univers mythiques*. Paris, França: L'Espace bleu.
- FLANDREAU, M. (Ed.). (2003) *Money Doctors: The Experience of International Financial Advising 1850-2000*. London, UK: Routledge.
- GINZBURG, C; DAVIN, A. (1980) Morelli, Freud and Sherlock Holmes: Clues and Scientific Method. *History Workshop*, Oxford, 9, 5-36, Spring. Recuperado de <http://www.jstor.org/stable/4288283>.
- HARARI, Y. N. (2017) *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Porto Alegre, RS: L&PM.
- JUNG, C. G. (1997) *Estudos Experimentais: obras completas*, Petrópolis, RJ: Vozes.
- KIMBLES, S. L. (2000) The cultural complex and the myth of invisibility. In: SINGER, Thomas (ed.). *The vision thing: myth, politics and psyche in the world*. (pp. 157-169) New York, NY: Routledge, 2000. ISBN 0 41 519-5535.
- MCKENZIE, P. J. (2003) A model of information practices in accounts of everyday-life information seeking. *Journal of Documentation*. Bingley, 59 (1) 19-40.
- MOREIRA, J. C.. (2017) Programa Nossa Escola: a inserção da tv na web. *Revista Advérbio*, 7(14). Recuperado de <http://www.adverbio.faq.edu.br/ojs3/index.php/ojs3/article/view/98>.

- ORTIZ-OSÉS, A. (2012) *Hermenéutica de Eranos: las estructuras simbólicas del mundo*. Barcelona, Espanha: Anthropos Editorial.
- PAULA, C. P. A. de. (2013) A investigação do comportamento de busca informacional e do processo de tomada de decisão dos líderes nas organizações: introduzindo a abordagem clínica da informação como proposta metodológica. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, PB, 3 (Número Especial), 30-44.
- PAULA, C. P. A. de. (2011) Dimensões simbólicas e afetivas do uso da informação: uma análise das comunicações entre professores do departamento de psicologia de uma instituição de ensino superior pública brasileira. Trabalho apresentado no *XII ENANCIB*. Brasília, DF: UNB.
- PAULA, Cláudio Paixão Anastácio de. (2012b) Dimensões simbólicas e afetivas do uso da informação: uma análise das comunicações entre professores do departamento de psicologia de uma instituição de ensino superior pública brasileira. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*. João Pessoa, PB, 2 (Número Especial), 118-132
- PAULA, C. P. A. de. (1999) *Informação e psicodinâmica organizacional: um estudo teórico*. (Dissertação de Mestrado) Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- PAULA, C. P. A. de. O bibliotecário como um information doctor. *Bibliotecas Universitárias*, Belo Horizonte, MG, 2 (Número Especial), 65-79.
- PAULA, C. P. A. de. (2005) *O símbolo como mediador da comunicação nas organizações: uma abordagem junguiana das relações entre a dimensão afetiva e a produção de sentido nas comunicações entre professores do departamento de Psicologia de uma instituição de ensino superior brasileira*. (Tese de Doutorado). Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- PAULA, C. P. A. de. (2012a) Proposta de metodologia para a investigação do comportamento de busca informacional e do processo de tomada de decisão dos líderes nas organizações: introduzindo uma abordagem clínica na informação. Trabalho apresentado no *XIII ENANCIB*. Rio de Janeiro, RJ.
- ROCHA, J. A. P.; PAULA, C. P. A. de; SIRIHAL DUARTE, A. B. (2016) A cognição distribuída como referencial teórico para os estudos de usuários da informação. *Informação & Sociedade*, 26 (2), 91-105. Recuperado de <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/28563/16203>.
- ROCHA, J. A. P.; SIRIHAL DUARTE, A. B.; PAULA, C. P. A. de. (2017) Modelos de práticas informacionais. *Em Questão*, 1(23), 36-61.
- SANDBERG, J.; PINNINGTON, A.H. (2009) Professional competence as ways of being: an existential ontological perspective. *Journal of Management Studies*, 46 (7), 1138-1170.

- SAVOLAINEN, R. (2007) Information behavior and information practice: reviewing the “umbrella concepts” of information-seeking studies. *Library Quarterly*, Chicago, IL, 77 (2), 109-132.
- SINGER, T.; KIMBLES, S. L (ed.). (2004) *The Cultural Complex: contemporary Jungian perspectives on psyche and society*. New York, NY: Brunner –Routledge. ISBN-13 583-919-1239
- TASSARA, E. T. O.; RABINOVICH, E. P. (2001) A invenção do urbano e o poético: uma cartografia afetiva – Estudo sobre o bairro paulistano da Barra Funda. In: TASSARA, E. T. O. (Org). *Panoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano*. (pp. 211-267). São Paulo, SP: Educ; Fapesp.
- VENÂNCIO, L. S. (2007) *O caminhar faz a trilha: o comportamento de busca da informação sob o enfoque da cognição situada*. (Dissertação de Mestrado) Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- WILSON, T. D. (1994) Information needs and uses: fifty years of progress, in: B.C. Vickery, (Ed.), *Fifty years of information progress: a Journal of Documentation review*. (pp. 15-51) London, UK: Aslib.
- WILSON, T. D.; SAVOLAINEN, R. (2009) The behaviour/practice debate: a discussion prompted by Tom Wilson's review of Reijo Savolainen's, “Everyday information practices: a social phenomenological perspective”. *Information Research*, Lund, 14 (2) recuperado de <http://www.informationr.net/ir/14-2/paper403.html>.
- WHITE, O. J.; McSWAIN, C. J. (1983) Transformational theory and organizational analysis. In: MORGAN G. (Org). *Beyond method*. London, UK: Sage.

Comportamento informacional: introdução de perspectivas simbólicas e afetivas em investigações sobre usuários de informação

*Information Behavior:
introduction of symbolic and
affective perspectives in research
on information users*

Eliane Pawlowski Oliveira Araújo

**Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Ciência da Informação
elianepaw@yahoo.com.br**

Claudio Paixão Anastácio de Paula

**Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Ciência da Informação
claudiopap@hotmail.com**

Resumo

A expressão “Comportamento informacional” compreende, em uma das suas várias definições, a totalidade do comportamento humano em relação às fontes e canais de informação. Ao se analisar a evolução dos estudos referentes a essa temática é possível verificar que as pesquisas recentes sobre o assunto, apesar de terem ampliado seus vieses de “estudo de uso” para “estudo de usuários”, ainda não incorporaram vertentes que analisam o comportamento informacional numa perspectiva cujo foco vai além da construção dos processos informativos. Neste sentido, o presente artigo visa apresentar a retrospectiva da aplicação de uma abordagem que incorpora aspectos ligados às motivações inconscientes às pesquisas sobre o comportamento informacional. O resultado desses estudos demonstrou a potencialidade do uso da

Abstract

The term "informational behavior" includes, in one of its various definitions, the totality of human behavior in relation to information sources and channels. When analyzing the evolution of the studies related to this subject, it is possible to verify that recent research on the subject, despite having widened their biases from "study of use" to "study of users", have not yet incorporated aspects that analyze informational behavior in a perspective that has a focus beyond the construction of informational processes. In this sense, the present article aims to present the retrospective of the application of an approach that incorporates aspects related to unconscious motivations to research on informational behavior. The results of these studies demonstrated the potential of the use of the symbolic-affective dimension as a strategy to understand the aspects underlying the

dimensão simbólico-afetiva como estratégia para compreender os aspectos subjacentes às ações aparentes dos sujeitos no trato com a informação, fato que possibilitou ampliar o campo inserindo o imaginário no contexto das pesquisas em Ciência da Informação.

Palavras-chave: Comportamento Informacional; **Keywords:** Behavior; Symbolic-affective dimension; Dimensão simbólico-afetiva; Estudos de usuários; *User studies. Imaginary.* Imaginário.

1. Introdução

A palavra comportamento, originada do latim *comportare*, tem seu sentido associado à ideia de transportar, reunir, podendo ser vista, segundo Perissé (2010), nesta última conotação, como uma reunião de gestos e palavras. De acordo com o autor, o sufixo “-mento” (do latim – *mentu*), presente neste vocábulo, indica ação ou resultado de ação. Isto implica, numa perspectiva social, na forma como uma pessoa se porta com os outros (isto é, como atua socialmente) e, numa perspectiva informacional, a como uma pessoa se porta em relação à informação.

Compreender o comportamento do indivíduo quanto à necessidade, busca e uso da informação tem sido uma das preocupações recorrentes da Ciência da Informação (CI) desde seus primórdios, o que culminou na proposição de uma série de modelos e abordagens. Esta inquietação em entender como o sujeito se comporta para obter e usar a informação pode ser vista nos estudos realizados a partir do final da década de 1940 apesar de, naquela época, estar em foco o uso das fontes e sistemas e não os aspectos humanos do uso da informação, caracterizando-se mais como estudo de “uso” do que de “usuários” (Araújo, 2012; Pinheiro, 1982; Wilson, 2000).

As pesquisas que passaram a utilizar uma abordagem centrada no usuário começaram a ser desenvolvidas a partir da década de 1980 tendo como nomes de relevância, dentre outros, os de Nicholas Belkin, Brenda Dervin, Carol Kuhlthau, David Ellis e Tom Wilson. Belkin (1980) foi pioneiro nas pesquisas sobre estudos de usuário por ter sido um dos primeiros a considerar o indivíduo não apenas como um usuário de informação que poderia fornecer dados sobre o sistema (fosse este uma biblioteca ou qualquer outro equipamento informacional), mas como um sujeito cognoscente com necessidades, demandas e desejos que possui uma consciência

e experiências únicas¹. Seu trabalho se destacou por trazer uma contribuição importante para a área ao identificar e caracterizar os “estados anômalos do conhecimento”, conceito relacionado à identificação das necessidades informacionais e entendido como uma inadequação no estado de conhecimento do indivíduo. Esse conceito, que pressupõe a existência de *gaps* ou lacunas cognitivas, serviu de base para vários modelos posteriores que analisaram o comportamento informacional dos sujeitos.

A partir dessa nova perspectiva – de considerar o indivíduo como sujeito ativo no processo de busca e uso da informação – muitos autores envidaram esforços para representar a relação sujeito-informação. Neste sentido, surgiram vários modelos, como os elaborados por David Ellis e Carol Kuhlthau, que buscaram retratar situações de públicos específicos, colocando a questão informacional numa estrutura de etapas. O “*Information Search Process*” (ISP) desenvolvido por Kuhlthau (1991)² e o “*Behavioural model of information seeking strategies*” desenvolvido por Ellis (1989)³, procuraram identificar aspectos do comportamento informacional, especificando as atividades ou situações envolvidas no processo de busca e uso da informação. Tal postura possibilitou o desenvolvimento de estruturas que buscaram retratar uma conduta informacional dos indivíduos considerando, principalmente, as características cognitivas e emocionais que permeiam o binômio usuário-informação.

O “*Sense-making theory*” desenvolvido por Brenda Dervin, em 1983⁴, por sua vez, pressupôs que a busca de informação é orientada por um *gap* (entendido como uma falta ou falha na estrutura de conhecimento do usuário) e que, para se compreender esse comportamento, é necessário inserir na situação de “análise da lacuna” os contextos físicos, sociais e psicológicos. Uma característica interessante deste modelo é que Dervin (1983) analisa essas questões numa perspectiva temporal, pois considera que a realidade “evolui”, o que implica

¹O conceito de sujeito é abordado por várias ciências, sendo entendido aqui, numa perspectiva filosófica, como aquele age de acordo com a sua própria decisão e vontade, sendo protagonista dos seus atos.

²O modelo desenvolvido por Carol Kuhlthau foi confeccionado tendo como referência a análise do processo de busca de informação de estudantes de graduação quando da elaboração de suas monografias. O objetivo era distinguir as etapas envolvidas na resolução dos problemas em lidar com a informação, associando a estes elementos de comportamento cognitivo, afetivo e físico.

³O modelo de David Ellis, baseado no estudo do comportamento informacional de grupos de cientistas sociais, foi proposto com o objetivo de coletar informações para a confecção de um modelo de sistema de recomendação de informação. É composto por etapas não lineares identificadas como: Iniciar, Encadear; Navegar; Diferenciar; Monitorar; Extrair; Verificar e Finalizar (estas duas últimas incluídas juntamente com Cox, D. e Hall, K. em 1993)

⁴O modelo desenvolvido por Brenda Dervin considera três elementos relevantes: a situação na qual o indivíduo se encontra, contemplando a sua história e conhecimento adquirido ao longo do tempo; a lacuna, entendida como a necessidade que o usuário possui; e a ponte, ou seja, a estratégia utilizada para a resolução de problemas, momento em que se vislumbram os valores, como são realizadas as buscas por informações úteis e o uso feito delas.

a necessidade de se atentar para a mudança na construção de sentido que os indivíduos fazem do mundo.

Outro modelo interessante desenvolvido nesta nova abordagem – denominada como “alternativa”⁵ – foi o “*Wilson’s model of information behaviour*”, elaborado em 1981 por Tom Wilson e remodelado pelo mesmo autor na década de 1990. Na evolução de seus estudos, Wilson (1997) relata que a última versão do modelo é derivada de uma análise do comportamento humano em relação à informação e que seu valor consiste em atrair a atenção do pesquisador para a amplitude do comportamento informacional (sem, contudo, ter a pretensão de explicar todos os aspectos que envolvem o tema). O autor insere, nesta nova perspectiva, alguns elementos de forma a torná-lo um “macro-modelo”, procurando contemplar múltiplos aspectos envolvidos no fenômeno informacional⁶. Percebe-se, por exemplo, nesta nova estrutura, que

a decisão de agir para satisfazer uma necessidade de informação está relacionada à teoria do enfrentamento do estresse (Folkman, 1984), enquanto a decisão de pesquisar recursos de informação está associada à teoria do risco-recompensa (Settle & Alreck, 1989) e com a teoria de auto-eficácia (Bandura, 1977). (WILSON, 2007)

Entretanto, os modelos retro mencionados, assim como outros desenvolvidos dentro da abordagem “alternativa” de estudos de usuários, não contemplaram os aspectos socioculturais, contextuais e históricos relacionados aos indivíduos. Isto apenas se consolidou, conforme aponta Gonzalez Teruel (2005) em outra “fase” dos estudos de usuários, denominada abordagem social, que buscou compreender o contexto no qual ocorrem os fenômenos informacionais e não apenas apresentar uma explicação sobre tais fenômenos isoladamente. A diferença essencial entre a abordagem social e a alternativa (também denominada cognitiva) é que, se na primeira o contexto era assumido como um fator interveniente, na segunda ele é considerado um fator constituinte, ou seja,

o contexto em que o sujeito viveu toda a sua vida, os grupos sociais aos quais pertence, os papéis que assume diariamente, bem como a sua historicidade, são considerados aspectos que o formam, que constituem as suas ações e opiniões,

⁵Designação dada por Dervin e Nilan (1986) para o conjunto de pesquisas que se contrapunham ao modelo vigente de estudos de usuários (que entendia a informação como algo objetivo, dotado de sentido em si). A abordagem alternativa buscava ver o que a informação é da perspectiva de quem a usa, ou seja, do usuário (ARAUJO, 2010).

⁶ As evoluções dos modelos de Tom Wilson podem ser vistas no artigo publicado pelo autor em 2007 intitulado “*Evolution in information behavior modeling: Wilson’s model*”.

inclusive no que tange sua interação com a informação. (Gandra & Araújo, 2016, p.7)

Apesar da miríade de modelos e fatores que caracterizam as abordagens alternativa e social de estudos de usuários é possível perceber, ainda, a ausência de uma perspectiva que considera o comportamento de busca da informação (e seus desdobramentos) como um processo experimental e contingencial, consciente ou inconscientemente marcado pelos campos psíquico, cultural, histórico e social (Paula, 2012).

A necessidade de se compreender os comportamentos informacionais sob esta perspectiva se baseia no fato de que os vieses que caracterizaram as pesquisas até este momento não se mostraram suficientes para explicar os motivos subjacentes aos comportamentos que influenciam as atitudes dos indivíduos no trato com a informação.

Um movimento desencadeado para suprir esta ausência tem sido deflagrado por uma nova perspectiva de investigação denominada Abordagem Clínica da Informação (ACI). Esta abordagem tem buscado investigar o comportamento informacional considerando a influência de elementos culturais, simbólicos, cognitivos, afetivos, além de fatores psicodinâmicos conscientes e inconscientes.

Idealizada por Paula (2012), a ACI se caracteriza por um olhar profundo sobre o fenômeno informacional visando atingir níveis de análise não usuais nos estudos comportamentais tradicionais. Tal intento pode ser viabilizado por meio da combinação de várias técnicas e instrumentos de pesquisa de modo a permitir descrever fenômenos e tecer diagnósticos numa perspectiva clínica (sem contemplar o viés patológico). A denominação “clínica”, na perspectiva desta abordagem, implica em procurar compreender o sujeito em suas interações com o contexto que o rodeia e com seus elementos intrínsecos, tal como numa anamnese, por meio da qual o pesquisador adota uma postura investigativa procurando compreender as atitudes consideradas subjetivas do comportamento humano.

A necessidade de se propor novas perspectivas de estudo também foi relatada por Albright (2011). Em seus estudos, a autora considera que há uma série de teorias sobre o comportamento informacional, mas que a maioria reflete uma perspectiva cognitiva, enfocando apenas o papel do pensamento e do sentimento conscientes, não considerando as motivações e as emoções subjacentes que estão fora do domínio da consciência. Neste

sentido, uma vez que se estima que aproximadamente 90% do pensamento ocorre no inconsciente, Albright (2011) identifica o campo das teorias psicodinâmicas como um terreno teórico fértil para investigar o comportamento informacional, sendo os testes projetivos um método que pode ser usado para tal finalidade.

Neste artigo, portanto, serão apresentadas as pesquisas desenvolvidas sob a tutela da ACI, que possibilitou uma análise em profundidade dos objetos comportamentais estudados. Considera-se que abraçar a proposta de Paula (2012) de se analisar o fenômeno informacional adotando uma postura profunda para compreender o sujeito em suas interações – debruçando sobre seus aspectos conscientes, inconscientes, culturais, cognitivos e afetivos – possibilitou adentrar os estudos realizados de forma intensa na tentativa de entender os “comos e porquês” dos comportamentos informacionais. Esta perspectiva configura-se, assim, como uma alternativa de pesquisa que possibilita compreender como os aspectos subjetivos se integraram às competências individuais para influenciar o processo informacional.

2. A subjetividade do comportamento humano

Na compreensão dos aspectos subjetivos é importante resgatar alguns conceitos, como o de que o ser humano é um ser social e sua individualidade se constrói por meio da interação que ocorre entre ele e o grupo social. O subjetivo se caracteriza, assim, como uma “dimensão da experiência”, uma forma peculiar e individual do sujeito perceber e interagir com o mundo sociocultural e histórico, ambiente no qual se concretizam as ações que o caracterizam enquanto indivíduo⁷.

Para Crochik (1998, p.72), a subjetividade é um “terreno interno que se opõe ao mundo externo, mas que só pode surgir deste”, o que implica no paradoxo de tornar objetivo o julgamento da realidade. Em uma análise “arqueológica” desse conceito, Prado Filho e Martins (2007) mencionam que uma primeira problematização da subjetividade surgiu na filosofia moderna com Kant, correspondendo a algo que precisava ser neutralizado para se ter acesso à verdade objetiva. Contudo, após mais de um século, o conceito migrou pelas mãos de Sigmund Freud⁸ e passou a designar uma instância de interioridade. Desta forma,

⁷ Anzieu, Martin (1971); Castro, Viana (2010); Tittoni (1994); Lima (2007)

⁸Sigmund Freud (1856-1939), médico neurologista austríaco, considerado o pai da psicanálise

considera-se que foi a psicanálise freudiana a responsável por naturalizar a subjetividade ao considerá-la inerente ao sujeito.

Como precursor dos estudos sobre os processos de estruturação da personalidade, os comportamentos e as motivações dos indivíduos em um plano inconsciente, Freud contribuiu para a compreensão dos aspectos ligados à personalidade e ao desvendamento dos mecanismos que impulsionam os comportamentos dos indivíduos. Conforme destacado por Scharinger e Chatelard (2010, p.405), a partir dos estudos de Freud é que se começou a dar importância a um tipo de estado mental denominado de inconsciente:

Trata-se de um estado que faz lembranças importantes serem inacessíveis à memória [...]. Implica-se a partir daí que muitos de nossos processos mentais são desconhecidos. Ou seja, há algo em nós mesmos que desconhecemos. A partir disso não somos mais sujeitos da consciência. Esta é a ideia central na psicanálise que fundamenta toda a obra de Freud.

Numa outra perspectiva de pesquisas em psicologia profunda tem-se os estudos desenvolvidos por Carl Gustav Jung⁹. Na perspectiva de Jung, a psique é composta de numerosos sistemas e níveis, que, apesar de serem diversificados, são interatuantes, e pode ser distinguida em três níveis: a consciência, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. Para este pesquisador, a consciência é a única parte da mente conhecida diretamente pelo indivíduo que compreende quatro funções mentais (pensamento, sentimento, sensação e intuição), além de duas atitudes que determinam a orientação da mente consciente (extroversão e introversão). Segundo Jung (1985, p.4) a consciência constitui-se como uma película que cobre o inconsciente, cuja extensão é desconhecida: “um quinto, um terço, ou talvez metade da vida humana se desenrola em condições inconscientes”.

obre os outros níveis (os inconscientes), Jung (1985) considera que seus conteúdos são de natureza pessoal quando se pode reconhecer no passado seus efeitos, sua manifestação parcial ou sua origem específica: são partes integrantes da personalidade, pertencem ao seu inventário e tem fácil acesso à consciência quando necessário. Contêm lembranças perdidas, reprimidas, evocações dolorosas, percepções que, por falta de intensidade, não atingiram a consciência. Em relação ao inconsciente coletivo, o autor considera ser esta a camada mais profunda do inconsciente que se sustenta sobre certas estruturas ou esquemas mentais

⁹Carl Gustav Jung (1875-1961), psiquiatra suíço, fundador da psicologia analítica

responsáveis pelos potenciais psicofisiológicos que, agindo como predisposições em interação com o meio ambiente – meios de perceber, atuar e reagir a ele –, irão estruturar a vida mental e a forma como o ser humano apreende, organiza e atribui sentido ao mundo. Inicialmente identificado como imagens universais e originárias e, posteriormente, redescritos como ‘análogos psíquicos do instinto’ essas estruturas estariam presentes no inconsciente de todas as pessoas e requereriam apenas certas condições para virem à tona. Denominadas arquétipos por Jung (1985a, 2011), essas estruturas são simultaneamente sentimento e pensamento, possuem vida própria e são facilmente reconhecidas sob a forma de elementos constitutivos de mitos, fantasias, lendas, narrativas, obras de arte e mesmo nos sistemas religiosos, filosóficos e científicos.

Verifica-se, portanto, na perspectiva de Jung, que o inconsciente contém, não só conteúdos de ordem pessoal, mas também impessoal e coletiva sob a forma de organizadores herdados. Desse modo, os potenciais mencionados por Guerriero, (2001) não se limitam apenas às estruturas sociais e culturais, mas encontram-se sustentados em bases muito mais profundas. Isso confere às palavras do autor um sentido muito mais profundo:

Acumulamos o saber de nossos ancestrais, reelaboramos esse conhecimento eliminando algumas partes e acrescentando o que descobrimos e inventamos e transmitimos tudo isso a nossos descendentes. Não nos limitamos apenas às nossas experiências, mas através da linguagem simbólica temos acesso também às experiências de nossos semelhantes. A capacidade de simbolização e criação cultural permitiu-nos constituir uma extraordinária característica: pensar no que não está presente diante de nossos olhos. Essa capacidade de abstração e transcendência possibilitou superar as limitações impostas pela natureza. (Guerriero, 2001, p. 26)

Esta “dimensão” amplia o universo do “conteúdo inconsciente” trazendo a compreensão da significação do mundo para além do olhar subjetivo, alçando-a a uma condição primeva, originária, existencial e definidora do humano.

3. O imaginário, a dimensão afetiva e a hermenêutica simbólica

A faculdade de “significar o mundo” implica em entrar no plano simbólico, transformando-se as questões cotidianas por meio da cultura. Nesse processo de significação, o indivíduo se utiliza de uma função da mente que é a imaginação, pois, conforme destaca Pitta (1995), o

raciocínio e a razão permitem ao sujeito analisar os fatos e compreender a relação existente entre eles; entretanto, não são capazes de criar significado:

Para que a criação ocorra é necessário imaginar. É o que fazem, na sociedade ocidental, os filósofos, os cientistas sociais, os que estudam as religiões, os políticos, os arquitetos, os artistas, os físicos, os matemáticos... Criam filosofias, teorias, religiões, obras... Criam, a cada instante, o mundo. (PITTA, 1995, p.1)

Esta percepção também é referendada por Araújo *et al* (2001, p.6) segundo os quais é o imaginário que “subjaz aos modos de ser, de pensar e de agir dos indivíduos, das culturas e das sociedades, que lhes organiza as imagens e faz a mediação da relação do homem com o mundo”.

Quando se busca esse entendimento na história verifica-se que nos primórdios da civilização humana eram as religiões e os mitos (que poderiam ser mais bem descritos, parafraseando a frase atribuída ao mitólogo norte-americano Joseph Campbell, como o nome que se dá à religião dos outros) as grandes ferramentas atribuidoras de sentido ao mundo, explicando as origens e os acontecimentos cuja interpretação não era simples através da objetividade e da racionalidade. Em todas as culturas, e por todas as civilizações, foram os mitos que ofereceram as primeiras descrições sobre a estruturação do universo, a criação do mundo e das sociedades, os fenômenos naturais e sociais, configurando-se, assim, em uma forma primordial de explicar a realidade do ser e estar no mundo.

Entretanto, a partir do advento da filosofia grega e de Aristóteles, seu mais influente expoente, e, mais recentemente, com René Descartes, esse modo de analisar a realidade foi gradualmente sendo substituído pela necessidade de que as explicações e o conhecimento da verdade pudessem ser feitos por meio de um argumento formal, de natureza intelectual e não supersticiosa. O pensamento vigente preconizava que "não apenas o mundo é passível de exploração científica, mas apenas a exploração científica tem direito ao título despretensioso de conhecimento". (Durand, 1988, p.26)

O estudo do imaginário, todavia, permaneceu vivo, apesar de ocorrer de forma “marginal”. Uma das iniciativas mais importantes para sua consolidação foram as conferências de Eranos (*Eranoskreis*) que aconteceram anualmente a partir de 1933, na Suíça, da qual fizeram parte importantes pensadores da época dentre os quais Henry Corbin, Mircea Eliade, Carl Jung, Marie Louise von Franz, Gilbert Durand e James Hillman (Silva & Araújo, 2006). Esses

estudiosos, cada qual a sua maneira e dentro das limitações do seu campo de conhecimento e sua visão de mundo, não se contentavam com as explicações reducionistas herdadas do positivismo do século XIX e buscaram resgatar o simbólico à sua natureza intrínseca relacionada ao desenvolvimento da cultura humana.

O “ressurgimento” do imaginário enquanto perspectiva de investigação vem se consolidando em função dos questionamentos pelos quais vem passando a ciência moderna. Uma característica apontada por Pitta (1995), neste sentido, destaca a relação existente entre imaginário e todas as ciências: nas ciências humanas, por exemplo, o imaginário pode caracterizar um modo de ensino não centrado unicamente na razão e evidenciar, dentre outras, as relações entre a filosofia, a psicologia e a literatura. Nas ciências exatas, ainda segundo a autora, os conceitos de limite e infinito são utilizados pela matemática e a física, a química e a biologia trabalham com conceitos que vão além do puro raciocínio. Essa indissociação entre razão e imaginação é destacada também por Silva e Araújo (2006), que resgatam de Wunenburger (2002) e D’Humiac (1900) a convicção dessa relação de compatibilidade e complementaridade.

Por suas características de arcabouço do conteúdo imagético humano, o imaginário também possibilita que a análise dos fenômenos infocomunicacionais ocorra sob o viés simbólico. Por configurar-se como um objeto sobre o qual se aplica uma hermenêutica, permite que o percurso metodológico das pesquisas desenvolvidas nesta vertente se constituam como uma “estratégia estruturante”, uma vez que o imaginário não é uma vaga abstração, mas segue regras estruturais.

Esta potencialidade possibilitou que as dimensões simbólicas fossem utilizadas na compreensão dos aspectos subjacentes ao comportamento de busca e uso da informação, o que reforça a convicção da importância da função simbólica no entendimento do indivíduo e na sua tentativa de construção de sentido.

4. Procedimentos metodológicos

Por meio de estudo realizado em fontes secundárias, caracterizadas por seis pesquisas em nível de pós-graduação *stricto sensu*, foi efetuada a análise dos resultados dos estudos sobre comportamentos e práticas informacionais nos quais foram utilizadas representações

simbólicas e arquetipologia dentro de uma das perspectivas abarcadas pela Abordagem Clínica da Informação.

5. Resultados

As seis pesquisas analisadas compreendem: a) o estudo de Paula (2005), que pesquisou o uso e compartilhamento de informações nas interações entre os professores do departamento de psicologia de uma instituição de ensino superior pública brasileira; b) o estudo de Araújo (2013), que investigou o processo de busca e uso da informação de bibliotecários catalogadores enquanto envolvidos em atividades decisórias no processo de indexação; c) o estudo de Queiroz (2014), feito para identificar os mecanismos do relacionamento entre uma instituição de Educação Superior e seus egressos tomando a informação como fator de aproximação; d) o estudo de Sá (2015), que buscou compreender o compartilhamento do conhecimento durante as orientações acadêmicas em um programa de pós-graduação *stricto sensu* de uma universidade federal; e) o estudo de Antunes (2015), que analisou as percepções de alunos do ensino médio de uma escola particular ante a biblioteca e a ferramenta de busca Google; f) e o estudo de Pedrosa (2017), que procurou investigar a tomada de decisão na gestão de bibliotecas de uma universidade federal.

6. Discussão

Paula (2005) pesquisou as dimensões simbólicas e afetivas subjacentes ao uso e compartilhamento de informações nas interações entre os professores do departamento de psicologia de uma tradicional instituição de ensino superior pública brasileira. A pesquisa baseou-se nos estudos da teoria psicológica dos complexos e utilizou como chave de leitura a ideia de que a diversidade de interpretações de uma realidade pode ser avaliada por meio da identificação das reações motivadas pela ativação de deflagradores individuais de reações afetivas e seu alinhamento com deflagradores coletivos.

Os estudos permitiram identificar alinhamentos entre disposições simbólico-afetivas individuais e coletivas que direcionavam as interpretações e o uso dado às informações, resultando em um processo inconsciente de gestão das informações com resultados desagregadores para o processo de gestão do conhecimento na organização e para a gestão da organização como um todo.

A pesquisa de Araújo (2013) investigou, através da utilização de métodos que privilegiaram as dimensões simbólico-afetivas, os aspectos subjetivos e os esforços de indivíduos para interpretar uma realidade enquanto envolvidos em atividades decisórias, com foco no processo de busca e uso da informação. O estudo lançou mão do Teste Arquetípico dos Nove Elementos (AT.9) – técnica desenvolvida por Yves Durand (1988) com base na arquetipologia de Gilbert Durand (2012) – para observar a interferência da subjetividade no processo decisório através da análise da conexão entre os aspectos subjetivos e as competências individuais.

Foi possível verificar que as formas como cada sujeito enfrenta a angústia – representada pela decisão a ser tomada – se originam de uma percepção subjetiva sobre que tipo de desafio o ato de decidir representa, o que permitiu inferir que a estrutura do processo decisório e os critérios adotados em relação às fontes de informação usadas e aos comportamentos informacionais seguem uma linearidade cujo traçado é orientado pelo perfil identificado no micro-universo imaginário de cada entrevistado.

A pesquisa de Queiroz (2014) foi dedicada ao estudo da informação como o amálgama da perenização do relacionamento dos alunos com as suas instituições de educação superior (IES) após a conclusão do curso. A pesquisa destacou que essa conexão, fundamental para a consolidação e perpetuação dessas instituições, não é, atualmente, uma rotina usual na maioria das instituições de ensino superior brasileiras. O estudo concluiu que essa relação funda-se em uma base afetiva concebida durante o período de realização do curso e baseia-se na ocorrência de experiências positivas nesse processo de interação, utilizando-as como pré-requisito para a formação desses laços. Por considerar que um sistema competente de informações é a materialização desses esforços e que, ao centralizar informações com o intuito de atender tanto aos egressos quanto ao corpo gerencial da instituição, ele facilita a continuidade dessa relação, o estudo investigou o relacionamento entre ex-alunos e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) através do seu programa de egressos: o Sempre UFMG.

Queiroz (2014) trabalhou a partir da avaliação dos dados obtidos por meio de um *survey* eletrônico onde 1445 egressos de graduação e pós-graduação da referida Instituição responderam a questões que contemplaram três categorias de análise, a saber: perfil

demográfico/acadêmico, perfil de identificação/ vinculação e perfil de usuário da informação do Sempre UFMG. O estudo apontou a interferência de elementos simbólico-afetivos envolvidos na construção da *Alma Mater* da Universidade. Os dados analisados sugeriram que as representações construídas nas interações entre alunos, técnicos, professores e instituição tem a potencialidade para transformar o espaço burocrático de ensino-aprendizagem em um *locus* onde o aluno, ao mergulhar afetivamente no projeto de ensino, pesquisa e extensão, construa as bases para sustentar, na futura condição de egresso, uma conexão mais estreita com a sua instituição de ensino original.

O estudo de Sá (2015) buscou compreender os elementos simbólico-afetivos envolvidos no compartilhamento do conhecimento entre docentes e discentes de um programa de pós-graduação *stricto sensu* de uma universidade federal durante as orientações acadêmicas. A autora utilizou como métodos de coleta de dados entrevistas semiestruturadas e o AT.9 e seu estudo vislumbrou que a conversão do conhecimento tácito em conhecimento explícito – e vice-versa – ocorre por meio de várias formas de comunicação.

Os dados coletados foram submetidos à análise de conteúdo para identificar os aspectos subjetivos norteadores do processo de orientação de pós-graduandos. A dinâmica utilizada permitiu perceber que a necessidade de informação na pesquisa da pós-graduação é impulsionada por uma maré de afetos, expectativas, fantasias e desejos impressos pelos indivíduos nas relações entre orientador e orientando e às quais os partícipes dessas relações buscam significar a partir do imaginário estabelecido em suas interações.

O estudo de Antunes (2015), por sua vez, analisou o imaginário, a afetividade e as percepções de nativos digitais ante a biblioteca e a ferramenta de busca Google. Antunes (2015) construiu sua análise através da observação e realização de entrevistas semiestruturadas que buscaram identificar o laço existente entre as experiências psíquicas individuais e coletivas do grupo estudado composto por alunos do ensino médio de uma escola particular de Belo Horizonte (MG).

A construção do instrumento e a análise dos dados foram baseadas em conceitos oriundos da abordagem psicológica iniciada por Carl G. Jung – o símbolo e o simbólico; a imagem e o imaginário; o conceito de arquétipo e a noção pós-junguiana de complexos culturais – acrescidos das noções de expressões poéticas do psiquismo e da realização de uma cartografia

afetiva inspirada na proposta de Tassara e Rabinovich (2001). Dentre os resultados obtidos, fez-se evidente a constatação de que existe um fértil imaginário sobre a biblioteca, que não se reproduziu sobre o Google, sugerindo a possibilidade de explorar essa riquíssima simbologia para transformar a frequência a esse espaço numa experiência significativa.

O estudo de Pedrosa (2017) procurou investigar a possível interferência da subjetividade na tomada de decisão diante dos desafios da gestão de bibliotecas de uma universidade federal. A pesquisa utilizou como método de coleta de dados a entrevista em profundidade e, na hermenêutica, o conteúdo foi analisado por meio da investigação dos processos de simbolização das falas dos sujeitos.

Foi possível perceber, por esta pesquisa, que os desafios relatados pelos gestores das bibliotecas são praticamente os mesmos, alterando apenas a maneira como cada um lida com essas contingências. As experiências de cada entrevistado durante sua vida (até chegar ao cargo de gestor) parecem interferir na maneira como estes tomam decisões, tendo sido observado que estas são tomadas mais intuitiva do que racionalmente. Esse fenômeno ocorreu não apenas nas situações de urgência, mas também naquelas nas quais se observa a inexistência de regras pré-definidas ou de exigências para seu cumprimento, o que possibilitou evidenciar a presença da subjetividade na gestão de bibliotecas.

7. Conclusões

Pelos resultados obtidos nas pesquisas apresentadas, considera-se aspecto relevante o uso da abordagem simbólica em estudos de comportamentos e práticas informacionais, pois os símbolos, ao carregarem a potencialidade do imaginário, possibilitam compreender fatos desconhecidos que se sabe podem existir. Esta perspectiva se baseia no fato de que o inconsciente humano contém muito mais do que restos e fragmentos das experiências conscientes cotidianas comportando a possibilidade de se produzirem imagens arquetípicas e símbolos essenciais para que ocorra a produção dos sentidos.

O símbolo, por sua propriedade de sintetizar as influências do inconsciente e da consciência em uma expressão sensível e integradora / mediadora entre conceitos de difícil expressão ou mediação, pode ter seu percurso traçado de maneira reversa e, assim, constituir em uma estratégia para a compreensão das relações de sociedades e indivíduos em seus esforços de

comunicação e compartilhamento de informações e conhecimento. Neste sentido, a utilização da Abordagem Clínica da Informação se configura como uma perspectiva promissora para a hermenêutica dos processos de busca, seleção, interpretação e utilização de informações ao possibilitar a utilização das dimensões simbólicas e afetivas na compreensão do fenômeno infocomunicacional. Por essa abordagem foi possível demonstrar, nos casos apresentados, que a interação com a informação se dá através do concurso inevitável da subjetividade inconsciente.

Acredita-se que essa forma de entender o indivíduo em seus “processos” informacionais pode ampliar o foco dos estudos de usuário abordando perspectivas até então pouco exploradas. Espera-se que os resultados apresentados possam contribuir para a reflexão sobre o uso da perspectiva simbólica na Ciência da Informação formando um corpo teórico de estudos que reforce as características interdisciplinares desta ciência.

8. Referências Bibliográficas

- ALBRIGHT, K. S. (2011). Psychodynamic perspectives in information behaviour. *Information Research*, 16(1) paper 457. Recuperado em julho de 2017 de <http://InformationR.net/ir/16-1/paper457.html>
- ANTUNES, M. L. A. (2015). *Comportamento informacional em tempos de Google*. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
- ANZIEU, D., & Martin, J. Y. (1971). *La dinâmica de los grupos pequenos*. Buenos Aires
- ARAÚJO, C. A. A. (2010). Estudos de usuários conforme o paradigma social da Ciência da Informação: desafios teóricos e práticos de pesquisa. *Inf. Inf., Londrina*, 15(2), 23 - 39
- ARAÚJO, C. A. A. (2012). Paradigma social nos estudos de usuários da informação: abordagem interacionista. *Inf. & Soc.: Est., João Pessoa*, 22(1), 145-159. Recuperado em junho de 2017 em <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/9896/7372>
- ARAÚJO, E. P. O. (2013). Tomada de decisão organizacional e subjetividade: análise das dimensões simbólico-afetivas no uso da informação em processos decisórios. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
- ARAÚJO, A. F.; Magalhães, J.; & Araújo, J. M. (2001). História, educação e imaginário. *Atas do V Colóquio de História, Educação e Imaginário*. Universidade do Minho. Braga, Portugal

- BELKIN, N. J. (1980). Anomalous states of knowledge as a basis for information retrieval. *Canadian Journal of Information Science*, 5
- CASTRO, F. C. G.; & Viana, T. C. (2010). O “cuidado de si” em Platão e em Balzac: algumas páginas da história da subjetividade. *Revista Mal-estar e subjetividade*, Fortaleza, 10(4)
- CROCHIK, J. L. (1998). Os desafios atuais do estudo da subjetividade na psicologia. *Psicologia USP*, São Paulo, v.9, n.2, p.69-85. Recuperado em julho de 2017 de <http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/107820/106162>
- DERVIN, B. (1983). An overview of sense-making research: concepts, methods and results to date. In *International Communications Association Annual Meeting*.
- DERVIN, B., & Nilan, M. (1986). Information needs and uses. *Annual Review of Information Science and Technology*, Chicago, 21, 03-33
- D'HUMIAC, M. (1900). *As grandes lendas da humanidade*. São Paulo: Cultura Moderna
- DURAND, G. (1988). *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix
- DURAND, G. (2012). *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes
- DURAND, Y. (1988). *L'exploration de L'imaginaire: Introduction à La modélisation des Univers Mythiques*. Paris: L'espace bleu
- ELLIS, D. A. (1989). Behavioral Model for Information Retrieval System Design. *Journal of Information Science*, Cambridge, 15, 237-247
- ELLIS, D., Cox, D. & Hall, K. (1993). A comparison of the information seeking patterns of researchers in the physical and social sciences. *Journal of Documentation*, London, 49 (4), 356-369
- GANDRA, T. K., & Araújo, C. A. A. (2016). Práticas informacionais dos visitantes do Museu Itinerante Ponto UFMG. *Em Questão*, Porto Alegre, Online First
- GONZALEZ TERUEL, A. (2005). *Los estudios de necesidades y usos de La información: fundamentos y perspectivas actuales*. Gijón: Ediciones Trea
- GUERRIERO, S. (2001). As origens do antropos. In: Guerriero, S.; Ribas, J.B.C.; Kemp, K.; Passador, L. H.; Ferrari, M.D. *Antropos e Psique: o outro e sua subjetividade*. São Paulo: Olho d'água
- JUNG, C.G. (1985). *Fundamentos de psicologia analítica*. Petrópolis: Vozes
- JUNG, C.G. (1985a). *Psicologia do inconsciente*. Petrópolis: Vozes
- JUNG, C.G. (2011). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes

- KUHLTHAU, C. (1991). Inside the search process: information, seeking from the user's perspective. *Journal of the American Society for Information Science*. 42, 361-371
- LIMA, C. H. P. (2007). *Trabalho e subjetividade: prazer e sofrimento no trabalho*. In: Goulart, I. B.; Vieira, A. (Org.); *Identidade e subjetividade na gestão de pessoas*. pp. 153-176. Curitiba: Juruá
- PRADO FILHO, K., & Martins, S. (2007). A subjetividade como objeto da(s) Psicologia(s). *Psicologia & Sociedade*; 19 (3), 14-19
- PAULA, C. P. A. (2005). O símbolo como mediador da comunicação nas organizações: uma abordagem junguiana das relações entre a dimensão afetiva e a produção de sentido nas comunicações entre professores do departamento de Psicologia de uma instituição de ensino superior brasileira. Tese. Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil
- PAULA, C. P. A. (2012). Proposta de metodologia para a investigação do comportamento de busca informacional e do processo de tomada de decisão dos líderes nas organizações: introduzindo uma abordagem clínica na informação. *XIII ENANCIB*. Rio de Janeiro
- PEDROSA, C. G. (2017). A dimensão subjetiva da gestão de bibliotecas universitárias. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
- PERISSE, G.(2010). *Palavras e origens*. São Paulo: Saraiva
- PINHEIRO, L. V. R. (1982). *Usuário – Informação: o contexto da ciência e da tecnologia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. IBICT
- PITTA, D. P. R. (1995). *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*. Recife. UFPE. Recuperado em julho de 2017 de gepai.yolasite.com/resources/Texto%20Iniciação%20Teoria%20do%20Imaginário.doc
- QUEIROZ, T. P. (2014). O bom filho a casa sempre torna: análise do relacionamento entre a Universidade Federal de Minas Gerais e seus egressos por meio da informação Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
- SÁ, R. M. C. (2015). Compartilhamento do conhecimento e o processo de orientação de discentes de pós-graduação stricto sensu. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
- SCHARINGER, J.P., & Chatelard, D. S. (2010). Freud: pensador da diferença. *Revista Mal-Estar e subjetividade*. Fortaleza, 10 (2), 399-424
- SILVA, A. M., & Araújo, A. F. (2006). Para uma mitanálise da fundação sagrada do reino de Portugal em Ourique. In: *Estudos em homenagem ao Professor Doutor José*

Amadeu Coelho Dias, 1, 177-208. Recuperado em junho de 2017 de <http://hdl.handle.net/10216/8364>

- TASSARA, E. T. O., & Rabinovich, E. P. (2001). *A invenção do urbano e o poético: uma cartografia afetiva – Estudo sobre o bairro paulistano da Barra Funda*. In: Tassara, E. T. O. (Org). *Panoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano*. p.211-267. São Paulo: Educ; Fapesp
- TEIXEIRA, M. C. S., & Araújo, A. F. (2013). *Gilbert Durand: Imaginário e Educação*. 2. ed. Niterói: Intertexto
- TITONI, J. (1994). *Subjetividade e trabalho*. Porto Alegre: Ortiz
- WILSON, T.D. (1997) Information behaviour: an inter-disciplinary perspective. In: P. Vakkari, R. Savolainen & B. Dervin (Eds.). *Information seeking in context. Proceedings of an international conference on research in information needs, seeking and use in different contexts 14-16 August, 1996, Tampere, Finland*. (pp. 39-50) London: Taylor Graham
- WILSON, T.D. (2000). Human Information Behavior. *Informing Science*, 3 (2)
- WILSON, T.D. (2007). Evolution in information behavior modeling: Wilson's model. In: K. Fisher, S. Erdelez & L. McKechnie, (Eds.). *Theories of information behavior*, (pp. 31-36). Medford, NJ: Information Today. Recuperado em junho de 2017 de <http://InformationR.net/tdw/publ/papers/2005SIGUSE.html>
- WUNENBURGER, J.J. (2002). *La vie dès images*. Grenoble (France): Presses Universitaires de France

Tomada de decisão organizacional: análise do comportamento informacional em processos indexatórios por meio de dimensões simbólico-afetivas

*Organizational decision-making:
analysis of informational behavior in
indexatorial processes through
symbolic-affective dimensions*

Eliane Pawlowski Oliveira Araújo

**Escola de Ciência da Informação
Universidade Federal de Minas Gerais
elianepaw@yahoo.com.br**

Resumo

A explosão informacional no último século, ocasionada pelo desenvolvimento tecnológico, tem contribuído para alterar o comportamento em relação ao trato com a informação. Em especial, nas situações em que o uso da informação subsidia a tomada de decisão, chama a atenção o fato de que os aspectos subjetivos têm influenciado as ações caracterizando uma provável primazia da afetividade nesse processo. Este artigo traz o resultado de pesquisa que teve como objetivo analisar os esforços de indivíduos para interpretar uma realidade enquanto envolvidos em atividades decisórias investigando, através da utilização de métodos que privilegiaram as dimensões simbólicas e afetivas, um processo relacionado à atividade de análise de assunto em uma biblioteca universitária. Os resultados demonstraram que os instrumentos usados permitiram compreender como a subjetividade se integra às competências individuais para influenciar o comportamento informacional, ampliando, desta forma, as perspectivas de investigação em Ciência da Informação.

Abstract

The informational explosion in the last century, caused by technological development, has contributed to change the behavior in relation to dealing with information. In particular, in situations where the use of information subsidizes decision-making, attention is drawn to the fact that the subjective aspects have influenced the actions characterizing a probable primacy of affectivity in this process. This article is the result of research that aimed to analyze the efforts of individuals to interpret a reality while engaged in decision-making activities investigating, through the use of methods that privileged the symbolic and affective dimensions, a process related to the activity of subject analysis in a university library. The results showed that the instruments used allowed to understand how the subjectivity integrates with the individual competences to influence the informational behavior, thus broadening the research perspectives in Information Science.

Palavras-chave: Comportamento informacional; **Keywords:** *Informational behavior; Decision making, Tomada de decisão, Subjetividade, Dimensões* *Subjectivity, Symbolic-affective dimensions.* simbólico-afetivas.

1. Introdução

As organizações têm vivenciado momentos desafiadores nas últimas décadas, pois o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação e a intensificação da concorrência potencializaram a cobrança por resultados rápidos no ambiente corporativo, o que implicou em aumento da pressão por melhor desempenho em prazos cada vez mais curtos. Malvezzi (2008) ressalta que, nesse cenário, novos conceitos, modelos e informações estão sendo uma constante no cotidiano das organizações em função de uma característica da contemporaneidade que é o fato do acesso às fontes de informações estar permanentemente disponível a uma velocidade e alcance inimagináveis há algumas décadas.

Essa explosão informacional contribuiu para alterar o cenário e os comportamentos em relação à informação, principalmente a partir do início deste século. Esse fenômeno, entretanto, já apresenta mudanças estruturais, como a substituição da preocupação inicial em priorizar a disseminação da informação, pelo propósito de procurar ofertar meios para que o indivíduo possa recuperar informações que atendam suas demandas de forma mais eficaz e particularizada. Tal entendimento é ratificado por Barbosa (2006) ao mencionar que a farta disponibilidade de informações não assegura que elas sejam efetivamente valiosas para seus usuários, o que justifica esse novo posicionamento em relação ao trato com a informação.

Com os ambientes de negócios se tornando cada vez mais complexos, a informação e a capacidade de utilizá-la assertivamente na tomada de decisão têm se transformado em questão estratégica para as organizações. Utilizando as premissas apresentadas por Malvezzi (2010), considera-se que tomar decisões neste cenário dinâmico nem sempre está associado apenas às habilidades cognitivas e racionais, mas também à intuição. A pressa em decidir nesse ambiente competitivo tem deixado pouco espaço para que as decisões sejam analisadas e tomadas com a esperada racionalidade, valendo o gestor, muitas vezes, de seu “*feeling*” nesse processo.

A compreensão do fenômeno informacional nessa perspectiva pressupõe que a relevância de determinadas fontes de informação, bem como o valor atribuído à informação devem ser analisadas a partir de uma vertente que busque compreender os processos subjacentes aos comportamentos visíveis dos sujeitos. Essa constatação – de que o comportamento informacional é influenciado por elementos subjetivos, como os sentimentos e afetos – ratifica a proposição de Taylor (1986) sobre a existência de duas abordagens no processo da tomada de decisão: uma racional, que visa à busca de uma decisão ótima, e uma comportamental, que busca entender como os indivíduos se comportam na resolução de problemas e como utilizam a informação nesse contexto.

Assim, partindo da premissa de que a afetividade é um fator marcante nos processos decisórios, buscou-se estudar a subjetividade presente nos processos de tomada de decisão, em especial, na determinação dos comportamentos de busca e uso da informação para fins decisórios. Para investigar essa questão foi realizada uma pesquisa que considerou o uso da dimensão simbólico-afetiva como estratégia para acessar a subjetividade de indivíduos envolvidos em atividades de tomada de decisão. O uso dessa dimensão baseou-se nos pressupostos apresentados por Paula (1999) de que os símbolos, mitos e ritos constituem formas de expressão de padrões básicos de experiência e atingem uma dimensão mais profunda referenciada na psicologia como “o inconsciente”.

Como contexto de desenvolvimento da pesquisa optou-se pela análise de um processo no qual as decisões acontecem em nível operacional. Foi selecionado para a investigação um processo de tomada de decisão que ocorre no âmbito de uma biblioteca universitária referente à análise de assunto na atividade de indexação/catalogação. A análise de assunto é a etapa do tratamento temático da informação em que um documento é analisado visando a extração de conceitos que possam traduzir sua essência constituindo-se, assim, como a operação base para os procedimentos de recuperação da informação. De acordo com Naves (1996), o desconhecimento da complexidade desse processo, que exige esforços no sentido de seguir uma metodologia adequada para obter resultados satisfatórios, traz a falsa ideia de que a execução desta atividade é simples. A autora (1996, p.221) destaca, como um dos elementos desta complexidade, a influência direta da pessoa que executa a atividade, pois

“não há dúvidas de que o indexador interpõe suas próprias ideias e preconceitos na sua atuação de intermediário entre autores e usuários”.

Esta ambientação para a pesquisa é considerada relevante porque, apesar da existência de metodologias que orientam a prática da indexação, ocorre um vazio teórico e metodológico nas várias regras de elaboração de informações documentárias. As regras existentes não apresentam indicações objetivas sobre como obter os produtos desejados, valendo o êxito do trabalho ao bom senso e experiência do indexador (Kobashi, 1994), peculiaridade que leva a atentar para a influência dos aspectos subjetivos na realização da análise de assunto.

A pesquisa configurou-se, portanto, na análise dos comportamentos informacionais envolvidos numa situação de tomada de decisão na atividade de análise de assunto realizada no processo de indexação/catalogação em bibliotecas universitárias, na tentativa de entender como os aspectos subjetivos se integram as competências individuais para influenciar a busca e o uso da informação. Como estratégia metodológica e abordagem hermenêutica foram utilizadas as dimensões simbólicas e afetivas por se considerar que, por meio do simbólico, é possível acessar conteúdos inconscientes e compreender como o indivíduo significa e dá sentido ao mundo.

2. O Imaginário e a hermenêutica simbólica

As religiões, a filosofia, a poesia e os mitos têm sido considerados, desde tempos imemoriais, como instrumentos que permitem desvendar as lógicas profundas do inconsciente coletivo, da vida cotidiana e do destino humano (Minayo, 2011). Esse “poder simbólico” é considerado como um poder de construção da realidade, pois o mito e os demais sistemas simbólicos (língua, arte, ciência), segundo Bourdieu (1998), podem exercer esse poder por serem estruturados.

Esse modo de dar sentido à realidade foi sendo substituído ao longo dos séculos pela necessidade de que o “conhecimento da verdade” pudesse ser feito por meio de um argumento formal, de natureza intelectual e não supersticiosa, tendência que teve seu ápice em René Descartes no século XVII. Mas o estudo sistemático sobre o símbolo foi retomado na sociedade moderna graças ao trabalho do filósofo francês Gaston Bachelard, tendo o

imaginário voltado ao cenário dos estudos acadêmicos por meio dos estudos desenvolvidos por Gilbert Durand. Esses pesquisadores foram responsáveis por introduzir uma abordagem antropológica de “funcionamento” do imaginário apoiada sobre fatos de natureza sociocultural (literatura, artes, mitos, contos e lendas), rompendo com uma abordagem vigente inscrita em uma prática médica relacionada às “doenças da mente” (Durand, 2001). Assim, o imaginário passou a ser considerado, de acordo com Araújo, Magalhães e Araújo (2001), como o responsável por subjazer os modos de ser, de pensar e de agir dos indivíduos, das culturas e das sociedades, organizando as imagens e fazendo a mediação da relação do homem com o mundo, sendo definido por Gilbert Durand como o “alicerce fundante sobre o qual se constroem as concepções de homem, de mundo, de sociedade”. (Oliveira & Maia, 2008)

Durand (1997), ao considerar o imaginário como algo que não é uma vaga abstração – por seguir regras estruturais com vistas a uma hermenêutica – desenvolveu uma teoria baseada no método da convergência. Este método considera que os símbolos se (re)agrupam em torno de núcleos organizadores (as constelações), as quais são estruturadas por isomorfismos (que dizem respeito à polarização das imagens), indicando que há estreita relação entre os gestos do corpo e as representações simbólicas (Cemin, 2001). A teoria desenvolvida por Gilbert Durand, denominada *Estruturas Antropológicas do Imaginário*, foi sistematizada pelo psicólogo Yves Durand (1988) por meio do *Teste Arquetípico dos Nove Elementos – AT-9*. O teste, composto por nove elementos que servem de estímulo à elaboração de um desenho, uma narrativa e um questionário, visa compreender como o sujeito age frente suas angústias e enfrentamentos mais elementares. Seu propósito, de acordo com Paula (2012), é utilizar estímulos arquetípicos “que têm o papel de colocar o problema trabalhado numa perspectiva de tempo, ameaça e finitude” para construir modos de enfrentamento de um problema.

Essa base antropológica considera que, por meio do mítico e do simbólico é possível traçar um diagnóstico dos aspectos intrínsecos à sociedade e ao comportamento humano. Assim, partindo dessa premissa, a pesquisa realizada teve como princípio norteador a perspectiva de que o imaginário se faz presente no cotidiano da sociedade e pode servir de instrumento que permite caracterizar e compreender aspectos intrínsecos ao ser humano e aos grupos sociais.

3. Da Pesquisa

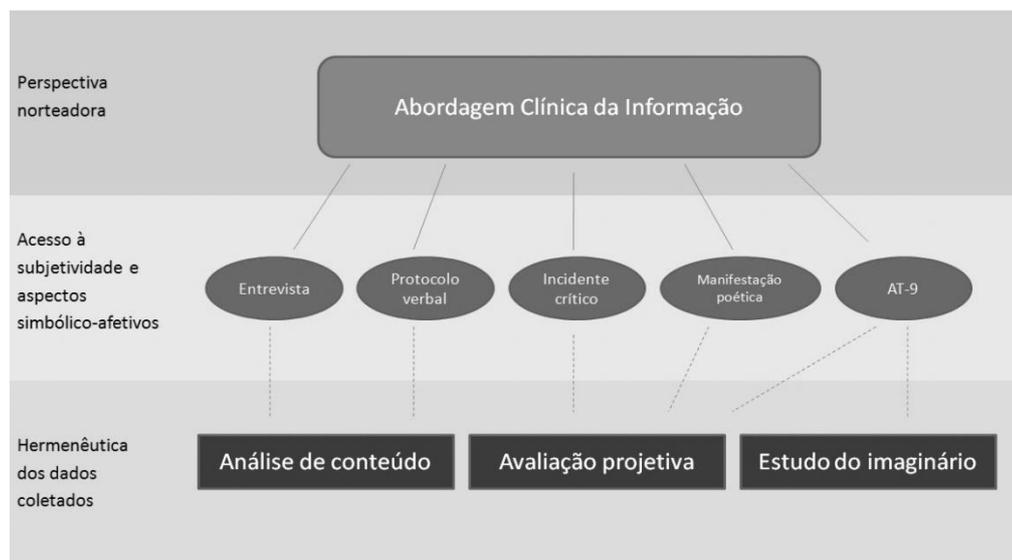
A pesquisa realizada configura-se como aplicada, de caráter explicativo, pois visa identificar os fatores que contribuem para a ocorrência de determinados fenômenos. Baseou-se em uma abordagem qualitativa e adotou como procedimento o estudo de caso, visto que a temática pesquisada relaciona-se a um fenômeno social contemporâneo.

A investigação foi conduzida no ano de 2013 em uma biblioteca integrante de um Sistema de Bibliotecas de uma instituição de ensino superior. Os sujeitos da pesquisa foram três bibliotecários, denominados como S1, S2 e S3, cujo critério de seleção foi a experiência na atividade de catalogação, critério referenciado por Oliveira (2001) quando se trata de seleção definida por intenção ou julgamento de uma população homogênea contemplando a escolha de *experts*.

A pesquisa compreendeu o estudo de uma situação onde os pesquisados interagiram com uma tarefa-problema propositalmente criada de modo a serem instados a se dedicar à resolução de um problema envolvendo uma situação de tomada de decisão. A situação vivenciada compreendeu uma tarefa constante dos processos de indexação/catalogação – especificamente a execução da análise de assunto – em três livros que não pertenciam ao acervo da Universidade e cujos temas eram genéricos, não tendo sido consideradas na seleção as áreas de conhecimento.

3.1 Percurso metodológico

Para atendimento dos objetivos propostos foi utilizado um conjunto de técnicas inter-relacionadas conforme pode ser visualizado na Figura 1.

Figura 1 - Estrutura metodológica da pesquisa

Fonte: Araújo (2013, p.47)

Como eixo norteador tem-se a Abordagem Clínica da Informação, perspectiva proposta por Paula (2011, 2012) que apresenta a possibilidade de investigar o comportamento informacional considerando a influência de elementos culturais, simbólicos, cognitivos e afetivos, assim como fatores psicodinâmicos conscientes e inconscientes.

Como instrumento de acesso à subjetividade foi realizada uma entrevista semiestruturada visando conhecer a trajetória pessoal e profissional dos sujeitos pesquisados. À entrevista foram entremeados aspectos simbólicos e afetivos adaptados de Tassara e Rabinovich (2001), visando acessar a dimensão subjetiva dos indivíduos utilizando o fenômeno da *poïesis*, e incorporada a Técnica do Incidente Crítico. Esta técnica, desenvolvida por Flanagan (1973), consiste na coleta de observações diretas do comportamento humano relatadas pelo próprio sujeito. Na pesquisa, o incidente analisado foi relacionado a uma situação de tomada de decisão na execução da atividade de análise de assunto que o entrevistado considerou relevante destacar.

Após a entrevista foi executada uma tarefa-problema, na qual foi inserido o preenchimento de um questionário baseado em Coutinho e Araújo (2010) e utilizada a técnica do Protocolo Verbal, que consiste na verbalização, pelos indivíduos, da execução da atividade realizada com vistas a fornecer informações de seus processos mentais. Por fim, foi aplicado o Teste

Arquetípico de Nove Elementos AT-9, utilizando como referência a decisão tomada na tarefa realizada em um dos livros analisados, à escolha do bibliotecário.

4. Resultados

As entrevistas foram realizadas individualmente e contemplaram inicialmente a coleta de dados demográficos (sexo, idade, estado civil, nível de instrução, formação), bem como informações sobre o exercício na função atual, na atividade de tratamento da informação, dentre outras.

4.1 Resolução de tarefa

Acerca da resolução da tarefa-problema foram obtidos os seguintes resultados:

a) Termos atribuídos:

- No primeiro livro houve homogeneidade na definição, com a adoção das expressões “extensão universitária” e “ensino superior” pelos três bibliotecários;
- A seleção de termos, no segundo livro, girou em torno de um eixo comum – Mudanças climáticas – apesar dos termos escolhidos pelos pesquisados terem sido variados: Brasil - Clima (S1); Tempo (S2); Climatologia (S3);
- No terceiro livro os termos foram bem diversificados: Informática – estudo e ensino (S1), Programação de computadores – computação (S2) e Armazenamento de dados (S3).

b) Procedimentos realizados

Conforme demonstrado no Quadro 1, não houve uniformidade na atuação dos bibliotecários. A análise dos procedimentos aponta que apenas a leitura do título e subtítulo foi a atividade realizada por todos os bibliotecários em todos os livros.

Quadro 1 - Procedimentos realizados para definir a escolha dos termos

Procedimento	Livro 1			Livro 2			Livro 3		
	S1	S2	S3	S1	S2	S3	S1	S2	S3
Leitura do título e subtítulo	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Nome do autor	X			X		X	X		X
Lombada		X							
Área do livro	X		X	X		X	X		X
Leitura do resumo		X			X				X
Leitura do índice		X							
Leitura do sumário	X		X	X		X	X		X
Leitura da introdução	X	X		X	X		X		
Leitura dos capítulos					X				
Leitura da orelha do livro	X		X	X	X	X			
Leitura dinâmica				X	X				
Folheada geral		X	X	X	X		X	X	
Ilustrações, diagramas, tabelas e seus títulos explicativos							X		
Leitura de palavras ou grupos de palavras em destaque (sublinhadas, impressas em tipos diferentes etc)	X								
Exame das referências bibliográficas	X						X		
Material adicional									
Catálogo na fonte	X			X		X	X		X
Consulta outro bibliotecário	X			X			X		

Fonte: Dados de pesquisa

4.2 Dimensão simbólico-afetiva

O relato dos pesquisados durante a entrevista acerca do seu passado profissional e o estímulo a relacionar imagens representativas à atividade exercida (técnica inserida durante a entrevista), apresentou os seguintes resultados (Quadro 2).

Quadro 2 - Imagens representativas da atividade de catalogação

	S1	S2	S3
Imagem	<i>"Livro aberto"</i>	<i>"Árvore"</i>	<i>"eu pegaria... o globo e o colocaria em movimento assim"</i>
Explicação	<i>"Sempre que eu penso em uma coisa ... boa, eu penso em um livro aberto..., sempre."</i>	<i>"Porque a árvore está crescendo, dá frutos, dá folha; eu vejo como uma árvore mesmo, uma coisa produtiva."</i>	<i>"... porque é movimento, é movimento ... de ideias, de assunto, de saberes, de...então... movimento, uma coisa que representasse o movimento, um globo"</i>

Fonte: Dados de pesquisa

Técnica também inserida na entrevista, o relato dos incidentes críticos e as imagens associadas a estes pelos entrevistados constam, respectivamente, dos Quadros 3 e 4:

Quadro 3 - Incidente crítico – aspectos centrais

	Ponto central	Aspectocritico
S1	Dúvida quanto ao termo a ser usado. Não existia o termo autorizado	O usuário não vai achar o livro
S2	Divergência com o usuário	Conflito de autoridade
S3	Diversidade de definições de um termo	Um termo pode ter vários significados dependendo do contexto

Fonte: Dados de pesquisa

Quadro 4 - Imagens representativas do Incidente crítico

	Imagem	Explicação
S1	<i>“Ah, barreira, eu acho que um muro. rsrsrs, É, uma barreira, assim bem, sabe...”</i>	<i>“Ah, porque é, porque é uma barreira mesmo, sabe, eu acho que é, é a dificuldade que o usuário tem de localizar e a gente tem de disponibilizar desta forma.”</i>
S2	<i>“um menino correndo, correndo e você não conseguindo pegar ele ... um menino bem levadinho, aquele que você dá uns tapinhas nele e ele..., sai correndo desesperado.”</i>	<i>“Aí ... mais ou menos isso, porque nós não entramos em... num diálogo né?”</i>
S3	<i>“hum... imagem que vem para mim é muito de... antena,”</i>	<i>“A antena com essas... sempre... nunca sozinha... sempre com alguma coisa junto...”</i>

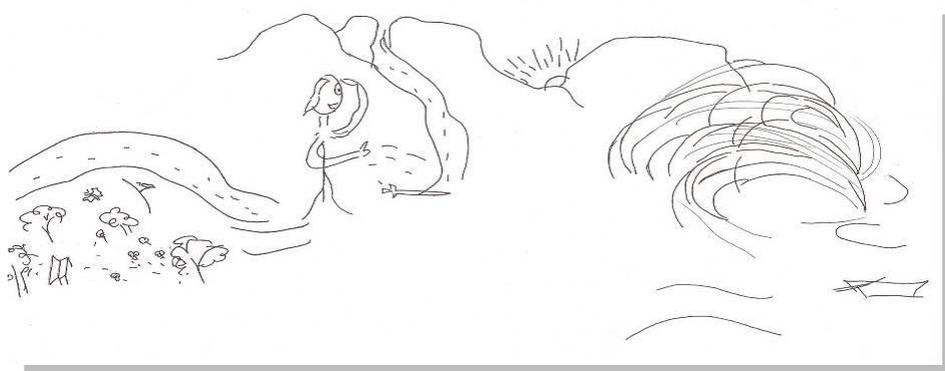
Fonte: Dados de pesquisa

4.3 Teste Arquetípico de Nove Elementos (AT.9)

O AT.9 foi aplicado tendo como referencial a tarefa-problema realizada. Foi solicitada aos bibliotecários a composição de um desenho, a elaboração de uma narrativa e o preenchimento de um questionário baseados na decisão tomada em uma das situações vivenciadas. Assim, para a realização do teste, S1 escolheu o processo decisório relacionado ao livro 2, S2 selecionou o relacionado ao livro 3 e S3, ao livro 1.

A aplicação do teste em S1 produziu, dentre outras informações, o desenho constante da Figura 2 e as informações constantes do Quadro 5

Figura 2 - Cena imaginada por S1



Fonte: Elaborado pelo entrevistado S1

Quadro 5 - Dados do AT-9: S1

Elemento	Representado por	Função/papel	Simbolizando
Queda	Espada	Dúvida	Busca das melhores soluções
Espada	Livro	Informar	Esclarecimento, conhecimento
Refúgio	Jardim	Repensar a questão	Pensar na solução mais adequada
Monstro	Ondas do mar	Dificuldades	Insegurança sobre a escolha do melhor caminho
Cíclico	Larva-borboleta	Mudanças/ o novo	Busca de novos caminhos para solução da questão
Personagem	Eu	Resolver a questão	Pessoa que está resolvendo a questão
Água	Mar	Dificuldades	Dificuldades de seguir caminho longo e difícil
Animal	Borboleta	Seguir outros caminhos	Achar e confiar nos novos caminhos
Fogo	Sol	Possibilidade de solução	Clareza do caminho a seguir

Fonte: Dados de pesquisa

A aplicação do teste em S2 produziu, dentre outras informações, o desenho constante da Figura 3 e as informações constantes do Quadro 6.

Figura 3 - Cena imaginada por S2

Fonte: Elaborado pelo entrevistado S2

Quadro 6 - Dados do AT-9: S2

Elemento	Representado por	Função/papel	Simbolizando
Queda	Água que gira o moinho	Servir para girar o moinho	Continuidade
Espada	Coação	Instigar medo	Obriga a tomar uma decisão
Refúgio	Cabana	Decisão	Significa que a decisão foi tomada a contento
Monstro	Figura humana	Dúvida	Qual a melhor decisão a tomar
Cíclico	Moinho d'água	A decisão é cíclica	A decisão é um processo contínuo e cíclico
Personagem	Mamífero	Parte do processo de decisão	A decisão final já foi tomada
Água	Riscos no moinho	Serve para movimentar o moinho	Continuidade
Animal	Peixe	Movimento	Pode estar em ambiente calmo ou mais agitado
Fogo	Fogueira	Queimar	A dúvida é latente e pode queimar.

Fonte: Dados de pesquisa

A aplicação do teste em S3 produziu, dentre outras informações, o desenho constante da Figura 4 e as informações constantes do Quadro 7.

Figura 4 - Cena imaginada por S3



Fonte: Elaborado pelo entrevistado S3

Quadro 7 - Dados do AT-9: S3

Elemento	Representado por	Função/papel	Simbolizando
Queda	Água	Movimento	Oportunidade
Espada	Corte/instrumento de	Corte	Proteção
Refúgio	Casa	Proteção	Segurança
Monstro	Pedras	Dificuldade	Desafios
Cíclico	A natureza	Mudança	Ciclo
Personagem	A menina	Tomar decisão	Imaginação
Água	Cachoeira	Seguir	Vida
Animal	Cobra	Amedrontar/ provocar decisão	Vida
Fogo	Fogueira	Acolher	Aquece

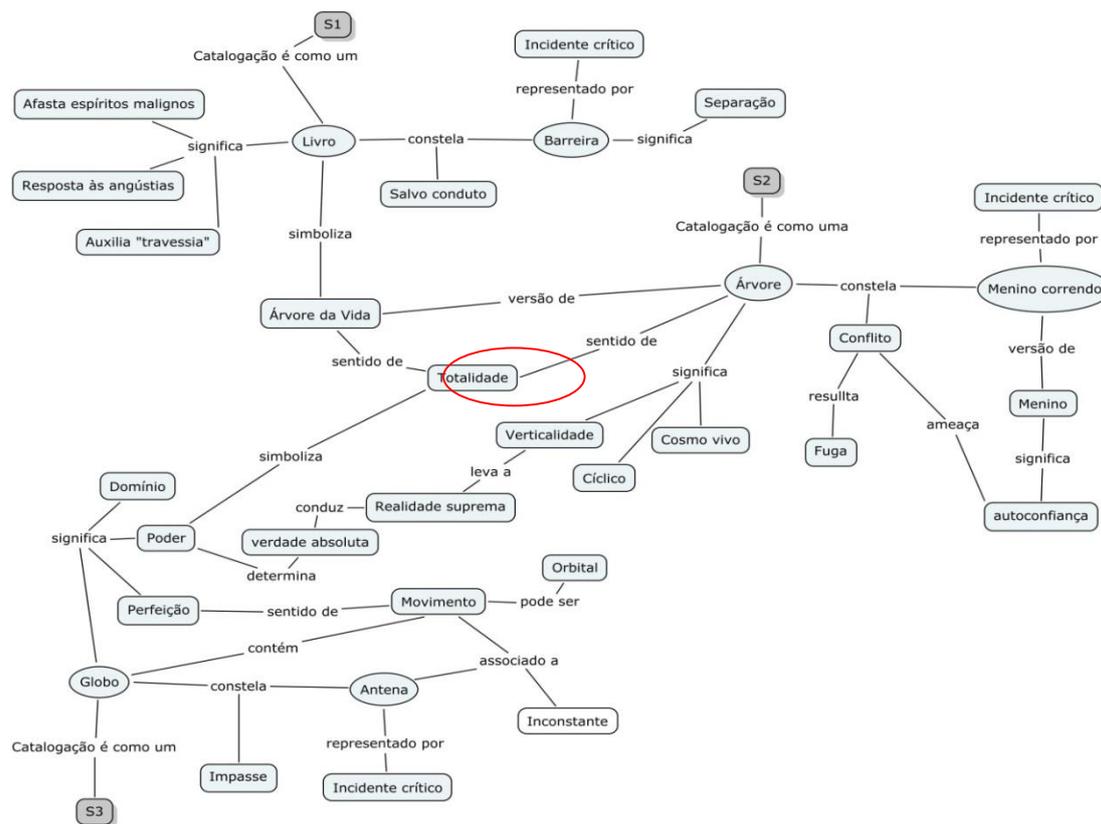
Fonte: Dados de pesquisa

5. Discussão

Partiu-se, nas análises, da convicção representada pela fala de Chevalier e Gheerbrant (2008, p. XII), de que os símbolos constituem o cerne da vida imaginativa, revelando segredos do inconsciente e traduzindo o esforço dos indivíduos em “decifrar e subjugar um destino que lhe escapa através das obscuridades que o rodeiam”. Assim, a interpretação simbólica tanto das representações da atividade de catalogação quanto do incidente crítico relatado possibilitou a criação de uma rede de significados (Figura 5). Numa perspectiva amplificadora, cujo cerne se encontra na interpretação da catalogação como uma atividade que tem em si

um aspecto de completude, verifica-se que, apesar de ser construído sob os olhares e caminhos diferentes, cada entrevistado considera que o resultado de seus trabalhos como catalogadores tem um caráter de verdade “incontestável”. Esse entendimento permite compreender todos os demais aspectos envolvidos no exercício da atividade e nas decisões tomadas relacionadas a este tema.

Figura 5 - Rede interconectada de símbolos e significados



Fonte: Dados de pesquisa

Condensando as análises realizadas na pesquisa relativas à manifestação simbólica contida nessa expressão simbólica e afetiva, que ratifica o entendimento apresentado acima acerca do sentimento de satisfação e completude em relação ao papel de catalogador, considera-se relevante a apresentação *in verbis* de uma das interpretações feitas por Araújo (2013, p. 79-80):

Segundo Cirlot (1984), a doutrina de *Mohyiddin ibn Arabi* – maior pensador da doutrina esotérica do “*Wahdat al wujud*” – propõe o universo como uma condensação do imenso livro escrito pela pena divina e que o universo transcendente do livro descende para tomar a forma do universo manifesto onde

o homem vive. Esse simbolismo, destaca o autor, é o mesmo que os Rosacruzes chamavam de *Liber Mundi* e o Apocalipse de *Liber Vitae*. Já Chevalier e Gheerbrant (2008) fazem referência ao livro (*Liber Mundi*) não somente como uma simbolização da relação/correspondência, via mensagem divina, do macrocosmo com o microcosmo, como também faz uma referência a versões da busca do Graal onde o livro seria uma representação do próprio Graal cuja busca seria a “procura da palavra perdida”, da sabedoria tornada acessível ao comum dos mortais. Neste caso, a conexão simbólica com a atividade de catalogação parece inquestionável. Os autores destacam ainda que enquanto o livro fechado representa a matéria virgem, o “livro aberto” representa a matéria fecundada. Ou seja, enquanto o livro permanece fechado, o mesmo conserva seus segredos, já quando é aberto seu conteúdo é tomado por quem o investiga. Não seria essa a essência da atividade de catalogação? Tornar abertos os livros para permitir que os investigadores tenham acesso às suas mensagens? Ainda fazendo referência aos autores retro mencionados, cabe à catalogação repetir o trabalho dos alquimistas que, através de suas operações sucessivas, abrem os selos e as fitas que fecham o *Grande Livro da Natureza* e permitem que a matéria prima seja extraída da mina e trabalhada. Para que isso ocorra é necessário que, dos conteúdos intrínsecos dos livros, seja retirada sua essência de modo que possam ser representados fielmente.

Esta atividade encontra analogia no sentido de verticalidade da árvore, apresentado por Chevalier e Gheerbrant (2008, p.84), que coloca em comunicação os três níveis do cosmo: o subterrâneo, a superfície e as alturas. No processo de catalogação, esses níveis podem ser refletidos, respectivamente, no texto do livro, nos termos atribuídos e no usuário da informação: por meio das raízes se acessa as profundezas onde se enterram as essências; na superfície da terra o tronco, representação visível da estrutura, vai levar aos galhos e folhas a seiva (informação) necessária para saciar e atender a necessidade daqueles que estão no final do processo. Ela estabelece, assim, uma relação entre o mundo ctoniano – situado nas cavidades da terra – e o mundo uraniano – celeste, solar – e reúne todos os elementos.

A finalização desse ciclo completo remete ao significado contido no globo que, por sua forma esférica, corresponde à plenitude da realização. Seu aspecto circular é associado às propriedades simbólicas da perfeição e homogeneidade, atributos que se espera que a atividade de catalogação compreenda, que é a perfeita representação do livro e uma codificação que traduza de maneira homogênea e fiel seu conteúdo. Na tradição grega, em especial em Parmênides e nos textos órficos, as esferas são utilizadas para representar dois mundos: o mundo terrestre e o Outro-Mundo, sendo a morte responsável por fazer passar de uma esfera a outra. Também nesse sentido a catalogação pode ser vista como representativa da passagem de um mundo do conteúdo para um mundo de conceitos, no qual o primeiro é “abandonado/eliminado” após a inserção no novo mundo que passará a representar o mundo desejável.

Cabe ressaltar, contudo, conforme alertam Chevalier e Gheerbrant (2008), que as análises não devem se esgotar na mera interpretação dos significados latentes, visto que as palavras são incapazes de expressar todo o valor de um símbolo. Desta forma, é recomendável o cuidado

de não encerrar em estreitos limites todas as dimensões descortinadas pela interpretação simbólica devendo-se ampliá-la com outras técnicas.

Nesta perspectiva foi utilizado na pesquisa o Teste Arquetípico de Nove Elementos, técnica que considera a análise dos dados sob o crivo das *Estruturas Antropológicas do Imaginário* de Gilbert Durand (1997). O teste permitiu encontrar indícios que revelam como se deu o processo informacional, subjetivo e afetivo envolvido na atividade executada e identificar os micro-universos míticos de cada indivíduo e suas relações com os comportamentos informacionais adotados, permitindo compreender o porquê dos resultados diferenciados na execução da atividade de análise de assunto.

No caso de S1 seu perfil, identificado como Místico, é caracterizado como um universo positivo com um cenário de vida e ação pacífica do personagem cuja preocupação é construir um todo harmonioso no qual a angústia não tenha como entrar. Neste perfil, os nove elementos se integram funcionalmente conseguindo uma constelação simbólica perfeitamente isomórfica. Na perspectiva analisada, considera-se S1 como um indivíduo que procura disfuncionalizar a ameaça trazendo-a para seu universo controlado e submetendo-a a sua experiência como alternativa para neutralizar a angústia. Considera-se, assim, que seu perfil direciona suas atitudes no processo de tratamento informacional e verifica-se que os termos selecionados na atividade de análise de assunto acabam por fechar um ciclo “perfeito” que, visão do pesquisado, é atender ao usuário (Figura 6).

Figura 6 - Micro-universo de S1 e ações decorrentes

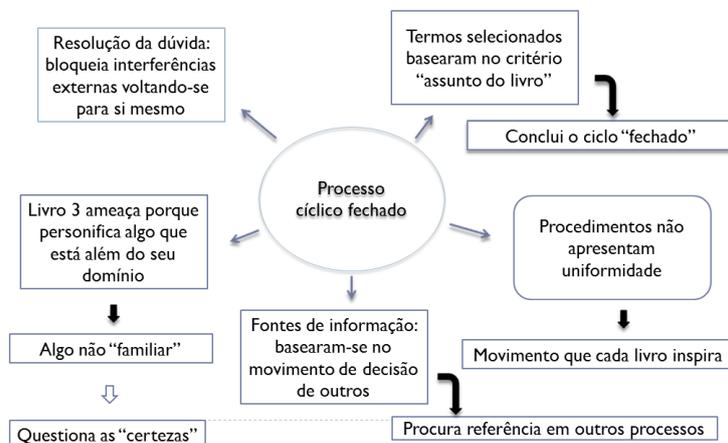


Fonte: Araújo (2013, p.111)

A identificação do perfil de S2 como “Sintético Simbólico de forma Diacrônica de Evolução Cíclica” considera a existência de uma formulação filosófica da angústia humana de frente para o mundo e a elaboração de mecanismos de defesa destinados a dominar o problema do tempo percebido pelo caminho diacrônico da existência humana. O desenho mostra um padrão cíclico em torno do qual vários elementos são mostrados individualmente ou sob a forma de subconjuntos sequenciais e cada uma das representações é justificada pelo seu significado alegórico em um conjunto mítico estruturado pelo padrão de conduta cíclico da vida humana.

Neste perfil, o movimento cíclico é traduzido pelo “eterno retorno”, o que permitiu caracterizar o pesquisado por sua postura fechada para decidir, atitude que torna seu processo decisório bloqueado a interferências externas, sendo esse modo de se proteger sua forma de lidar com os desafios da decisão (Figura 7). Os termos selecionados na atividade de análise de assunto seguiram a conduta de procurar em um ambiente interno – ou seja, no próprio livro – a resposta à atividade, mantendo nessa postura o ambiente hermético.

Figura 7 - Micro-universo de S2 e ações decorrentes



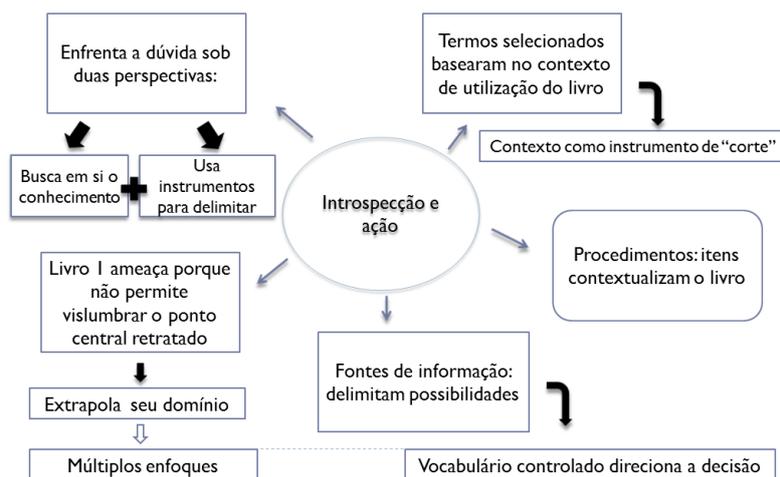
Fonte: Araújo (2013, p.112)

Em relação a S3, seu perfil, caracterizado como Sintético Existencial Diacrônico, considera que o indivíduo vive dois episódios existenciais sucessivos: vida pacífica / batalha vitoriosa ou vice-versa. Esta ação é vista na representação feita pelo entrevistado no episódio de ida ao refúgio após uma decisão tomada, bem como na postura de enfrentamento da cobra, situações que ocorrem de forma sucessiva, mas desvinculada uma da outra, configurando-se como dois

cenários distintos. Esses duplos universos existenciais mostram a coexistência das polaridades heroico e mística e permite inferir que, para enfrentar a angústia, S3 se recolhe ao refúgio para amparar sua decisão para, em seguida, enfrentar a dúvida com os instrumentos de que dispõe.

Foi possível inferir que esse perfil caracteriza S3 como um indivíduo que busca lidar com a decisão sob duas perspectivas: volta-se para si para encontrar respostas e, em seguida, parte para uma postura de enfrentamento da dúvida e decidir (Figura 8). Na atribuição de termos, o pesquisado “assumiu”, pelo seu conhecimento, o processo de análise, mas, na hora de decidir, utilizou um instrumento externo capaz de referendar de forma pragmática sua decisão.

Figura 8 - Micro-universo de S3 e ações decorrentes



Fonte: Araújo (2013, p.113)

6. Conclusão

A análise dos aspectos subjacentes aos comportamentos informacionais não é um processo simples, pois compreender o que motiva as atitudes e decisões envolve fatores que muitas vezes não se encontram na esfera consciente. Desta forma, as técnicas e métodos adotados, que utilizaram perspectivas simbólicas e afetivas, permitiram observar que os aspectos subjetivos – mesmo em um processo que tem uma metodologia estruturada e formalizada como é o caso da análise de assunto – são responsáveis por resultados diferenciados no desempenho desta atividade. Isto ocorre porque a tomada de decisão envolvida nesse

processo não carrega em si apenas aspectos racionais, mas é perpassada pela história de vida, estruturas mentais e perfis psicológicos que resultam de uma confluência de fatores influenciados por circunstâncias que não estão palpáveis ou explícitas no comportamento consciente do indivíduo.

Na análise dos micro-universos dos entrevistados, as evidências sugerem que as formas particulares de decidir estão relacionadas a que tipo de desafio a tomada de decisão representa para cada um. Percebeu-se que as atitudes dos indivíduos são determinadas pela forma destes significarem o mundo, perspectiva que foi evidenciada pelo entrelaçamento do micro-universo de cada entrevistado com as atitudes e comportamentos informacionais adotados. Estas constatações indicaram a necessidade de se estabelecer critérios mais claros e diretrizes mais precisas de modo a possibilitar parâmetros mais eficazes para orientar a execução da atividade de análise de assunto. Acredita-se que um processo de tratamento informacional balizado em critérios que observem a subjetividade como fator intrínseco à atividade irá culminar em uma recuperação de informação mais precisa contribuindo para que o usuário tenha atendida sua demanda informacional de forma satisfatória.

A adoção desta perspectiva simbólica em estudos de comportamento informacional mostrou-se satisfatória e promissora. Espera-se, assim, que esta pesquisa possa difundir a possibilidade de estudos alternativos sobre comportamento informacional ampliando, desta forma, as interfaces da Ciência da Informação com outras áreas de conhecimento contemplando as prerrogativas interdisciplinares desta Ciência.

7. Referências Bibliográficas

ARAÚJO, A.F.; Magalhães, J.; & Araújo, J. M. (2001). História, educação e imaginário. *Atas do V Colóquio de História, Educação e Imaginário*. Universidade do Minho. Braga, Portugal

ARAÚJO, E. P. O. (2013). *Tomada de decisão organizacional e subjetividade: análise das dimensões simbólico-afetivas no uso da informação em processos decisórios*. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

BARBOSA, R. R. (2006). *Uso de fontes de informação para a inteligência competitiva: um estudo da influência do porte das empresas sobre o comportamento*

informacional. *Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon.* Ci. Inf., Florianópolis, n. esp. Recuperado em julho de 2017 de <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2006v11nesp1p91/388>.

BOURDIEU, P. (1998) . *O poder simbólico*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil

CEMIN, A. B. (2001). Gênero e imaginário. *Revista eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário*. Ano I, 3

CHEVALIER, J.; & Gheerbrant, A. (2008). *Dicionário de símbolos*. 22 ed. Rio de Janeiro: José Olympio

COUTINHO, L. F.; Araújo, C. A. A. (2010). A indexação nas áreas do conhecimento: uma comparação das áreas de ciências exatas e da terra, das ciências humanas e da linguística, letras e artes. Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro. XI ENANCIB.

DURAND, G. (1997). *As estruturas antropológicas do imaginário*. Martins Fontes. São Paulo.

DURAND, Y. (1988). *L'exploration de L'imaginaire: Introduction à la modélisation des Univers Mythiques*. L'espacebleu. Paris

DURAND, Y. (2001). *Quel imaginaire pour quelles perspectives éducatives*. In: ARAUJO, A.F.; MAGALHAES, J.; ARAUJO, J. M. História, educação e imaginário. Atas do V Colóquio de História, Educação e Imaginário. Universidade do Minho. Braga, Portugal

FLANAGAN, J. C. (1973). A técnica do incidente crítico. *Arquivos brasileiros de Psicologia Aplicada*, 25(2)

KOBASHI, N. Y. (1994). *Elaboração de informações documentárias: em busca de uma metodologia*. Tese. Universidade de São Paulo. São Paulo. Brasil

MalVEZZI, S. (2008). Crescimento profissional – um passo além das habilidades profissionais. *Revista Marketing Industrial* 42

MALVEZZI, S. (2010). Desenvolva sua carreira. Entrevista. *Revista Você S.A.*

MINAYO, M. C. S. (2011). *O desafio da pesquisa social*. In Deslandes, S.F.; Gomes, R.; Minayo, M. C. S. (org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 30 ed. Petrópolis: Vozes

NAVES, M. M. L. (1996). Análise de assunto: concepções. *Revista Biblioteconomia*. Brasília, 20 (2), pp.215-226

OLIVEIRA, T. M. V.(2001). Amostragem não probabilística: adequação de situações para uso e limitações de amostra por conveniência, julgamento e quotas. *Administração online*, 2 (3), Recuperado em 25/07/2017 de http://www.fecap.br/adm_online/art23/tania2.htm

- OLIVEIRA, G. P.; & Maia, L. S. L. (2008). Estudo do universo imaginário de professores de matemática: uma análise a partir da teoria de Gilbert Durand. Recuperado em julho de 2017 de <http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT19-4798--Int.pdf>
- PAULA, C. P. A. (1999). *Informação e psicodinâmica organizacional: um estudo teórico*. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Brasil
- PAULA, C. P. A. (2011). Dimensões simbólicas e afetivas do uso da informação: uma análise das comunicações entre professores do departamento de psicologia de uma instituição de ensino superior pública brasileira. Brasília. *Anais*. Brasília. XII ENANCIB
- PAULA, C. P. A. (2012). Proposta de metodologia para a investigação do comportamento de busca informacional e do processo de tomada de decisão dos líderes nas organizações: introduzindo uma abordagem clínica na informação. Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro. XIII ENANCIB.
- TASSARA, E. T. O. & Rabinovich, E. P. (2001). *A invenção do urbano e o poético: uma cartografia afetiva – Estudo sobre o bairro paulistano da Barra Funda*. In Tassara, E. T. O. (Org). *Panoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano*. pp.211-267. São Paulo: Educ; Fapesp.
- TAYLOR, R. S. (1986). *Value-added processes in Information Systems*. New Jersey: Ablex publishing corporation

A força do imaginário: apego, vínculo e identidade acadêmica como potencializadores da relação com os egressos

The imaginary strength: attachment, link and academic identity as potentializers of the relationship with the alumni

Tatiana Pereira Queiroz

Escola de Ciência da Informação
Universidade Federal de Minas Gerais
tattyqueiroz@gmail.com

Cláudio Paixão Anastácio de Paula

Escola de Ciência da Informação
Universidade Federal de Minas Gerais
claudiopap@hotmail.com

Resumo

O propósito deste artigo é discutir o papel das dimensões simbólicas e afetivas das interações comunicacionais na sustentação da identificação, do apego, do vínculo e do envolvimento dos egressos com as suas instituições de educação superior (IES). Neste trabalho, considerar-se-á esses elementos como material basilar para a construção da *Alma Mater* de uma instituição. Parte-se do pressuposto que a relação entre pessoas, símbolos e contexto emocional é muito importante na construção e na manutenção de identidades frente às adversidades e aos desafios que marcam o período de formação. Considerando que esses desafios são um prenúncio de inúmeros outros que o discente irá enfrentar em sua vida fora dos muros da instituição, o ambiente acadêmico torna-se o ambiente ideal para que esses estudantes se preparem para enfrentá-los. Ao se reavaliar parte dos dados de uma pesquisa de natureza quantitativa sob essa nova

Abstract

The purpose of this article is to discuss the role of the symbolic and affective dimensions of the information-communicational interactions in identification, attachment, bonding and involvement of the students with their institutions of higher education. In this work, these elements will be considered as basic material for the construction of the Alma Mater of an institution. It is assumed that the relationship between people, symbols and emotional context is very important in the construction and maintenance of identities in the face of adversities and the challenges that that characterize the period of education. Considering that these challenges are a harbinger of countless others that the student will face in their life outside the walls of the institution, the academic environment becomes the ideal space for these students to be prepared to face them. When reassessing part of the data of a quantitative study under this new perspective, the authors sought to highlight them

ótica, buscou-se destacá-los como uma indicação da relevância de se estimular a construção de uma proposta de ampliação das interações entre as IES e seus egressos pela via do imaginário. Caso essa proposta se torne capaz de perenizar uma representação positiva da escola na experiência existencial do estudante, imagina-se que, futuramente, essa representação será capaz de sustentar a manutenção da conexão dele, na condição de egresso, com a instituição de ensino. Os indícios avaliados sugerem que os componentes simbólico-afetivos são elementos constitutivos essenciais às representações responsáveis pela transformação do espaço burocrático de ensino-aprendizagem em espaço orgânico que possibilite ao indivíduo transcender a consciência da sua própria finitude e vincular-se, pela via do simbólico e do imaginário, a um projeto de ensino, pesquisa e extensão.

Palavras-chave: Informação e relacionamento com egressos. Símbolos. Identificação organizacional. Vinculação e apego.

as an indication of the relevance of stimulating the construction of a proposal to expand the interactions between institutions of higher education and their graduates via the imaginary. If this proposal becomes capable of perpetuating a positive representation of the school in the existential experience of the student, it is proposed that, in the future, this representation will be able to sustain the connection of this student, already in the condition of alumni, with the teaching institution. The evidences evaluated suggest that the symbolic-affective components are essential constituent elements to the representations responsible for the transformation of the bureaucratic space of teaching-learning in an organic space that allows the individual to transcend the consciousness of his own finitude and to be linked, through the path of the symbolic and the Imaginary, to a project of teaching, research and extension.

Keywords: Information and relationship with alumni. Symbols. Organizational identification. Binding and attachment.

1. Introdução

Relacionamento com egressos não é, infelizmente, um aspecto bem estabelecido na tradição educacional brasileira. Diferentemente de outros países, como os Estados Unidos e alguns países europeus, o acompanhamento do egresso tanto para se conhecer a sua trajetória profissional após formação quanto o acompanhamento social para reforçar os vínculos e a identificação com a instituição de origem para incentivar a cultura do retorno e da retribuição, não é uma conduta praticada pela maioria das Instituições de Educação Superior (IES) brasileiras. Nesse cenário, ainda mais rara é a percepção do papel preponderante das dimensões simbólicas e afetivas na sustentação dessas identificações. Mesmo quando cultura e vínculo são mencionados eles o são dentro de uma perspectiva rasa e tratados de maneira periférica, quase como um efeito colateral de uma política de gestão bem executada.

Atualmente, o interesse no acompanhamento socioprofissional dos egressos, talvez promovido por força de cobranças externas, está se tornando a pauta do dia nas IES brasileiras. Com a promulgação da Lei 10.861 de 14/04/2004, conhecida como SINAES, a necessidade da manutenção do relacionamento com egressos foi vislumbrada ao agregar o

acompanhamento desse público nas avaliações das IES realizadas pelo Ministério da Educação (MEC). Isto é, ainda que forçosamente, nos últimos anos, essas instituições começaram a se preocupar com seus ex-alunos, público até então pouco lembrado após o rompimento do vínculo formal com a IES.

Diante de um contexto de mudanças internacionais, em que as condições econômicas vêm sofrendo mudanças contundentes e os modos de organização do trabalho exigem uma ligação estreita entre formação e competências profissionais, as IES precisam se preocupar em se adequarem a essa nova realidade. A sociedade do conhecimento confirma a velocidade em que as mudanças vêm ocorrendo, em especial, no âmbito de inovações tecnológicas que, por sua vez, influenciam diretamente nas relações socioeconômicas e na organização do mundo do trabalho. Desse modo, as universidades precisam garantir a seus alunos a aprendizagem ao longo da vida, e não apenas uma formação que se encerre com o término da graduação.

De acordo com De Botton (2011):

Ao mesmo tempo em que as universidades conquistaram uma competência sem paralelos na transmissão de informação factual acerca da cultura, elas permanecem de todo desinteressadas em treinar os estudantes para usá-la como repertório de sabedoria – com esse último termo referindo-se a um novo tipo de conhecimento relacionado a coisas que não são verdadeiras, mas intrinsecamente benéficas, um conhecimento que se prova reconfortante para nós quando confrontados pelos infinitos desafios da existência. (DE BOTTON, 2011, p. 92)

Ademais, as mudanças no mercado de trabalho têm gerado alterações nas relações trabalhistas no que tange à uma maior mobilidade e flexibilidade, planos de carreira e de trabalho não padronizados e, como consequência disso, a empregabilidade tornou-se um requisito essencial para a aquisição e a manutenção de uma atividade profissional no mundo do trabalho.

Desse modo, a IES para conseguir realizar um acompanhamento socioprofissional de seus egressos, deve, primeiramente, reforçar os laços, os vínculos e a identificação com seus ex-alunos. Esse seria um primeiro passo para favorecer a cultura do retorno à universidade e, assim, facilitar o acompanhamento após a conclusão da formação.

A pesquisa que serviu de base para o presente estudo (QUEIROZ, 2014) é a análise de uma tentativa desenvolvida no sentido dessa aproximação. O estudo investigou como os sistemas de informação podem ser aperfeiçoados com o objetivo de facilitar a gestão dos dados dos

egressos de instituições de ensino com a finalidade específica de aprimorar a conexão entre eles. Analisando o ambiente do programa de egressos da Universidade Federal de Minas Gerais, o “Sempre UFMG”, o estudo original utilizou como método de coleta de dados um *survey* eletrônico com uma amostra de 1.445 ex-alunos respondentes. Este estudo, no entanto, não irá se dedicar a avaliar esses dados dessa instituição em particular, mas, baseando-se em parte desse volume maior de achados, discutir de uma forma mais ampla o papel das dimensões simbólicas e afetivas das interações infocomunicacionais na sustentação da identificação, do apego, do vínculo e do envolvimento dos egressos com as suas instituições de origem. Ampliar-se-á aqui, o conceito de interações infocomunicacionais do contato virtual feito pelos canais institucionais para todas as interações estabelecidas entre as instituições e os seus alunos e egressos. Com base nesses aspectos, o presente artigo se sustenta sobre a noção de que identificação, vínculo/apego e papel do egresso de uma IES se constituem a base de sua *Alma Mater*¹.

Esse olhar tem a vantagem de “privilegiar a relação teleológica dos símbolos com o homem na cultura (tendo como o eixo geral a imaginação), e o processo simbólico que é subjacente ao contexto emocional dos fenômenos humanos” (PAULA, 2005, p.25). Desse modo, pretende-se demonstrar “que essa relação teleológica entre o homem, seus símbolos e o contexto emocional será de grande valor na construção e manutenção de identidades frente a ambientes agressivos ou mutantes” (PAULA, 2005, p. 25) como o que circunda – com suas ameaças de corte de recursos, sucateamento e privatização – a educação superior brasileira no final da segunda década do século XXI.

Nesse caminho, a possibilidade de reconhecer construções do imaginário “como entidades vivas de uma cultura, criando condições de interpretá-los em termos não mecânicos [...] se for mantida uma relação íntima com a realidade desses universos” (PAULA, 2005, p.71) cria “a possibilidade de se reelaborar as formas como são solucionados os dilemas míticos em uma sociedade ou organização e, fazendo isso, ir em direção a uma experiência vital mais saudável dessa mesma coletividade” (PAULA, 2005, p.71).

¹ *Alma mater* é uma expressão de origem latina que pode ser traduzida como “a mãe que alimenta ou nutre”. Atualmente, o termo é utilizado para referir-se à universidade em que uma pessoa realizou seu curso de graduação.

Nesses termos falar “da” e “para” a *Alma Mater* implica em adotar uma nova forma de linguagem, nos dizeres de Hillman (1993):

[...] é falar de um modo renascentista, florentino, seguindo o exemplo de Marcílio Ficino, que foi o primeiro a colocar a alma num ponto central, uma visão que não exclui nada dos interesses do mundo, porque a psique inclui o mundo – há alma em todas as coisas. Cada coisa de nossa vida urbana constituída tem uma importância psicológica. (HILLMAN, 1993, p.9)

Em outros termos, falar da importância psicológica das relações estabelecidas dentro da universidade e das formas possíveis de cultivar a alma a partir delas.

O que se postula aqui é que – longe da percepção de que uma cultura de retribuição e um vínculo identitário vigoroso sejam apenas consequência de uma gestão competente – será a tessitura simbólico-afetiva que sustenta as representações que a universidade irá alcançar no imaginário de seus integrantes a responsável por esse efeito. Dito de outro modo: serão essas representações as responsáveis pelas imaginações que irão transformar um espaço burocrático de ensino-aprendizagem em um organismo vivo que possibilite ao humano transcender a consciência da sua própria finitude em um projeto de ensino, pesquisa e extensão capaz de perenizar a existência humana.

Para que isso seja possível será necessário percorrer um caminho que flua dos dados e reflexões aos quais se está habituado recorrer na discussão das “questões dos egressos” até um projeto “não esquemático, flexível, que privilegie a associação de tipos ideias de inspiração weberiana para arquétipos, símbolos e mitos com a quantificação das obsessões” (CAVALCANTI; CAVALCANTI, 2015, p.70) onde os dados, mesmo quantitativos, possam ser lidos sob outro olhar.

Em termos práticos, o presente artigo se propõe a expandir o núcleo teórico que sustentou a investigação de Queiroz (2014) e reavaliar parte dos achados advindos dela como uma indicação da relevância de se estimular a construção de uma proposta de ampliação das interações entre as IES e seus egressos pela via do imaginário.

2. Identificação organizacional

A teoria da identificação social, trabalhada por Fred Mael e Blake E. Ashforth em um experimento desenvolvido com egressos de uma instituição de ensino que investigou a

relação desses alunos com a sua *Alma Mater*, serviu como base para a análise da identificação organizacional em instituições em geral e tem como fundamento a existência de um sentimento de pertença dos indivíduos a um grupo de classificação (MAEL; ASHFORTH, 1992) – ou, melhor dizendo, segundo essa teoria o indivíduo percebe a si mesmo como um membro real ou simbólico do grupo ("eu sou um homem", "eu sou um fã do time de futebol local").

Na teoria da identificação social, a autoimagem é composta por uma identidade pessoal, englobando características idiossincráticas, como habilidades e interesses, e uma identidade social, abrangendo classificações de grupo proeminentes (TAJFEL; TURNER, 1985 apud MAEL; ASHFORTH, 1992). Os indivíduos tendem a classificar a si e aos outros em vários grupos sociais, como membros da organização, gênero e faixa etária. A classificação permite aos indivíduos a ordenação do ambiente social e a localização de si e dos outros dentro dele. A teoria sustenta que os indivíduos definem uma classe de acordo com as características prototípicas atribuídas ou abstraídas dos membros do grupo (TURNER, 1985 apud MAEL; ASHFORTH, 1992). Mediante a identificação social, o indivíduo se percebe como psicologicamente entrelaçado com o destino de um grupo, partilhando e experimentando seus sucessos e fracassos (TOLMAN, 1943 apud MAEL; ASHFORTH, 1992). Com base nesta perspectiva, a identificação organizacional é uma forma específica de identificação social, em que o indivíduo define a si mesmo, em termos de sua participação em uma organização em particular. A força da identificação organizacional depende da percepção do indivíduo sobre a atratividade de ser um membro da organização, sendo que a atratividade é percebida em termos do autoconceito do indivíduo.

Para descrever como ocorre a identificação em instituições de ensino, Mael e Ashforth (1992) abordam pressupostos organizacionais e individuais para a criação da identificação. Um pressuposto organizacional que pode ser relacionado com a identificação citada na pesquisa é o prestígio atribuído à instituição de ensino (MARCH; SIMON, 1958 apud MAEL; ASHFORTH, 1992). A justificativa para o aumento dessa identificação vem do fato de que ocorre um alinhamento do indivíduo com a instituição. Ao se identificar com um grupo o indivíduo incorpora à sua autopercepção as características do grupo – em outras palavras, o indivíduo se identifica com um grupo para aumentar a autoestima. Quanto mais prestigiada a organização, maior o impulso potencial de autoestima mediada pela identificação.

Outro pressuposto organizacional citado por Mael e Ashforth (1992) refere-se à competitividade entre instituições, que pode ser considerada positivamente associada com a identificação. Esse espírito de competitividade pode acender um sentimento de união entre os alunos. De outro lado, a competitividade entre grupos de uma mesma instituição pode estar relacionada negativamente com a identificação, uma vez que pode reduzir a coesão entre os alunos.

Alguns dos pressupostos individuais citados na pesquisa estão relacionados com o tempo de permanência na instituição e o tempo de saída da mesma, sendo que o primeiro é positivamente e o segundo negativamente relacionado com a identificação. Quanto mais tempo o aluno permanecer na IES, maior será a identificação dele com a organização. Entretanto, quanto maior o tempo de desvinculação do aluno com a instituição, menor o sentido de destino compartilhado e o sentimento de pertença ao grupo. Esses dois pressupostos levariam a um terceiro, que sustenta que quanto maior o número de instituições de ensino frequentadas pelo aluno, menor a identificação, o que poderia ser provado, segundo os autores, por pesquisa de Spaeth e Greeley (1970 apud MAEL; ASHFORTH, 1992), que descobriram que a quantidade de contribuições financeiras para uma faculdade específica foi inversamente relacionada com o número de faculdades frequentadas.

Ainda sobre os pressupostos de identificação individuais, os autores citam a relação com o mentor. O aluno que apresentar relação mais estreita com um membro do corpo docente terá maior identificação organizacional. Essa relação remete ao pensamento levantado por Samuels (2002, p. 97), quando este descreve o seu conceito de “liderança suficientemente boa”. Segundo o autor, existem formas de liderança que tem o potencial de inspirar posturas de maior participação e cidadania nos indivíduos, essas formas são caracterizadas por despertar nos indivíduos a construção de representações não heroicas de liderança que possam inspirar emocional e psicologicamente as pessoas. Deve-se esclarecer, entretanto, que essa concepção remete à teoria de Donald Winnicott de que os pais, após tentarem atender aos desejos e às fantasias onipotentes de seus bebês, reconhecem que a perfeição não existe. Será desapontando seus filhos que os pais introduzirão suas crianças na verdadeira realidade da vida. Samuels (2002), apropriando-se dessa percepção, faz a sua transposição para a política, especialmente para a questão da liderança. A proposta desse pensamento do autor discute a formação de cidadãos independentes que não se fixariam na ideia de

perfeição, idealizando seus líderes, muito menos na ideia do fracasso deles, o que provocaria a difamação desses líderes, sendo que ambos os caminhos acarretariam a falta de atitude por parte do cidadão. O caminho do meio seria aquele que contribuiria para a formação de cidadãos não acomodados diante do processo político. Desse modo, uma “humanização” ou “des-heroicização” dos líderes obrigaria os indivíduos a assumirem uma postura ativa diante das faltas ocasionadas pela falibilidade das “autoridades” e a se tornarem mais ativos e atuantes na comunidade chamando para si parte da responsabilidade pela sobrevivência e pelo sucesso futuro dessa coletividade. Para que isso aconteça no cotidiano, seja na paternidade ou nas relações de liderança, torna-se necessário construir uma relação próxima o bastante entre filhos ou liderados e pais ou líderes. Isso é necessário para que os primeiros possam observar de perto os erros e os acertos dos segundos. É dessa proximidade criativa que se fala quando se remete à relação com os mentores.

Em outras palavras, ao tomar o mentor (professor, orientador ou supervisor) como líder e, simultaneamente, por causa de proximidade da relação, “des-idealizá-lo”, enxergando-o como um modelo humanizado (uma humanização desse herói), seria possível estabelecer-se uma “passagem do bastão”. Nessa passagem o aluno/orientando/supervizando encontraria espaço para crescer psicologicamente, amadurecendo e, futuramente, capacitar-se a assumir um lugar semelhante ao ocupado pelo seu preceptor e encontrar formas de contribuir, ele próprio para a organização. Esse desdobramento – que acena para o prosseguimento da produção criativa do conhecimento em outras arenas – tem potencialidade para criar um egresso maduro, engajado e que cultive não somente uma memória afetiva com a instituição como também um engajamento com seu destino.

Nesse sentido, o mentor – ao atuar como guia que auxilia na consecução de uma tarefa – reproduz o gesto de Mentor, personagem da *Odisséia* de Homero que tem papel preponderante na formação de Telêmaco, o filho de Ulisses. Mentor, segundo Brandão (1999) não somente administra os bens de Ulisses durante a guerra, mas também assume o lugar de professor do garoto e, cedendo sua imagem à Atena, envia o jovem herdeiro em uma peregrinação em busca do pai desaparecido e o salva da sanha assassina dos pretendentes ao trono. Será essa jornada que irá preparar o jovem Telêmaco para a luta que ele irá empreender ao lado do pai e que irá garantir que ele possa garantir a restituição do seu lugar de direito.

Na realidade acadêmica, de forma análoga, a proximidade com o mentor, irá criar a possibilidade de ele ser humanizado (SAMUELS, 2002) e, a partir dessa sua conversão num modelo “suficientemente bom”, o orientando/aluno/supervisionando se capacitará a ocupar a posição de partícipe “suficientemente bom” (SAMUELS, 2002) no cotidiano na instituição. Uma “cidadania” institucional “suficientemente boa”.

De outro lado, a figura do mentor pode também provocar uma reação contrária, caso este não esteja de fato auxiliando e guiando seu aluno ou orientando nas dificuldades enfrentadas ao longo do processo formativo. Em um tempo de cobranças por produtividade, prazos, publicações e premiações, os orientadores/mentores – especialmente na pós-graduação – são essenciais para aliviar a carga de pressão sofrida pelos seus orientandos, que, por vezes, chegam a adoecer em consequência do estresse prolongado. Contudo, quando há o contato mais próximo do orientador com o seu orientando, os impactos negativos dessas pressões são atenuadas e, a partir dessa proximidade, um vínculo mais forte é formado. É nessa direção que aponta o relato de aluna do mestrado da área da saúde de uma grande universidade pública brasileira:

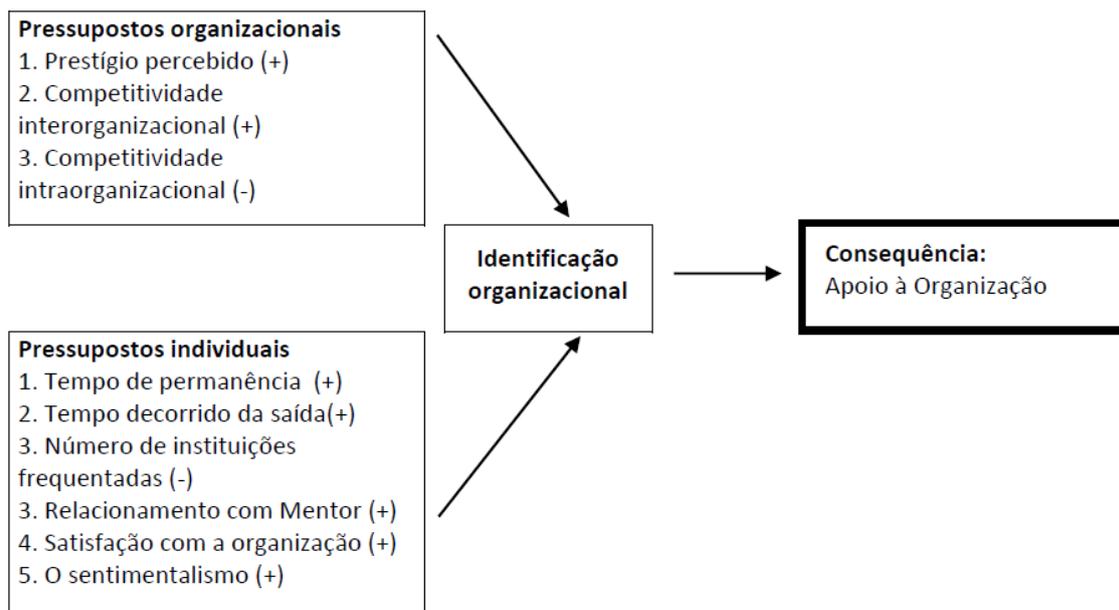
Tive um problema no início do projeto, porque um lugar de que eu dependia para a pesquisa entrou de férias por um período longo, e isso me deixou muito angustiada, pois atrasaria meu trabalho. Comecei a ter refluxo, dores intensas nas costas e nódulos tensionais. Isso me exigiu quatro meses de terapia e medicamentos para tratar o refluxo, relatou. Ela conta que o processo de adoecimento foi revertido com auxílio da orientadora, que ajudou a dar outros rumos à pesquisa, com estabelecimento de novos prazos (LOPES, 2017)

Retornando à discussão, outra conjectura mencionada pelos autores é a questão de a identificação estar vinculada à realização dos objetivos dos alunos, isto é, à contribuição da instituição na consecução dos objetivos pessoais dos estudantes (BULLOCK, 1952 apud MAEL; ASHFORTH, 1992). Por fim, os autores relatam o conceito de sentimentalismo como um pressuposto individual, sendo que este sentimento está vinculado à tendência de se reviver o passado; ou melhor, de ter laços emocionais, como preservar o prazer de discutir sobre o passado. Desse modo, pessoas com essa característica teriam mais propensão a desenvolver a identificação.

Em suma, a identificação social e organizacional apresenta os seguintes pressupostos, averiguados na pesquisa de Mael e Ashforth (1992): organizacionais – prestígio e competitividade interinstitucional; e individuais – tempo de permanência e de saída da

instituição, relação com um mentor, contribuição da IES na consecução dos objetivos pessoais dos alunos e sentimentalismo. Neste contexto, acredita-se que as instituições que conseguirem propiciar um ambiente adequado ao desenvolvimento desses pressupostos, provavelmente, terão alunos mais identificados e, por consequência, contarão no futuro com fiéis defensores e propagadores da marca da IES (FIGURA 1).

Figura 1 - Correlações propostas para identificação organizacional



Fonte: Adaptado de Mael e Ashforth (1992, p.107)

3. O papel do egresso das IES

McDearmon (2012) realizou pesquisa para validar os resultados encontrados na pesquisa feita por Mael e Ashforth (1992). Nesse estudo, o autor concluiu que a identificação organizacional foi significativamente relacionada com todos os pressupostos abordados na pesquisa desses autores – já citados no tópico anterior –, gerando, inclusive, contribuições financeiras para as universidades e aconselhamento para a captação de novos alunos. McDearmon (2012) utilizou um quadro teórico diferente dos outros dois autores, focando a discussão nos estudos do interacionismo simbólico. Ele abordou a questão do papel do egresso diante da sua instituição de ensino, isto é, a sua atitude ou conduta na posição/função de egresso perante a sua universidade, o que vai, segundo ele, moldar o seu comportamento social, uma vez que esse papel gera expectativas na comunidade envolvida.

Ele se utiliza da teoria do interacionismo simbólico que, segundo Stryker (2002 apud MCDEARMON, 2012), descreve o comportamento humano como um resultado dependente de classificações e que estas trazem expectativas que alimentam o comportamento de uma pessoa e definem uma diretriz para determinar interações sociais de um ambiente. Sendo assim, o interacionismo diz respeito à interação que acontece entre os seres humanos, e consiste no fato de que os homens interpretam as ações uns dos outros em vez de apenas reagir a essas ações. A resposta de um indivíduo a uma ação de outro é baseada no significado que o primeiro atribui a esta ação (BLUMER, 1986). Ainda de acordo com Stryker, o termo "posição" se refere a qualquer categoria socialmente reconhecida de atores, e o termo "papel" é usado para responder às expectativas que correspondem com a posição em questão. O papel dos alunos ou egressos em relação a sua instituição refere-se aos comportamentos dos indivíduos que ocupam essa posição.

Em síntese, as pessoas podem exercer vários papéis ou identidades a partir do momento em que há vontade para tal. Inclusive, em determinados momentos da vida social um papel pode se sobrepôr a outro, como é o caso do indivíduo que em idade escolar tem a sua identidade estudantil mais salientada. É esse trecho da teoria que toca a questão do vínculo do egresso com a sua IES e que pode ser promovido ou evidenciado, dependendo da escolha do indivíduo e das expectativas sociais. Entende-se, portanto, a importância do significado que surge dos relacionamentos entre os próprios egressos, e destes com a própria universidade. O papel de um indivíduo enquanto aluno e egresso é ressignificado em todo momento que ocorre uma interação entre as partes e, por conseguinte, pelo processo de interpretação promovida por essa interação.

4. O vínculo entre os jovens adultos no ensino superior

Bowlby (1969) e Ainsworth (1989), citados por Faria (2008), relatam as relações precoces que a criança desenvolve com as figuras parentais ou do cuidador. Os relatos desses autores falam de diversos movimentos baseados nas necessidades de segurança e proteção. Embora essa situação seja típica da infância, tal situação não é descartada entre os adultos, uma vez que "padrões de vinculação desenvolvidos na infância seriam relativamente estáveis ao longo do desenvolvimento e as relações afetivas próximas com os pares seriam o equivalente nos adultos às relações de vinculação na infância" (FARIA, 2008, p. 8).

Hollis (2002), complementarmente, afirma que, embora seja importante compreender as exigências da adultez para a vida individual, a qualidade dos relacionamentos depende diretamente da qualidade da relação dos indivíduos consigo mesmos e que esta, em geral, resulta da internalização das relações dessas pessoas com aquilo que o autor chama de seus “Outros Primordiais”, aqueles indivíduos com os quais os sujeitos estabeleceram suas primeiras relações de apego. Explica o autor:

Assim, transferimos continuamente a dinâmica de outros tempos e lugares para este momento, para esta relação. E os outros transferem sua história psicológica para nós. Dessa forma, nunca estamos livres da dinâmica do relacionamento, nem mesmo quando estamos sozinhos. Mas é difícil ficarmos sozinhos; quase todos nós passamos a maior parte da nossa vida, mais da metade do nosso tempo de vigília, relacionando-nos com estruturas coletivas familiares, profissionais e institucionais. Por isso, além de refletir sobre a natureza do relacionamento íntimo, é importante que analisemos também a dinâmica da vida coletiva (HOLLIS, 2002, p. 125).

Para o autor, as organizações e as instituições ativam padrões de comportamento que evocam a constituição individual das relações dos indivíduos com os pais e a autoridade. Desse modo, assim como a criança que, quando é atingida pela disparidade de poder entre ela e seu pai/mãe/cuidador, faz suas adaptações estratégicas e estabelece seus modelos de relações e vínculos futuros, o indivíduo adulto “transfere estratégias da história para o presente” (HOLLIS, 2002, p. 130). Para Hollis (2002), a projeção da autoridade parental para as instituições e suas figuras de liderança cria nos indivíduos a expectativa de que essa instituição será capaz de amá-los, de oferecer segurança e de atendê-los em suas necessidades emocionais. Após alertar sobre os aspectos negativos desse fenômeno, por exemplo, dependência excessiva às instituições, o autor sugere que quando uma instituição consegue fazer com que seus integrantes se sintam melhores em relação a si mesmos e aumentem seu senso de eu durante a relação, oferecendo-lhes oportunidades para administrar ansiedades que relembram passagens vividas na infância e para significar e organizar o mundo novo e assustador que lhes é apresentado, ela consegue ampliar a cosmovisão desses indivíduos. Essa ampliação da cosmovisão acaba aprofundando um vínculo com a instituição “doadora” dessas condições.

O autor ressalta que, embora “seja verdade que a função das organizações e universidades não é fazer o papel de Mãe, existe uma lacuna muito séria quando os que estão na cúpula não compreendem que sua própria sobrevivência depende até certo ponto do bem-estar dos que

dependem deles” (HOLLIS, 2002, p. 137). Nesse sentido, esse vínculo deve ser incentivado e, na visão do autor, ações como programas de assistência, relações com mentores e oportunidade de interação se configuram como uma boa alternativa no sentido de estabelecer um real senso de comunidade e um entusiasmo duradouro para com a instituição.

Segundo Hollis, a “busca de sentido é uma característica quintessencialmente humana. Ignorá-la é uma verdadeira tragédia” (HOLLIS, 2002, p. 140). Desse modo, para o autor, é preciso recuperar em todos os níveis de participação coletiva, criar oportunidades para os indivíduos construírem identidades fortes e, com apoio em uma significação profunda da sua experiência, oporem-se à despersonalização típica do envolvimento irrefletido com as instituições.

Tendo isso em vista, pode-se retornar à discussão sobre as tarefas e os compromissos assumidos pelos jovens recém-ingressados na vida adulta, que se tornam um desafio a esses indivíduos. O cenário dessa inserção pode ser assim sintetizado:

Na sociedade ocidental, a juventude é marcada por acontecimentos normativos como a transição para o ensino superior e o conseqüente afastamento da família nuclear, o estabelecimento num espaço próprio onde provavelmente pela primeira vez o jovem será responsável por si próprio, o desenvolvimento de relações íntimas com os seus pares, quer de caráter amoroso quer de amizade, o fim da educação formal e início da atividade profissional, e a parentalidade (CAVANHAUG, 2005; SCHAIE; WILLIS, 2002 apud FARIA, 2008, p. 9).

Desse modo, tornam-se muito importantes as relações interpessoais adquiridas no período do ensino superior, como a figura do mentor e dos amigos. Esses indivíduos e, no caso específico dos amigos, proporcionam busca de proximidade e fontes de conforto e segurança, caracterizando, assim, uma relação de vinculação, tão relevante na vida adulta (DOHERTY; FEENEY, 2004 apud FARIA, 2008). Essa importância da relação estabelecida com o mentor, com os amigos conquistados e com a própria instituição de ensino durante os anos de universidade torna-se ainda maior se for levada em consideração a proposição de Hollis (2002), segundo a qual as pessoas têm a tendência de transferir ou suplementar as lacunas na sua vinculação com as figuras das primeiras relações parentais para pessoas e instituições nas etapas posteriores da vida.

5. O relacionamento com egressos do ponto de vista simbólico

A identificação, o papel e o vínculo dos ex-alunos enquanto estudantes de uma IES permeiam a questão informacional do início ao fim da passagem desse público pela instituição. Relações de amizade e afinidade, conforme visto na questão do vínculo, podem contribuir para uma maior comunhão de ideias e de interesses (ALCARÁ *et al.*, 2009), facilitando o compartilhamento e a colaboração.

A identificação não é algo dado e sim construído ao longo do tempo. Logo, é necessário compreender e refletir sobre esses aspectos, considerando o aluno de uma IES e, por conseguinte, um egresso como um ser inserido em um contexto, em uma realidade, seja familiar, social ou profissional, repleta de significados que definem e delimitam a sua postura enquanto um indivíduo integrante da comunidade universitária.

Compreendendo esses significados, torna-se muito evidente que para se (re)conectar o egresso à sua Instituição, é fundamental que ele tenha criado laços e vínculos com a IES durante o período em que foi aluno. Esse aprofundamento de laços cria a compreensão e o sentimento de que, mesmo não estando mais vinculado formalmente à sua instituição, ele se encontra ligado àquela coletividade por laços de reciprocidade e sentimentos mútuos. Esse senso de familiaridade, de intimidade conferiria à IES um status de casa. E, será para essa casa – na concretude de suas ações ou na intimidade do seu imaginário que esse egresso poderá se voltar sempre que necessitar se reorganizar. Confirmar-se-ia, assim, a percepção de um antigo professor da UFMG, evocada por uma egressa a partir de suas notas de aula segundo a qual: “A casa é o lugar para onde eu volto, para confirmar as minhas certezas” (LATERZA *apud* VEIGA, 2007, p.4).

O relacionamento é facilitado pela compreensão desses significados e, quando é feito com qualidade, colabora efetivamente para a perenidade dos vínculos. Pode-se fazer uma analogia com Rapaille (2001, p. 31) que afirma que “os consumidores querem – ou mesmo precisam – de relacionamentos de qualidade que seja sinérgicos, sistêmicos, simbólicos e simbióticos”.

Rapaille (2001), ao fazer a afirmativa acima, referia-se ao mercado consumidor. Contudo, as características desses consumidores não são muito diferentes do comportamento de um

aluno ou ex-aluno, sendo este considerado um cliente de um serviço muito especial, a Educação. Portanto, as quatro dimensões desse relacionamento de qualidade abordadas por Rapaille (2001) – sinérgica, sistêmica, simbólica e simbiótica – podem servir como suporte de análise do comportamento de um aluno ou egresso diante de sua IES. Para fins desse artigo, o foco de abordagem foi a dimensão simbólica.

O relacionamento quando ganha contornos simbólicos atinge seu ápice, segundo Rapaille (2001). O símbolo é um elemento cultural que carrega os códigos culturais e a lógica da emoção, além de servir como unificação de partes diferentes sob a forma de “um novo conteúdo, constelado por tese e antítese em igual medida e mantendo-se em relação compensatória com ambos. Portanto, forma o espaço intermediário em que os opostos podem ser unidos.” (JUNG, OC VI, par. 814). Rapaille (2001) fornece um bom exemplo desse elemento simbólico:

[...] se você compra um pedaço de tecido vermelho por US\$ 0,50 e um pedaço azul pelo mesmo preço, e depois um branco, você terá comprado US\$ 1,50 em tecido. Ninguém está disposto a morrer por US\$ 1,50. No entanto, se você dispuser esses pedaços de tecido de maneira a formar a bandeira americana, você adicionará de repente uma dimensão simbólica ao mero tecido, e essa dimensão muda a atitude do proprietário. Algumas pessoas podem passar a estar dispostas a morrer por esse tecido; outras podem querer proibir que ele seja queimado. Obviamente, isso agora é mais do que apenas três pedaços de tecido de três cores diferentes (RAPAILLE, 2001, p. 49).

Ainda que o número de cores seja alterado e o foco da reflexão seja deslocado para o ludopédio a analogia permanece impactante. Sejam os torcedores do Arsenal, do Porto, do Flamengo ou do Atlético de Minas Gerais, não será difícil encontrar entre os membros de uma claqué de futebol indivíduos capazes de morrer, ou, no caso do último, de “torcer contra o vento”.² Dessa forma, Rapaille ressalta, em seu exemplo, que, de algum modo, aqueles tecidos configurados no formato da bandeira representam a memória coletiva de uma nação (ou de uma clube desportivo que milita no futebol), com seus ideais coletivamente construídos e atitudes comuns.

Outro exemplo citado pelo autor explicita muito bem o ideário de futuro quando as pessoas compravam no passado computadores não porque elas realmente necessitavam deles

² Referência à frase: “Se houver uma camisa preta e branca pendurada no varal durante uma tempestade, o atleticano torce contra o vento.” de Roberto Drummond, parte da crônica: “Para torcer contra o vento”. Disponível em: <https://italoarcos.wordpress.com/2010/04/09/leia-e-sinta-o-prazer-de-ser-atleticano-roberto-drummond/>). Acesso em: 27 de ago 2017.

naquele momento, mas pelo fato de concretizar o símbolo de futuro. As pessoas que adquirissem os computadores, comprariam o futuro para seus filhos. Segundo Rapaille (2001, p. 49) "um símbolo é a maneira de abrir uma lógica da emoção para alcançar um arquétipo cultural gravado profundamente". Em suma, as pessoas compram algo ou uma ideia baseadas em um registro emotivo. Nesse registro, as emoções podem estar tão profundas que não são facilmente identificadas. O mecanismo para se criar e manter um relacionamento está no poder de identificação desses registros emotivos e a conseqüente criação de símbolos que, tem o poder, como mencionado anteriormente, de unificar coisas diferentes.

Na análise da trajetória empreendida pelos egressos da UFMG – uma das maiores universidades públicas brasileiras – e as reminiscências que esses trouxeram sobre a sua vida acadêmica e as necessidades percebidas por estes na sociedade em que vivem, empreendida por Queiroz (2014), são apresentados resultados que evidenciam a necessidade de fazer convergir na prática as necessidades da sociedade e das IES. Os dados da pesquisa evidenciaram que a oportunidade de emprego pode ser facilitada por uma chancela da instituição forte e consolidada no mercado, ao mesmo tempo em que pode acarretar adequação dos currículos dos cursos e incentivo à educação continuada e obtenção de novos títulos. Revelaram ainda que as parcerias institucionais, incubação de empresas, programas sociais, atividades culturais e extensionistas podem promover uma relevância social e, conseqüentemente, a ampliação de atuação da IES. Percebeu-se que a satisfação obtida com o retorno pessoal e a gratidão, experimentadas pelo egresso, podem repercutir na avaliação dos resultados da IES, bem como na sua missão institucional. Esses pontos reunidos denotam a necessidade da institucionalização de programas de egressos nas IES com a finalidade de promover o relacionamento entre ambos e levaram a autora a propor uma série de iniciativas que podem ser potencializadas pelo concurso do trabalho com o imaginário.

Diante desse contexto, Queiroz (2014) propõe que, para a criação desses registros afetivos com o objetivo de tornar a IES um símbolo, devem ser incentivadas a criação de memórias positivas durante a realização do curso; o bom relacionamento entre alunos e professores e o adequado atendimento administrativo por parte dos funcionários. A promoção de eventos esportivos; encontros de turma comemorativos, inclusive com a participação da família; eventos culturais e de lazer abertos ao público, no caso de se haver um *campus* universitário; envio de notícias, por e-mail, relevantes para a área de atuação do egresso e relacionadas à

educação continuada; oferecimento de desconto nos cursos de especialização e extensão, empréstimo domiciliar nas bibliotecas; banco de oportunidades de trabalho e possibilidades de localização dos ex-colegas são possíveis bons exemplos para fomentar a criação de vínculos e a manutenção do relacionamento. Além dessas alternativas, a formação de uma rede social interna da IES certamente promoverá o contato e a aproximação dos alunos e ex-alunos com a instituição.

Para que isso seja possível, é preciso que se desenvolvam ações coordenadas que, fazendo uma apropriação da leitura da autora nesse novo contexto, seja organizada e capacitada uma equipe multidisciplinar com a inclusão profissionais versados no trato com os símbolos e nas expressões do imaginário para uma atuação mais próxima e direta com os alunos e os egressos.

A ação dessa equipe seria a de oferecer recursos e pensar alternativas para que todos esses exercícios de aproximação com os discentes e egressos se aprofundassem ao ponto de se constituírem em uma forma de rituais comunitários. Esses rituais, como a grande maioria daqueles que espontaneamente surgem nas culturas, não alardeariam suas intenções, pois, dessa forma, poderiam afastar as participações sob a acusação de artificialismo. No entanto, como afirma De Botton, “sua longevidade e popularidade provam que algo vital é atingido por meio deles” (2011, p. 49). Ainda sobre a relevância da ritualização de certas situações para que se aprofundem vínculos comunitários, propõe o autor:

Os melhores rituais comunitários fazem, de modo eficaz, a mediação entre as necessidades do indivíduo e as do grupo. [...] o ritual concilia o *self* e os outros [...]. Demarca um espaço no qual nossas demandas egocêntricas podem ser honradas e, ao mesmo tempo, domadas, a fim de que a harmonia a longo prazo e a sobrevivência do grupo sejam negociadas e asseguradas (DE BOTTON, 2011, p.49).

O que se fala aqui é da possibilidade da ampliação da relação com a IES elevando-a à categoria de um *mythos*. Mais precisamente, evocando o que há de mais profundo dentre as possibilidades de estabelecimento de uma relação humana:

O mito é uma forma de apreensão radical (do latim *radix*, raiz). [...] Os mitos são quadros vivenciados no plano dramático, seja qual for sua forma ou vínculo; transitam num plano aquém da dimensão consciente, que não obstante empenha-se em definir e controlar uma experiência que supera o poder da cognição. [...] Pascal certa vez escreveu: “O silêncio desses espaços vazios me apavora”. O mito é um meio de manter a conversa, quando o silêncio assombroso se instala. Nas

teorias e nos sistemas, estamos com a linguagem da mente; nos mitos, encarna-se a linguagem da alma (HOLLIS, 1997, p. 33).

O sentimento de pertença, de fazer parte de algo comum, o vínculo e o apego à instituição promovido por momentos significativos e o estímulo da cultura do retorno à Universidade, incentivado pela resignificação da importância do papel do egresso no apoio à sua IES, são elementos que consolidarão um relacionamento perene e fortemente leal entre o egresso e sua *Alma Mater*. Uma relação de mútuo benefício que, como uma contribuição ao egresso, irá sustentá-lo não somente com conhecimentos técnico-científico-profissionais, mas também o impregnando com a visão de que ele faz parte de uma grande comunidade com a qual ele pode contar frente aos maiores desafios da sua vida produtiva.

O favorecimento a uma conduta de apoio à IES deve ser desenvolvida desde o período de ingresso do aluno na instituição, com ações fundamentadas em projetos bem estruturados, que possibilitem a criação de laços de reciprocidade e registros afetivos. Tornar significativa a experiência durante o curso na IES facilitará de certo a transformação dessa mesma IES em um símbolo, bem como elevar o período vivenciado nela ao nível do *mythos* e perenizar uma relação amorosa com a sua memória.

Finalmente, deve-se ressaltar que o significado atribuído à informação como decorrente de uma ação interpretativa de indivíduos envolvidos em um processo de interação que resignifica constantemente os papéis de aluno e de egresso vem ampliar as preocupações com o estabelecimento e a manutenção dos vínculos afetivos entre as pessoas e a instituição para além das interações com os sistemas de informação. As condições para que o ex-aluno possa interpretar de uma forma ativa no presente o fato de ter sido estudante de uma IES no passado podem ser desenvolvidas em todas as interações deste com a sua instituição. A rigor, toda interação com uma instituição de ensino é um processo infocomunicacional. Nesse sentido, a amplificação do trato com a informação pela via do imaginário sugere uma ampliação das ações antes restritas a uma gestão tradicional da informação e do conhecimento. Sugerem-se, a partir desse olhar, ações voltadas não apenas para lacunas cognitivas, mas para estabelecer relações, criar significados, e desenvolver um sentimento de pertencimento a um grupo e a uma instituição.

6. Referências Bibliográficas

- AINSWORTH, M. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- ALCARÁ, A. R. et al. (2009) Fatores que influenciam o compartilhamento da informação e do conhecimento. *Perspectivas em Ciência e Informação*, 14(1), p.117-191. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/721/545>. Acesso em: 29 jul. 2013.
- BLUMER, H. (1986). *Symbolic interactionism: perspective and method*. USA: University of California Press
- BOWLBY, J. (1969). *Attachment and loss: Attachment*. London: Basic Books. Ed. rev.,
- BRASIL. (2004). Congresso Nacional. Lei n. 10.861 de 14 de abril de 2004. Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES e dá outras providências. Brasília, DF, 14 abr. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/l10.861.htm. Acesso em: 28 dez. 2012.
- BRANDÃO, Junito. (1999). *Dicionário mítico-etimológico*. Petrópolis: Vozes,
- BULLOCK, R. P. (1952). *Social Factors Related to Job Satisfaction: A Technique for the Measurement of Job Satisfaction*, Ohio State University Press, Columbus, Ohio
- CAVALCANTI, C.A.; CAVALCANTI, A.P. (2015). *O que é o imaginário? Olhar biopsicossocial da obra transdisciplinar de Gilbert Durand*. João Pessoa: Editora UFPB
- DE BOTTON, Alain. (2011). *Religião para ateus*. Rio de Janeiro: Intrínseca
- DOHERTY, N.; FEENEY, J. (2004). The composition of attachment networks throughout the adult years. *Personal Relationships*, v. 11, p. 469-488
- FARIA, C. M. G. M. (2008). *Vinculação e desenvolvimento epistemológico em jovens adultos*. 2008. 282 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade do Minho, Braga
- HILLMAN, J. (1993). *Cidade & Alma*. São Paulo: Studio Nobel
- HOLLIS, J. (2002). *O projeto Éden, a busca do outro mágico*. São Paulo: Paulus, 188 p.
- HOLLIS, J. (1997). *Rastreamento os deuses: o lugar do mito na vida moderna*. São Paulo: Paulus, 222 p.
- JUNG, C. G. (1991). *Tipos Psicológicos: Obras Completas*, Petrópolis: Vozes, Vol VI.
- LOPES, Valquiria. (2017). Alunos da pós-graduação reclamam de abandono e autoritarismo na UFMG. *Jornal Estado de Minas*, Belo Horizonte, 28 ago. Caderno Educação, disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/2017/08/28/internas>

[educacao,895547/alunos-da-pos-graduacao-reclamam-de-abandono-e-autoritarismo-na-ufmg.shtml](http://educacao.895547/alunos-da-pos-graduacao-reclamam-de-abandono-e-autoritarismo-na-ufmg.shtml)>. Acesso em: 29 ago. 2017.

MAEL, F.; ASHFORTH, B. E. (1992). Alumni and their alma mater: A partial test of the reformulated model of organizational identification. *Journal of Organizational Behavior*, v. 13, p. 103-123, Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/job.4030130202/abstract>>. Acesso em: 24 abr. 2013.

MARCH, J. G.; SIMON, H. A. (1958). *Organizations*. New York: Wiley

MCDEARMON, J. T. (2012). Hail to Thee, Our Alma Mater: Alumni Role Identity and the Relationship to Institutional Support Behaviors. *Research in Higher Education*, v. 54, p. 283-302, Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1007/s11162-012-9271-6>>. Acesso em: 13 maio 2013.

PAULA, Cláudio Paixão Anastácio de. (2005). O símbolo como mediador da comunicação nas organizações: uma abordagem junguiana das relações entre a dimensão afetiva e a produção de sentido nas comunicações entre professores do departamento de Psicologia de uma instituição de ensino superior brasileira. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia Social e do Trabalho. São Paulo: Instituto de Psicologia, 367p.

QUEIROZ, T. P. (2014). O bom filho a casa sempre torna: análise do relacionamento entre a Universidade Federal de Minas Gerais e seus egressos por meio da informação.. 202f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-9PRKWC/disserta_o_tatiana_pereira_queiroz_02_09_14_vers_o_final.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 mar. 2015.

RAPAILLE, G. Clotaire. (2001). *Os 7 segredos do marketing num mundo multicultural*. São Paulo: Editoria Cultrix, 293 p.

SAMUELS, A. (2002). *A política no divã*. São Paulo: Summus, 232 p.

SCHAIE, W.; WILLIS, S. (2002). *Adult development and aging*. London: Prentice Hall

SPAETH, J. L.; GREELEY, A. M. (1970). *Recent Alumniand Higher Education*. New York: McGraw-Hill

STRYKER, S. (2002). *Symbolic interactionism: A social structural version*. Caldwell, New Jersey: The Blackburn Press

TAJFEL, H.; TURNER, J. C. (1985). The social identity theory of intergroup behavior. In: WORCHEL, S.; AUSTIN, W. G. (Eds.) *Psychology of Intergroup Relations*. 2. ed. Chicago: Nelson-Hall

- TOLMAN, E. C. (1943). Identification and the post-war world. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 38, p. 141-148.
- TURNER, J. C. (1985). Social categorization and the self-concept. In: LAWLER, E. J. (Ed.) *Advances in Group Processes*. JAI Press, Greenwich, Connecticut, Vol. 2.
- VEIGA, A. C. R. (2007). Lugar, Espaço e Valores: uma abordagem dialógica com vistas a interdisciplinaridade. In: SILACC - Simpósio Latino Americano - Cidade e Cultura, dimensões contemporâneas, 2007, São Carlos. SILACC - Simpósio Latino Americano - Cidade e Cultura, dimensões contemporâneas. **Anais...** São Paulo: USP, p. 1-21. Disponível em:<https://www.academia.edu/12403694/Lugar_Espa%C3%A7o_e_Valores_uma_abordagem_dial%C3%B3gica_com_vistas_a_interdisciplinaridade>. Acesso em: 26 ago. 2017.

Compartilhamento de conhecimento na orientação acadêmica: a perspectiva de orientadores

Sharing of knowledge in academic supervision: the perspective of supervisor

Rosilene Moreira Coelho de Sá

Escola de Ciência da Informação
Universidade Federal de Minas Gerais
rosileneufmg@yahoo.com.br

Cláudio Paixão Anastácio de Paula

Escola de Ciência da Informação
Universidade Federal de Minas Gerais
claudiopap@hotmail.com

Resumo

O presente artigo tem como propósito apresentar uma leitura do conhecimento nas interações da orientação acadêmica em nível de mestrado e doutorado sob a perspectiva do orientador. Buscou averiguar os elementos simbólico-afetivos envolvidos no compartilhamento do conhecimento na relação de orientação em um programa de pós-graduação *stricto sensu* da área de Ciências Exatas e da Terra de uma Universidade Federal no Brasil. Os métodos de coleta de dados foram entrevistas e o Teste Arquetípico dos Nove Elementos – AT9. O material recolhido por meio das entrevistas foi analisado a partir do método da análise de conteúdo e esses conteúdos, juntamente com os resultados do AT-9, foram trabalhados de forma a utilizar a análise da subjetividade e do imaginário como estratégias para compreender o universo da orientação sob o ponto de vista do orientador. Buscou-se, assim um melhor entendimento da construção do conhecimento a partir do entendimento do seu compartilhamento. Como resultados percebeu-se que orientadores, como sujeitos

Abstract

The purpose of this article is to present an analysis of knowledge sharing in the interactions of the academic orientation – at the masters and doctorate level – from the perspective of the supervisor. It sought to investigate the symbolic-affective elements involved in knowledge sharing in a postgraduate program in the area of Exact and Earth Sciences, from a federal university in Brazil. The research used, as methods of data collection, interviews and the Archetypal Test of the Nine Elements - AT9. The material collected through the interviews was analyzed using the content analysis method, and these contents, as well as the results of the AT-9, were processed by using subjectivity and imaginary analysis as strategies to understand the universe of the supervision, from the supervisor's point of view. Thus, it sought a better understanding of the knowledge construction from the understanding of its sharing. It was noticed that supervisors, as subjects of the supervision process, develop themselves together in the construction of scientific knowledge. Furthermore, it was verified that

do processo de orientação, crescem juntos na construção do conhecimento científico, uma vez que o processo de aprendizagem na pós-graduação culmina na modificação do conhecimento prévio tanto de professor quanto de alunos.

Palavras-chave: Gestão do conhecimento. Compartilhamento do conhecimento. Relação orientador/ orientando. Colaboração científica.

the learning process in the post-graduation culminates in the modification of previous knowledge of both teacher and students.

Keywords: Knowledge management. Knowledge sharing. Relationship supervisor/student. Scientific collaboration.

1. Introdução

O compartilhamento do conhecimento é uma atividade intrínseca da vida universitária e é indissociável de suas diferentes esferas ensino, pesquisa e extensão. Sendo assim, tanto no ensino, quanto na pesquisa, quanto na extensão, a produção de conhecimento é uma resultante da interação de múltiplos sujeitos: técnicos, discentes de vários níveis, funcionários administrativos e docentes. Enquanto mediadores privilegiados da informação, esses últimos têm um lugar de destaque no imaginário da sociedade:

Conhecer não se reduz a se informar, que não basta expor-se aos meios de informação para adquiri-las, senão que é preciso operar com as informações para, com base nelas, chegar ao conhecimento, então nos parece que a universidade (e os professores) têm um grande trabalho a realizar, que é proceder à mediação entre a sociedade da informação e os alunos (PIMENTA; ANASTASIOU, 2008, p. 102).

É justamente sobre esse imaginário e sobre a forma como o professor se vê e como ele vê a sua interação com os estudantes sob sua orientação que tratará esse estudo.

É essencial lembrar que a gestão do conhecimento não é uma atividade restrita às organizações produtivas. Uma vez que o conhecimento compartilhado na evolução do processo de aprendizagem dos alunos exige um grau acentuado de administração, ainda que não formalizada, é possível o entendimento de que a gestão do conhecimento possa ser considerada como a gestão da partilha de conhecimentos, e, portanto, como uma atividade universal reconhecível em todas as formas de interação de aprendizagem humana.

Uma vez que a construção do conhecimento processa-se por meio da interpretação e da criação de significados (Choo, 2006), a criação, compartilhamento e uso do conhecimento,

norteadores da gestão do conhecimento, numa consequência lógica, acontecem nos mais variados contextos do ambiente acadêmico.

A orientação acadêmica no ambiente universitário se desenvolve a partir da interação de pessoas de diferentes culturas e com personalidades construídas em diferentes períodos históricos e econômicos e gestadas nos mais diversos estratos sociais. Ao se propor orientar pesquisas acadêmicas, o orientador experimenta diversos desafios tanto didático-pedagógicos, quanto dialógico-afetivos. Entender o compartilhamento do conhecimento do na ótica do orientador culmina na compreensão de como aspectos da gestão do conhecimento científico emergem na produção de teses e dissertações, ou seja, na construção de uma variedade muito particular de conhecimento: uma relação de mentoria¹ que cria padrões de ensino-aprendizagem-gestão de conhecimento que se baseiam em modelos concebidos em gerações pregressas e que se reproduzirão nas gerações subsequentes. Dentro desta perspectiva, Pimenta; Anastasiou (2008) destacam a importância de explicar o método de ensinar com pesquisa e, simultaneamente, a relevância de pesquisar o ensinar. A orientação acontece por meio de um contato que se inicia entre pessoas até então desconhecidas e que, a partir desse início, necessitam adquirir afinidade para viabilizar a produção da pesquisa, desenvolver formas de interagir com as conteúdos inerentes a ela (como, por exemplo, trabalhar com os prazos, operar dentro de limites éticos, equalizar o desejável e o possível, administrar recursos, etc), superar as angústias decorrentes do processo, e estabelecer uma colaboração científica.

Nesse sentido, o presente estudo encontra sintonia com a sugestão de Targino (2000, p. 14) que ressalta como contribuições potenciais à Ciência da informação

os estudos que discutem o comportamento da comunidade científica, e mais especificamente as normas comportamentais, as quais influenciam a produção científica. Mesmo não aceitas universalmente, até porque toda e qualquer tentativa de generalização para o procedimento de indivíduos e grupos sociais gera dúvidas, insatisfações e contra-argumentos.

¹ Uma relação de mentoria é uma interação que envolve a relação de alguém com um mentor. Mentores são descritos, usualmente, como pessoas que servem de guia para esse alguém em alguma tarefa. Esse mentor, supostamente uma pessoa sábia e experiente, deveria atuar como um conselheiro. Segundo Brandão (1991) o nome Mentor é derivado da raiz *menos* e se associa a uma pessoa que reflexiva e que possui sabedoria e prudência. Mentor era o nome próprio de um personagem da Odisseia de Homero, amigo fiel de Ulisses/ Odisseu e que é encarregado pelo herói grego de administrar os seus bens durante a guerra de Tróia. Foi sob a forma de Mentor que a deusa Atená irá aconselhar Telêmaco, filho de Ulisses, a partir em busca de seu pai desaparecido e salvando-o da sanha dos pretendentes ao trono de Ítaca.

Analisar o processo de orientação na pós-graduação *striscto sensu* com o olhar de orientadores propiciou entender como o compartilhamento do conhecimento é alicerçado por um rico imaginário que, integrado a aspectos simbólicos e afetivos, culmina na construção do conhecimento acadêmico/científico.

A GESTÃO DO CONHECIMENTO: ENTRE UM MUNDO IDEALIZADO E A LUTA POR SIGNIFICAÇÕES

Abordar a gestão do conhecimento numa perspectiva do imaginário é reconhecer que as preocupações nomotéticas por estabelecer um mundo sustentado por relações idealizadas de compartilhamento de informações segundo regras voltadas para a eficiência é uma idealização que se encaixa muito mais a manuais da área do que à realidade da sociedade hiperconectada do século XXI (PAULA, 2013; ARAÚJO, 2013).

A gestão do conhecimento é uma prática comum em ambientes empresariais, entretanto, uma vez que as universidades são ambientes de transferência e produção de conhecimento, a mesma pode ser aplicada também à área da educação. Pode-se afirmar sem receio de errar que a universidade é um dos locais onde, de forma mais explícita, conhecimentos tácitos e explícitos se associam de forma a permitira criação de novos conhecimentos (LEITE, 2006, por exemplo, é um dos autores que apontam nessa direção).

Para essa mesma direção aponta Zhao (2003), quando ela, considerando que o crescimento da economia e o avanço da sociedade baseiam-se no conhecimento, ressalta o elo existente um entre a gestão do conhecimento, o ensino e a pesquisa nas universidades.

Explorar o compartilhamento do conhecimento no ambiente acadêmico viabiliza entender o ciclo dinâmico do conhecimento na orientação acadêmica. Conforme Stewart (1998, p. 67) “esse ciclo começa na identificação do conhecimento tácito, passa por sua explicitação, permitindo que ele seja formalizado, capturado e alavancado, gerando finalmente estímulos para que o novo conhecimento tácito seja gerado”.

O conhecimento compartilhado no percurso da orientação acadêmica pode ser entendido como vários subconjuntos de informações cruciais para gerar novos ciclos de conhecimento que serão propulsores para a formalização do conhecimento nas teses, dissertações e outras publicações advindas da orientação acadêmica.

A gestão do conhecimento científico (GCC) é definida por Leite e Costa (2007, p. 106) como:

O planejamento e controle de ações (políticas, mecanismos, ferramentas, estratégias e outros) que governam o fluxo do conhecimento científico em sua vertente tácita e explícita, tendo como substratos os processos de comunicação científica com o fim de apoiar e maximizar a criação de novos conhecimentos e o ensino.

Sendo assim, a gestão do conhecimento científico não se limita ao conhecimento disseminado no ambiente da universidade. Também estende-se ao aprendizado de toda a comunidade científica que influenciam de algum modo a atividade de pesquisa e o fluxo de conhecimento, seja ele tácito ou explícito.

Para Zhao (2003, p.5) “a orientação é fundamental para o sucesso dos alunos de pós-graduação”, uma vez que consiste numa abordagem sistemática da gestão conhecimento, na qual orientadores e orientandos adquirem, compartilham e usam conhecimento – atividades inerentes à gestão do conhecimento – a fim de alcançar qualidade e produtividade em suas pesquisas.

A ciência é resultado da articulação entre o lógico e o real, o teórico e o empírico. Nesse ínterim a construção do conhecimento, intrínseca à pesquisa, é permeada pela articulação da problematização, da fundamentação teórica, e do levantamento e da análise de dados, tudo isso sob a gestão do orientador.

Para Severino (2012, p.92) “as relações entre orientador e orientando, no contexto da formação pós-graduada, devem ser entendidas como um processo de construção solidária, num intercâmbio de experiências que se encontram em fases diferentes”. Sobre o orientador, o autor discute ainda o papel deste como educador na construção do conhecimento.

Conforme Bianchetti e Machado (2012, p.31),

O orientador, diferentemente do “livro que orienta”, é um personagem que entretém uma relação singular e intersubjetiva com seu orientando, de peculiar riqueza e complexidade, por sinal. O orientador juntamente com o orientando e suas páginas escritas constituem um trio único e original, com considerável espaço de liberdade, voltado para construir conhecimentos, bem como favorável ao desenvolvimento de um estilo pessoal na escrita.

A orientação acadêmica ocorre por meio de trocas de informações permeada com dimensões simbólicas e afetivas. Segundo Anzieu e Martin (1971)² citados por Paula (2012), “os aspectos psicossociológicos da comunicação da informação não unem simplesmente uma caixa preta emissora e uma caixa preta receptora, ou um emissor e um receptor, mas frequentemente, trata-se de duas ou mais personalidades comprometidas em uma situação comum e que lutam com as significações”.

Destaca-se que a atribuição de orientar inicia-se sem nenhum treinamento para o docente que irá exercer essa nova função, sendo inédito e peculiar em sua carreira, a formação de novos pesquisadores *stricto sensu*. Para Queiroz (2014) o orientador realiza sua atividade de orientar e direcionar o estudante. Essa função culmina, muitas vezes, em um estabelecimento de uma relação duradoura de colaboração que ultrapassa a dimensão formal e se prolonga pela vida toda através de um profundo vínculo emocional que o orientado estabelece com seu orientador e que acaba se estendendo a toda a instituição. Para a autora essa relação de vínculo estabelecida é a responsável por alimentar um substrato imaginário é parte constituinte da identidade da instituição de ensino e irá, por sua vez, contribuir com a formação das identidades das pessoas que nela interagem.

As bases emocionais da relação de interação e o seu vínculo com o imaginário ficam evidentes na fala de Hansen (2005) que a descreve como um momento em que “algo no ar muda, se torna como um sonho, e nos estamos de repente no lugar mágico do mito [...] Pelo fato do mito ser sustentado pela tradição oral, e [...] Como um mito é contado e recontado, logo nossa pedagogia do mito envolve diálogos verdadeiros” (HANSEN, 2005, p.viii).

Lessing e Schulze (2002) explicam que a atividade de orientar envolve o equilíbrio entre vários fatores: “experiência na área de pesquisa, apoio para o aluno, crítica e criatividade”, além de indicações de leituras, da metodologia e análise de dados que já devem estar implícitos à orientação. Neste sentido, Ismail; Abidin (2011) destacam que os orientadores devem considerar as peculiaridades de cada aluno e serem flexíveis, uma vez que seus orientandos são diferentes em termos de personalidade, capacidade intelectual, motivação, autonomia e alicerce social.

²ANZIEU, D e MARTIN, J-Y (1971). **La dinámica de los grupos pequeños**. Buenos Aires: Editorial Kapelusz.

No âmbito da orientação acadêmica, se faz necessário entender a afetividade intrínseca ao processo. Considera-se que é a partir das trocas de informação entre orientador e orientandos e do uso destas informações que se produzirá conhecimento. Ou, conforme descrito por Almeida (1993, p. 40),

Se os afetos, as emoções, têm íntima ligação com a inteligência e vice-versa, e se o ato de ensinar-aprender ocorre num processo relacional, vincular, necessariamente, essa relação terá de levar em consideração, no seu modus operandi toda a variada gama de expressões dos afetos e das emoções, presentes na relação professor-aluno e, conseqüentemente, na transmissão e apropriação do conhecimento.

A afetividade que permeia a orientação acadêmica pode ser experimentada por meio de variados discursos que conectam os sentidos de diversas representações, crenças e mitos, os quais conduzem a inúmeras compreensões do imaginário. A representação de conteúdos subjetivos no sujeito ocorre por meio de uma composição de vivências anteriores que podem ser expressas em sistemas semióticos. Conforme Araújo (2013, p.41) “as estruturas do imaginário, segundo a proposta de Gilbert Durand, oscilam ao redor dos três *schèmes* matriciais: separar (heroico), incluir (místico) e dramatizar (sintético ou disseminatório)”, já os arquétipos são considerados por Paula (2005) como entidades hipotéticas que representariam alguns padrões de desempenho psicológico e de estruturação da psique que esperam o momento de se ativarem (isso acontece em função das necessidades do ser humano interagir com o meio) e se realizarem na personalidade. Esses sistemas, por abrangerem o acervo coletivo de experiências humanas expressas no sistema linguístico, indicam que “pensar a emergência de simbolismos na linguagem escrita cotidiana é de suma importância para a compreensão do homem como ser que se utiliza de linguagem não apenas do ponto de vista pragmático da comunicação”. (BATISTA; CARVALHO, 1998, p. 211).

A teoria/antropologia do imaginário de Gilbert Durand (2001) salienta a função essencial do imaginário na vida do homem. Para ele a concepção do imaginário antecede, transcende e ordena todas as atividades da consciência, do pensamento humano. Elas são carregadas de emoção e expressam formas e conteúdos do consciente e do inconsciente do indivíduo.

Nessa mesma perspectiva há inúmeras evidências que apontam para um *continuum* que acompanha as relações humanas com a informação e o conhecimento desde o início da diferenciação do *Homo sapiens* em relação aos demais membros do gênero *Homo* (HARARI,

2017): a ação onipresente do imaginário em suas elaborações mentais. Harari (2017) afirma que foi a capacidade original adquirida pelo Homo sapiens de falar sobre ficções que possibilitou a ocorrência de uma revolução cognitiva que tornou o *Sapiens* apto a compartilhar as mesmas crenças e criar laços psíquicos que permitiam a estruturação grupos superiores aos limites mediados por laços de compadrio. Para o autor, essa forma revolucionária de lidar com a informação e alinhar conhecimentos permitiu todas as demais revoluções estabelecidas e fez com que conceitos como religião, nação e ciência se tornassem viáveis.

Essa interveniência do imaginário nas operações do conhecimento desde tempos imemoriais até o século XXI é expressa por Ortiz-Osés assim:

[...] El símbolo reúne la letra y e le spiritu em el alma [...] las imágenes simbólicas [...] lasurrealidade que se sitúa entre larealidad típica dada y la suprealidad proyectada [...] las estructuras simbólicas del imaginário trascendental, una espécie de alma del mundo que surge em la tradición neoplatónica, recoge em el romanticismo alemão e se proyecta hoy em la internet (ORTIZ-OSÉS, 2012, p.11)

Sendo assim, discutir os aspectos simbólico-afetivos intrínsecos ao compartilhamento do conhecimento relacionado à construção do aprendizado do pesquisador em formação, permite entender como orientadores se estabelecem no processo de construção do conhecimento em um programa de pós-graduação *stricto sensu* em bases que ultrapassem a mera racionalidade objetiva e deem espaço à valorização e à compreensão dessas subjetividades que interagem numa operação particularmente criativa.

2. Metodologia

Para o presente artigo foram selecionados três sujeitos (3 professores) parte integrante da amostra maior que sustentou uma pesquisa original que utilizou dois procedimentos metodológicos para coleta de dados: entrevistas semi-estruturadas e a aplicação do Teste Arquetípico dos Nove Elementos – AT9. O estudo original tomou como sujeitos alunos (orientandos) e professores (orientadores) de um programa de pós-graduação *stricto sensu*, com conceito "7" no Sistema de Acompanhamento e Avaliação da CAPES, da área de Ciências Exatas e da Terra de uma Universidade Federal.

Os docentes do programa foram escolhidos por meio de amostra intencional e não probabilística que exigia que eles cumprissem o requisito de ter pelo menos um orientando de mestrado e um orientando de doutorado no momento da pesquisa.

As entrevistas foram guiadas por um roteiro semiestruturado previamente definido, a fim de que a pesquisadores pudessem explorar em profundidade alguns aspectos que surgissem espontaneamente, ainda que não estivessem previstos no roteiro. O roteiro de perguntas foi criado baseado nos trabalhos de Mainhard *et. al.* (2009) e Paula (2005), os quais apresentam, respectivamente, peculiaridades da relação entre orientador e orientando, e a alternativa de acessar a subjetividade inerente às relações ao dispor de meios para representar o material simbólico que permeia essa relação.

Posteriormente à realização das entrevistas foi aplicado o teste AT-9 a fim de analisar a subjetividade implícita no processo de orientação. Os nove elementos do teste (Queda – Espada – Refúgio – Monstro Devorador – Algo Cíclico – Personagem – Água – Animal – Fogo) têm a função de servir como impulsores para obter as informações imagéticas almeçadas. Estes elementos foram escolhidos por Yves Durand “considerando seus significados mais profundos, para servirem de motivação ao traçado gráfico discursivo, representativos da trama criada pelo sujeito” (LOUREIRO *et. al.*, 2004: p. 23).

Conforme descrito por Araújo; Paula (2013) o AT-9 é teste projetivo constituído por 3 etapas: a expressão grafo-motriz (desenho), o discurso sobre o desenho, um questionário e um quadro síntese das atribuições conferidas aos elementos de acordo com o modo como cada um foi representado no desenho, ou seja, o que cada uma dessas imagens simboliza ou representa para o “desenhista”/“narrador”. A premissa subjacente ao experimento é que cada um dos elementos a serem representados carrega sentidos importantes para o mapeamento do imaginário dos sujeitos do estudo. Esse imaginário, em síntese, se “constitui um todo implicando um esforço mental de concentração prolongada necessária na manutenção da coerência do projeto representativo” (DURAND citado por THOMAS, 1998: p. 290).

Ao analisar a subjetividade, a partir dos dados míticos, como estratégia para compreender o universo da orientação sob o ponto de vista do orientador o estudo buscou abordar, por meio da entrevista, conteúdos inconscientes que, por meios tradicionais de investigação (como questionários estruturados e *surveys*, por exemplo) não seriam expressos. Para MURATA (2005, p. 73) "partindo do pressuposto de que todo comportamento é pontuado por símbolos e que estes somente são significativos dentro de um contexto, o teste AT-9 possibilita chegar

ao entendimento e à descrição do comportamento humano” a partir da reconstrução de um contexto que geralmente não é visível a olhos pouco treinados.

A interpretação do AT-9 coloca o pesquisador no limiar das fronteiras de subconjuntos significantes dos símbolos empregados, "o jogo dos subconjuntos não é ilimitado: o sentido deve ser buscado, nos limites dos balizamentos empíricos [...] é a nível do símbolo isolado que todas as aberturas indefinidas são possíveis, ao passo que ao nível do discurso significante acontece certo fechamento" (DURAND, G. 1969, p.137).

As metáforas usadas para descrever um símbolo indicam um sentido que vai além daquilo que se descreve. “O símbolo, pensamos, funciona nesse momento como instrumento que permite a indivíduos diferentes compartilharem um sentido, não apenas pelas semelhanças da experiência” (PAULA, 1999, p. 75), mas também pelas diferenças reunidas através dessa imagem integradora.

Loureiro (2004, p. 23) destacou que Durand, Y. “constrói um instrumento capaz de levantar/conhecer imagens individuais ou grupais; um instrumento que permite tornar evidentes dados profundos relacionados com a interferência externa”. Neste sentido a utilização desse teste nesta pesquisa tem a função reunir num todo passível de ser analisado a linguagem e as imagens simbólicas a fim de aprofundar, pela via da leitura do simbólico, uma imersão na estrutura imaginária que subjaz a orientação acadêmica.

3. Discussão dos resultados: entrevista

Para realizar a leitura das transcrições das entrevistas foi elaborada uma matriz de análise com base nos objetivos da pesquisa, a fim de guiar a análise de conteúdo. Conforme Bardin (2011, p.93), a proposta da entrevista é que suscite o depoente se expressar segundo “o seu próprio sistema de pensamentos, os seus processos cognitivos, os seus sistemas de valores e de representações, as suas emoções, a sua afetividade e a afloração do seu inconsciente.” Para o autor a análise de conteúdo consiste em evidenciar e organizar mensagens indicativas para interpretação e criação de novos conhecimentos.

Os orientadores participantes da pesquisa foram nomeados **P1**, **P2**, **P3** e apresentam as seguintes características, quadro1:

Quadro 1 - Perfil dos professores orientadores

Características	P1	P2	P3
Idade	34	42	48
Sexo	Masculino	Masculino	Masculino
Estado Civil	Divorciado	Casado	Casado
Ano de graduação	2003 (12 anos)	1995 (20 anos)	1990 (25 anos)
Pós-graduação	Pós Doutorado	Pós Doutorado	Pós Doutorado
Exercício Docência	3 anos	7 anos	16 anos
Atividade de Orientação	2,5 anos	7 anos	16 anos
Participação em grupos de Pesquisa	Sim	Sim	Sim
Ocupa outros cargos na Instituição	Sim	Sim	Sim
Atividades paralelas à docência	Não	Não	Não

Fonte: Dados de pesquisa (SÁ, 2015). Elaborado pela autora.

Durante as entrevistas, ao falarem sobre a visão que tem de si, do seu papel, do seu trabalho e dos seus alunos os orientadores, via de regra, mantiveram a sua fala dentro de um modelo de discurso que seria o esperado para a sua atividade. Nos parágrafos subsequentes, serão apresentados, em linhas gerais, os principais elementos que evidenciaram esse discurso.

Os orientadores afirmam que orientar é, em linhas gerais, dar um direcionamento à pesquisa, auxiliar e motivar o aluno, bem como transmitir suas experiências e conhecimentos a fim que o estudante de pós-graduação *stricto sensu* se torne independente.

Em relação ao papel do orientador, no sentido de função, os orientadores responderam que esta é de guiar, acompanhar, indicar caminhos, é também, de acordo com os relatos, apoiar psicologicamente o orientando. Quanto ao papel do orientando, os orientadores ressaltaram que os alunos devem ter a consciência de que o processo de formação na pesquisa é muito lento e que necessita de dedicação e empenho, e, dessa forma, o aluno deveria estar aberto a receber a orientação.

Os orientadores relataram acreditar que a conduta de orientar vai além de direcionar a pesquisa, mas também oferecer “apoio psicológico” aos orientandos durante o percurso. Para eles o grande desafio dessa tarefa seria formar pesquisadores independentes, capacitados teoricamente e que sejam capazes de lidar com o longo processo de formação na pós-graduação. Esses orientadores relatam, ainda, a sua visão sobre o quão difícil é “dosar” a orientação de acordo com a habilidade de cada orientando, uma vez a orientação varia de acordo com perfil de cada aluno.

Sobre uma orientação ideal, os orientadores retornaram à sua fala quanto a função do orientador como um guia, bem como descreveram a sua presença no dia-a-dia do orientando

e também a preferência por exercitar essa tarefa de um modo mais informal. Ainda sobre esta temática, mais uma vez ficou evidenciada no discurso deles a preocupação dos orientadores em formar pesquisadores independentes e, simultaneamente, de que a pesquisa desenvolvida culmine em bons resultados. Quando questionados sobre suas orientações na prática, todos deram respostas que sugerem considerarem suas orientações como ideais ou próximas do ideal: P1, por exemplo, diz sobre sua forma de trabalho: "É de encontro, de estar ali presente, junto acompanhando, mesmo, mais de perto o orientando. Encontros presenciais." P2 afirma: "Eu sou informal, eu tenho um jeito informal de atuar ééé e ee faço isso e acho que isso deixa os alunos bem a vontade pra falar os problemas e as coisas que tá tendo". Já P3, por seu turno, diz: "eu acho que esse meu jeito é um pouco desse de querer tá sempre dando, orientando os próximos passos até porque assimmmm todos os temas que eu proponho são temas que eu mesmo gostaria de realizar então eu ficou curioso com os realizados que vão surgindo e ai eu mesmo vou sugerindo vamos fazer isso [...] Então eu acho que esse meu jeito de orientar inicialmente é estar bastante próximo né é essa alimentação frequente, esses encontros frequentes e é um jeito que eu tenho uma satisfação quase que se tivesse fazendo eu mesmo aqueles resultados então quando eles me mostram o resultado ta boniiito, eu fico tão ou mais satisfeito que eles [...] mas eu aprendi com o tempo que é importante para a formação deles deixar eles quebrarem a cabeça um pouquinho as vezes".

Fazendo referência ao seu modo de orientar P2 relatou que se espelha na orientação recebida quando ele vivenciou a condição de aluno. Qualificou-a como marcante tanto em termos de conhecimento, quanto em relação a posturas. Para ele o que ficou marcado foi a forma exímia com que foi orientado e o prazer que seu orientador tinha em exercer esse papel.

Quanto à frequência de encontros os orientadores concordam que a mesma deve ser de acordo com a demanda da pesquisa, mas que é importante haver uma periodicidade pré-definida.

A análise de conteúdo das entrevistas indicou que, quando a pesquisa se inicia, estar em necessidade de informação é uma condição comum a orientadores e orientandos, uma vez que os orientadores necessitam conhecer as expectativas dos alunos sobre o assunto a ser pesquisado e os alunos necessitam ter informações sobre os caminhos mais propícios para desenvolver seu trabalho. Os principais meios de compartilhamento do conhecimento

acontecem na forma de diálogo, indicação de leituras e compartilhamento de experiências. Reuniões em grupo (com o orientador e seus orientandos) também são frequentes e permitem o compartilhamento do conhecimento entre os orientandos. O uso dessas informações está presente na construção de uma visão crítica dos orientandos, no manuseio de instrumentos em laboratório, em medições de dados e ao escrever a pesquisa e artigos, culminando na criação de novos conhecimentos.

Os orientadores ressaltam que transmitir suas experiências pessoais é de extrema importância, uma vez que por se tratar de um conhecimento não formalizado, ao qual o aluno não tem acesso por meio de livros, artigos e outros registros convencionais esse conhecimento não poderia ser transmitido de outra maneira.

Ficou evidente nos falas dos orientadores que a relação entre orientador e orientando se transforma ao longo do tempo, passando de relativamente superficial na fase inicial – quando os alunos cursam disciplina se, dessa forma, é exigido um contato menor com o orientador – para um contato progressivamente mais intenso à medida em que o orientando vai se aprofundando na sua relação com o seu objeto e evoluindo no desenvolvimento da pesquisa.

A entrevista permitiu reunir, ainda, aspectos positivos e negativos que, na perspectiva dos orientadores, podem afetar/influenciar a orientação, ou seja, tem potencial para moldar as trocas afetivas, profissionais, éticas e sociais durante a orientação

Em relação aos fatores positivos descritos pelos orientadores estão o bom desempenho do aluno, autonomia, liberdade, independência e experiência. Apesar de um sentido positivo comum “autonomia”, “liberdade” e “independência”, todos também foram usados pelos orientadores sob o olhar negativo, como por exemplo, relatou P3, vez por outra, “o orientando se acha experiente o suficiente” para não se reportar mais ao orientador e considera o orientador como mero figurante que não tem nada a acrescentar à relação. Além de fatores negativos semelhantes apresentados pelos orientadores, destacou-se o desequilíbrio emocional: “já tive alunos que tiveram que fazer tratamento psicológico, depressão e tudo, mas continuei a fazer a orientação” completou P3.

Foram utilizadas, ao final das entrevistas, metáforas a fim de investigar aspectos subjetivos das relações entre orientadores e orientandos. Utilizou-se esse recurso a fim de sensibilizar os

participantes por meio de perguntas que os estimulassem a usar a criatividade para descrever suas experiências de forma mais subjetiva.

De acordo com Vergara (2005) o uso das metáforas se insere na lógica da argumentação e se refere ao uso de uma figura de linguagem que, ao valer-se da comparação entre dois conceitos diferentes, forma outro conceito. Nesse sentido um elemento passa a ser utilizado para permitir o entendimento de certas peculiaridades do outro. A partir do que a autora descreve, pode-se sugerir que essa associação entre duas coisas por meio da intuição cria uma comparação abstrata de cunho simbólico que permite um aprofundamento da compreensão estabelecida sobre o elemento original a partir da imagem evocada durante o exercício.

Uma das metáforas utilizadas foi “Pense agora como se a sua atividade de orientador fosse a de um agricultor em sua terra, ou em sua plantação... em que momento do cultivo ela estaria? (o do preparo da terra? Semeadura? Colheita? Algo no meio disso?). Por quê? Como você vê a sua evolução com o tempo? Você poderia narrar casos ou situações que evidenciem essa opinião?”

A fala de P1 menciona que trata-se de um aprendizado constante, em um crescimento na qualidade da sua maneira de orientar. P2 se vê pronto como orientador e manifesta que, atualmente, já consegue direcionar seus objetivos enquanto pesquisador/orientador. P3 relacionou sua evolução à uma plantação de laranjeiras, a qual tem um fase de “boa produção” e boa qualidade, assim como sua orientação. Foram suscitadas, ainda, questões como a falta de financiamento de pesquisa, a qual reflete diretamente no departamento estudado, na atividade de orientação, bem como a qualidade na orientação.

A análise do uso das metáforas junto às entrevistas confirmou que ou os orientadores se percebem como um guia que acompanha, interfere e ajuda o orientando a superar angústias, medos e a torná-los pesquisadores, ou gostam de representar a si mesmos dessa forma.

4. Discussão dos resultados: AT-9 e o desfecho mítico

Os aspectos subjetivos no compartilhamento do conhecimento relacionado ao processo de orientação foram explorados não somente através do uso de metáforas evocadas durante as entrevistas, mas também a partir da utilização do AT-9 por meio da expressão criativa dos

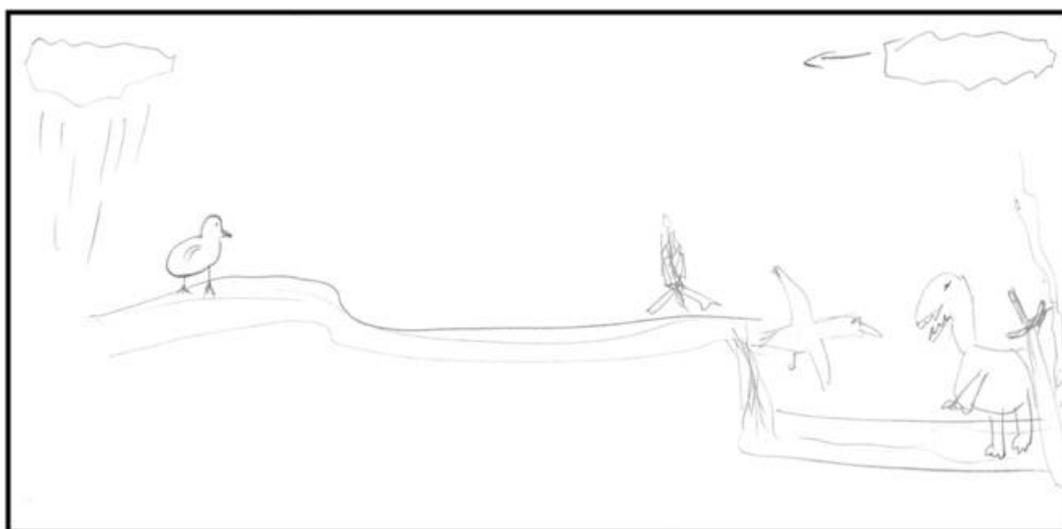
entrevistados ao representarem de maneira simbólica e, em consequência, menos sujeita a controles racionais que em seu discurso “oficial” o processo de orientação.

Durand, Y. (1988) propõe para os registros míticos dos protocolos do AT-9 as seguintes análises: elemental, estrutural, funcional e actancial. A análise elemental é realizada por meio de um inventário da função, da representação e do simbolismo de cada um dos nove elementos representados em cada protocolo. A análise estrutural identifica a estrutura do imaginário contida no protocolo: esquizomorfa/heroica, mística/antifrásica, sintética/dramática, ou ainda pode ser evidenciada a não estrutura. A análise funcional consiste em identificar a presentificação da ideia de vida ou morte, por meio do imaginário positivo ou negativo. Já a análise actancial é explicada com a definição dos actantes como “sistemas de energia dramático potencial” Durand, Y. (1988, p. 249), constituídos pelos componentes do drama, vivenciados e incorporados pelos esquemas.

A pesquisa priorizou as análises elemental e estrutural para alçar o imaginário de orientadores e orientandos por meio dos dados míticos coletados.

A fim de elucidar os aspectos subjetivos evidenciados pelo AT-9, será apresentada a análise realizada com os dados de P2.

Figura 1 - Cena idealizada por P2.



Fonte: Dados da pesquisa (SÁ,2015). Elaborado por P2.

Descrição da cena:

“O caminho de um aluno, que eu coloquei com um pequeno pássaro que segue um curso d'água, passando por percalços do caminho como fogo, (que representa as lutas e momentos alegres, que podem divertir e também queimar), as quedas no caminho, como a cachoeira. O aluno se desenvolve num pássaro, que tem que passar por um monstro que simboliza as dificuldades de finalizar o trabalho, que termina na espadada do dia da defesa. A água do rio evapora, se transforma em nuvem e volta pra formar novamente o rio com outro aluno, na forma de chuva.”

Quadro 2 - Questionário AT-9: P2

Elementos essenciais	O pássaro e a cachoeira.
Elementos que eliminaria	O monstro, que representa a dificuldade de finalizar o trabalho. Que é uma carga grande no psicológico do aluno.
Como acaba a cena	O aluno, ou pássaro terminando o trabalho, aí continua com outro aluno na recomposição do rio.
Sua participação	Eu sou o rio.

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 3 - Dados sintéticos do AT-9: P2

Elemento	Representado por	Função/Papel	Simbolizando
Queda	Cachoeira	Queda	Dificuldades do percurso
Espada	Espada	Corte	Defesa da tese
Refúgio	-----	-----	-----
Monstro Devorador	Dinossauro	Impedir o final	Stress de conseguir finalizar o trabalho
Algo Cíclico	Água	Caminho	Percurso da orientação
Personagem	Pássaro	Protagonista	Aluno
Água	Água	Caminho	Percurso da orientação
Animal	Pássaro	Protagonista	Aluno
Fogo	Fogueira	Divertimento e festas	Festas que geram alegria e podem queimar

Fonte: Dados da pesquisa.

A interpretação da estrutura simbólico-mítica do desenho de P2 evidencia que P2 tem a água como o arcabouço de todo o desenho. A água é descrita, em Cirlot (1984, p. 62), como o elemento que mantém a vida e que circula em toda a natureza na forma de chuva, “as águas são o princípio e o fim de todas as coisas da terra”. Para Chevalier; Gheerbrant (1988, p. 15) as águas simbolizam 3 temas fundamentais: a vida, a purificação e a regenerescência e representam a “infinidade dos possíveis, contêm todo virtual, todo informal, o germe dos

germes, todas as promessas de desenvolvimento, mas também todas as ameaças de reabsorção”.

A cena desenhada por P2 inicia e termina com a nuvem de chuva, a qual tem seu simbolismo ligado às fontes de fecundidade e à metamorfose viva (Chevalier; Gheerbrant, 1988). O pássaro simboliza o mensageiro, símbolo da comunicação, símbolo de força e a vida na arte africana (Chevalier; Gheerbrant, 1988), para esses autores o rio simboliza o fluir de suas águas, a fertilidade, a morte e a renovação, podem ser correntes de águas boas, mas podem abrigar monstros. O rio é também símbolo da fertilidade e a irrigação da terra, Cirlot (1984). Já as fogueiras têm a virtude de provocar a sensação de bem estar ao homem, Cirlot (1984).

A cachoeira é descrita em Chevalier; Gheerbrant (1988, p. 160) como símbolo da impermanência oposto ao da imutabilidade, ou seja, ela permanece, mas jamais continua a mesma, sendo símbolo de “permanência da forma, apesar da mutação da matéria”, a queda relaciona-se ao movimento elementar, indomado, das correntes de força que necessitam ser dominadas. De acordo com muitos estudos sobre a origem concreta da mitologia dos dragões – que, curiosamente, parece ser uma constante em todas as culturas, acredita-se que a crença nestes se originou numa tentativa de nossos ancestrais explicarem os esqueletos dos dinossauros. A simbologia do dragão, por Chevalier; Gheerbrant (1988), descreve-o como guardião de tesouros ocultos, para Cirlot (1984) são dragões são pragas que perturbam e que devem ser vencidas. A espada tem a função de poderio que pode ser tanto destruidor quanto construtor, representando a bravura, Chevalier; Gheerbrant (1988).

A “espada final” utilizada por P2 para descrever o momento da defesa, ganha um novo contorno nesse cenário: o gesto de bravura derradeiro de conclusão de um ciclo e o corte, que permite que um novo ciclo, com um novo pequeno pássaro possa se iniciar e conduzir esse filhote ao crescimento e ao vôo. A nuvem simboliza a transformação pela qual o sábio deve passar “as nuvens dissolvendo-se no éter (...) serão (...) símbolo do sacrifício a que o sábio deve entregar-se, renunciando a seu perecível para conquistar a eternidade” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1988, p. 648). Nesse sentido, pode-se especular que P2 se vê como um partícipe do processo não somente como um auxiliar da transformação, mas também como alguém que, após finalizado o processo, volta transformado ao início.

O processo de orientação segundo **P2** é retratado como um caminho de um pássaro, que representa o orientando (que começa o processo como um filhote e que termina com esse filhote alçando vôo), sendo este pássaro um símbolo da comunicação e da força e vigor crescentes do orientando durante a pesquisa.

O desenho de P2 demonstra um caminho que se inicia com a chuva, intimamente conectada com a água e com o rio (percurso da orientação, conforme P2). Esse caminho remete à orientação e ao orientador (quadro 3) como um processo indissociável da participação deste, simbolizando o início das mudanças do orientando. A água, cerne do desenho, evidencia o percurso da orientação e exhibe o rio (orientador) que simboliza a fertilidade e a renovação.

A interpretação da cena de P2 evidencia que o orientador se percebe como uma presença constante junto ao orientando, ajudando no desenvolvimento do aluno e também o advertindo quando necessário, fato relatado pelo depoente durante a entrevista. A fogueira, colocada como momento de divertimento, mas que também pode queimar, provoca o bem estar e a evolução do orientando, salientando os momentos de lazer, mas evoca também a necessidade de que ele tenha uma postura de responsabilidade para com a pesquisa.

A chegada à cachoeira, símbolo de mutação, uma vez que nunca continua a mesma, mostra o momento em que o pássaro cresce, se transforma, domina a força da queda da cachoeira como se indicasse que é nos momentos de dificuldades que o orientando precisa demonstrar seus conhecimentos para enfrentar o monstro, suas angústias, o stress e alcançar o “tesouro” de concluir o trabalho.

O orientador complementa sua narrativa, ainda, com a evaporação da água para formar uma nuvem – “a transformação do sábio”, ou seja, demonstrando que ele também se transforma a partir da relação com cada orientando que ele acompanha e que finaliza o processo de orientação, agregando aos seus recursos novos conhecimentos para iniciar um novo processo de orientação.

Diante dessa análise percebe-se a presença de um **Microuniverso sintético simbólico de forma diacrônica e evolução cíclica**, pois como descrito “a água do rio evapora, se transforma em nuvem e volta pra formar novamente o rio com outro aluno, na forma de chuva”, ou seja, há o termino para um orientando e o início de outro ciclo em que o orientador começa todo

o percurso novamente e simultaneamente há a evolução tanto do orientando que finaliza aquele processo, mas que pode começar outro e também a evolução do próprio orientador.

Sintetizando, pode-se evocar a proposição de Paula Carvalho (1990, p.186) de que "as práticas simbólicas são necessariamente educativas porque organizadoras do real, sendo a educação a prática simbólica basal que realiza a sutura entre as demais práticas simbólicas". A pesquisa empírica evidenciou aspectos subjetivos do processo de orientação. A memória de P2 ao lembrar seu orientador demonstra que os vínculos criados durante o processo de orientação vão para além da pesquisa, reforçando o imaginário como o elemento responsável por estabelecer conexões entre as pessoas. Os aspectos positivos e negativos dos orientadores ficarão, ainda que não formalizados, no imaginário de seus orientandos. Ou seja, ainda que de forma inconsciente os orientandos reproduzirão – quando orientadores – concepções apreendidas com seus orientadores.

5. Considerações finais

A pesquisa objetivou explicar como a subjetividade e o imaginário influenciam o compartilhamento do conhecimento na orientação acadêmica *stricto sensu* e propicia a construção de novos conhecimentos. As dimensões do compartilhamento de conhecimentos na orientação acadêmica identificadas são aguçadas pela necessidade, busca e uso da informação recorrentes da pesquisa, ou seja, da necessidade em buscar material bibliográfico para a pesquisa, ou da necessidade de aprendizado em laboratório, a busca pode ser realizada nos meios formais (livros, artigos, anais de congressos) ou nas fontes informais (orientador, colegas de grupo de pesquisa, pesquisadores). O compartilhamento de conhecimento entre orientador e orientando é envolto de uma gama de afetos, expectativas, fantasias e desejos impressos pelos indivíduos nas relações.

A relação na orientação acadêmica é processo humano, social e multidimensional, permeado por dimensões cognitivas, emocionais, perceptivas, históricas, sociais, culturais, incluía-se aí a dimensão simbólica, a qual fica, por vezes, à margem dos estudos científicos. O processo de orientação simbolizado demonstrou que a pós-graduação representa um *locus* para mudanças, transformação, crescimento. A orientação é entendida como uma atividade de conjunto, de união em que o orientador tem a função de acompanhar, guiar. É um processo que resulta em conhecimento e aprendizado.

4. Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de (1993). O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar-aprender. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, 1(1)
- ARAÚJO, Eliane Pawlowski de Oliveira (2013). Tomada de decisão organizacional e subjetividade: análise das dimensões simbólico-afetivas no uso da informação em processos decisórios. 162f. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais.
- ARAUJO, Eliane Pawlowski de Oliveira; PAULA, Cláudio Paixão Anastácio de (2013). Abordagem clínica da informação e at-9: investigando o universo da tomada de decisão pela via simbólico-afetiva. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 3, número especial.
- BARDIN, L.(2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- BATISTA, Angelina (1998). Produção, leitura e interpretação de textos: contribuições da antropologia do imaginário para uma pedagogia da leitura. *Interface (Botucatu)*, Botucatu , 2(2).
- BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria (Orgs.) (2012). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez.
- BRANDÃO, Junito (1991). *Dicionário Mítico-Etimológico*. V. 2. Letras J-Z. Petrópolis: Vozes.
- CIRLOT, Juan-Eduardo (1984). *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Moraes.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain (1988). *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- CHOO, ChunWei (2006). *A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões*. 2.ed. São Paulo: Senac.
- DURAND, Gilbert (1969). *L'exploration de l'imaginaire*. Circé, v. 1.
- DURAND, Yves (1988). *L'exploration de l'imaginaire: introduction à La modelisation des univers mythiques*. Paris: L'Espacebleu.
- HANSEN, Maren Tonder (2005). *Teachers of Myth: interviews on educational and psychological uses of myth with adolescentas*. New Orleans: Spring Journal Books.
- HARARI, Yuval Noah. (2017). *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&PM. 459p.

- ISMAIL, Affero; ABIDIN, Norhasni Zainal; HASSAN, Aminuddin (2011). Improving the development of Postgraduates' Research and Supervision. *International Education Studies*, 4(1).
- LEITE, Fernando César Lima (2006). *Gestão do conhecimento científico no contexto acadêmico: proposta de um modelo conceitual*. Universidade de Brasília, 2006. 159 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade de Brasília.
- LEITE, Fernando César Lima; COSTA, Sely Maria de Souza (2007). *Gestão do conhecimento científico: proposta de um modelo conceitual com base em processos de comunicação científica*. *Ciência da Informação*, Brasília, 36(1).
- LESSING, A. C.; SCHULZE, S (2002). Graduate supervision and academic support: students' perceptions. *South African Journal of Higher Education*, 16(2).
- LOUREIRO, Altair MacedoLahud (Org.) (2004). *O Velho e o aprendiz: o imaginário em experiências com o AT-9*. São Paulo: Zou.
- MAINHARD, T.; RIJST, R.; TARTWIJK, J.; WUBBELS, T (2009). A model for the supervisor-doctoral student relationship. *Higher Education*, v. 58.
- MURATA, Elza K. N. N (2005). *Em busca da casa perdida: as vozes e imaginário de meninos de rua*. São Paulo: Annablume.
- ORTIZ-OSÉS, A. (2012). *Hermenéutica de Eranos: las estructuras simbólicas del mundo*. Barcelona: Anthropos Editorial. 238p.
- PAULA, Cláudio Paixão Anastácio de (1999). *Informação e psicodinâmica organizacional: um estudo teórico*. Dissertação Mestrado. Escola de Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.
- _____ (2005). *O símbolo como mediador da comunicação nas organizações: uma abordagem junguiana das relações entre a dimensão afetiva e a produção de sentido nas comunicações entre professores do departamento de Psicologia de uma instituição de ensino superior brasileira*. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia Social e do Trabalho. São Paulo: Instituto de Psicologia.
- _____ (2012). *Dimensões simbólicas e afetivas do uso da informação: uma análise das comunicações entre professores do departamento de psicologia de uma instituição de ensino superior pública brasileira*. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 2, Número Especial.
- _____ (2013). *A investigação do comportamento de busca informacional e do processo de tomada de decisão dos líderes nas organizações: introduzindo a abordagem clínica da informação como proposta metodológica*. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 3, Número Especial.

- PAULA CARVALHO, José Carlos de (1990). Antropologia das organizações e educação: um ensaio holonômico. Rio de Janeiro: Imago.
- PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo (2008). Docência no ensino superior. 3 ed. São Paulo: Cortez
- QUEIROZ, Tatiana Pereira (2014). O bom filho a casa sempre torna: análise do relacionamento entre a universidade federal de minas gerais e seus egressos por meio da informação. 2014. 202 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- SEVERINO, Antonio Joaquim (2012). Pós-graduação e pesquisa: o processo de produção e de sistematização do conhecimento no campo educacional. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria (Org.). A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. 3. ed. Florianópolis: Ufsc; São Paulo: Cortez.
- SÁ, Rosilene Moreira Coelho de (2015). Compartilhamento do conhecimento e o processo de orientação de discentes de pós-graduação *stricto sensu*. 2015. 158f. Dissertação. (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- STEWART, Thomas (1998). Capital intelectual. 2.ed. Rio de Janeiro: Campus.
- TARGINO, M. G (2000). Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. Informação e Sociedade: estudos, João Pessoa, v. 10.
- THOMAS, Joël(1998). Introduction aux methodologies de l’imaginaire. Paris: Ellipses, edition marketing S A.
- VERGARA, S. C. (2005). Métodos de pesquisa em administração. São Paulo: Atlas.
- ZHAO, F (2003). Transforming quality in research supervision: a knowledge-management approach. Quality in HigherEducation, v. 9.

Abordagem Clínica da Informação: o imaginário Biblioteca/Google na perspectiva dos nativos digitais

*Clinical Approach of Information:
The Library/Google imaginary from
the perspective of digital natives*

Maria Leonor Amorim Antunes

**Escola de Ciência da Informação
Universidade federal de Minas Gerais
mariaamorimm@gmail.com**

Resumo

O presente artigo deriva de uma pesquisa que discorreu sobre a biblioteca e o buscador Google (Antunes, 2015). Tem como objetivo exemplificar a investigação de fenômenos infocomunicacionais através da Abordagem Clínica da Informação, considerando as dimensões simbólicas e o imaginário. Observa-se que podem ser atribuídas ao buscador Google inúmeras mudanças na forma de aprender, de interagir e de se pensar a informação. Sendo assim, indaga-se: qual o papel que essa companhia desempenha na vida de estudantes e qual o confronto ou relacionamento com a biblioteca enquanto canal de pesquisa? Dados foram coletados por observação não participante e entrevistas semiestruturadas, realizadas com quatro alunos entre 14 e 17 anos de idade. A escola pesquisada tem uma filosofia educacional inspirada na *Escola da Ponte* (Portugal), que tem na atividade de pesquisa o núcleo do método de ensino. Esta seção pretendeu, portanto, verificar como os participantes retratam a biblioteca e o Google, escolhendo imagens e associações. Embora tenha sido provado que a biblioteca não é considerada fonte de informação para a amostra, a evidência mais estimada foi o imaginário evocado pela mesma. A biblioteca, nessas reproduções, foi representada como um organismo vivo e fascinante. Com relação ao Google, a presença do buscador provou-se consolidada no dia a

Abstract

*This article results from a research about the library and the Google Search Engine. It aims to exemplify an investigation of info-communicational phenomena through the Clinical Approach of Information, considering the symbolic and imaginary dimensions. Literature attests that several changes in the way of learning, interacting and thinking the information can be attributed to Google. Reflecting especially on the search for information, what role does this company play in the life of students and what is the confrontation or relationship with the library as a research channel? Data were collected by non-participant observation and semi-structured interviews with four students between 14 and 17 years of age. The school studied presents an educational philosophy inspired by the *Escola da Ponte* (Portugal) and research activity is the core of the teaching methodology. Therefore, this section of the research aimed at verifying how the participants portray the library and Google, choosing images and associations. Although it has been proven that the library is not considered as an information source by the sample, the most estimated evidence was the subjectivity evoked by it. The library is considered a living and fascinating organism in these representations. Regarding to Google, its presence has been proven consolidated in the daily life of youth and the strength of the brand became very evident. It is considered that the*

dia dos jovens e a força da marca tornou-se evidente. *Clinical Approach of Information can help providing an analytical framework with premises for a new understanding of the library by the youth.* Considera-se que a Abordagem Clínica da Informação pode oferecer um referencial de análise com premissas para uma nova compreensão da biblioteca pelos jovens.

Palavras-chave: Abordagem Clínica da Informação. Biblioteca. Google. Imaginário. **Keywords:** *Clinical Approach of Information. Library. Google. Imaginary.*

1. Introdução

Segundo Callegaro (2011), a ideia de que o comportamento humano e o pensamento consciente sofrem influência de instâncias internas da mente tem uma longa história que, no Ocidente, provém de Hipócrates e Galeno. Callegaro (2011) declara ainda que no decorrer dos dois últimos milênios a visão sobre o inconsciente sofreu significativas alterações, mas esteve sempre presente no pensamento humano. O presente artigo observa o papel das manifestações inconscientes na determinação do comportamento humano (mais especificamente o comportamento informacional). Provém de trabalhos que discorreram sobre a biblioteca e o buscador Google (Antunes, 2015; Antunes, Paula & Sirihal Duarte, 2016) e almeja demonstrar a investigação de fenômenos infocomunicacionais através da Abordagem Clínica da Informação (ACI), considerando as dimensões simbólicas e o imaginário.

1.1 O que é a Abordagem Clínica da Informação?

A Abordagem Clínica da Informação ascende como um módulo de conhecimento iniciado a partir de estudos de Paula (1999, 2005, 2011, 2012, 2013); autor que se dedicou a reunir os conhecimentos e contribuições da psicologia aos apontamentos da Ciência da Informação. Segundo ele, estamos vivendo em "contexto informativo desafiador" no qual o uso da informação, a gestão do conhecimento e a apropriação de informações pelo sujeito (especialmente) passam por uma reconfiguração peculiar. Neste novo cenário, a informação é cada vez mais marcada pela ação dos "desejos e vicissitudes da subjetividade humana" (Paula, 2013, p.2).

Sendo assim, mostra-se apropriado desenvolver uma sensibilidade capaz de vincular as teorias e práticas informativas com as relações humanas. Ele diz que hoje em dia o foco dos gerentes e pesquisadores incide pragmaticamente nos resultados (produtos e serviços de informação

em si), enquanto a "conduta pessoal e interpessoal" (precisamente o que motiva e justifica os requisitos de gestão do conhecimento e da informação) permanecem pouco discutidas (Paula, 2013).

Como detalha Araújo (2013, p.48, grifo nosso):

Proposta por Paula (2011, 2012) esta abordagem apresenta a possibilidade de investigar o comportamento informacional considerando a influência de elementos culturais, simbólicos, cognitivos e afetivos, assim como os fatores psicodinâmicos - conscientes e inconscientes. O autor sugere a expressão "Abordagem Clínica da Informação" para designar uma perspectiva de trabalho inspirada na designação francesa *approche clinique* que tem por característica um olhar profundo do fenômeno da informação, utilizando-se de uma **perspectiva clínica** (sem o viés psicopatológico) para atingir níveis de análise não usuais nos estudos comportamentais e cognitivistas tradicionais. [...] o método clínico tem como principal preocupação o recolhimento de dados e informações sem isolá-los da situação "original" em que foram reunidas e do contexto em que se inserem.

A abordagem francesa refere-se a uma corrente de estudos que trabalha as relações históricas entre a psicologia clínica e a psicanálise. Como concordam Aguiar (2001) e Machado (2010), França e Estados Unidos reivindicam as procedências da psicologia clínica. Aguiar (2001) declara ainda que a noção de método clínico se inclui na estreita conjunção entre psicologia clínica e psicanálise, formulada na França nos termos de uma "unidade da psicologia".

Especificando a palavra clínica em sua etimologia, cabe lembrar o que Costa e Brandão (2005, p.34) propõem em seus estudos – sobre psicologia com propostas de intervenção social – ao retomar Barbier (1985, p.45): a palavra clínica provém do grego, *kliné* e significa "procedimento de observação direta e minuciosa". Para Sévigny (2001, p. 15) a etimologia da palavra clínica declara também o efeito da observação direta "junto ao leito do paciente".

Ao refletir sobre os motivos de se adotar a designação "clínica", pode-se evocar Plaza (2004, *apud* Avellar, 2009, p.14) que, na sua definição de psicologia clínica, afirma que o clínico busca compreender o indivíduo intimamente em suas aspirações, códigos e representações assume um quadro teórico "necessariamente em movimento e confronta as suas referências com a complexidade das diversas situações que se apresentam". Assume-se no presente artigo que este deveria ser o mote de qualquer apropriação feita desse nome.

Sintetizando, D'Allones (2004, p. 74) elege a definição de W. Huber (1987):

“É essa relação de troca que prevalece provavelmente na constituição desenvolvimento e vida de nossa disciplina. Um Clínico confrontado com problemas práticos volta-se, cedo ou tarde, para uma ou várias disciplinas fundamentais na esperança de nelas encontrar resposta a alguma de suas indagações. A insuficiência da teoria para explicar ou resolver o problema dá lugar a remanejamentos da teoria que podem levar a modificações da prática cujos resultados por sua vez influenciam a teorização”.

Considera-se, portanto, que uma Ciência da Informação conectada com os desafios evocados pelas primeiras décadas do século XXI dirige seu campo de observação dos sistemas informacionais para os sujeitos com que interagem e isso a aproxima do delineamento postural proposto pela psicologia clínica. Sendo assim, a apropriação do termo pela Ciência da Informação justifica-se devido: a fluidez e abrangência da matéria do estudo de ambas; a pluralidade de referenciais de análise e possibilidades de discussão que essa matéria de estudo suscita e a inexistência de uma rigidez conceitual nos dois campos; o que abre as portas para que ocorra um diálogo conceitual e metodológico. Emprega-se o vocábulo, ainda, para indicar o encadeamento entre a prática e teoria, por entender que ambas passam a se interconectar. Confirmando esta assertiva, Avellar (2009) afirma que as atividades de observação, descrição e explicação se constituem na dupla fundamentação da clínica: a elaboração e a aquisição de um saber teórico e no campo da prática. No entendimento de diversos autores da área, a prática constantemente desafia a teoria convocando-a para a sua auto reformulação.

1.2 A Abordagem Clínica na Ciência da Informação

A pesquisa a que se refere este artigo adentra em uma das especialidades da ciência da informação (CI): os estudos de usuários; matéria de vital importância para profissionais que desejam compreender o indivíduo e suas necessidades de informação e, conseqüentemente, aperfeiçoar suas linhas de ação. A noção de estudos de usuários vem sendo progressivamente aprimorada desde a definição de Figueiredo (1994, p.7), segundo a qual: “trata-se de investigações destinadas a saber o que os indivíduos precisam em matéria de informação”. A trajetória histórica realizada por Batista e Cunha (2007) atesta que nas últimas cinco décadas a temática tem sido amplamente analisada nas mais variadas perspectivas. No cenário mais atual Amaral (2014), citada por Cunha, Amaral e Dantas (2015, p. 36), reforça o caráter interdisciplinar e a valorização da pesquisa para a área ao retratar o conceito de estudo de usuários como:

Um campo interdisciplinar do conhecimento que, no âmbito da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, a partir da aplicação de diferentes métodos e técnicas de pesquisa, possibilita a análise dos fenômenos sociais e humanos relacionados com os diferentes aspectos e características da relação do usuário com a informação em suas ações, comportamentos e práticas informativas.

Como se pode notar, são muitos os entendimentos necessários para compreender a relação do sujeito com a informação. Estas noções se encontram inseridas em estruturas teóricas diferentes e, por vezes, não explícitas. Uma vez que os estudos de usuários acompanham diretamente os caminhos da ciência da informação, a Abordagem Clínica permeia uma proposta de um referencial adicional de estudo, sem contudo, abdicar dos 'modelos' e 'paradigmas' já consolidados na arena da CI e dos estudos de usuários.

Analisando a literatura, Gasque e Costa (2010, p. 29) sugerem ter havido, metaforicamente, um 'salto quântico' nos estudos da área, causado justamente pela ampliação do olhar na compreensão da complexidade dos fenômenos sujeito/informação. Segundo elas, a base teórica da ciência da informação precisa sustentar-se "na ideia de um campo ortogonal" de perspectivas interdisciplinares, permanecendo a necessidade de aprofundar-se em cada um deles. Deste modo, a proposição que se segue pondera a pertinência de incorporar o viés psicológico no teor epistemológico da CI e discute a abordagem clínica da informação como possibilidade metodológica para estudos de usuários.

A análise de alguns excertos mostra indícios de que, ainda que de maneira implícita, se faz presente a existência de uma linha que explicita por que os aspectos interiores (tais como pensamentos, emoções, sentimentos) agem sobre as ações humanas e respondem pela maneira como o indivíduo toma atitudes, se posiciona socialmente e age diante da informação. Muito embora este interesse não tenha sido retratado expressamente em questões terminológicas, verifica-se que existe um espaço para aprofundar as questões psicodinâmicas (teorização dos aspectos psicológicos que agem sobre o comportamento humano, enfatizando a interação entre as motivações consciente e inconsciente). São exemplos:

Segundo Kuhlthau (2004), o processo de busca de informação é interativo e cada estágio pode ser associado a estados cognitivos e *afetivos*. Constata-se, nessa perspectiva, que alguns estágios "são mais difíceis para os estudantes do que outros" (Fialho, 2010, p.167)

As pesquisas buscavam conhecer as *características únicas* de cada usuário e o processo cognitivo comum à maioria deles, abordando questões como categorização técnica, memórias de curto e longo prazos, estilos de aprendizagem, *motivação*, tipos de *personalidades* e fatores semânticos (Gasque & Costa, 2010, p.28).

Mais que isso, caracteriza-se, também, pela ênfase na interação entre os contextos cognitivo, social, cultural, organizacional, *afetivo* e fatores linguísticos, em que o fenômeno do comportamento informacional é parte do processo de comunicação do ser humano. (Gasque & Costa, 2010, p.29).

Diversas conjunturas utilizam conceitos, teorias e ferramentas oriundos da psicologia no estudo do homem e das sociedades, o que conduz ao entendimento de que a CI tem a se beneficiar ao fazer o mesmo. Sendo assim, afirma-se a conveniência em compreender de forma científica a sistematização das forças psicológicas atuantes sobre o sujeito e devotar atenção especial a elementos como a subjetividade e as bases conscientes e principalmente as inconscientes.

1.3 Por que empregar a ACI na pesquisa?

O emprego da Abordagem Clínica da Informação neste estudo encontra-se fundamentado em duas premissas. Uma delas é o fato de que os seres humanos nem sempre conseguem manifestar o conteúdo real de seus pensamentos e nem sempre entendem esse conteúdo de forma racional; fator que interfere diretamente na coleta e averiguação de dados. Em segundo, pressupõe-se existir um imaginário individual e coletivo a circundar a biblioteca e o Google; sendo que a percepção e as representações que em geral as pessoas têm sobre estes espaços, parecem sugerir uma construção a partir de bases mais inconscientes que conscientes.

No momento de empreender um estudo de usuários, ainda que o cenário holístico (tal como momento histórico, elementos culturais, núcleo social, condições econômicas, dentre outras) não fosse determinante, ainda seria preciso atentar para as características próprias do sujeito. Podem existir mecanismos de defesa do entrevistado (fuga, recusa, ignorância, reticência), disparidades entre o que o sujeito declara e o que seu comportamento demonstra (gestos, fisionomia, entonação), pode haver dificuldades com a expressão, com a linguagem, incompreensões dos conceitos ou diversos outros ruídos que atrapalham a comunicação e a fluência da informação. A seguir mencionam-se dois casos nos quais os aspectos subjetivos e inconscientes assumem grande relevância:

Rapport com o entrevistado

Além do vasto referencial de análise um dos grandes préstimos trazidos pela Abordagem Clínica da Informação está no contorno de obstáculos, das barreiras na comunicação. Inicialmente a primeira estratégia empregada consistiu em retomar o princípio da cartografia afetiva (na verdade a abordagem desenvolvida por Tassara & Rabinovich, 2001) e convidar os participantes a falar de si mesmos: “quem é você?”; “fale-me um pouco sobre você”. Este artifício provou-se valioso para conseguir uma aproximação efetiva com os entrevistados e quebrar a tensão inicial, deixando-os mais à vontade, mais interessados e participativos. O encorajar da livre expressão é também útil para minimizar eventuais vieses derivados do desconforto do sujeito pesquisado; que pode ter atitudes de falar o que acha de “deve” ou o que acha que o entrevistador “espera ouvir”.

Fluência das entrevistas

Outra contribuição para a obtenção de dados faz-se através da associação simbólica, que revela dentre outros o imaginário. Consiste na aplicação de perguntas simples e diretas, aparentemente desconexas de um objetivo, porém cuidadosamente selecionadas. Atende a dois momentos: ao perceber a investigação atravancada e para assegurar que foi obtida com fidelidade a impressão dos participantes emitida em outras fases da coleta. Ressalta-se neste procedimento, a capacidade incisiva de detectar problemas ou condições que abertamente não conseguiriam ser explicitadas pelo sujeito: o que ele sabe, mas não “sabe que sabe”, o que nunca “parou para pensar” ou o que sabe, mas não consegue expressar.

Como exemplo, traz-se um momento estacado da coleta de dados da dissertação Comportamento informacional em tempos de Google (Antunes, 2015):

Entrevistadora: Vamos falar sobre a biblioteca?

Aluno: Ah, biblioteca é doido né...

Entrevistadora: Doido como?

Aluno: Ah é massa, legal pra caramba...

Entrevistadora: Mas o que você acha da biblioteca de uma forma geral, da biblioteca da escola?

Aluno: Ah, não acho nada assim, específico... Acho que tem sua importância sem dúvida.

Reticência, entrevista atravancada.

Entrevistadora: Se você fosse comparar a biblioteca com um estágio da plantação, dentre semeadura, colheita, pós-colheita... O que você escolheria?

Aluno: Hoje em dia? Eu acho que a biblioteca seria uma planta que estaria murchando.

Entrevistadora: Por quê?

A entrevista se desdobra

Aluno: Acho que falta repensar aquela coisa clássica de se procurar alguma coisa, de ir até a biblioteca (...).

Deste modo, empregou-se o apelo ao simbólico e ao metafórico para acessar o universo particular do indivíduo, uma vez que este traz elementos de entendimento sobre a forma como indivíduo se relaciona no espaço e no tempo com a biblioteca e o Google. Encontram-se, no depoimento do sujeito, suas afinidades emocionais, suas reproduções de imagens simbólicas, seus sentimentos, suas representações mentais e padrões de comportamento. É, observa-se, essa profusão de elementos que conecta e influencia seus atos racionais. Propôs-se, portanto, considerar a hermenêutica dessas dimensões (simbólica e afetiva); intrínsecas ao processo de busca, seleção, interpretação e uso de informações.

2. Contexto da pesquisa e objetivo geral

Como ensina Castells (1999), a partir das décadas de 1960 e 1970, observou-se a emergência de um “novo mundo” onde a sociedade, economia e a cultura passaram a ser interligadas e mediadas pela tecnologia. As revoluções trazidas pelo advento dos computadores e o surgimento da Internet, transformaram visceralmente a forma de organização da sociedade. A disseminação da informação passa a acontecer em níveis nunca antes experimentados, o que caracteriza a chamada Era da Informação ou Sociedade da Informação.

A expressão 'Sociedade da Informação' refere-se portanto, a um modo de desenvolvimento social e econômico, em que a aquisição, armazenamento, processamento, valorização, transmissão, distribuição e disseminação de informação desempenham um papel central na atividade econômica, na geração de novos conhecimentos, na criação de riqueza, na definição da qualidade de vida e satisfação das necessidades dos cidadãos e das suas práticas culturais (Legey; Albagli, 2000).

O maciço volume de dados aliado às novas tecnologias já consolida uma nova realidade. Nos últimos anos, observa-se uma transformação na forma como a informação é trabalhada. Através da Internet a difusão de dados acontece de maneira global e instantânea. Além do

acesso à informação, as pessoas podem obter, produzir e compartilhar conteúdo de um modo nunca observado antes na história. Neste contexto, o indivíduo, membro da chamada Sociedade da Informação, passa a usufruir de práticas informacionais sistematizadas pela Internet, considerada atualmente como um veículo tecnológico de comunicação e informação. Este veículo passa a sustentar categorias estruturais para o surgimento de outro tipo de prática informacional; configurada em uma lógica de redes, cujas complexas e multilaterais relações merecem ser investigadas.

No âmbito educacional a Internet também tem inspirado transformações. Dentre os métodos de ensino até o aprendizado de fato (etapas estas do processo educativo), colocam-se inúmeras variáveis. O foco da discussão deste trabalho se situa em uma delas: a busca de informação. Sabe-se que a pesquisa escolar ou a prática da lição de casa leva o aluno a fazer pesquisas na Internet e a utilizar a Rede como referência. O que se observa é que mesmo em espaços onde tal tendência não existe expressivamente, a Internet é considerada inexoravelmente veículo de informação. E uma vez que esta é mediada pelos motores de busca, mostra-se interessante avaliar as circunstâncias de sua utilização.

2.1 Por que o Google?

Diversos sistemas de busca na Internet foram criados antes e após o Google. Entretanto, este se especializou, diferenciando-se dos demais. Nos últimos anos, o Google tornou-se não só a ferramenta de busca mais popular da Internet, mas principalmente um fervoroso fenômeno cultural. Este motor de busca (que virou até verbo -“Googlar”) mudou a forma como a informação é obtida e julgada. E foi ele que passou a gerenciar as fontes de informação eleitas por milhões de usuários.

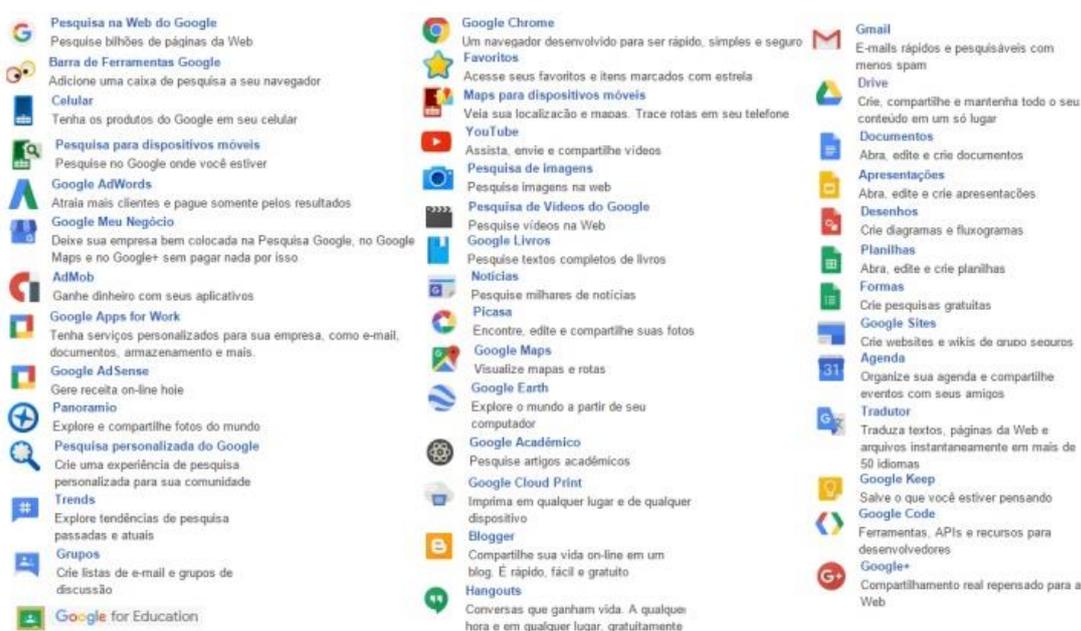
O Google constitui uma empresa peculiar. Surge em 1998, quando Sergey Page e Larry Brin, estudantes da Universidade Stanford, nos Estados Unidos, estabelecem uma parceria, alugam uma garagem e decidem colocar em prática suas pesquisas no campo de busca de informações. Trata-se de uma marca onipresente: o lema da empresa é “Não seja mal” e tem a auspiciosa missão de “Organizar toda a informação existente no mundo e torná-la universalmente acessível e útil” (Sobre o Google, 2014).

A informação é o principal insumo e produto do Google e o principal serviço que a companhia oferece é o sistema de busca de informações determinadas por palavras-chave; precursor dos demais serviços e foco deste estudo. O usuário da Internet acessa o site Google de forma gratuita, digita um termo de busca e o sistema apresenta as páginas da Internet indexadas com termos relativos àquela palavra digitada (Santana, 2008).

Como alega Pereira (2009), é importante salientar a estratégia concorrencial da companhia de valorização de acesso à sua rede. A constante atividade de desenvolvimento, especialização e disponibilização de produtos gratuitos (até então) e tecnologicamente inovadores, faz com que a empresa estreite cada vez mais as fronteiras entre os produtos da Web e as necessidades do mundo real. Ao oferecer uma vasta gama de serviços e produtos que interferem diretamente na vida pessoal e profissional de seus usuários, a empresa Google impetra crescimento horizontal e possibilita que sua rede seja a dominante em seu nicho. Isto dificulta ou até mesmo impede o crescimento de redes concorrentes.

Ao acessar informações do Google, até janeiro de 2015, é possível identificar uma ampla categoria de produtos e serviços, dos quais se destacam alguns, apresentados no Quadro 1 (Sobre o Google, 2015).

Quadro 1 – Principais produtos e serviços Google



Fonte: Sobre o Google

Devido a todos estes serviços e produtos, o historiador cultural e professor da Universidade da Virgínia, Siva Vaidhyanathan, dedicou o livro “A Googlelização de tudo”, para refletir sobre essas questões. Ele ressalta que o Google se tornou uma parte necessária e incrivelmente natural do dia-a-dia e se pergunta: como e por que aconteceu? Ele também afirma que a empresa está mudando os alicerces em que percebemos e valorizamos as coisas e como navegamos no mundo das ideias e culturas. Em outras palavras, estamos moldando a interface e as estruturas do Google em nossas percepções. A prova disto é que seu motor de busca já vem sendo confundido com a própria Internet ao ponto de tornar indissociado da mesma por alguns usuários. Como declara Sanchez-Ocaña (2013, p.49):

Para milhões de internautas em todo o mundo, possivelmente para os menos especialistas, o Google “é a Internet” (...) Não é estranho escutar comentários confusos como “vou entrar no Google”, quando na realidade, referem-se a se conectar à Rede.

Esta incidência trouxe bastante inquietação. Diversos pesquisadores criticam a naturalidade com que o buscador se instalou no cotidiano de milhões de pessoas e tornou-se um intermediário entre o sujeito e a torrente de dados disponível na rede. Através de estudos científicos são levantadas questões como: as ávidas aspirações da corporação (Sanchez-Ocaña, 2013); a censurada falta de transparência por parte da empresa (Kattenberg, 2011); o questionamento à privacidade de seus usuários e a possível dependência da parte destes (Mieli, 2009); o monopólio da rede (Kulathuramaiyer & Balke, 2006); a manipulação dos resultados de busca (Feuz, 2011; Epstein, 2014); a falsa neutralidade e imparcialidade do buscador e das respostas oferecidas (Parisier, 2012); a abrangência de conteúdo (Salo, 2006 *apud* Godwin, 2006) e a ideia que muitos fazem de que tudo está na Web e pode ser acessado pelo Google (Egger-Sider & Devine; 2005 *apud* Godwin, 2006)

Atentando a outras questões, não características da companhia em si, mas do efeito que imprime em seus usuários, outros estudos que demonstram que as facilidades trazidas pelo Google causam mudanças cognitivas e comportamentais. Existem limites, em termos cognitivos, para o quanto de informação as pessoas podem processar. Devido ao boom informacional Small (2009) aponta uma transformação em curso no cérebro das pessoas. Sparrow, Liu e Wegner (2011) declaram que a informação em si está sendo substituída pela habilidade de identificar onde esta poderá ser encontrada. Em decorrência, tem-se o argumento de Carr (2009, 2011) abordando a questão do pensamento crítico: ele alerta que

o sujeito está se tornando mero replicante de informação, sem capacidade para decidir o que é de fato significativo. Correlatamente, Diaz-Isenrath (2005), na análise da tradução dos interesses e necessidades dos usuários do Google, revela que o que estes querem é encontrar informação de uma maneira “fácil” e “rápida”. A esta afirmação confronta-se a emergência de uma nova técnica cultural identificada por Mieli, (2009): a “Síndrome do Cópia e Cola”. Além da originalidade nas produções, muito tem se pensado também nos desdobramentos que a preterição da escrita cursiva pode ter no aprendizado e no comportamento informacional. Estes reflexos são retratados nos estudos de James (2012) e Berninger (2012); outro desdobramento trazido pelo “Cópia e Cola”, por sua vez facilitado pelo Google.

2.2 Problematização e objetivos

Observa-se que podem ser atribuídas ao buscador inúmeras mudanças na forma de aprender, de interagir e de se pensar a informação. Um dos reflexos de tantas alterações pode ser percebido na classe bibliotecária. Miller (2005) alega que os recursos oferecidos pela companhia, principalmente no que tange a prontidão e agilidade com que fornece as respostas em seu mecanismo de busca, tem feito muitos bibliotecários começarem a se sentir desnecessários e inseguros nestas condições. A desvinculação dos usuários da dependência de biblioteca enquanto edifícios e coleções (Miller, 2005) pode realmente ser visualizada como uma convergência à desintermediação e desinformação. Porém pode igualmente indicar a necessidade de um profissional qualificado – o bibliotecário – para avaliar e atenuar estas inconveniências.

Isto posto, instituiu-se como problema de pesquisa questões relacionadas ao comportamento informacional de estudantes na era Google: qual o papel que esse gigante desempenha em suas vidas e qual o confronto ou relacionamento com a biblioteca como ambiente de pesquisa? As fontes de informação foram amplamente expandidas e a busca de informações foi estruturalmente renovada, especialmente entre os jovens. Dessa forma o presente artigo objetiva descrever a observação de como esse fenômeno está ocorrendo e, paralelamente, as novas bases estruturantes da busca de informação e qual sua relação com o Google e a biblioteca.

3. O que foi feito? O percurso metodológico

A pesquisa aplicada foi de caráter qualitativo e compreendeu essencialmente um estudo de usuários. Os dados foram coletados por observação não participante e entrevistas semiestruturadas. A etnometodologia foi utilizada para a observação durante o período de aproximadamente dois meses. A perspectiva etnográfica orientou a presença da pesquisadora em sala de aula, integrando-a no espaço escolar; para que os alunos não se sentissem perturbados e alterassem o comportamento usual com que realizam suas atividades rotineiras. Completando a observação, os alunos responderam três entrevistas em diferentes momentos: um geral, para entender sua conexão e afinidade com o Google e a biblioteca; a segunda, seguindo os processos de busca de informação para verificar métodos e procedimentos de aprendizagem e uma última, comparando os resultados anteriores e verificando como a pesquisa escolar realmente foi produzida.

3.1 A Escola

A escola pesquisada é uma instituição privada, situada na cidade de Belo Horizonte, que atua do jardim de infância ao ensino médio. Com uma filosofia educacional inspirada na *Escola da Ponte*, em Portugal; tem uma proposta pedagógica diferenciada e pode considerada inovadora no Brasil, uma vez que difere de grande parte das demais escolas existentes no país. Desde o início de 2014, a escola vem implementando mudanças nos padrões tradicionais de ensino, que envolveu o surgimento de um currículo aberto e reformas físicas no ambiente escolar. Segundo os dirigentes da instituição, a peculiaridade deste novo modelo, focado em bases construtivistas, enfatiza a autonomia do sujeito e adota a pesquisa acadêmica como a ferramenta essencial para a aprendizagem efetiva e a consolidação da educação.

A proposta da escola é substituir a pesquisa escolar convencional (solicitada pelo professor e trabalhada em casa) por uma alternativa onde a pesquisa passa a se tornar parte do dia a dia da escola e um componente do método de ensino. Supõem seu propositores que, assim, ela possa atuar para despertar o espírito científico dos alunos, suas habilidades relacionadas à informação e seu interesse pelo aprendizado ao longo da vida:

Se desejamos formar jovens pesquisadores, produtores de conhecimento, capazes de contribuir para a transformação do mundo, é essencial que desenvolvam o espírito investigativo, aprendendo a lidar com a pesquisa. Por isso, desde a

Educação Infantil até o Ensino Médio, a pesquisa constitui a estratégia prioritária de produção de conhecimento (Plano Político Pedagógico, 2015).

A diferença mais evidente em relação às escolas tradicionais pode ser constatada no ambiente físico da instituição: não há paredes, nem salas de aula ou apresentações expositivas habituais. As “aulas” ocorrem nos salões, onde ficam dispostos estantes com livros didáticos e literários, computadores e mesas com 4 ou 6 cadeiras - nos quais os estudantes se organizam em grupos de trabalho e recebem roteiros temáticos. A proposta é que, através desse roteiro e dessa interação mais próxima, se inicie o processo de aprendizagem. O método de avaliação também é personalizado. O currículo é subdividido em módulos e os alunos são responsáveis por administrar o tempo, o prazo e as estratégias para completar os roteiros.

Os participantes

Foram entrevistados quatro alunos, com idade entre 14 e 17 anos, dois do sexo feminino e dois do sexo masculino. Esses jovens estão matriculados em um ciclo equivalente ao ensino médio. O perfil socioeconômico os qualifica na classe "média alta". Todos eles declararam adquirir coleções próprias de livros e ter acesso fácil a outros materiais bibliográficos. Todos possuem computadores, todos têm acesso regular à Internet, alguns trazem para a escola seus próprios tablets e computadores, outros usam os da escola no momento das aulas.

A amostra procurou incluir esses alunos, porque tanto a faixa etária dos adolescentes em questão, como o acesso à Internet, os coloca na classificação alvo da pesquisa: os nativos digitais (Prensky, 2001; Palfrey & Gasser, 2008; Tapscott, 2009) ou Geração Google na classificação de Rowlands (2008). A escolha foi feita através de convite a estudantes específicos cujos comportamentos demonstrados (tais como preguiça e interesse em fazer bons trabalhos) despertaram interesse e curiosidade da pesquisadora. Os professores também foram convidados a expressar suas opiniões sobre a seleção. Os participantes foram identificados por números e não houve identificação por gênero.

4. Os dados obtidos

A observação e depois as entrevistas foram transcritas e organizadas de acordo com a fase de coleta de dados: entrevista geral, intermediária e final, com o confronto do material. Através desta organização, leituras sequenciais possibilitaram identificar evidências, características

que se tornaram mais claras e orientaram a definição das categorias de análise. Dada a impossibilidade de expor todas as categorias identificadas, apresenta-se o Quadro 2 com todos os conteúdos, mas detalha-se apenas os aspectos concernentes à emergência do Imaginário.

Quadro 2 – Categorias de Análise

CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO
Método Construtivista Como os alunos percebem e definem o método construtivista de aprendizagem
Processo e método de trabalho Metodologia e desempenho dos alunos a partir dos roteiros.
Busca por Informação Biblioteca e Google como canais formais/informais de pesquisa: utilização, aproveitamento, demais considerações.
PARALELO BIBLIOTECA/GOOGLE
Efetividade O uso da biblioteca e do Google pesquisado pontualmente através da frequência e finalidade de uso.
Afetividade Sentimentos atrelados na relação com os ambientes. Hipótese de impedimento de uso e emprego dos verbos: sentir/gostar/representar/valorizar.
Imaginário Aproximação da biblioteca e do Google a: imagens, músicas, plantação, animais e pessoas.
AVALIAÇÃO GOOGLE
Preeminência Grau de discernimento e apreensão demonstrado pelos alunos diante das interrogações e suscetibilidades dirigidas ao uso do buscador, como privacidade e demais atitudes corporativistas
Polêmicas/conhecimento Grau de discernimento diante das eventuais vulnerabilidades a que se expõem diante do uso do buscador.
Queixas Percepções diante do <i>boom</i> informacional, privacidade e atitudes corporativistas

Fonte: Elaborado pela autora, 2015.

Foi estruturada uma série de perguntas que permitiu desenhar um paralelo entre biblioteca e Google, sem, no entanto, instigar uma comparação direta. Foi solicitado aos alunos que retratassem a biblioteca e o Google, escolhendo imagens e associações. Recordar-se Serbena (2010), que afirma que é através da imagem e da imaginação que atua o relacionamento entre o consciente e o inconsciente. A expressão intrínseca e criativa do sujeito foi explorada através do simbolismo contido nas imagens, sendo as categorias selecionadas: imagem livre, estilo musical, estágio de plantação, animal e pessoa.

Imagem livre:

Foi perguntado aos entrevistados qual a imagem vinha-lhes à cabeça quando pensavam nas bibliotecas e no Google. Emergiram conceitos abstratos e materiais; que transpareceram tradição, memória, suntuosidade, materialidade dos livros e a disposição física do ambiente. Considerando o Google, todavia, existiu pouca ou nenhuma representação imagética.

Para a biblioteca houve primeiro, a associação óbvia com os livros, de maneira correlata aos achados de Agosto e Hughes-Hassell (2005). Contudo, em um momento posterior os sujeitos da pesquisa passaram a evocar imagens e estabelecer associações mais elaboradas. O primeiro participante voltou-se às primeiras bibliotecas – ancestrais, como Nínive e Alexandria – indicando que as mesmas o rememoram tradição, sabedoria e suntuosidade ao passo que sugerem um espaço arcaico, que vigorou tempos atrás, mas que não faz parte do mundo contemporâneo, como mostra a fala *“Eu imagino aquelas bibliotecas enormes, imensas, antigas, da mesopotâmia, textos com papiro (...)”*. O segundo jovem também associou a biblioteca à imagem mais evidente: livros. Contudo, explicou enxergar nos livros a história do homem. Segundo ele, a biblioteca abriga os registros do conhecimento, da cultura e das produções humanas, sendo prova material do desenvolvimento do homem e da evolução da civilização. Sendo assim, elegeu a figura de Karl Marx como o que melhor retrata a biblioteca. O aluno seguinte também associou a biblioteca a livros, porém referindo-se à materialidade da biblioteca. Pensou o espaço físico, a disposição dos livros e móveis, atendo-se à funcionalidade do ambiente. Por fim, o último entrevistado associou a biblioteca a uma floresta; destruída, sombreada, porém com espaços que permitem a observação. Perguntou-se ao aluno o porquê dessa associação, ele disse que disse que a biblioteca serve como espaço de refúgio; quando está cansado e quer “fugir” de uma aula ou pessoa.

Praticamente a única imagem associada ao Google pelos participantes foi “a logo” (referindo-se à clássica logomarca do buscador). Eles não mostraram veemência em se estender mais. Quando então, insistindo, se solicitou que indicassem outra imagem, dois conseguiram estabelecer outra correspondência e escolheram a lupa (do box em que se dá o comando de busca), representando a ampliação do conhecimento e a página que revoca os resultados.

Música

Existe uma forte relação do sujeito com a música; é grande a influência dela no comportamento e personalidade do homem. Sobre isso, estudiosos concluem que a afinidade e percepção musical dizem muito sobre o sujeito, desde uma experiência emocional intensa da vida até as preferências políticas (Halpern, Bartlett & Dowling, 1995; Corrigan, Schellenberg & Misura, 2013; Rentfrow, 2012; Rentfrow & McDonald, 2009). Através da associação com estilos musicais procurou-se observar a relação dos entrevistados com as entidades investigadas.

O primeiro estilo associado à biblioteca foi a Música Popular Brasileira. O aluno justificou sua escolha dizendo ser “muito nacionalista” e estar estudando estilos literários e então associar a música aos escritores brasileiros. O *reggae*, por sua vez, foi apontado, pois representa para o segundo participante “uma *vibe* boa” e quando este se encontra presente em uma biblioteca, entra em sintonia com o espaço, tal como entra com a música. Os sentimentos de liberdade, inspiração e deferência também foram elencados por ele ao citar como exemplo as bibliotecas públicas: “qualquer um pode entrar e utilizar o espaço com respeito”. Dois outros participantes relacionaram a biblioteca à música clássica. Para um deles este estilo “tem lá seus méritos”, mas não gosta muito. Outro fez referência a classes da sociedade e à atmosfera da apresentação da orquestra; pois julga que a apreciação da música clássica depende da tranquilidade do ambiente, do silêncio, calma e de uma certa iniciação. Na concepção dele, tal como o acesso às bibliotecas, o gosto pela música clássica ainda é elitizado e assume ares de requinte ou difícil compreensão. Tal como a cultura de frequentar a biblioteca, nas palavras dele.

Com relação ao Google, as respectivas associações aos gêneros revelaram o POP, relacionado ao alcance do mesmo na sociedade, somado ao fato de o aluno associar o estilo ao apelo do mercado e a músicas pouco densas, nas quais muitas vezes são utilizados recursos tecnológicos. Outro estilo evocado foi o *trance*, vertente da música eletrônica, caracterizada como “frenética” pelo aluno. Os demais participantes não conseguiram fazer nenhum tipo de aproximação. Um deles achou “errado” escolher um estilo musical para o Google (que teria todos os estilos, dada sua abrangência).

Plantação

Utilizando etapas do desenvolvimento de plantações no campo para ilustrar a perspectiva da biblioteca e do Google, pediu-se que cada aluno os atribuísse um estágio do desenvolvimento como representação. As fases consideradas foram: semeadura, florescimento, colheita e pós-colheita. Cada etapa diferente e sequente da outra. O objetivo era saber que grau de desenvolvimento esses jovens adjudicavam aos dois “espaços”; se acreditavam que atingiram seu ápice, se precisam aperfeiçoar ou remodelar e se estão em decadência.

Sobre a biblioteca, um dos entrevistados disparou com desdém: “seria uma planta que estaria murchando”. Quando perguntado o motivo, se esquivou da pergunta, mas deixou a entrever que não acredita muito na proposta das bibliotecas nem na renovação destas propostas. Outro aluno acredita que a biblioteca ainda tem muito a se desenvolver. Mencionou acreditar haver uma diferença em relação aos países nos estágios de desenvolvimento e utilização da biblioteca. No Brasil, a fase apontada foi a de semeadura, mas em outros lugares que (segundo o aluno) valorizam mais os escritores e os usuários têm mais consciência do papel da biblioteca, a fase seria diferente. O acesso ao alcance das mãos colocou a biblioteca na fase da colheita para o terceiro participante, mencionando o “acesso livre e poder usufruir do que tem a mão”. O último também escolheu a colheita. Apesar deste aluno situar a biblioteca nesta etapa – o que na prática representaria a maturidade e o alcance completo em desenvolvimento e evolução – ele relata haver “problemas no discurso”, pois considera existir uma distinção entre o que as bibliotecas se propõem a fazer e o que fazem de fato.

Ao Google, o primeiro entrevistado não determinou uma fase específica, deixando entrever situá-lo entre o florescimento e colheita, pois acredita que este já “está bem formado”, mas “ainda pode surpreender” com a oferta de novas possibilidades. Os três outros atribuíram ao Google a colheita, dois oferecendo a mesma justificativa que a biblioteca: o motivo de disponibilidade “de ter tudo a mão”. Tal como viu discrepâncias de países na biblioteca, este aluno também acredita haver distinção entre o Brasil e outras nações – de que o Google oferece muitas opções que, no entanto, ainda são desconhecidas para a maioria dos usuários no Brasil – e acredita ser possível fazer um uso otimizado de tudo que o Google oferece.

Animais

Nesta etapa, os alunos foram muito pontuais. Ao perguntar aos entrevistados quais espécies ou tipos de animais poderiam ser empregadas para representar a biblioteca observou-se que os jovens indicaram animais cujas particularidades determinavam atributos como: seriedade, liberdade, instinto de sobrevivência, mistério e sabedoria. Para o Google, a interpretação da opinião deles revelou que o buscador é dotado de agilidade, esperteza, sabedoria e tem uma alta capacidade de introduzir-se na sociedade. Alguns referenciais podem ser empregados como recurso auxiliar para a interpretação dos símbolos. São exemplos desse empenho as obras de Chevalier (1986), Chevalier e Gheerbrant (1997), Lurker (1997) e Ferreira (2013). Esses autores reuniram, a partir de investigações e registros antropológicos de diversas culturas, relatos do sentido atribuído por elas a variadas imagens. Esses sentidos foram organizados e têm sido utilizados por autores como Paula (2005) e Araújo e Paula (2013) para, através do recurso da Amplificação das Imagens compreender os múltiplos sentidos possíveis de imagens evocadas pelos sujeitos de pesquisa em seus depoimentos. Segundo Samuels, Shorter e Plaut (1988), a amplificação compõe, juntamente com outras técnicas, o método desenvolvido por Carl Gustav Jung para a interpretação de conteúdos simbólicos. Quando da aplicação desse método o pesquisador, através das Associações diretas feitas pelos entrevistados (aquelas em que eles dizem claramente que essa imagem evoca aquela ideia, situação, pessoa ou coisa), busca determinar o contexto pessoal do uso da imagem pelo pesquisado. Já mediante o uso da Amplificação é possível ligar essas imagens a experiências e imagens universais; estabelecendo “paralelismos míticos, históricos e culturais a fim de esclarecer e ampliar o conteúdo metafórico do simbolismo (Samuels, Shorter & Plaut, 1988, p. 10) atingindo “o tecido psicológico” no qual a imagem se insere. No âmbito deste estudo, elegeu-se o referencial de Chevalier (1986) para analisar o que os depoentes pensam sobre a biblioteca e o Google.

Para a biblioteca, um dos entrevistados escolheu uma tartaruga (associando-a às ideias de vagareza e sabedoria), mas depois mudou de ideia e indicou o gato. Segundo ele, a indicação do animal se justifica na concentração e reserva do bichano: “um gato é aquele bicho mais concentrado, sério; mais ‘na dele’ assim”. Segundo Chevalier (1986) a figura do gato é bastante emblemática, assim como a águia, “algo oculto e misterioso”, escolha do segundo participante para a biblioteca. Este animal é símbolo do céu e sol ao mesmo tempo da

percepção direta da luz intelectual. O terceiro aluno aproximou a biblioteca com um pássaro. De forma geral, o pássaro simboliza os estados espirituais, os anjos, os estados mais elevados do ser. Ser elevado e distante, a escolha da ave, além de deixar transparecer a sensação de liberdade que o jovem vincula às bibliotecas, é também associada pelo depoente ao fato do pássaro “criar estratégias de sobrevivência” e “proteger a sua casa”. Ao mencionar a proteção, o aluno explicou se referir tanto ao sentido da conservação material, à integridade dos livros como no sentido intangível: a permanência das bibliotecas. O último associou a coruja à biblioteca, referindo-se à sabedoria e também à seriedade, mas principalmente à aquisição de conhecimento.

Este estabeleceu para a biblioteca a mesma relação com o Google, expressa na escolha da coruja para denominar os dois, a associação que faz destes espaços com a aquisição de conhecimento. Simbolicamente, segundo Chevalier (1986), a coruja, por não enfrentar a luz do dia, é um símbolo da tristeza, de obscuridade, solidão, retiro e melancolia. Ao mesmo tempo faz parte do Antigo Mundo, é cheia de sabedoria e experiência; por isso está entre os ‘primeiros animais’, os mais nobres.

Um segundo entrevistado descreveu o Google fazendo alusão à capacidade da companhia em adentrar a vida da sociedade. O aluno o associa às formigas; porque elas “estão em todos os lugares, entram em todos os lugares”. Novamente recorrendo a Chevalier (1986), podemos dizer que: simbolicamente consideradas à atividade laboriosa e à vida organizada em sociedade, as formigas desempenham um papel importante na organização do mundo. Para outro participante o Google, por sua vez, seria um macaco; “porque eles relacionam o macaco com inteligência, dinâmica e não sei, esperteza”. Reconstruindo um pouco de sua simbologia: o macaco é conhecido por sua agilidade, inteligência prática, dinâmica, mas também dispersão, travessura e irreverência. A única aproximação possível como Google para um último aluno foi relativa à presteza com que o buscador processa e entrega as respostas procuradas. Este aluno, no entanto, não atribuiu esta celeridade a nenhum animal específico, dizendo somente que o que tinha em mente era “algo bastante veloz, rápido; um bicho veloz”; volátil e sem forma específica.

Pessoa

Ao solicitar que transformassem a biblioteca em uma pessoa, dois participantes disseram que a mesma seria homem, velho para um deles e de meia idade para outro. Em comum o fato de, em ambos os casos, este homem ter muita sabedoria e conhecimento. Para um seria um professor e para outro um poeta. Os dois outros entrevistados visualizaram a biblioteca como uma mulher. Para um deles, seria simplesmente adulta, para o outro, bem velha. Eles concordaram que se trataria de uma pessoa muito “doutrinada”, contudo um deles lhe atribuiu ao mesmo tempo características de prosperidade, riqueza e antipatia.

Com relação ao Google, dois deles acreditaram que o buscador seria uma pessoa bem jovem e com empregos informais, caracterizando de certa forma uma falta de compromisso com o que oferece. Em contrapartida, os dois demais imaginaram o Google em uma idade intermediária, dotado de bastante vivência e trabalhando em profissões mais tradicionais, reconhecidamente de mais rigor regulamentar e responsabilidade.

5. Conclusões

O emprego da Abordagem Clínica da Informação neste trabalho não trata apenas de trabalhar as imagens e os símbolos como ferramentas de marketing para reposicionar uma marca, uma geração, uma ideia, ou no caso, a biblioteca. Ela busca construir um referencial de análise com premissas de uma nova compreensão da biblioteca pelos jovens e fazer com que esta possa assumir outra significação simbólica.

Muito embora tenha se comprovado que a biblioteca não é fonte de informação para a amostra, a evidencia mais significativa foi com relação à “alma encantadora das bibliotecas” (Antunes, Paula & Sirihal Duarte, 2016). As declarações e a forma com que os participantes se expressaram ao falar da mesma asseveraram a existência de uma relação afetiva comum, uma representação coletiva expressa por suas subjetividades. Para eles há a impressão de que existe algo etéreo e imaterial que emana das bibliotecas. O “clima” instaurado foi o quesito que mais se destacou. A biblioteca é muito valorizada principalmente pela atmosfera de silêncio e quietude, bem como pela incitação à leitura e aquisição de conhecimento, colocada pelos alunos como algo intrínseco à presença na biblioteca. Os sentimentos evocados pelos estudantes giraram em torno da curiosidade diante da vastidão material que as bibliotecas

abrigam, mas foram mais expressivos com as emoções e estados de espírito, como respeito, paz, curiosidade e introspecção. De um modo geral, mais que pelo seu acervo, a biblioteca os fascina pelo espaço e pelo que delas provém. Ainda assim, fato digno de nota é que, apesar de todo esse imaginário e percepções, eles não a frequentam.

Com relação ao Google, a presença do buscador provou ser consolidada no dia a dia dos jovens e a força da marca tornou-se evidente. Efetivamente os alunos estão bem mais próximos dele do que a biblioteca. Ainda assim, há um imaginário sobre a biblioteca que não se reproduziu sobre o Google.

Se historicamente as bibliotecas eram instituídas de um valor simbólico, emblema de conhecimento, tradição e poder, hoje, na era dos nativos digitais, observa-se que a informação encerrada em livros e paredes não se justifica mais. Sendo assim, para determinar a relação dos jovens de hoje com a biblioteca é preciso encontrar o elo perdido (ou que, no caso, nunca foi criado) entre estes sujeitos e a instituição. Explica-se: como as subjetividades são construídas com a vivência e com o meio em que o indivíduo está inserido, se a visita a biblioteca não faz parte de seu círculo, tudo o que está é e representa vai se perdendo ou deixando de ser construído para o sujeito. É a tradição que eles reconhecem extrinsecamente, mas não em seu interior. Assim, sugere-se trabalhar a altíssima simbologia e representatividade que circunda a biblioteca no imaginário destes jovens e retomar a afetividade presente nela para ressignificar a ida à biblioteca como uma experiência transformadora (Antunes, Paula & Sirihal Duarte, 2016).

O mesmo se diz da concepção que o sujeito e a sociedade têm da biblioteca e do bibliotecário: tratam-se de construções feitas através de representações sociais construídas na interação entre esses partícipes ao longo de milênios de história. Como a realidade é uma criação social – procedente da compreensão e interpretação de mensagens – a percepção da biblioteca pelo sujeito revela um grande poder imaginativo, seja este consciente ou não. Desta forma, ressalta-se a relevância de investir nos estudos sobre o imaginário e suas possíveis aplicações na Biblioteconomia e Ciência da Informação.

6. Referências Bibliográficas

- AGOSTO, D. & Hughes-Hassell, S. (2005). People, places, and questions: An investigation of the everyday life information-seeking behaviors of urban young adults. *Library and Information Science Research*, 27, v.2, 2005. p. 141–163.
- AGUIAR, F. (2001). Método Clínico: Método Clínico? *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 609-616, 2001. Recuperado em março de 2016 de: <http://goo.gl/Pna5q0>.
- ANTUNES, M.L.A (2015). *Comportamento informacional em tempos de Google*. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação. Belo Horizonte. Recuperado em julho de 2016 de: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-A8SJ7E>.
- ANTUNES, M.L.A, Paula, C.P.A. & Sirihal Duarte A.B. (2016). Abordagem Clínica da Informação: a alma encantadora das bibliotecas e a força da marca Google. *Anais do X EDICIC*, Belo Horizonte, MG, Brasil. Setembro de 2016.
- ARAÚJO, E.P.O. (2013). *Tomada de decisão organizacional e subjetividade: análise das dimensões simbólico-afetivas no uso da informação em processos decisórios*. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.
- ARAÚJO, E.P.O. & Paula, C.P.A (2013). Abordagem clínica da informação e at-9: investigando o universo da tomada de decisão pela via simbólico-afetiva. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 3, número especial (out. 2013), p. 197-217.
- AVELLAR, L.Z. (2009). A pesquisa em psicologia clínica: reflexões a partir da leitura da obra de Winnicott. *Contextos Clínicos*, 2(1):11-17, janeiro-junho 2009. Recuperado de: <http://zip.net/bhsFpM> em 05 janeiro de 2016.
- BAPTISTA, S.G & Cunha, M.B. (2007). Estudo de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.12, (2), p.168-184, 2007. Recuperado de: <http://zip.net/bfsD5Z> em 05 janeiro de 2016.
- BARBIER, R. (1985). Pesquisa ação na instituição educativa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BERNINGER, V. (2012). Evidence-Based, developmentally appropriate writing skills K–5: teaching the orthographic loop of working memory to write letters so developing writers can spell words and express ideas. Presented at *Handwriting in the 21st Century: An Educational Summit*, Washington, D.C., January 23, 2012.
- CALLEGARO, M.M. (2011). O novo inconsciente: como as terapias cognitivas e as neurociências revolucionaram o modelo do pensamento mental. Porto Alegre: Artmed.
- CARR, D. (2009). How Good (or Not Evil) Is Google? *New York Times*, Nova Iorque, 21 jun. Recuperado de

<http://www.nytimes.com/2009/06/22/business/media/22carr.html> em agosto de 2016.

CARR, N. (2008). Is Google Making Us Stupid?: What the Internet is doing to our brains. *The Atlantic Monthly*, Boston, p.1-9, ago. 2008. Recuperado de: <http://is.gd/WmRTVh> em 11 mar. 2013.

CARR, N. (2011). *A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros*. Rio de Janeiro, Agir.

CASTELLS, M. (1999). *A Era da Informação: economia, sociedade e cultura*, vol. 3, São Paulo: Paz e Terra.

CHEVALIER, J. (1986). *Diccionario de los símbolos*. Barcelona: Editorial Herder. 554p.

CHEVALIER, J. & Gheerbrant, A. (1997). *Dicionário de Símbolos*. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 11 ed.

CORRIGALL, K.A, Schellenberg, E.G & Misura, N.M. (2013). Music training, cognition, and personality. *Frontiers in Psychology*, 4 (222). Recuperado de: www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23641225 em 13 jan. 2016.

COSTA, L.F & Brandão, S.N. (2005). Abordagem clínica no contexto comunitário: uma perspectiva integradora. *Psicol. Soc.* v.17 (2) maio-ago. 2005. Recuperado de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822005000200006> em 05 jan. 2016.

CUNHA, M.B; Amaral, S.A & Dantas, E.B. (2015). *Manual de estudos de usuários da informação*. São Paulo: Atlas, 448p.

D'ALLONES, C.R *et al.* (2004). *Os Procedimentos clínicos nas ciências humanas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

DIAZ-ISENRATH, C. (2005). Um estudo sobre o Google: questões para uma leitura micropolítica das tecnologias da informação, *Liinc em revista*, v.1 (2), setembro 2005, p. 96-117.

EGGER-SIDER, F. & Devine; J. (2005). Google, the Invisible Web, and librarians : slaying the research Goliath. In: Miller, W. & Pellen, R.M (Orgs) 2005. *Libraries and Google*. Binghamton, NY: Haworth Information Press, 2005. p. 89-101.

EPSTEIN, R. (2014). *Democracy at risk: how voters in the 2014 elections in India were manipulated by biased search rankings*. AIRBT, maio 2014. Recuperado de: <http://aibrt.org/index.php/internet-studies> em jul 2015.

EPSTEIN, R. & Robertson, R.E. (2013). Democracy at risk: Search rankings can shift voter preferences substantially. In: *Annual meeting of the Association for Psychological Science*, 25th. 2013, Washington, DC.

- FERREIRA, A.E.A. (2013). *Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos*. Londrina: Eduel, 2013. [Livro eletrônico]. Recuperado de: <http://zip.net/bstjFq> em abril de 2016.
- FEUZ, M.; Fuller M. & Stalder, F. (2011). Personal Web searching in the age of semantic capitalism: diagnosing the mechanisms of personalisation. *First Monday*, v.16, (2) fev. 2011. Recuperado de <http://firstmonday.org/article/view/3344/2766> em agosto de 2016.
- FIALHO, J. (2013). Experiência com estudantes do ensino médio através da pesquisa escolar orientada. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 18(1), 15-25. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-99362013000100003> em agosto de 2016.
- FIGUEIREDO, N.M. (1994). *Estudos de uso e usuários da informação*. Brasília, IBICT. 154 p.
- GASQUE, K.C.G.D, & Costa, S.M.S. (2010). Evolução teórico-metodológica dos estudos de comportamento informacional de usuários. *Ciência da Informação*, 39(1), 21-32. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652010000100002> em agosto de 2016.
- HALPERN, A.R.; Bartlett, J.C. & Dowling, W.J. (1995). Aging and experience in the recognition of musical transpositions. *Psychology and Aging*. v. 10(3), set 1995. 325-342.
- JAMES, K.H. (2012). How Printing Practice Affects Letter Perception: An Educational Cognitive Neuroscience Perspective. Presented at *Handwriting in the 21st Century: An Educational Summit*, Washington, D.C., January 23, 2012.
- KATTENBERG, S.J. (2011). *Search here: A historical analysis of search engines development*. Monografia - University of Utrecht, Faculty of Humanities. Utrecht. Recuperado de: <http://goo.gl/9e2bH9> em julho de 2014.
- KULATHURAMAIYER, N. & Balke, W.T. (2006). Restricting the View and Connecting the Dots: dangers of a Web Search Engine Monopoly. *Journal of Universal Computer Science*, v. 12, (12), 1731-1740.
- LEGEY, L.R & Albagly, S. (2000). Construindo a sociedade da informação no Brasil: uma nova agenda. *Datagrama zero*, v. 1, (5), out., 2000. Recuperado de http://www.dgz.org.br/out00/Art_02.htm em 20 fevereiro de 2013.
- LURKER, M. (1997). *Dicionário de Simbologia*. São Paulo: Martins Fontes.
- MACHADO, M.N.M. (2010). Intervenção Psicossociológica, Método Clínico de Pesquisa e de Construção Teórica. *Pesquisas e Práticas Psicossociais* 5(2), São João del-Rei, agosto/dezembro. Recuperado de http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume5_n2/Mata_Machado.pdf em agosto de 2016.

- MIELI, S. (2008). Os perigos do Google como único filtro da realidade. *Brasil de fato*, São Paulo, v.6 (274), p.2-29. Recuperado de <https://www.brasildefato.com.br/node/3601/> em agosto de 2016.
- MILLER, W. & Pellen, R. M (Orgs). (2005). *Libraries and Google*. Binghamton, NY: Haworth Information Press. 240 p.
- PALFREY, J.G & Gasser, U. (2008). *Born digital: understanding the first generation of digital natives*. New York: Basic Books. 375 p.
- PARISER, E. (2012). *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Rio de Janeiro: Zahar. 250 p.
- PAULA, C.P.A. (1999). *Informação e psicodinâmica organizacional: um estudo teórico*. Dissertação Mestrado. Escola de Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.
- PAULA, C.P.A. (2005). *O símbolo como mediador da comunicação nas organizações: uma abordagem junguiana das relações entre a dimensão afetiva e a produção de sentido nas comunicações entre professores do departamento de Psicologia de uma instituição de ensino superior brasileira*. Tese (Doutorado). Departamento de Psicologia Social e do Trabalho. Instituto de Psicologia, USP. São Paulo.
- PAULA, C.P.A. (2011). Dimensões simbólicas e afetivas do uso da informação: uma análise das comunicações entre professores do departamento de psicologia de uma instituição de ensino superior pública brasileira. In: *Anais do XII ENANCIB*. Brasília: v. 1. p. 01-20.
- PAULA, C.P.A. (2012). Proposta de metodologia para a investigação do comportamento de busca informacional e do processo de tomada de decisão dos líderes nas organizações: introduzindo uma abordagem clínica na informação. *XIII ENANCIB*. Rio de Janeiro.
- PAULA, C.P.A. (2013a). Psicologia, gestão e conhecimento. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 3, Número Especial, p. 1-5.
- PAULA, C.P.A. (2013b). A investigação do comportamento de busca informacional e do processo de tomada de decisão dos líderes nas organizações: introduzindo a abordagem clínica da informação como proposta metodológica. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 3, Número Especial, p. 30-44.
- PAULA, C.P.A. (2015). O bibliotecário como um information doctor. *Bibl. Univ.*, Belo Horizonte, v. 2, número especial, p. 65-79, fev. 2015. Recuperado de <https://goo.gl/kFXbti> em agosto de 2015.
- PEREIRA, G.A.L. (2009). *Economia digital redes eletrônicas e novas modalidades de concorrência: o caso do Google*. Dissertação (Mestrado) Universidade do Vale do Rio do Sinos. São Leopoldo, 2009. Recuperado de <http://zip.net/byybyN> em maio de 2014.

- PLAZA, M. (2004). A psicologia clínica: os desafios de uma disciplina. In: Giami; M. Plaza (eds.) (2004). Os procedimentos clínicos nas ciências humanas: documentos, métodos, problemas. São Paulo, Casa do Psicólogo, p. 03-16.
- PRENSKY, M. (2001). Digital natives, digital immigrants. *On the Horizon, NCB University Press*, v. 9 (5), out. 2001.
- RENTFROW, P.J. (2012). The role of music in everyday life: Current directions in the social psychology of music. *Social and Personality Psychology Compass*, 6(5), 2012. p. 402–416. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1111/j.1751-9004.2012.00434.x> em 13 jan. 2016.
- RENTFROW, P.J. & McDonald, J.A. (2009). Music preferences and personality. In P. N. Juslin; J. Sloboda (eds.). *Handbook of music and emotion*. Oxford, United Kingdom: Oxford University Press. p. 669–695.
- ROWLANDS, I. & Williams, P. (2008). *Information behaviour of the researcher of the future: the literature on young people and their information behaviour*. Londres: British Library / JISC.
- SAMUELS, A.; Shorter, B. & Plaut, A. (1998). Dicionário crítico de análise junguiana. Rio de Janeiro: Imago.
- SÁNCHEZ-OCAÑA, A.S. (2013). *A verdade por trás do Google*. A inquietante realidade que não querem que você conheça. São Paulo: Planeta. 304p.
- SANTANA, L. (2008). Por dentro do Google, a empresa que dominou o mundo. *Revista Exame*, São Paulo, n. 6, ano 42, 2008. p. 22-29.
- SERBENA, C.A. (2010). Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na Psicologia Analítica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, Gestalt-terapia de Goiânia (ITGT), XVI (1): 76-82, jan-jul.
- SMALL, G. *et al.* (2009). Your Brain on Google: Patterns of Cerebral Activation during Internet Searching. *American Journal of Geriatric Psychiatry*, Bethesda, n., p.116-126, 17 fev. 2009. Recuperado de <http://is.gd/JmXCuW> em 19 mar. 2013.
- SOBRE O GOOGLE. INFORMAÇÕES CORPORATIVAS. (2014). Recuperado de <http://www.google.com.br/intl/pt-BR/about/company/> em 17 mar. 2014.
- SPARROW, B.; Liu, J. & Wegner, D. M. Google Effects on Memory: Cognitive Consequences of Having Information at Our Fingertips. *Science*, New York, v. 333, p.776-779, 5 ago. 2011. Recuperado de <http://science.sciencemag.org/content/333/6043/776.full> em 13 fev. 2013.
- TAPSCOTT, D. (2009). *Grown up digital: how the Net generation is changing your world*. New York: McGraw Hill. 385p.
- TASSARA, E.T.O & Rabinovich, E.P. A invenção do urbano e o poético: uma cartografia afetiva – Estudo sobre o bairro paulistano da Barra Funda. In: Tassara, E. T. O. (Org). (2001)

Panoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano. p.211-267. São Paulo: Educ; Fapesp.

VAIDHYANATHAN, S. (2011). A Googlelização de tudo e por que devemos nos preocupar: a ameaça do controle total da informação pela maior e mais bem-sucedida empresa do mundo virtual. São Paulo: Cultrix.

Como decidem os Bibliotecários? Uma análise da subjetividade inerente às decisões dos gestores de bibliotecas universitárias

*How do Librarians decide? An
analysis of the subjectivity inherent
to the decisions of the managers of
university libraries*

Carla Gomes Pedrosa

Escola de Ciência da Informação
Universidade Federal de Minas Gerais
carlagpedrosa@gmail.com

Claudio Paixão Anastácio de Paula

Escola de Ciência da Informação
Universidade Federal de Minas Gerais
claudiopap@hotmail.com

Resumo

Pesquisas da Universidade Federal de Minas Gerais comprovaram ser possível compreender a subjetividade presente nos processos decisórios por meio da abordagem clínica da informação, que visa uma análise mais aprofundada dos fenômenos investigados. Por meio dessa abordagem, e utilizando a entrevista em profundidade e a análise de conteúdo, o presente artigo apresenta uma investigação sobre a interferência da subjetividade na tomada de decisão diante dos desafios da gestão de bibliotecas de uma universidade federal. Buscou-se investigar os processos de simbolização das falas dos entrevistados – reconstrução das informações coletadas a partir das dimensões simbólico-afetivas evocadas pelos sujeitos. Evidenciou-se que as decisões dos gestores são tomadas mais intuitivamente que racionalmente e que elas se baseiam no repertório de experiências acumuladas pelos sujeitos pesquisados ao longo do seu ciclo vital até chegarem ao cargo de chefia.

Abstract

Studies from the Federal University of Minas Gerais have demonstrated that it is possible to understand the subjectivity present in the decision-making processes through the clinical approach to information, which enables an in-depth analysis of the investigated phenomena. Using this approach, the in-depth interviews and content analysis, this study aimed to investigate the possible interference of subjectivity in decision making when facing the challenges of the management of libraries of a federal university. Furthermore, it analyzed the processes of symbolization that permeate the subjects' speeches - reconstruction of the gathered information from the symbolic-affective dimensions by which it presents itself. The conclusions indicate that managers' decisions are taken more intuitively than rationally and that they are based on the repertoire of experiences throughout their life cycle until they reached this position

Palavras-chave: Subjetividade. Tomada de decisão. **Keywords:** *Subjectivity. Decision making. Clinical Abordagem clínica da informação. Entrevista em approach to information. In-depth interview profundidade..*

1. Introdução

Durante muito tempo, ao voltarem seus olhos para as organizações, os pesquisadores das ciências humanas parecem ter negligenciado as dimensões subjetivas tanto das interações entre os indivíduos entre si, quanto destes com os fenômenos infocomunicacionais, mas pouco a pouco, como aponta Chanlat (1996, p. 32), “em vários lugares, pesquisadores tentam, há alguns anos, elaborar suas hipóteses de trabalho levando em consideração a subjetividade, conferindo-lhe um espaço amplo no enunciado de suas pesquisas”.

Com as mudanças e incertezas que a hipermodernidade gerou nas organizações – como a emergência de um “culto à urgência” (AUBERT, 2003), a cobrança e, conseqüentemente, a necessidade de um maior desempenho e agilidade na tomada das decisões – surgiram estudos com uma abordagem que buscasse superar essa lacuna, observando as influências da intuição e da subjetividade nos processos decisórios, sobretudo em circunstâncias que exigem mais rapidez e dinamicidade.

Na Escola de Ciência da Informação da UFMG, foi desenvolvida uma série de trabalhos com esse propósito. Paula (2005; 2012), por exemplo, realizou uma análise das dimensões simbólico-afetivas que perpassavam as interações entre professores de psicologia de uma instituição pública, sobretudo no que dizia respeito ao uso e compartilhamento de informações. Sá (2015), por sua vez, averiguou a subjetividade presente no intercâmbio de conhecimento entre professores e alunos de um programa de pós-graduação *stricto sensu* conceito 7 no sistema de avaliação aplicado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Araújo (2013), por outro lado, constatou a presença da subjetividade nos processos decisórios relacionados à tarefa de bibliotecários catalogadores, servidores de uma biblioteca universitária, e sugeriu que fossem feitos novos estudos analisando as dimensões subjetivas da tomada de decisão dentro de outras organizações.

Os autores que desenvolveram esses estudos têm denominado essa perspectiva de “Abordagem Clínica da Informação” e a descrito como um exercício de olhar atento para as informações, buscando captar as dimensões simbólico-afetivas que as perpassam e

desenvolver uma análise aprofundada dos “comos” e dos “porquês” implícitos aos fenômenos investigados.

Sob a influência desses estudos, foi desenvolvida uma pesquisa visando investigar, por meio da abordagem clínica, a possível interferência da subjetividade na tomada de decisão diante dos desafios da gestão de bibliotecas de uma universidade federal. E é esse estudo que será brevemente apresentado neste artigo.

1.1. Tomada de decisão e subjetividade

Durante muito tempo a tomada de decisão foi considerada sob a égide da racionalidade, como um processo linear, analítico, que segue um passo a passo de busca, interpretação e seleção das melhores alternativas para a solução de um problema (CABANTOUS & GOND, 2011).

Essa perspectiva foi aos poucos sendo substituída pela percepção de que tal racionalidade é limitada. Na década de 60, Simon (1965) já apontava que, nos processos decisórios, o conhecimento das conseqüências é sempre fragmentário, a previsão dos resultados é imperfeita e a escolha das opções para solucionar um problema é incompleta, tendo em vista o fato de a mente humana não ser capaz de abarcar todas as alternativas e informações possíveis para tal intento.

Ao encontro dessa perspectiva, Gupta e Govindarajan (1984) afirmam que tanto os dados biográficos, quanto as características relacionadas à personalidade dos executivos, podem influenciar na eficácia de algumas estratégias e processos decisórios.

Payne (1985) e Shiloh et al. (2001), por sua vez, ressaltam que as diferenças cognitivas individuais referentes à maneira como os indivíduos representam a amplitude e complexidade das decisões também influenciam na tomada de decisão. Em outras palavras, à medida que aumenta a complexidade das tarefas e processos decisórios, para manter as demandas de processamento de informação dentro dos limites das suas capacidades cognitivas, os indivíduos utilizam diferentes e, portanto, subjetivas escolhas heurísticas.

Baseados em uma extensa revisão de literatura sobre o tema, esses pesquisadores explicam que

a tomada de decisão requer habilidades de reconhecimento e avaliação da situação, capacidade de enquadramento, detecção da estrutura subjacente a um

problema e reconhecimento de padrões (Cannon-Bowers & Bell, 1997; Endsley, 1997; Klein, 1993; Lipshitz, 1993; Orasanu & Connoly, 1993) – todos esses aspectos sujeitos a diferenças individuais. Assim, diante das mesmas situações, diferentes indivíduos podem construir estruturas de decisão que diferem entre si na complexidade subjetiva. (SHILOH et al., 2001, p. 700 – tradução nossa).

Segundo Shiloh et al. (2001), há duas tendências pessoais na percepção dos decisores quanto à estrutura da decisão – 1) o estilo de decisão compensatório (Zakay, 1990) e 2) a necessidade de fechamento, tradução da expressão em inglês *need for closure*, (Mayseless & Kruglanski, 1987). As diferenças individuais presentes nessas tendências, por sua vez, influenciam a complexidade e dificuldade da tomada de decisão.

O estilo de decisão compensatório é baseado na distinção entre estratégias compensatórias e não-compensatórias. As compensatórias podem ser resumidas em: identificação dos objetivos, análise das várias alternativas, assimilação imparcial da informação e avaliação cuidadosa das alternativas (Janis & Mann, 1977). As não-compensatórias, por sua vez, não são constituídas por procedimentos linearmente delimitados e se atêm apenas à busca por uma solução ‘suficientemente boa’, ao invés da melhor opção. Entre essas duas alternativas, os sujeitos, segundo Shiloh et al. (2001, p. 701), parecem ter tendências pessoais que favorecem a utilização da estratégia compensatória ou da não-compensatória, dependendo dos traços da personalidade, da educação e do arcabouço de experiências de cada um (Baron, 1988; Zakay, 1990).

Já o estilo de decisão baseado na necessidade de fechamento é definido “pelo desejo de posse do conhecimento definitivo de uma questão e pela aversão à ambigüidade”. (SHILOH et al., 2001, p. 701). Ademais, esse estilo seria marcado por uma preferência pela previsibilidade/finalidade de uma decisão.

Shiloh et al. (2001) concluíram que decisores com tendência a utilizar estratégias compensatórias constroem uma representação mais complexa do cenário da decisão, considerando mais opções e possibilidades que aqueles decisores com tendência ao estilo não-compensatório.

Por fim, aqueles que possuem o estilo de ‘necessidade de fechamento’ (*need for closure*) processam menos informações antes de fazer o julgamento da melhor decisão, geram menos hipóteses para análise e, por isso, constroem uma estrutura de decisão menos complexa.

1.2. A captação da subjetividade através da dimensão simbólica

Para Goulart (2007, p.20), duas perspectivas - a da psicanálise e a da psicologia sócio-histórica – são necessárias para o entendimento da subjetividade. Enquanto na perspectiva psicanalítica a subjetividade está atrelada “ao indivíduo e sua relação com a família e com as pessoas mais significativas de sua vida”, na sócio-histórica, a subjetividade é vista como algo produzido socialmente, já que o tornar-se humano, nessa perspectiva, está relacionado à convivência com outros seres humanos e é “fruto de múltiplas relações sociais”. (GOULART, 2007, p.20).

No presente artigo, a subjetividade será analisada a partir de elementos da psicologia do inconsciente, mas tomando o cuidado de também averiguar o contexto social no qual os indivíduos estão inseridos, observando como a relação do eu com o outro e com o meio onde vive contribui para a constituição da subjetividade. Para tanto, na coleta de dados foram considerados, como elementos constitutivos da subjetividade, as experiências dos entrevistados – aspirações, costumes, crenças, habilidades, conhecimentos, entre outros aspectos simbólico-afetivos, tendo como base o contexto de relações sociais que perpassam as vivências de cada sujeito.

Os padrões subjetivos do comportamento podem ser analisados, segundo Krech et al. (1975), considerando-se as normas, premissas culturais e crenças dos sujeitos, além das tradições, crenças e mitos – narrativas fundadas em elementos simbólicos que compõem as estruturas do imaginário.

Em um estudo sobre o símbolo e outras noções afins a esse conceito, Girard (1997) faz a distinção de quatro classes de símbolos. O de quarta classe seria aquele utilizado, nas ciências exatas, como sinal convencional para representar, por exemplo, os elementos químicos.

O símbolo de terceira classe, por sua vez, abarcaria os emblemas convencionais. Nesse caso, temos como exemplo as bandeiras, consideradas “símbolos” de uma região ou de um país. Já o de segunda classe abrangeria os sinais de identidade, de reconhecimento social. A cruz ao pescoço como “símbolo” de fé e a pomba como “símbolo” da paz são alguns exemplos de símbolos de segunda classe.

Por sua vez, o símbolo de primeira classe, que interessa ao presente estudo, é aquele que evoca conceitos concretos, porém complexos e de difícil apreensão, recuperados apenas por meio da intuição simbólica. Esta consistiria na tentativa de apreender os processos de simbolização das falas dos sujeitos, ou seja, os processos de representação da realidade via metáforas e símbolos (palavras simbólicas). Isso fica mais perceptível na seguinte adaptação explicativa do esquema desenvolvido por Girard (1997, p.36):

PROCESSO DE SIMBOLIZAÇÃO = simbolizante (a palavra que representa/simboliza algo) + simbolizado (o que está sendo representado – carga simbólica da palavra)

Fonte: Girard (1997) Adaptação: Autoria própria

Nesse processo de simbolização, Paula (2012) aponta que o símbolo, ou a carga simbólica das palavras, seria uma espécie de “catalisador das expressões afetivas conscientes e inconscientes”, em outras palavras, um estímulo para alcançar a subjetividade dos indivíduos nas entrelinhas do que o entrevistado pretende explicar conscientemente, de maneira precisa, mas que é perpassado pelas marcas afetivas e simbólicas das experiências de cada um. Em suma, as palavras, “ao alcançarem o status de símbolos, trabalham dentro de cada indivíduo organizando sua interpretação da realidade” (PAULA, 2012, p.130)

Dentro dessa perspectiva, na análise de conteúdo apresentada neste artigo, algumas palavras serão identificadas em seu papel simbólico, buscando-se os sentidos profundos que as perpassam, dentro do contexto de vida do sujeito entrevistado e da sua lógica particular na construção das narrativas (processo de simbolização).

2. Métodos e técnicas

Em busca de uma análise mais aprofundada para acessar os aspectos subjetivos presentes nos processos decisórios da gestão de bibliotecas universitárias, utilizou-se a abordagem clínica da informação, que remete, segundo Paula (2012), à ideia do pesquisador como aquele que se reclina sobre o seu objeto de pesquisa – observando atentamente cada detalhe e entrelinha das informações fornecidas pelos sujeitos entrevistados – para alcançar níveis de análise que não são habituais nos tradicionais estudos comportamentais e cognitivos.

Dentro dessa abordagem, optou-se pela entrevista em profundidade como recurso para a coleta de dados, “geralmente utilizada quando se busca acessar a perspectiva dos sujeitos,

para conhecer como eles interpretam suas experiências em seus próprios termos, explorando o mundo da vida cotidiana” (PIOVANI, 2007, p.220 – tradução nossa).

Para obter um nível de espontaneidade desejável – sem correr o risco de desviar do foco de análise – optou-se pela entrevista semiestruturada, com elementos sugeridos por Tassara e Rabinovich (2001) de um roteiro de entrevista que busca suscitar, nos entrevistados, “uma narrativa autobiográfica construída com base em ilações de memória, por meio das imagens suscitadas pelas perguntas” (TASSARA; RABINOVICH, 2001, p. 226).

Importante ressaltar que, antes das entrevistas, com o intuito de obter um primeiro perfil dos sujeitos entrevistados, foram recolhidas informações sobre o gênero, formação, idade e outros dados para caracterização dos gestores.

Roteiro da entrevista

1. Caracterizando o entrevistado:

Idade; Sexo; Religião; Estado civil; Formação; Tempo de exercício na função de gestor.

2. Conhecendo a trajetória do entrevistado até o cargo de gestor:

Conte-me um pouco da sua trajetória pessoal, da escolha do curso de Biblioteconomia até chegar ao cargo de gestor, ressaltando experiências e características pessoais que você considera que contribuíram para chegar ao cargo que você ocupa atualmente. Como você chegou até aqui? Conte-me uma experiência marcante na sua trajetória profissional. Conte-me outra.

3. Investigando os desafios da gestão de bibliotecas universitárias:

Quais são os principais desafios de gerir uma biblioteca universitária? Quais são as suas principais atribuições, atividades e responsabilidades que você exerce enquanto gestor? Quais são as principais pressões com as quais você tem que lidar no seu dia a dia? Como são os prazos para tomar uma decisão? E os recursos financeiros? E a relação com os superiores? E com os subordinados?

4-Investigando as habilidades pessoais aplicadas na gestão:

Quais habilidades e aptidões você utiliza para enfrentar os desafios e pressões do dia a dia de gestor de uma biblioteca? Conte-me uma situação real em que uma aptidão sua o auxiliou na gestão. Conte-me outra. Você acha que se não tivesse essas habilidades conseguiria ser um(a) gestor(a)? Em outras palavras, você considera as suas habilidades fundamentais para um(a) gestor(a)? Por quê? Você tem vontade de desenvolver outras habilidades? Quais? Por quê?

5-Investigando a interferência de características pessoais na gestão:

Gostaria que você me falasse uma característica sua que você considera positiva para a gestão. Conte-me uma situação em que essa característica o auxiliou na gestão. Conte-me outra.

Agora gostaria que você me falasse uma característica sua que você considera negativa. Conte-me uma situação em que ela possa ter interferido de maneira negativa em algum aspecto da gestão. Conte-me outra.

Quais são seus principais medos? Já interferiram em algum momento na gestão? Como?

Quais são seus principais anseios, enquanto gestor(a)? Eles te motivam de alguma forma? Como?

6-Investigando a tomada de decisão:

Como você normalmente toma decisões diante das pressões que vivencia no dia a dia da biblioteca? Você procura seguir um passo a passo de busca da melhor alternativa, ou age mais intuitivamente? Por quê?

Gostaria que você se recordasse da decisão mais complexa que teve que tomar como gestor(a) dessa biblioteca. Conte-me detalhadamente como foi essa situação. Como você se sentiu? O que você fez para chegar à decisão final? Conte-me detalhadamente todo o processo. Como você agiria se pudesse voltar no tempo e decidir novamente?

Fonte: Autoria própria.

O critério para seleção dos entrevistados foi o fato de ocuparem o cargo de gestores de unidades de informação, ou seja, uma população homogênea composta por profissionais especializados. Dentro desse critério, Oliveira (2001) explica que a amostragem não é probabilística e o quantitativo de sujeitos não precisa ser estatisticamente válido.

A escolha da amostra foi intencional. Entre os gestores do Sistema de Bibliotecas de uma universidade federal, foram escolhidos aqueles cujas características mais se diferem (heterogeneidade da amostra) e que são mais atuantes nas bibliotecas (representatividade dos sujeitos).

Quanto à saturação da amostra, considerou-se o número de seis entrevistados suficientes para alcançar as informações desejadas. Para tanto, utilizou-se o critério de saturação de Glaser y Strauss (1967) *apud* Piovani (2007, p.223) de que o ideal é se “fazer entrevistas até o momento que se alcance a certeza prática de que novos entrevistados não trariam elementos desconhecidos, ou até então não tratados, sobre o tema da investigação”. Para garantir o anonimato das entrevistas, os sujeitos entrevistados foram denominados S1, S2, S3, S4, S5 e S6.

Na interpretação do material coletado, a pesquisa utilizou a análise de conteúdo proposta por Bardin (1977, p.42), definida por ele como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do

conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens”.

Em um primeiro momento, foram definidas as seguintes categorias para analisar as entrevistas: **Trajectoria da escolha do curso de Biblioteconomia até o cargo de gestor; Características do gestor; Definição de biblioteca e de bibliotecário e Tomada de decisão diante dos desafios da gestão.**

Na análise dos dados obtidos em cada categoria, por sua vez, empregou-se, como um elemento auxiliar para compreensão das dimensões simbólicas evocadas pelos sujeitos da pesquisa, uma hermenêutica do processo de simbolização das falas dos sujeitos.

Para tanto, os dicionários de símbolo de Cirlot (2012) e de Chevalier; Gheerbrant (2015) - que reúnem registros de sentidos atribuídos por diversos povos, do oriente e do ocidente, aos mais diversos símbolos – foram utilizados como ferramentas auxiliares de um *exercício de amplificação*, para o qual também foram pesquisados, em *sites* acadêmicos e oficiais, conceitos, descrições históricas e/ou bibliográficas das metáforas e símbolos evocados pelos sujeitos entrevistados.

De fato, como apontam Samuels, Shorter e Plaut (1998, p.10), o *exercício de amplificação* “envolve o uso de paralelismos míticos, históricos e culturais a fim de esclarecer e ampliar o conteúdo metafórico do simbolismo” e consiste na análise da profundidade e extensão das metáforas e símbolos evocados pelo depoente, a partir dos sentidos que o próprio entrevistado atribui à sua fala.

3. Análise dos dados

Na análise de conteúdo das entrevistas, optou-se por investigar a fala de cada gestor isoladamente, na tentativa de averiguar – por meio de uma investigação das dimensões simbólico-afetivas das entrevistas – se as escolhas, trajetórias, características e decisões de cada sujeito, diante dos desafios por ele enfrentados na gestão, constituíam uma “narrativa” singular àquele entrevistado e, portanto, perpassada mais proximamente por sua subjetividade do que supõem as teorias sobre tomada de decisão.

Considerando a extensão dos casos analisados, será feita a apresentação, em profundidade, de apenas um deles (S1). No entanto, por ser emblemático, ele ilustra o ocorrido com os cinco demais casos.

3.1. Análise aprofundada da entrevista de S1

Quadro 1 – Informações gerais sobre S1

S1	Sexo	Idade	Religião	Formação	Tempo na função de gestor
	Feminino	52	Católica praticante	Graduação em Administração e em Biblioteconomia	21 anos

Fonte: Dados de pesquisa. Elaborado pela autora.

Desde o início da entrevista com S1, que durou 45'29", notou-se o senso de responsabilidade como uma característica marcante da entrevistada; característica esta que parece perpassar também, como se verá adiante, o estilo de gestão e, conseqüentemente, a tomada de decisão da gestora.

Perscrutaram-se os dados de S1 de acordo a ordem das categorias de análise anteriormente apresentadas – Trajetória do curso de Biblioteconomia ao cargo de gestor; Características do gestor; Perfil de biblioteca e de bibliotecário; Tomada de decisão diante dos desafios da gestão – , e, em cada uma delas, destacaram-se falas da entrevistada nas quais foram evocadas palavras ou ideias cuja carga simbólica auxiliou na compreensão do sentido atribuído por S1 às experiências por ela vivenciadas.

3.1.1. Trajetória da escolha do curso de Biblioteconomia ao cargo de gestora

Ao falar sobre a trajetória até o cargo de gestora, S1 evoca as seguintes palavras/figuras simbólicas: **livro, pai, mãe e fogueira**. As falas de S1, por meio dessas palavras, revelam que as experiências por ela vivenciadas nessa trajetória fizeram-na desenvolver um forte senso de responsabilidade, afeição por conhecimento e cuidado com o próximo. O caminho para se chegar a essa afirmativa poderá ser visualizado nas análises de cada palavra simbólica contextualizada nos depoimentos de S1.

Por causa das restrições de espaço, as análises serão mostradas de forma esquemática – uma simplificação da pesquisa original necessária para que seja possível apresentar uma apreensão do todo. Importante ressaltar que, nessas análises, as referências aos dicionários de símbolos são resultado de escolhas feitas, entre inúmeros outros sentidos, em função da sintonia com os textos narrativos evocados pela entrevistada, como poderá ser visto a seguir:

- **O LIVRO – Trechos da fala de S1:** “Eu sempre gostei muito de lidar com **livro**, aí fui fazer Biblioteconomia” // “eu sempre fui muito cheia dos porquês, mas os porquês eram muito internalizados. Não tinha muito pra quem perguntar. (...) Nos **livros** eu acho as minhas **respostas**” // “meu grande dom é a **curiosidade**. Às vezes o usuário vem fazer uma pesquisa básica e eu **enfronho na pesquisa**, eu vou adiante. É curiosidade mesmo”.

PROCESSO DE SIMBOLIZAÇÃO = simbolizante (livro) + simbolizado (fonte das respostas para os porquês internalizados)

O LIVRO NO DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS: Os romanos consultavam os livros sibilinos (enigmáticos) em busca de “encontrar neles as respostas divinas para suas angústias”. (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2015, p.555)

AMPLIFICAÇÃO: S1 também parece encontrar, nos livros, as respostas para os seus “porquês internalizados”. E a busca por essas respostas parece ter sido o motivo inconsciente da sua decisão de cursar Biblioteconomia.

Ademais, o local de trabalho de S1 (a Biblioteca) dá acesso às fontes das respostas (os livros) e a sua função (bibliotecária) permite que ela utilize constantemente essas fontes (nas pesquisas), o que parece saciar e, ao mesmo tempo, fomentar a avidez de S1 por conhecimento.

- **O PAI:** “Meu sonho era ter sido **Química**. Fui fazer administração para **agradar meu pai**.” // “Do meu **pai herdei a** responsabilidade, a cumplicidade, o cuidado com o outro. A vontade de querer sempre ajudar”

PROCESSO DE SIMBOLIZAÇÃO = simbolizante (pai) + simbolizado (exemplo de responsabilidade, cuidado com o outro)

O PAI NO DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS: Em muitas culturas, “o pai é o ser de quem a pessoa quer vir a ser, e de quem quer ter o mesmo valor” (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2015, p.678-679).

AMPLIFICAÇÃO: Observa-se que o pai, para S1, parece ocupar um lugar de exemplo a ser seguido. Dessa forma, o senso de responsabilidade dela na gestão da Biblioteca parece ter advindo desse exemplo do pai. Essa responsabilidade e compromisso também parecem ter sido adquiridos com a mãe.

- **A MÃE:** “adquiri da minha **mãe** a responsabilidade, o perfeccionismo. Ela **ficava no trabalho depois do horário** porque tinha que limpar o laboratório, deixar tudo no jeito, no capricho, para o outro dia”. + “**Pouco caso, desleixo com o trabalho, isso me bate muito forte**”.

PROCESSO DE SIMBOLIZAÇÃO = simbolizante (a mãe) + simbolizado (compromisso com o trabalho, pessoa de confiança)

A MÃE NO DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS: A mãe é símbolo de segurança e de abrigo (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2015, p.580).

AMPLIFICAÇÃO: Fazendo um paralelo com a vida de S1, pode-se inferir que o **trabalho** – assim como a figura materna e a exemplo dela – parece também ser sinônimo de **abrigo e segurança**: “**o trabalho é importante pra mim. É o que me mantém viva por enquanto**”, afirma S1.

E S1, por sua vez, parece ser abrigo e segurança para alguns usuários da biblioteca: “**Tem aluno que fica mais aqui do que na sala de aula. Eu acompanho muito, eu acabo acompanhando muito**”.

- **A FOGUEIRA:** “Praticamente eu acabei de me formar, me jogaram na chefia. Aqui na Biblioteca tem essas coisas, né? A gente acaba de entrar, ou de mudar de cargo, eles põem a gente na fogueira”. // “De vez em quando eu ameaço, eu falo pra diretoria: “Eu vou sair da chefia dessa Biblioteca”, mas eu fico pensando: como é que será a minha vida sem a Biblioteca, né?” (...) “Eu sonho em voltar a ser uma catalogadora simples, comum. Só que eu acho que ninguém vai me enxergar assim”.

PROCESSO DE SIMBOLIZAÇÃO = simbolizante (a fogueira) + simbolizado (elemento que destrói, mas ao mesmo tempo é fonte de vida)

SIGNIFICADO SIMBÓLICO: A fogueira, assim como o fogo, representa, ao mesmo tempo, “o mal (destruição, incêndio) e “o bem (calor vital). Nesse último sentido, em muitos ritos a fogueira é “considerada como virtude para provocar o crescimento das messes e o bem-estar de homens e animais” (CIRLOT, 2012, p.258-259).

AMPLIFICAÇÃO: Pode-se inferir que a fogueira, apesar de possuir, a princípio, uma conotação negativa na fala de S1, é também o lugar onde ela encontra o reconhecimento do seu trabalho, sendo, inclusive, difícil desvencilhar-se do cargo de gestora: “eu sonho em voltar a ser uma catalogadora simples, comum. Só que eu acho que ninguém vai me enxergar assim. Todo mundo tá tão acostumado a chegar aqui e falar: “Ah, eu quero falar com a S1”.

A fogueira, então, representaria essa dualidade na vida profissional de S1: ao mesmo tempo em que parece representar a destruição do sonho de ser apenas catalogadora, representa também o “calor vital” que faz com que S1 se indague: “como seria a minha vida sem a Biblioteca?”. Há, portanto, um dilema: S1 diz querer sair do cargo de chefia da Biblioteca onde está, para se dedicar somente à catalogação, mas inconscientemente – subjetivamente – o que ela parece desejar mesmo é permanecer na instituição e no cargo de chefia, o que é revelado inclusive na atitude dela de fazer a carta de entrega do cargo para a diretoria da unidade onde trabalha, mas nunca conseguir, de fato, se desvencilhar da função de gestora, até mesmo por uma questão de reconhecimento por parte dos seus superiores: “A gente entrega o cargo conforme muda a diretoria, porque é um cargo de **confiança**, só que eu acabei ficando. **Eu sempre faço a carta pra entregar (o cargo), mas ela volta, então**”... E essa opção dos diretores da unidade de manterem S1 no cargo parece estar relacionada ao fato de a própria imagem dela ter sido atrelada à da Biblioteca e vice-versa, tamanho o envolvimento e dedicação às atividades que realiza.

3.1.2 Características da gestora / Perfil de biblioteca e de bibliotecário

Ao falar sobre suas características enquanto gestora e sobre o perfil de biblioteca e de bibliotecário que considera ideais, S1 evoca duas figuras simbólicas: uma mais genérica, a “irmã de caridade”, e uma bastante específica, o “padre Vaz”. Ao evocar as características

dessas figuras como exemplo de vida, ela parece mostrar que a responsabilidade, a valorização da constante busca pelo conhecimento (padre Vaz) e o cuidado com o outro – o estar sempre maternalmente disponível para ajudar e acolher (irmã de caridade) – são espelhos para a imagem que ela tem de uma biblioteca e de um bibliotecário ideais. Essa imagem, por sua vez, também parece se refletir na forma como S1 gere a biblioteca, como será apresentado nas análises a seguir.

- **A IRMÃ DE CARIDADE** - “meu pai colocou meu nome em homenagem a uma prima que foi ser irmã de caridade. Era a sobrinha mais velha dele. E ele ficou muito triste porque é aquela coisa... eles acham que vai ser irmã que vai sair do mundo, né? E essa era a Filosofia na época” (FALA 1) + “Eu não tinha essa imagem que algumas pessoas têm de que, ao se tornar irmã de caridade, você vai se isolar do mundo e viver só pra tentar atender Deus, porque pra mim é muito além disso”. (FALA 2) + “Eu falei que eu estudei pra ser irmã de caridade. Não que elas sejam melhores, mas elas transmitem uma paz de espírito muito grande pra gente, até pra tomarmos decisões, né?”. (FALA 3)

PROCESSO DE SIMBOLIZAÇÃO = simbolizante (irmã de caridade) + simbolizado (integração, força, atenção e afeto maternal)

PESQUISA HISTÓRICA EM ARTIGO CIENTÍFICO E NO SITE DO VATICANO: Na época da criação da Companhia das irmãs de caridade (séc. XVII) - as freiras “tinham como princípio o de que Deus lhes entregou, nas pessoas dos pobres, velhos, crianças, doentes, prisioneiros e outras mulheres, todos os serviços, sejam corporais, sejam espirituais” (PADILHA; MANCIA, 2005, p.274)

O papa argentino Jorge Mario Bergoglio (Papa Francisco) afirmou, em Encontro com noviças e noviços no dia 6 de julho de 2013, que a missão desses seminaristas é “amadurecer até à paternidade pastoral, até à **maternidade pastoral**, e quando um sacerdote não é pai da sua comunidade, **quando uma religiosa não é mãe de todos aqueles com os quais trabalha, torna-se triste**”. Ele concluiu sua fala dizendo que essa **paternidade** e **maternidade** “deve conduzir à **fecundidade**”. (Fonte: site do Vaticano <<http://m2.vatican.va/>>. Acesso em: 10 fev. 2017).

AMPLIFICAÇÃO: o desejo de S1 de ser irmã de caridade parece ter advindo da necessidade de fazer honra à imagem que o pai parece ter atrelado a ela, mesmo antes do nascimento de seu nascimento (vide FALA 1). Além disso, S1 parecia, à época em que decidiu estudar para ser irmã de caridade (vide FALA 3), querer provar para o pai que haveria um propósito maior para essa missão, muito além daquele presente no imaginário popular, de uma mulher que se consagra a “uma vida perfeita de recolhimento, castidade e abstenção de toda a leviandade terrena”. (PADILHA, MANCIA, 2005, p.274). (vide FALA 2); um papel de acolhimento e de sabedoria na tomada de decisões, como será visto na categoria a seguir.

- **O PADRE VAZ:** “Eu tenho o **padre Vaz como uma inspiração** pelo **conhecimento** que ele tinha e pela **generosidade** dele de dividir”. + “a gente não tem que ter essa visibilidade de achar que é importante (...) você tem que **se mostrar por meio do trabalho**”. + “Eu estudo pra fazer melhor o meu trabalho”.

PROCESSO DE SIMBOLIZAÇÃO = o padre Vaz como inspiração

O PADRE VAZ SEGUNDO ARTIGO CIENTÍFICO: Nascido em Ouro Preto/Minas Gerais, em 1921, o [padre jesuíta](#), professor, [filósofo](#) e humanista [brasileiro](#), Henrique Cláudio de Lima Vaz, entrou para a Companhia de Jesus em 1938. Lecionou na Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo, e no Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Grande intelectual, era reconhecido, sobretudo, pela **magnanimidade** em passar os seus **conhecimentos** para os alunos e também pela sua **modéstia** (DRAWIN, 2002).

AMPLIFICAÇÃO: S1 parece, assim como o **padre Vaz** simbólico (inspiração), **se mostrar por meio** do cuidado com o outro (os usuários) e da busca por conhecimento para aperfeiçoar seu trabalho: “Eu fui fazer um **curso de Libras** numa época que ninguém falava nisso ainda, **porque nós já tivemos um aluno surdo aqui do curso de especialização**”.

S1 também sabe grego, latim, alemão e estudou árabe – sozinha, por meio de CDs – para ajudar na catalogação dos livros da biblioteca onde trabalha. Ela afirma sempre se atualizar por meio de cursos da área de Biblioteconomia e também ministra cursos. A Biblioteca, para ela, deve ser um “centro cultural” e o bibliotecário deve sempre buscar novos conhecimentos.

3.1.3 Tomada de decisão diante dos desafios da gestão

Percebe-se, ao longo do depoimento de S1, que as características adquiridas com o pai, a mãe e o padre Vaz, bem como a visão ideal que ela tem da missão da irmã de caridade e que tenta colocar em prática em sua vida, parecem interferir na maneira como ela toma decisões diante dos desafios por ela apresentados referentes à gestão da Biblioteca. Em outras palavras, constatou-se, na entrevista concedida por S1, que o repertório por ela adquirido com as experiências que vivenciou ao longo de sua trajetória pessoal e profissional – aspectos de sua subjetividade – parecem interferir nos processos decisórios dela.

A seguir, serão destacados os dois principais desafios por ela apresentados e as evidências dessa participação constitutiva da subjetividade na tomada de decisão, legitimadas pelas próprias falas da entrevistada:

a) Gestão de pessoas

Em trecho de discurso apresentado na categoria anterior, o Papa Francisco relaciona a paternidade e a maternidade, dos seminaristas e das noviças, à fecundidade que, em seu aspecto positivo, é símbolo de integração, de unificação e de força, como aponta Cirlot (2012, p.252). A freira, a mãe e a gestora possuem, portanto, como elemento de intersecção, o símbolo da integração e da força.

Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 580) apontam que a “mãe divina simboliza a sublimação mais perfeita do **instinto** e a harmonia mais profunda do **amor**”. Relacionando essa afirmativa à maneira como S1 descreve tomar decisões, pode-se sugerir que o seu processo decisório é perpassado por certo imaginário maternal de integração e pelo amor – evocando símbolos de união.

Esse, por assim dizer, “tom maternal”, é mais perceptível na maneira como S1 faz a **gestão de pessoas**, segundo ela, um dos maiores desafios da gestão da Biblioteca: “Tem uma funcionária aqui que é terrível, terrível assim, literalmente, porque ela é boa servidora, ela sabe fazer as coisas, mas ela é muito pior. É muito agitada, muito nervosa. Ela põe as coisas a perder. (...). Então às vezes eu tenho que ficar **dando conselho**. Então tem hora que eu acho que tinha que ter uma outra pessoa até pra podar ela mais. Mas...”.

Nesse último trecho percebe-se que o senso de responsabilidade de S1 se choca com a preocupação que ela tem com a servidora, que a impede de colocar limites. As mães apresentam essa ambivalência, como mostram Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 580): são amorosas, mas o amor pelos filhos (as) às vezes é tão intenso que as impede de impor limites, prejudicando o amadurecimento da prole.

b) Atendimento aos usuários

A mesma relação protetora da maternidade que S1 tem na gestão de pessoas parece também estar presente no relacionamento com os usuários: “(...) aqui tem muito aluno com esquizofrenia, aluno que suicida. Então a gente às vezes tem que tomar muito cuidado, de acompanhar, de estar do lado. A gente acaba **quase que virando mãe deles**. E eu continuo sendo assim, porque tem vários. Tem alguns que ficam mais aqui do que na sala de aula. Eu acompanho muito, eu acabo acompanhando muito. Você vê a diferença do usuário no dia a dia. Você acaba conhecendo muito bem o usuário”.

EXCESSO DE ATIVIDADES -“Tudo passa por aqui. (...) Acabei acumulando muitas atividades”.

Pode-se inferir que a decisão de assumir tarefas para além da função de gestora parece refletir o senso de responsabilidade (que remete às figuras paterna e materna), a vontade de ajudar e acolher (seguindo o exemplo de vida das irmãs de caridade) e a avidez por conhecimento (identificação com os livros e com a intelectualidade do padre Vaz), como apresentado nas categorias anteriores.

Também percebe-se que não existe, de fato, uma cultura da urgência na Biblioteca, mas situações de pressão “criadas” pela própria maneira como S1 lida com a gestão, sempre querendo dar o seu melhor, com responsabilidade e dedicação.

Tudo isso parece decorrer, por sua vez, do repertório de experiências de S1 e da maneira como cada uma delas marcou sua trajetória como gestora.

4. Considerações finais

O presente artigo teve por objetivo apresentar a metodologia e os resultados da investigação da presença da subjetividade – do imaginário simbólico que perpassa as experiências de cada

sujeito – na gestão de bibliotecas universitárias, especificamente na tomada de decisão dos gestores diante dos desafios enfrentados no dia a dia dessas unidades de informação.

Na coleta e análise dos dados, foram consideradas, como elementos constitutivos da subjetividade, as experiências dos entrevistados – tanto em família, quanto no trabalho –, as aspirações, costumes, crenças, habilidades, conhecimentos, entre outros aspectos simbólico-afetivos, bem como os contextos e relações sociais que perpassam as vivências de cada sujeito.

Importante destacar que os dados coletados sobre o contexto no qual cada gestor está inserido, tanto no âmbito do trabalho, quanto no ambiente familiar, foram fundamentais para compreender os processos decisórios de cada um. Observou-se, em relação ao ambiente de trabalho, que o contexto de contingências das bibliotecas universitárias analisadas é praticamente o mesmo, o que muda é a maneira como cada gestor é afetado por elas, que parece interferir, por sua vez, nos processos decisórios.

Para a maioria dos entrevistados, o principal desafio é a gestão de pessoas. Problemas enfrentados no atendimento aos usuários e a sobrecarga de atividades também são mencionados. Em relação ao excesso de demandas, observa-se que, nas bibliotecas universitárias analisadas, parece não haver um "culto à urgência" (AUBERT, 2003) na tomada de decisão, mas situações de pressão "criadas" pela própria maneira como os sujeitos lidam com a gestão, de acordo com as características que foram desenvolvendo ao longo de sua trajetória de vida, tais como senso de responsabilidade, perfeccionismo etc.

Para investigar a presença da subjetividade nos processos decisórios diante dos desafios acima mencionados, foram captadas, por meio das entrevistas em profundidade, palavras e figuras simbólicas evocadas nas falas dos entrevistados, tais como o pai, a mãe, a irmã de caridade (S1), a tartaruga (S2), o herói (S3), o gestor cultural (S4), o diplomata (S5) e o "cão de guarda" (S6). Ao se analisar os simbolismos por detrás de cada uma delas – e as conexões com o ciclo vital e o contexto de onde emergem e no qual se inserem – foi possível compreender, de maneira mais aprofundada, a presença de elementos subjetivos nos modos específicos como esses sujeitos tomam suas decisões.

Por meio da análise das falas dos entrevistados, observou-se que os dados inicialmente recolhidos sobre o gênero e idade dos gestores pouco ou nada afetam a maneira como eles

lidam com os processos decisórios relatados. Por outro lado, a trajetória até chegar ao cargo de gestor – postura, temperamento, habilidades e dificuldades adquiridas ou moldadas pelas experiências que cada um teve no trabalho ou no âmbito familiar – parece se refletir nos processos decisórios diante dos desafios enfrentados por esses decisores no dia a dia das bibliotecas.

Verificou-se também que a subjetividade está presente na percepção afetiva e simbólica que cada gestor tem da biblioteca onde atua, do seu papel enquanto bibliotecário e enquanto gestor e, conseqüentemente, na tomada de decisões desses gestores de bibliotecas universitárias diante dos desafios da gestão.

Corroborando os estudos que apontam a presença de dimensões subjetivas nos processos decisórios, notou-se, na maioria dos depoimentos, que as decisões são tomadas mais intuitivamente do que racionalmente, sobretudo na gestão de pessoas, no atendimento aos usuários e nas situações de urgência “criadas” pelos gestores.

Retomando os já citados Shiloh et al. (2001), quando afirmam que há duas tendências pessoais na percepção dos decisores quanto à estrutura da decisão – **1) o estilo de decisão compensatório** e **2) a necessidade de fechamento**, pode-se lançar uma nova luz sobre os dados apresentados neste estudo.

Tendo em vista a descrição dessas categorias, pode-se inferir que, aqueles gestores com perfil mais perfeccionista e pragmático e, sobretudo, aqueles que, além de práticos, são incisivos, parecem ter maior necessidade de fechamento – *need for closure* –, por isso tendem a seguir as regras de maneira mais rígida, de modo a evitar ambigüidades. E quando essas regras inexistem ou não estão tão claras, esses gestores parecem estabelecer seus próprios critérios e tentar ser fieis a eles.

Já os entrevistados com um perfil mais reflexivo e maternal – como S1, apresentada neste artigo – parecem ter um estilo de decisão mais compensatório, avaliando todas as possibilidades de acordo com cada contexto e/ou com o repertório que possuem, em busca de decisões que amenizem os conflitos/estresse, utilizando, para solucionar os desafios, perspectivas culturais, filosóficas etc.

Por fim, observou-se que a investigação dos processos de simbolização das falas, captadas por meio das entrevistas em profundidade, permite alcançar um nível aprofundado de análise das dimensões simbólico-afetivas. Percebeu-se que esse processo permite compreender os sujeitos – e a maneira como tomam decisões – ao reconstruir o todo (o sentido primordial) das falas a partir dos fragmentos da realidade, dos sentidos a ela atribuídos pelos sujeitos e dos sentidos simbólicos recônditos nas entrelinhas, nas metáforas evocadas nos depoimentos e também nos silêncios e nas hesitações das falas dos entrevistados.

Importante ressaltar que a análise desses elementos nas entrevistas em profundidade, no entanto, é delicada, e exige, além de um olhar perscrutador, um cuidado ao apresentar as possibilidades interpretativas captadas pelo pesquisador, sempre buscando respaldá-las na própria fala dos sujeitos, e utilizando termos como “parece que”, “observa-se que”, “infere-se que”. Essa decisão terminológica parte da limitação da análise, que não tem a pretensão de rotular ou fazer um diagnóstico psicológico dos sujeitos entrevistados, mas pretende apenas lançar alguma luz sobre os “comos” e “porquês” das experiências de cada um.

Sugere-se, a partir desse estudo, continuar a investir em pesquisas com a abordagem clínica da informação, utilizando a entrevista em profundidade como método de coleta de dados, e explorando, para tanto, a análise dos simbolismos e metáforas evocados nas falas dos sujeitos, por meio do exercício de amplificação apresentado na metodologia deste artigo. Sugere-se também que essa análise seja aplicada em bibliotecas universitárias de uma instituição privada, visando, inclusive, averiguar se há semelhanças e diferenças entre os imaginários simbólicos evocados pelos gestores em ambas as instituições (públicas e privadas).

5. Referências Bibliográficas

ARAUJO, Eliane Pawlowski de Oliveira; PAULA, Cláudio Paixão Anastácio de. (2013). *Abordagem clínica da informação e AT-9: investigando o universo da tomada de decisão pela via simbólico-afetiva*. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 3, número especial, p. 197-217, out.

AUBERT, Nicole. (2003) *.Le Culte de L'Urgence : La société malade du temps*. Paris, Flammarion

BARDIN, Laurence. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

BARON, J. (1988). *Thinking and deciding* (2nd ed.). Cambridge University Press.

- BERGOGLIO, Jorge Mario. (2013). *Discurso proferido pelo Papa Francisco em Encontro com os Seminaristas, as Noviças e os Noviços no dia 6 de julho de 2013*. Disponível em: <<http://m2.vatican.va/content/francescomobile/pt/speeches/2013/>>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- CABANTOUS, L., & Gond, J. P. (2011). Rational decision making as performative praxis: Explaining rationality's *Éternel Retour*. *Organization Science*, 22, 573–586.
- CANNON-BOWERS, J. A., & Bell, H. H. (1997). Training decision makers for complex environments: implications of the naturalistic decision making perspective. In C. E. Zsombok, & G. Klein, *Naturalistic decision making* (pp. 99±110). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- CHANLAT, Jean-François; TORRES, Ofélia de Lanna Sette. (1992-1996). *O individuo na organização: dimensões esquecidas*. São Paulo.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. (2015) *.Dicionário de símbolos*. 28 ed. Rio de Janeiro: José Olympio
- CIRLOT, Juan-Eduardo. (2012). *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Centauro,
- DRAWIN, Carlos Roberto. (2002). Padre Henrique Vaz: um mestre incomparável. *Revista Kriterion [online]*, 43 (105), pp.9-14. ISSN 0100-512X. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-512X2002000100002>>. Acesso em: 27 mar. 2017.
- ENDSLEY, M. R. (1997). The role of situation awareness in naturalistic decision making. In C. E. Zsombok, & G. Klein, *Naturalistic decision making* (pp. 269±283). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- GIRARD, Marc. (1997) *.Os símbolos na Bíblia - Ensaio de teologia bíblica enraizada na experiência humana universal*. Editora: Paulus.
- GLASER, B.G. and A.L. STRAUSS. (1967) *.The Discovery of Grounded Theory*. New York. Sociology Press.
- GOULART, Iris Barbosa. (2007) *.Subjetividade nas organizações*. In: GOULART, Iris Barbosa; VIEIRA, Adriane. *Identidade e subjetividade na gestão de pessoas*. Curitiba: Juruá
- GUPTA, A.K., GOVINDARAJAN, V. (1984). Business unit strategy, managerial characteristics, and business unit effectiveness at strategy implementation. *Academy of Management Journal*, 27, 25-41.
- JANIS, I., & Mann, L. (1977). *Decision making: a psychological analysis of conflict, choice and commitment*. New York: The Free Press.
- KLEIN, G. A. (1993). A recognition-primed decision (RPD) model of rapid decision making. In G. Klein, J. Orasanu, R. Calderwood, & C. E. Zsombok, *Decision making in action: models and methods* (pp. 138±147). Norwood, NJ: Ablex.

- KRECH, David; CRUTCHFIELD, Richard S.; BALLACHEY, Egerton L. (1975). *O Indivíduo na sociedade: um manual de psicologia social*. São Paulo: Pioneira
- KRUGLANSKI, A. W., & Webster, D. M. (1996). Motivated closing of the mind: "seizing" and "freezing". *Psychological Review*, 103, 263±283.
- LIPSHITZ, R. (1993). Converging themes in the study of decision making in realistic settings. In G. Klein, J. Orasanu, R. Calderwood, & C. E. Zsombok, *Decision making in action: models and methods* (pp. 103±137). Norwood, NJ: Ablex.
- MAYSELESS, O., & Kruglanski, A. W. (1987). What makes you so sure? Effects of epistemic motivations on judgmental confidence. *Organizational Behavior and Human Processes*, 39, 162±183.
- OLIVEIRA, Tânia Modesto Veludo. (2001). *Amostragem não probabilística: Adequação de Situações para uso e Limitações de amostras por Conveniência, Julgamento e Quotas*. *Administração Online*, 2(3), jul/ago/set. Disponível em http://www.fecap.br/adm_online/art23/tania2.htm. Acesso em 15/04/2016.
- ORASANU, J., & Connolly, T. (1993). The reinvention of decision making. In G. Klein, J. Orasanu, R. Calderwood, & C. E. Zsombok, *Decision making in action: models and methods* (pp. 3±20). Norwood, NJ: Ablex.
- PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; MANCIA, Joel Rolim. (2005). Florence Nightingale e as irmãs de caridade: revisitando a história. *Revista brasileira de enfermagem*. 58(6). Brasília Nov./Dec. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid>. Acesso em: 02 de abr. de 2017
- . PAULA, Cláudio Paixão Anastácio de. (2005) *O símbolo como mediador da comunicação nas organizações: uma abordagem junguiana das relações entre a dimensão afetiva e a produção de sentido nas comunicações entre professores do departamento de Psicologia de uma instituição de ensino superior brasileira*. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia Social e do Trabalho. São Paulo: Instituto de Psicologia, 367p.
- PAULA, Cláudio Paixão Anastácio de. (2012). *Dimensões simbólicas e afetivas do uso da informação: uma análise das comunicações entre professores do departamento de psicologia de uma instituição de ensino superior pública brasileira*. In: *Perspectivas em Ciência da Informação*, João Pessoa, v.2, Número Especial, p.118-132, out..
- PAYNE, J. W. (1985). Psychology of risky decisions. In G. Wright, *Behavioral decision making* (pp. 3±23). New York: Plenum.
- PIOVANI, Juan Ignacio - La entrevista em profundidad - MARRADI, ARCHENTI, PIOVANI - 2007 - Metodologia de las ciencias sociales – p.215-225.

- SÁ, Rosilene Moreira Coelho de. (2015) .*Compartilhamento do conhecimento e o processo de orientação de discentes de pós-graduação sticto sensu*. Dissertação - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação. Belo Horizonte, 159f.
- AMUELS, Andrew; SHORTER, Bani; PLAUT, Alfred. (1988). Dicionário crítico de análise junguiana. Rio de Janeiro: Imago
- SHILOH, Shoshana; KOREN, Shelly; ZAKAY, Dan. (2001) *Individual differences in compensatory decision-making style and need for closure correlates of subjective decision complexity and difficulty*. Department of Psychology, Tel Aviv University, Ramat Aviv, 69978, Israel. *Personality and Individual Differences* 30 (2001) 699-710. www.elsevier.com/locate/paid. Consultado em 22/09/2016.
- SIMON, H.A. (1965). Comportamento administrativo: estudo dos processos decisórios nas organizações administrativas. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas
- TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira; RABINOVICH, Elaine Pedreira. (2001). *A invenção do urbano e o poético: uma cartografia afetiva – Estudo sobre o bairro paulistano da Barra Funda*. In: TASSARA, E. T. O. (Org). *Panoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano*. p.211-267. São Paulo: Educ; Fapesp.
- ZAKAY, D. (1990). The role of personal tendencies in the selection of decision-making strategies. *The Psychological Record*, 40, 207±213.
- ZAKAY, D., & Wooler, S. (1984). Time pressure, training and decision effectiveness. *Ergonomics*, 27, 273±284.
- WEBSTER, D. M., & Kruglanski, A. W. (1994). Individual differences in need for cognitive closure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67, 1049±1062.

A jornada do pesquisador: uma metáfora conceitual sobre a construção da trajetória de um líder

The researcher's journey: a conceptual metaphor about the construction of the trajectory of a leader

Janicy Pereira Rocha

Escola de Ciência da Informação
Universidade Federal de Minas Gerais
Janicy.rocha@gmail.com

Cláudio Paixão Anastácio de Paula

Escola de Ciência da Informação
Universidade Federal de Minas Gerais
claudiopap@hotmail.com

Resumo

Através da utilização da leitura que Campbell faz da jornada do herói como uma metáfora conceitual, este artigo analisa a narrativa que um pesquisador faz da sua formação dentro de um grupo de pesquisa, da sua trajetória e do desenvolvimento de sua carreira. Essa análise é feita a partir da narrativa que ele construiu desse percurso em seu imaginário ao contá-lo sob a forma de uma jornada. O artigo busca, ainda, ilustrar como a representação que ele estabeleceu desse processo nos moldes dessa "jornada" o auxiliou na construção das bases que o tornaram reconhecido como o líder e mentor desse grupo e o auxiliaram a converter esse grupo em um espaço de referência na produção de conhecimento dentro e fora da instituição a qual ele se vincula.

Abstract

Through the use of Campbell's perspective regarding the hero's journey as a conceptual metaphor, this article analyzes a researcher's narrative of his background, his trajectory, and the development of his career within a research group. This analysis is made from the narrative that he developed regarding this path in his imaginary when speaking about his trajectory in the form of a journey. The article also seeks to illustrate how the representation he established of this process in the form of a "journey" helped him to build the bases that made him recognized as the leader and mentor of this group and helped him convert this group into a reference space in knowledge production inside and outside the institution to which he is linked.

Palavras-chave: Produção do conhecimento; **Keywords:** *Knowledge production; leadership; liderança; grupos de pesquisa; jornada do herói; research groups; hero's Journey; imaginary. imaginário.*

1. Introdução

O presente estudo – parte de um estudo maior que pretende explorar a inter-relação entre práticas informacionais de pesquisadores e a gestão do conhecimento em um grupo de pesquisa de biologia celular e molecular inserido em uma instituição de ciência e tecnologia em saúde de ponta – apresenta um recorte de dados recolhidos que reforça a percepção de que o ambiente científico se constitui um campo fértil para os estudos sobre gestão do conhecimento.

Se, no ambiente científico acontece um intenso fluxo de conhecimento por meio das fases de criação, preservação, compartilhamento e aplicação do conhecimento – atividades componentes do processo de gestão do conhecimento – tem-se que esse processo é permeado pela constante interação entre os pesquisadores / sujeitos informacionais que, manuseando artefatos, utilizam informações e conhecimentos anteriores como insumos para a produção de conhecimento em suas pesquisas.

Poucos estudos nesse campo se focam nas interações entre os componentes humanos cujas práticas permeiam os fluxos de informação e conhecimento dentro de determinado contexto. Embora alguns estudos sobre gestão do conhecimento abordem o comportamento informacional dos indivíduos, poucos desses estudos voltam-se para a interferência das ações ou da figura do líder nesse processo. Este artigo, ao ressaltar a importância da compreensão da significação da figura do pesquisador-líder no processo de construção da identidade e, posteriormente, da troca de informações e da construção de conhecimentos no grupo de pesquisa estudado, configura-se como uma tentativa de preencher essa lacuna.

Atividades de pesquisa e a consequente produção de informação e conhecimento científicos são centrais para o avanço de quaisquer áreas do conhecimento, assim como para a construção da carreira de docentes e pesquisadores. Não raro, essas atividades também despertam o interesse de pesquisadores como objetos de seus estudos. Considerar integrantes da comunidade acadêmica e os laboratórios ou grupos de pesquisa como

unidades de análise em estudos sobre a prática científica é comum nos denominados “estudos de laboratório”, que tem como precursores autores como Kuhn (1962), Bourdieu (1975), Latour e Woolgar (1979), Knorr-Cetina (1981) e Lynch (1985). De forma geral, estudos desenvolvidos sobre essa temática pelos autores supracitados centram-se no caráter colaborativo do fazer científico: nas interações sociais entre pesquisadores, por meio das quais conflitos e atitudes cooperativas emergem e determinam a dinâmica dessas relações.

Contemporaneamente, esse interesse de investigação perdura; sendo influenciado pelo avanço das novas tecnologias e, sobretudo, pelo advento da internet e pelo incremento constante da mobilidade e conectividade, o que facilita a interação, independentemente da proximidade física entre os pares. A diversidade de recursos tecnológicos, sobretudo das ferramentas de comunicação e de produção colaborativa, permite a interação entre pessoas com diferentes localizações geográficas e a coordenação de suas atividades, assim como a busca e a localização quase instantânea de informações oriundas de diversas fontes.

Há, ainda, outra vertente de estudos, cujo foco se volta para a influência da história de vida e dos percursos formativos e profissionais de pesquisadores em suas próprias atividades, bem como na formação e na atuação de seus pares, a exemplo das pesquisas de Huberman (1992) e Betti e Mizukami (1997). Da mesma forma, outros estudos são direcionados à influência da história de vida dos pesquisadores em suas construções identitárias, bem como à narrativa autobiográfica como instrumento de preservação da memória, como aqueles desenvolvidos por Santos (2012) e Rego (2014). Em geral, tais pesquisas se voltam em maior número para a prática docente, sendo desenvolvidas, sobretudo, na área da educação.

É nessa segunda vertente de estudos que o presente trabalho se enquadra. Entretanto, seu foco não é direcionado ao percurso docente, mas ao percurso de um pesquisador. As reflexões aqui apresentadas referem-se à trajetória de um pesquisador da área de Ciências da Saúde, narrada de forma autobiográfica. Delineia-se, portanto, um eixo referencial para a análise dessa trajetória que seguirá o caminho convencional para a formação de um pesquisador e que, posteriormente, será cotejado por outras leituras que privilegiarão uma possível trajetória estruturadora da subjetividade desse pesquisador pela via do imaginário.

Parte-se do pressuposto que a formação de um pesquisador tem início ainda na graduação, quando o então aluno tem a oportunidade de refletir sobre seu campo de atuação profissional

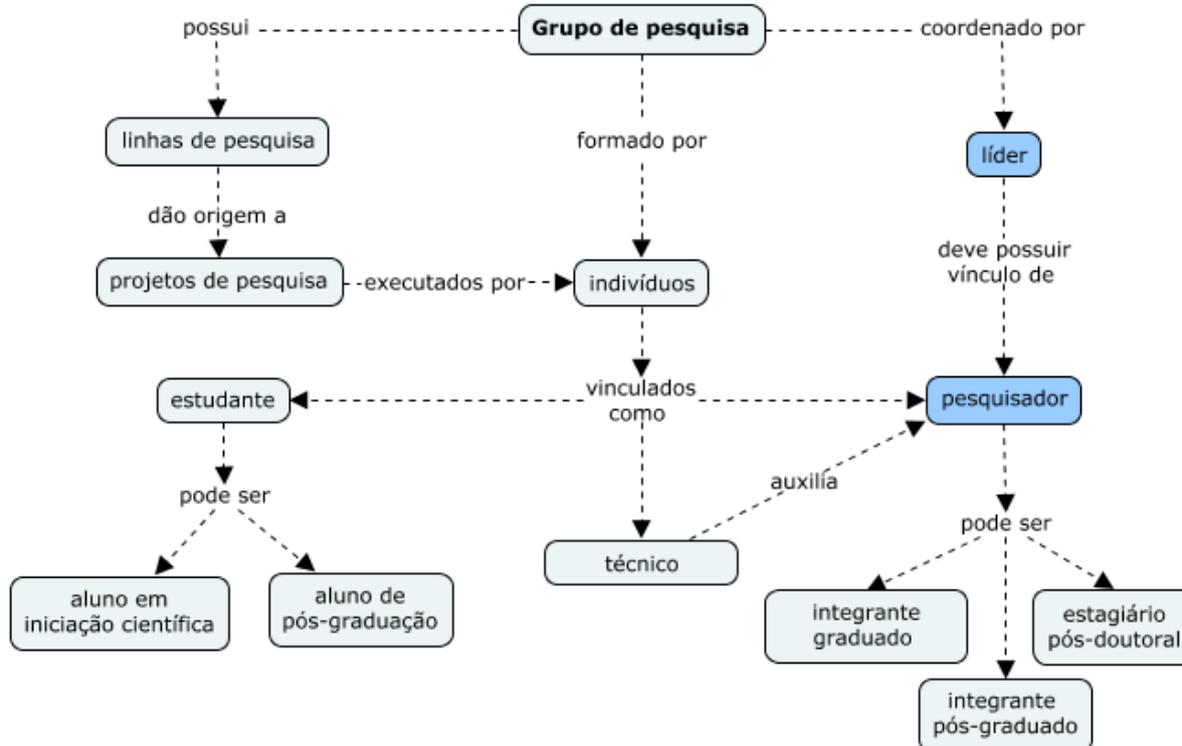
e as possibilidades dele derivadas. É nessa ocasião que muitos alunos se envolvem em projetos e grupos de pesquisa e desenvolvem habilidades necessárias a um pesquisador. Durante a pós-graduação *stricto sensu*, o estudante aprimora essas habilidades e vivencia os desafios cotidianos da atividade de pesquisa. Todavia, a formação de um pesquisador não se completa com a conclusão do doutorado; ela é contínua e demanda atualização constante, o que pode ocorrer ao longo do pós-doutorado e durante toda a trajetória profissional.

Mello (2017) defende que a formação de um cientista pode ser descrita a partir da adaptação da Jornada do Herói, proposta por Joseph Campbell em 1949, por meio de três atos, a saber: (i) formação: inclui o ensino básico e a graduação; (ii) transformação: inclui o mestrado e o doutorado; (iii) estabelecimento: inclui o pós-doutorado e a conquista da estabilidade profissional. De forma complementar à de Mello (2017), o que se propõe aqui é ampliar e aprofundar sua leitura a partir da análise da narrativa autobiográfica do sujeito dessa pesquisa – um pesquisador que já percorreu os três referidos atos, e segue sua jornada, conforme o pressuposto de que não há finitude na formação de um pesquisador.

Assim, esse trabalho tem como objetivo descrever e analisar o percurso de um pesquisador titular do Centro de Pesquisas René Rachou – unidade da Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz), uma instituição de pesquisa brasileira, localizada em Belo Horizonte – e verificar quais pontos de sua trajetória podem apresentar significações importantes para sua atuação profissional, enquanto líder de grupo de pesquisa e formador de outros pesquisadores. Para tanto, propõe-se que a análise de sua narrativa aconteça a partir da concepção, elaborada por Joseph Campbell, da existência de um “monomito” – composto por elementos intercambiáveis, mas que seguiriam uma lógica particular – subjacente a todas as narrativas (CAMPBELL, 1988).

2. Inovação: da ciência à imaginação criadora

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), agência criada em 1951 e atualmente vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) coordena o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP), no qual são disponibilizados diversos dados sobre a atividade científico-tecnológica brasileira. O DGP possui um glossário com definições para os principais termos relacionados às atividades científico-tecnológicas. Na Figura 1 é apresentado um mapa conceitual de tais termos, bem como das relações entre eles.

Figura 1 - Mapa conceitual: grupo de pesquisa e termos correlatos

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de CNPq (2017)

O escopo desse trabalho está restrito ao pesquisador-líder do grupo de pesquisa, assim definido pelo glossário do DGP:

O pesquisador líder de grupo é o personagem que detém a liderança acadêmica e intelectual no seu ambiente de pesquisa. Normalmente, tem a responsabilidade de coordenação e planejamento dos trabalhos de pesquisa do grupo. Sua função aglutina os esforços dos demais pesquisadores e aponta horizontes e novas áreas de atuação dos trabalhos. (CNPq, 2017, *online*).

Maculan e Soares (2000) afirmam que os grupos de pesquisa são formados por equipes multidisciplinares compostas por professores e alunos, escolhidos por interesses em comum e competências pessoais. Os autores afirmam ainda que ambos os vínculos partilham de objetivos relacionados a linhas de pesquisa e se organizam hierarquicamente em torno do líder. Já o glossário do DGP aponta que um grupo de pesquisa pode conter indivíduos com três diferentes vínculos, a saber: (i) estudante, (ii) técnico e (iii) pesquisador.

O pesquisador-líder consiste em uma figura fundamental para um grupo de pesquisa já que é ele quem “detém a liderança acadêmica e intelectual naquele ambiente de pesquisa” (OSINSKI; ROMAN; ERDMANN, 2015). Assim, ao exercer suas funções, o pesquisador-líder direciona seus esforços ao planejamento e à gestão dos trabalhos do grupo, de forma que o

conhecimento científico seja gerado e divulgado adequadamente, mas também desenvolve um vínculo para além da liderança com os demais integrantes do grupo de pesquisa. Autores como Saviani (2002) e Nóbrega-Therrien e Andrade (2009) defendem que o pesquisador-líder tem papel fundamental na produção do conhecimento do grupo de pesquisa, tanto em termos epistemológicos e metodológicos, quanto emocionais.

O pesquisador-líder de um grupo de pesquisa acaba atuando como um “super orientador” acadêmico em relação aos integrantes do seu grupo e, dessa forma, assume o potencial de tornar-se facilitador em processos formais e informais que promovam a gestão do conhecimento como um valor essencial para a transferência e produção de conhecimento tanto na pesquisa, como na educação para a pesquisa. Será, segundo Leite (2006), nessa prática interativa que conhecimentos tácitos e explícitos irão se associar para a criação de novos conhecimentos. É exatamente nesse processo que o peso do substrato emocional se fará sentir.

Se considerada a emocionalidade envolvida na narrativa por ele invocada e na sua própria figura enquanto agente, a atuação do pesquisador-líder como esse “super orientador” tem potencial para estender o compartilhamento do conhecimento no ambiente acadêmico para além do ciclo dinâmico do conhecimento descrito por Stewart (1998) de maneira bastante simplificada a partir do encadeamento: identificação do conhecimento tácito, explicitação, formalização, captura e, finalmente, promoção desse conteúdo na direção da produção de um novo conhecimento tácito.

O vínculo emocional que se estabelece entre orientadores e estudantes (QUEIROZ, 2014) propicia uma interação fértil que alimenta o tecido imaginário com a instituição e que, conseqüentemente, irá formar a identidade desses estudantes. Esse raciocínio pode ser extrapolado ao se conceber a descrição do papel do pesquisador-líder como um orientador superlativo e o seu grupo de pesquisa como uma instituição – no sentido de uma coletividade instituída (LAPASSADE, 1977).

É pela via emocional que o líder do grupo de pesquisa cria as pontes simbólicas que permitem que o conhecimento produzido a partir de esforços – ora individuais, ora coletivos – despendidos no percurso da pesquisa científica possa ser compartilhado e formalizado sob a forma de patentes, procedimentos, inovações técnicas, teses, dissertações, artigos e outros

potenciais produtos da empreitada acadêmico-científica. Do mesmo modo, não seria temerário propor que o pesquisador-líder, em sua condição de “super orientador”, possa promover o aprofundamento da relação dos integrantes do grupo com essa instituição e (retomando QUEIROZ, 2014) intervir, pela via da identificação afetiva, na formação deles atuando como um modelo exemplar de conduta.

Como um grupo de pesquisa agrega pessoas com diferentes níveis de formação, “a pesquisa transforma-se num ato educativo” (KRAHL et al., 2009, p. 4), em um espaço com cultura própria, onde fatos reais são identificados, compartilhados e analisados sob diferentes perspectivas. Considerando a atividade de pesquisa em Ciências da Saúde, pode-se afirmar que ela, não raro, decorre de uma necessidade assistencial: a investigação voltada para a resolução de problemas sociais.

Nesses ambientes, o pesquisador-líder geralmente figura como uma referência para seus pares. Assim, considera-se aqui que sua trajetória pessoal e intelectual pode orientar o curso de suas ações e seu estilo de liderança, bem como ser considerada inspiradora para pesquisadores em formação. Todavia, essa trajetória, ainda que bem sucedida, não raro é marcada por desafios e obstáculos que, superados, enriquecem a jornada do pesquisador.

A história pessoal do líder do grupo, se tomada como uma narrativa paradigmática que descreva a origem do grupo, seu estado passado, sua forma original, as transformações pelas quais o grupo passou, sua cosmovisão, seu senso de propósito e sua visão de futuro encerra a potencialidade de conduzir o integrante do grupo a se envolver não somente simbólica e afetivamente com a história do grupo. Ao conhecer essa história e identificar-se como partícipe dela, esse integrante torna-se capaz de desenvolver, com base nessa identificação, um conhecimento sensível sobre o trabalho já realizado. Ao mergulhar no drama do grupo, essa narrativa torna-se capaz de instilar valores, senso de propósito e intencionalidade na ação do integrante. Desse modo o apelo imaginário da narrativa, fazendo eco a Bachelard (1999), pode conduzir o grupo a uma retomada imaginação criadora como um elemento complementar ao caráter prático da realidade – neste caso, do ofício de pesquisar.

3. Viver (e pesquisar?) nesse mundo: uma metáfora sobre o sentido da existência

Campbell (1988) – em sua obra “O herói de mil faces”, publicada originalmente em 1949 – propôs a existência de um fio narrativo inconsciente comum que atravessa mitos, lendas, contos populares e narrativas presente em todas as épocas e culturas e disperso por todas as regiões do mundo. O autor, em obras mais recentes (CAMPBELL, 1993), deixa claro que esses temas servem como uma metáfora para a experiência humana e podem ser reconhecidos em várias expressões da cultura contemporânea. Nesse sentido, esta reflexão parte da premissa de que metáforas conceituais baseadas na obra de Campbell (1988) podem ser usadas para compreender as formas como os indivíduos atribuem sentido à sua experiência histórica através da estruturação de compreensões sobre seu ciclo vital na forma de narrativas. Por outro lado, propõe-se que a tomada de posse dessas mesmas narrativas, ainda que feita de forma inconsciente, pode configurar-se num veículo de identificação, convertendo o protagonista num modelo exemplar estruturador das experiências dos outros. Esse modelo, mais próximo, mais pessoal, mais acessível e mais significativo permitiria que os indivíduos, ao interagirem com ele, o reproduzissem reinterpretado em sua própria perspectiva para reformular e tomar posse dos desafios que se apresentam, integrando-os, pedagogicamente, à sua experiência pessoal.

O folclorista e acadêmico estruturalista russo Vladimir Propp (1992) foi o pioneiro no estabelecimento de uma morfologia que se tornou essencial ao desenvolvimento da perspectiva elaborada por Campbell sobre o herói. Sua obra foi publicada originalmente em 1928. Ao analisar os componentes básicos do enredo dos contos populares do seu país natal em busca da identificação dos seus elementos narrativos elementares, o autor demonstrou que as narrativas folclóricas se estruturam em torno de um núcleo simples: a história de um herói que é exposto a um dano ou uma carência e se envolve numa tentativa de reparação desse dano ou de superação dessa carência.

Propp (1992) foi levado às suas categorias pela percepção de que as partes elementares que constituíam a história poderiam ser transportadas para outra história sem que essa sofresse alterações. Ele chamou isso de permutabilidade. O autor percebeu que esse era o *locus* essencial da intervenção do substrato mitológico. Propp (1992) identificou, assim, sete classes

de personagens ou agentes, seis estágios de evolução da narrativa e trinta e uma funções narrativas das situações dramáticas (que evoluíam desde o “distanciamento do lar” e da “proibição da partida”, passando pela “transgressão da proibição”, até o “confronto com o vilão”, seu “reconhecimento” e “transfiguração”), estruturados em uma sequência flexível.

Foi exatamente a partir do modelo proposto por Propp – no ano de 1928 - que Campbell (1988) propôs, em 1959, o conceito de “monomito” e o descreveu como um conceito elementar e transcultural em torno do qual os mitos se estruturavam. Campbell (1988) resume a jornada do herói (ou “monomito”) em um diagrama simplificado (**Erro! A origem da referência não foi encontrada.**). O que se propõe é que esse trabalho de Campbell seja adotado para analisar as matrizes que figuram nas falas e narrativas de sujeitos de pesquisa, tal qual em outros estudos (ARAÚJO, 2013; SÁ, 2015) foi adotada a arquetipologia de Gilbert Durand (1997).

Figura 2 - Etapas da jornada do herói



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Campbell (1988)

O cenário proposto para o monomito por Campbell (1988) é que o contínuo sem divisões que compõe a vida humana encontre etapas simbólicas suficientes para convertê-la numa narrativa que se componha entre os dois paradigmas absolutos que a limitam – o nascimento e a morte – e seja organizado a partir de modelos narrativos menores e naturais à experiência humana como a “jornada”. Segundo o autor, as viagens, por terem um começo e um fim, já eram, enquanto um evento concreto, uma história antes que as histórias surgissem: sua estrutura já era, essencialmente, narrativa.

Para o autor, as viagens sempre foram uma metáfora para qualquer história e, portanto, ele adota o modelo de viagem a partir de uma base na mitologia comparada para propor a existência de uma matriz mítica básica subjacente a muitos dos mitos nas sociedades tradicionais e até modernas. A base do “monomito” seria – de forma muito semelhante ao proposto por Propp (1992), quando este fala da busca por uma reparação ou a superação de uma carência – um herói dedicado à busca de um objeto (a busca inicial) e então, testado por uma série de provações ou estágios, desde sua casa no mundo ordinário até a “terra dos mistérios” (ou o mundo “extraordinário”).

Ao longo da jornada do herói, Campbell assinala uma série de funções semelhantes às de Propp como, por exemplo: a dupla paternidade do herói e o seu segundo nascimento, a recusa do chamado, a iniciação, a colaboração de ajudantes, as armadilhas tramadas por adversários, o confronto com o guardião do limiar ou do portal, o teste final, a compensação, o abandono dos instrumentos de poder e o retorno. A jornada do herói, como Campbell a chamou, é também um caminho de autodescoberta que se conclui quando o herói se confronta com uma divindade, poder ou ordem superior. Nesse desenho, o buscador e o encontrado podem ser entendidos como o lado de fora e o lado de dentro de um único mistério auto espelhado. A grande conquista do herói é tomar conhecimento da unidade na multiplicidade e conquistá-la. Assim, a metáfora da jornada se torna uma estratégia para dominar a provisão do tempo que devora tudo antes dele e exorciza a morte.

Vogler (2002), ao discorrer sobre narrativas literárias, sugere que, apesar de, ocasionalmente, ocorrerem simplificações excessivas e dogmáticas, contar histórias não é apenas uma reedição de um fato, mas, ao contrário, uma poética que, na sua formulação ideal, remeteria a padrões para ordenar o mundo a partir de modelos ideais que estariam disponíveis ao narrador. O que se postula, aqui, é que esse exercício não seria privativo de escritores e “narradores profissionais”, mas que estariam ao alcance de todos os sujeitos envolvidos em uma luta com o significado de suas próprias experiências.

É a exploração de uma situação vital, da sua própria história e o confronto com o mistério da existência que leva o narrador a confrontar-se com uma tentativa de representar a si e ao seu percurso em relação ao mundo. Para clarificar a noção representação, o autor recorre à iconografia das cartas de tarô:

A progressão das imagens no pacote de tarô mostra claramente a evolução que ocorre no herói até chegar ao grau de mentor. Um herói começa como um tolo e em vários estágios da aventura ascende às fileiras de mágico, guerreiro, mensageiro, conquistador, ladrão-amante, governador, eremita e assim por diante. Finalmente, o herói se torna hierofante, milagreiro, mentor e guia para os outros (VOGLER, 2002, p. 156-157).

Dessa forma, as imagens impressas nas cartas de tarô podem ser ordenadas em múltiplas formas: ser justapostas, ligadas e modificadas para criar uma matriz mitológica articulada. Essa matriz será constelada em uma narrativa que seguirá um idioma lógico, cujo alfabeto serão os símbolos, e que, através do mundo das imagens, terá como gramática a regência de um princípio associativo que os organizará. Talvez essa seja a maior contribuição de estudos como os de Propp (1992) e Campbell (1988): oferecer recursos que permitam a um “leitor” atento perceber como as narrativas conseguem eliminar a distância entre as duas formas de pensamento: simbólico e o lógico.

Seguindo pela via do imaginário, um novo entendimento necessário para a vida humana é proposto. A retomada dos sonhos e dos desejos como complementaridade à racionalidade do mundo e até, no caso estudado, de algo que a formação científica do protagonista não alcança: “a conquista do supérfluo produz uma excitação espiritual maior que a conquista do necessário. O homem é uma criação do desejo, não uma criação da necessidade” (BACHELARD, 1999, p. 25).

Nos termos da presente análise, o monomito e o símbolo são tomados como mediações dinâmicas entre o personagem e o mundo, permitindo recuperar e narrar a trajetória desse sujeito em seu esforço de organizar o tempo vivido e estabelecer limites que o permitissem, a partir do desejo, descrever e compreender a sua estrada.

4. Métodos

Benjamin (1994) ressalta o caráter comunicacional da narrativa, contrapondo a finitude de determinado acontecimento à infinitude de sua narrativa. Para o referido autor “[...] um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites porque é apenas uma chave para tudo o que veio depois. (BENJAMIN, 1994, p. 37)”. Narrativas, geralmente, possuem um caráter subjetivo; são relatos de experiências pessoais por meio dos quais trajetórias são rememoradas.

Conforme defende Todorov (1979) uma narrativa ideal tem origem na perturbação de uma situação estável por uma força qualquer. O desequilíbrio resultante sofre a ação de uma força em sentido inverso que, em algum momento, restabelece o equilíbrio, todavia "o segundo equilíbrio é semelhante ao primeiro, mas os dois nunca são idênticos." (TODOROV, 1979, p. 138).

A narrativa, como metodologia de pesquisa, tem se solidificado em várias áreas do conhecimento, inclusive nas Ciências Sociais. Referências a essa forma de investigação científica podem ser identificadas em pesquisas realizadas na Linguística, Literatura, Psicologia, Antropologia, Comunicação, Ciência da Informação e outras. A pesquisa narrativa, de forma geral, "pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno." (PAIVA, 2008, *online*).

Nesse trabalho, a opção por adotar a narrativa da trajetória pessoal de um pesquisador encontra suporte na afirmativa de Flick (2009), para quem as questões de pesquisa, frequentemente, originam-se na biografia pessoal do pesquisador e em seu contexto social. Assim, defende-se que a trajetória de um pesquisador, iniciada ainda em sua formação discente, repercute na sua atuação e em sua interação com o grupo com o qual interage, bem como em seu estilo de liderança.

Os dados foram coletados no primeiro semestre de 2016, por meio de entrevista semi-estruturada em profundidade. A entrevista centrou-se no percurso acadêmico e profissional do pesquisador por meio da questão inicial "Conte-me sobre seu percurso acadêmico/profissional até chegar à liderança desse grupo", sendo gravada e transcrita em sua totalidade.

A análise dos dados coletados segue o referencial da jornada do herói (CAMPBELL, 1988). O diagrama apresentado na **Erro! A origem da referência não foi encontrada.**, com o aporte das leituras de Propp (1992) e Vogler (2002), é adotado como base para a análise da trajetória do pesquisador-narrador. Sobre essa utilização é importante destacar que:

As mudanças que permeiam a escala simples do monomito desafiam a descrição. Muitos contos isolam e ampliam grandemente um ou dois elementos típicos do ciclo completo (o motivo do teste, o motivo da fuga [...]); outros encadeiam um certo número de ciclos independentes e os transformam numa série simples tal

como aconteceu na *Odisséia*). Diferentes personagens ou episódios podem ser fundidos (as), assim como um elemento simples pode reduplicar-se e reaparecer sob muitas formas diferentes. (CAMPBELL, 1988, p. 242)

A escolha dessa chave de análise se justifica por se considerar que ela poderia fazer frente à riqueza simbólica e imagética da narrativa do pesquisador. Essa narrativa, que faz juntar duas jornadas – a jornada interior rumo à sua própria formação e a sua jornada exterior rumo à conquista concreta e simbólica do seu espaço vital – encontra em Campbell, um interlocutor excelente. Conforme se pode perceber em Campbell (2007), a leitura rica que o autor faz dos substratos míticos que permeiam as realizações humanas percorre desde as lendas, os mitos, os ritos e as religiões, até o cinema, a arte e a própria ciência.

5. Análise de dados

No presente tópico, é apresentada a narrativa do pesquisador Olindo Assis Martins Filho¹, Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1B, sobre a sua formação e o histórico de constituição da sua relação com o Grupo Integrado de Pesquisa em Biomarcadores que atualmente lidera, desde seu ingresso no grupo até o momento da realização do estudo. Simultaneamente a essa apresentação, é feita uma análise de sua narrativa, tomando como crivo o roteiro desenvolvido por Joseph Campbell para descrever a jornada do herói.

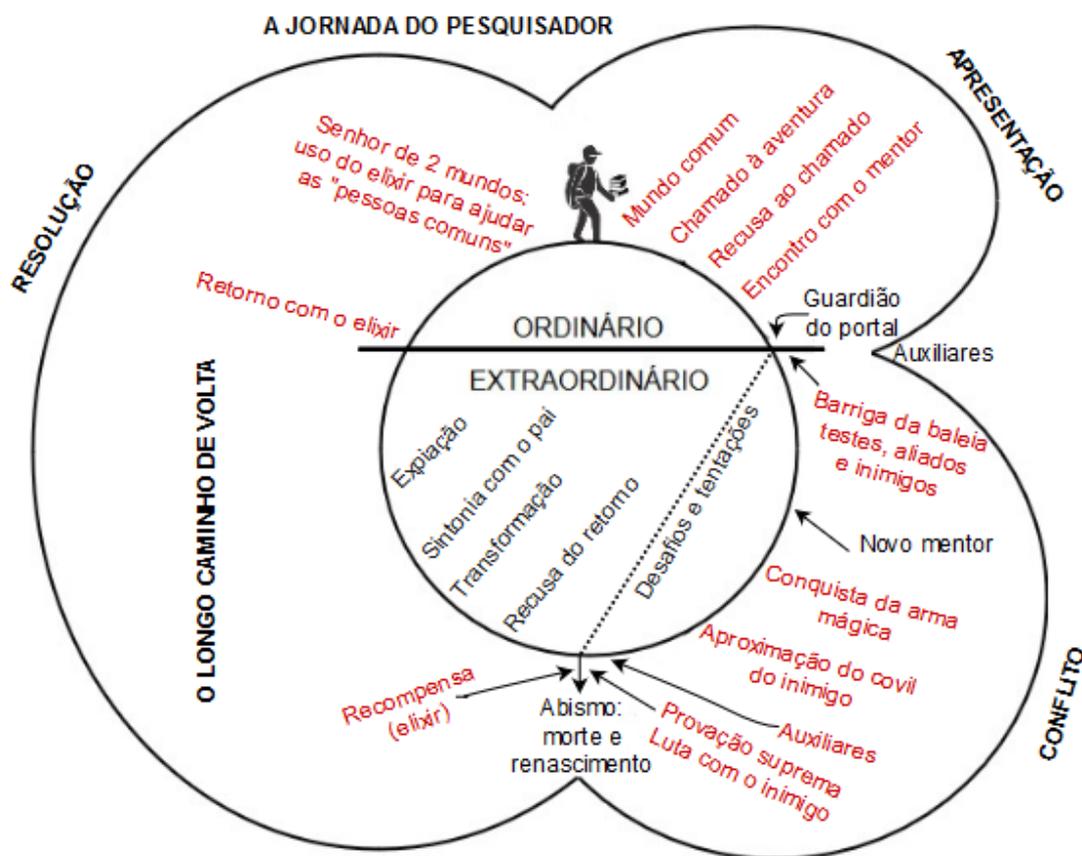
Durante a análise, buscar-se-á encontrar ilações entre o percurso convencional para a formação de um pesquisador e uma trajetória estruturadora da subjetividade desse pesquisador pela via do imaginário. Finalmente serão buscados indícios que possam sustentar a hipótese de que a narrativa sustentada pelo autor, se difundida no grupo, pode desencadear um duplo efeito: estabelecer conexões simbólicas facilitadoras da conversão de conhecimentos tácitos em explícitos e, simultaneamente, intervir, pela via da identificação afetiva, na formação novos pesquisadores e no desenvolvimento de uma relação afetiva desses com o grupo de pesquisa em questão.

Essa trajetória simbólica de conquista e ascensão do pesquisador a um lugar de reconhecimento e, conseqüentemente, ao conhecimento, e o seu posterior retorno como um formador de novos pesquisadores é representada na Figura 3. As etapas e elementos

¹ <http://lattes.cnpq.br/6260226537155026>

apresentados graficamente serão melhor apresentados nos parágrafos subsequentes, quando elementos delimitadores de etapas são entremeados à fala do próprio personagem.

Figura 3 - A jornada do Pesquisador



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Campbell (1988) e Vogler (2002)

Após a solicitação para que relatasse seu percurso acadêmico-profissional, o entrevistado pensou por um breve momento e, prontamente, iniciou o relato por aquilo que, possivelmente, consiste em um marco em sua trajetória: a conclusão de sua graduação e o ingresso imediato no mestrado. Tal escolha sugere que, em seu entendimento, esse momento marca o início de um novo ciclo.

Eu formei em Farmácia pela Universidade Federal de Ouro Preto, em 1989, e iniciei o meu Mestrado no Departamento de Bioquímica e Imunologia da UFMG em 1990. Inicialmente, eu comecei um trabalho na área mais de bioquímica mesmo... de *Leishmania*, empregando uma técnica que o professor Marcos Mares Guia tinha desenvolvido no departamento de bioquímica, que era técnica inovadora na época, que era a técnica de microcalorimetria.

Nessa sequência inicial, o pesquisador-narrador apresenta a si mesmo como uma pessoa comum no mundo cotidiano da pós-graduação. Percebe-se, em seu relato, que o herói oscila

entre o mundo ordinário (e as suas preocupações rotineiras) e o sonho (desejo de aspirar novos ares e ir além das fronteiras): um estudante no início do mestrado em busca de uma temática de pesquisa inovadora. Todavia, logo veio a percepção de o sonho não se realizaria a partir dessa primeira oportunidade:

Depois de aproximadamente um ano envolvido no projeto, eu percebi que o projeto não estava caminhando, que eu estava assim... realmente me sentindo muito perdido... e que precisava tomar algum outro direcionamento. Procurei outros professores do departamento e acabei tendo contato com outras possibilidades. Trabalhei um pouco na parte de isoenzimas, que eu já tinha, na verdade, trabalhado durante a minha Iniciação Científica, [...], mas também percebi num tempo bem curto que aquilo ali também não era inovador.

Nessa busca por outras oportunidades, a realidade pareceu trabalhar contra a jornada, mantendo o protagonista dentro de uma esfera de conforto: retomar uma temática com a qual já havia trabalhado. A própria realidade parece agir aqui como um guardião do portal, uma situação capaz de manter o limite entre o mundo cotidiano e a aventura, impedindo o ingresso do personagem em sua jornada. É também nesse momento que o personagem percebe um confronto entre o chamado à aventura de se tornar pesquisador e a realidade e, já desgastado, considera recusar o chamado:

Aí, eu resolvi que eu ia desistir! Aí eu fui no departamento, justamente com o intuito de desistir mesmo, não estava vendo muitas possibilidades naquele sentido. E, na época, eu lembro que quando eu cheguei no departamento para fazer essa solicitação, a secretária do departamento falou comigo: “Nossa! Não faz isso não, porque você sempre se saiu muito bem aqui dentro... [...]. Porque você não vai no Renê Rachou? Está tendo um curso lá... e depois você decide... está tendo um curso lá, de interação parasito-hospedeiro, que talvez você possa ver alguma outra possibilidade.”

A intenção de recusa ao chamado, porém, é questionada por alguém que conhecia a capacidade do personagem, uma espécie de primeiro mentor que lhe oferece uma informação valiosa.

Um mentor é, grosso modo, um guia que se apresenta para auxiliar a consecução de uma tarefa. Essa designação do papel de conselheiro é inspirada em Mentor, personagem mitológico que administra os bens de Ulisses durante a guerra de Tróia. Ele serve como avatar da deusa Atena para atuar como um conselheiro de seu filho Telêmaco e colocá-lo em uma busca que culminará na sua salvação, mantendo-o longe dos pretendentes ao trono de seu pai, que tencionavam matá-lo (BRANDÃO, 1991). No caso do narrador-personagem, a

mentora que a ele se apresenta exerce função semelhante. O protagonista recebe seu conselho e, ao segui-lo, se depara com um novo caminho:

Eu vim, realmente, e aqui no curso eu conheci a Juçara Parra, que era pesquisadora aqui da Fiocruz e, conversando com ela e com os alunos... [...] ela me disse que tinha uma oportunidade, que eles tinham acabado de comprar... de ganhar, na verdade... um citômetro de fluxo, que tinha sido doado aqui para a Fiocruz por uma universidade dos Estados Unidos. Era um equipamento novo, só tinha dois no Brasil, um no Rio de Janeiro e esse que tinha chegado aqui. E eles realmente estavam precisando de pessoas para trabalhar com essa técnica. Então, eu comecei o meu trabalho... mudei de bioquímica para imunologia e concluí o meu mestrado em 1992.

Recordando a advertência de Campbell (1988) segundo a qual os elementos do ciclo podem se realinhar ao longo de cada narrativa e adquirir maior ou menor importância de acordo com o drama narrado, pode-se observar que o conselho do primeiro mentor permitiu ao pesquisador-narrador ir “além do limiar” e iniciar “uma jornada por um mundo de forças desconhecidas e, não obstante, estranhamente íntimas. Algumas dessas forças o ameaçam fortemente (provas), ao passo que outras lhe oferecem ajuda mágica (auxiliares)” (CAMPBELL, 1988, p. 241-242) e, dessa forma, levaram-no ao encontro de uma possibilidade que o permitiu encerrar mais um ciclo de forma vitoriosa e logo iniciar outro.

E, quando foi 1993, eu entrei no doutorado lá no próprio Departamento de Bioquímica [da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG], com orientação do Rodrigo Correa de Oliveira. Logo no primeiro semestre apareceu uma oportunidade de fazer um estágio de um ano nos Estados Unidos... Essa oportunidade, na verdade, foi oferecida pelo Doutor Zigman Brener, que trabalhava aqui na área de Doença de Chagas. Até então, eu estava trabalhando no mestrado e a proposta de projeto de doutorado era com Esquistossomose. Eu achei que era uma oportunidade interessante, aceitei o convite do professor Zigman Brener, tranquei o doutorado por um ano e fui pra lá. Fiquei na Universidade de Johns Hopkins por um ano, foi uma experiência muito boa... Em 1994, eu voltei para cá e terminei o doutorado em 1997. Eu terminei o meu doutorado aqui no Renê Rachou, mas pelo departamento de bioquímica da UFMG e o Rodrigo foi meu orientador. Logo em seguida, eu tive a oportunidade de fazer um pós-doutorado com o professor Giovanni Gazzinelli, com bolsa da FAPEMIG para Jovens Doutores.

Essa dupla referência a Brener – pesquisador e seu predecessor na liderança do grupo de pesquisa que ele viria a assumir – indica que o personagem quis apresentá-lo como uma figura poderosa no imaginário coletivo e decisiva para essa parte de sua trajetória. Ainda que inconscientemente, é possível que o personagem o visse como uma figura que precisaria ser suplantada para que o grupo o autorizasse na liderança. Essa figura necessitaria ser, primeiro,

reconhecida, depois ser relativizada para, enfim, quando sua herança no imaginário do personagem fosse reduzida a proporções humanas, ser, por ele, integrada.

Essa relação remete à perspectiva de Samuels (2002), segundo a qual os líderes originalmente inspiradores, mas imaginariamente onipotentes, precisam passar, aos olhos de seus liderados, ao status de uma “liderança suficientemente boa”. Segundo o autor, “existem formas de liderança que tem o potencial de inspirar posturas de maior participação e cidadania nos indivíduos, essas formas são caracterizadas por despertar nos indivíduos a construção de representações não heróicas de liderança que possam inspirar emocional e psicologicamente as pessoas” (SAMUELS, 2002, p. 97). Para o autor é o desapontamento e a decepção com a queda de um líder do seu status de perfeição que introduz os seus na dura realidade da vida. Uma “humanização” do mito ou “des-heroicização” do líder obriga os indivíduos a assumirem uma postura ativa diante dos erros e os acertos que eles cometeram e, assim, se tornarem aptos a assumirem a sua própria atitude de criatividade e autonomia. Tendo executado esse movimento, esses indivíduos tem a potencialidade de se tornarem novos líderes, propagadores desse modelo humanizado, mas não menos inspirador, de liderança.

E assim, partindo do mundo ordinário; após haver experimentando o chamado e, posteriormente, o desejo de recusar o chamado à aventura, que é superado ao se deparar com uma espécie de primeiro mentor; o personagem atravessa o primeiro limiar. Como protagonista de sua trajetória, narra suas quedas, o encontro com aliados e auxiliares e a conclusão de mais um ciclo de sua trajetória. O personagem rememora o momento em que se reergue e começa a ser apresentado às regras desse novo mundo, no qual adentrou ao cruzar o portal:

Quando foi em 98... é... abriu a oportunidade de ter um concurso aqui na fundação. Então eu fui aprovado no concurso, mas eu fiquei em segundo lugar, e o concurso era uma vaga [...]. A segunda vaga,... ela depois... foi transformada para uma vaga para trabalhar no laboratório de Doenças de Chagas com o Doutor Zigman Brener, então eu acabei ingressando aqui, trabalhando no Laboratório de Doenças de Chagas.

Ao ser aprovado em um concurso e convocado para trabalhar com a figura poderosa e significativa para sua trajetória até então (e à qual já havia se referido antes), o protagonista atinge um ponto em que não mais há retorno.

Outra tessitura paralela se apresenta aqui (embora intrinsecamente ligada à ideia de um pai simbólico): a noção de um fundador que é, psicologicamente, um pai para o narrador/personagem. Esse fundador (Brenner) é, ao mesmo tempo, o pai que tem que ser superado e vencido:

Quando chega ao nadir da jornada mitológica, o herói passa pela suprema provação e obtém sua recompensa. Seu triunfo pode ser representado [...] pelo reconhecimento por parte do pai-criador (sintonia com o pai), pela sua própria divinização (apoteose) [...]; intrinsecamente trata-se de uma expansão da consciência e, por conseguinte, do ser (iluminação, transfiguração, libertação). (CAMPBELL, 1988, p. 242)

A ideia de um fundador como pai de uma cultura e doador de uma identidade coletiva que desempenha o papel de modelo emblemático é evocado nos estudos do imaginário por Durand (1986). Este afirma, por exemplo, que a Eneida, poema épico de Virgílio, fecundou o imaginário poético da época de Augusto com a imagem da chegada do herói troiano Enéas e conferiu um caráter particular a identidade romana a partir daí. O autor compara essa imagem com vários outros personagens míticos como, por exemplo, José de Arimatéia – que traz o Graal do oriente para o ocidente, vinculando-se indelevelmente ao imaginário cristão no continente europeu. Como em tantos outros lugares, o grupo de pesquisa “não escapa, é claro, a esse arquétipo do ‘fundador vindo de fora’. Mas a origem exterior e transcendente é aqui consideravelmente acentuada” (DURAND, 1986, p. 12). O fundador do grupo é concreto – existiu e ainda se faz presente no imaginário das pessoas que puderam conviver com ele para adquirir, nas falas dos membros do grupo, ares de um personagem mitológico.

O fundador, Zigman Brenner, que veio de longe e estudou com grandes mestres (no Ginásio Público Mineiro, casa a que se atribuía abrigar os melhores professores da cidade), tornou-se médico, cientista e um agente civilizatório. Seu obituário, redigido por Gazzinelli (2003), descreve o Professor Doutor Zigman Brenner como um dos maiores parasitologistas brasileiros, filho único de pais pobres de origem judia, que nasceu na cidade de São Paulo e transferiu-se para Belo Horizonte onde teve a sua formação, tornando-se um emérito professor e cientista que produziu notáveis descobertas no tratamento da Doença de Chagas. Essa jornada parece se configurar em uma espécie de consagração iniciática que traz para o local de chegada uma mensagem e impregna profundamente a psique e a cultura do grupo que ele criou. Nesses termos, para que alguém pudesse ocupar de fato o lugar de líder, esse alguém teria que enfrentar e superar ou, pelo menos, entrar em sintonia com essa figura poderosa.

A tarefa que aqui se configura e que acena como sendo a tarefa final da empreitada é, portanto, a do pesquisador-narrador superar o seu predecessor (CAMPBELL, 1988), humanizá-lo (SAMUELS, 2002), sintonizar-se com ele (CAMPBELL, 1988) e – convertendo-o em um modelo “suficientemente bom” – assumir, ele próprio, esse lugar de “líder suficientemente bom” (SAMUELS, 2002). A primeira grande prova enfrentada em sua jornada veio logo no início de sua inserção no grupo:

Tive algumas dificuldades, mais no início, mais assim... acho que mais por resistência da equipe que já existia aqui, por eu ser uma pessoa que começou aqui com mestrado, e agora eu estava entrando como pesquisador. Pensei em desistir, realmente.

É exatamente durante essa primeira prova, momento no qual enfrenta diversos testes, que o protagonista se depara com uma barreira que lhe parece intransponível o suficiente para fazê-lo desistir de sua jornada. “Cheguei até a elaborar uma carta pedindo ao diretor para sair do laboratório, porque estava realmente muito... muita pressão” – ele se recorda e, imediatamente, rememora o encontro com uma aliada, uma nova mentora de quem recebe conselhos e orientações:

[...] por orientação, aqui, de uma servidora, que... trabalhava com uma linha de desenvolvimento individual, ela me orientou... Na época, eu fiz um trabalho bom com ela, de acompanhamento individual, e eu me mantive no laboratório. E o que aconteceu com isso é que as pessoas parecem que começaram a perceber que... então... que eu não ia desistir, isso mudou o cenário todo, entendeu?

Esse novo fôlego equivale à conquista de um primeiro “artefato mágico” no modelo de Campbell (1988) e possibilita a sua vitória ante a crise inicial:

Assim, a secretária que estava com resistência comigo... ela pediu para mudar de setor [...]. O apoio técnico que também estava com restrições comigo, pediu aposentadoria e foi embora. O outro... servidor ficou comigo, que era o servidor de apoio técnico [...]. E tinha um pesquisador, que ele..., a gente não estava dando muito certo, e ele pediu para montar outro Laboratório. Então, na verdade, o que aconteceu comigo? No ano de 2000 eu me vi sozinho, né, numa instituição, com um apoio técnico, não tinha nenhum equipamento, não tinha espaço físico direito... Foi muito difícil!

Recorrendo de novo ao modelo de Campbell, acontece aqui o “mergulho no ventre da baleia”, quando novos testes a serem superados apresentam-se e se faz necessário encontrar aliados e enfrentar inimigos, de forma que o pesquisador-narrador possa vir a aprender as regras vigentes nesse mundo especial:

E eu comecei a pensar em parceria, sabe? Assim... alguém que pudesse me apoiar nesse processo, e a primeira oportunidade que eu tive, foi com a ... foi um convite que eu fiz para a Silvana Eloí. Ela é médica, professora da UFMG, ela já trabalhava aqui no Renê Rachou há muito tempo, mas na informalidade. Então eu a convidei para ser pesquisadora visitante no grupo que eu ia montar.

A chegada dessa nova auxiliar torna possível ao pesquisador-narrador seguir em frente e entrar em batalhas ainda maiores:

Aí eu montei o Grupo de Pesquisa em Doenças de Chagas, que eu chamei de Grupo Integrado de Doenças de Chagas, Leishmaniose e Infecções Virais, onde eu era o líder, ela era a vice líder... foi muito difícil... outros pesquisadores tinham uma resistência enorme. Pra você ter idéia, eu trabalhei aqui durante dez anos, como líder do grupo... sem ser reconhecido como líder do grupo.

Entremado a essas novas provações persiste, ainda, um desafio renitente:

Então, eu ainda era considerado vice do Doutor Zigman Brener, que já tinha falecido... na verdade, há mais de oito anos antes. [...] O Laboratório não tinha líder, eu era o vice-líder, vice-chefe na época, como era chamado.

Novamente o pai fundador que precisa ser superado/integrado é um obstáculo que, lentamente, vai tendo a sua condição alterada no imaginário do grupo. O pesquisador-narrador vai executando a aproximação de seu objetivo:

Mas aí, com questões políticas internas, tivemos outras situações semelhantes e acabaram que, por pressão de outros pesquisadores, eles viram que a diretoria tinha que nomear novos líderes. E eu acabei entrando nessa, e me nomearam como líder do laboratório... mas isso bem depois.

Consciente de que empreender essa tarefa sem auxílio seria impossível, faz-se necessário montar a sua equipe:

Então, no início, assim... o quê que eu fiz? Eu pensei: **“eu tenho que montar minha equipe!”**. Consegui dois alunos de Iniciação Científica [...], mas eles eram todos de outros laboratórios; eu era colaborador do trabalho deles [...]. Eu me lembro que era uma resistência tão grande que eu enfrentei, que tinha situações, assim, que eu ia fazer reunião com eles... chegou ao ponto de... dos chefes deles proibirem de eu fazer reunião com eles, sem a presença deles, porque estavam achando que eu estava assim, tipo passando por cima deles! Enfim, foi difícil, mas consegui... e no final das contas eu acabei, no ano de 2008... por aí, eu acabei tendo o laboratório reconhecido... eu como líder, e tal. (grifo nosso)

Esse esforço evoca uma das mais antigas aventuras do imaginário ocidental (e que se reproduz em muitas situações cotidianas mundo afora): a criação de uma equipe apta a lançar-se rumo à conquista de um objetivo complexo e desafiador. A mais emblemática narrativa de uma

empreitada semelhante aparece na mitologia. Segundo Brandão (1991), o herói grego Jasão, numa tentativa de recuperar o trono que lhe havia sido usurpado, e que por direito sanguíneo lhe pertencia, lançou-se na busca de uma relíquia sagrada “O Velocino de Ouro”. Para que sua conquista fosse bem sucedida o herói fez um arauto convocar príncipes e heróis de toda a Grécia para a “magna empresa”. Assim Jasão foi capaz de reunir em torno de 50 paladinos para tripularem o seu navio: o Argo – donde deriva o nome dos expedicionários: os Argonautas. Entre esses aventureiros extraordinários estariam Orfeu, os gêmeos Castor e Pólux e o próprio Hércules.

De forma semelhante, com o auxílio desses novos aliados, o protagonista enfrenta um novo ciclo de testes, conquista de aliados e enfrentamento de inimigos. Nesse exercício, novas regras do mundo especial são aprendidas:

Para montar o laboratório, eu contei com muito com material aqui de descarte, sabe? [...] “Ah, tem essa mesa aqui que eu não quero... que eu comprei outra nova... manda para os inservíveis”. Periodicamente eu ia nesses inservíveis e encontrava assim... geladeira, *frezzer*, centrífuga... e eu acabei montando o laboratório dessa forma. Com o passar do tempo, as coisas foram melhorando porque esses servidores, né... [cita um colaborador] já era servidor, ele pediu para transferir para o laboratório para trabalhar comigo, porque ele não estava satisfeito onde ele estava. Com o passar do tempo, teve novos concursos [...]. Então, assim, foi uma caminhada difícil. Várias vezes eu tinha realmente vontade de desistir, porque era muita pressão, desânimo, falta de apoio institucional, sabe? Mas eu acho que o que me fortalecia eram as parcerias que eu fazia com as pessoas.

Outra sequência de testes, aliados e inimigos se apresenta ao grupo recém montado e, como consequência disso, as regras do mundo especial são ainda melhor entendidas permitindo, inclusive, a conquista de novos artefatos “mágicos”.

Eu comecei a fazer parcerias fora daqui, sabe? [...] E essas parcerias me fortaleciam... eu via que eu estava no caminho bom. Aí, com o tempo foi crescendo. [...] E eu lembro quando nós passamos pelo primeiro credenciamento, uma das críticas que a gente teve é que o Laboratório tinha muita Iniciação Científica, pouco mestrado, pouco doutorado e nenhum pós-doc. Quer dizer, isso era inevitável pela situação que a gente vivia, não tínhamos bolsa de mestrado, doutorado e de pós-doutorado. [...] E eu comecei a focar nesse sentido, [...] buscar o apoio mesmo, de mais pós-doc, para a gente ter um laboratório com uma estrutura mais sólida, eu acho. Porque o aluno de Iniciação Científica, ele é muito bom... ele vai se formar ao longo desse período, mas para a equipe funcionar de uma forma, assim [...] mais estruturada, mais dinâmica... eu acho que realmente tem que ter os vários níveis de formação. E o pós-doc... ele acaba auxiliando pela experiência que já tem, pela capacidade de liderança que já tem... e a gente poder delegar funções para eles, eu acho que compartilha as responsabilidades do grupo.

Nesse novo ciclo, o grupo enfrenta novos testes, encontro de novos aliados e enfrentamento de novas provações. Em decorrência disso, o pesquisador-narrador aprende ainda mais regras do mundo especial e conquista novos e fundamentais artefatos “mágicos”: as bolsas de pós-doc. Assim, aproxima-se o momento em que, após a grande provação, a já anunciada etapa final de sua jornada (a sintonia com o pai/líder fundador) se prenuncia: se aproxima o momento do pesquisador-narrador ocupar seu lugar de direito e, desse modo, empreender a volta simbólica para casa. A volta ao mundo comum, como o senhor de dois mundos: **a apoteose e a grande conquista** nas palavras de Campbell (1988).

O “herói” com a sua “consciência expandida” ou, metaforicamente, “iluminado” ou “liberto” deve retornar trazendo consigo a “benção que foi buscar”. “O trabalho final é o do retorno. [...] No limiar do retorno, as forças transcendentais devem ficar para trás; o herói reemerge do reino do terror (retorno, ressurreição). A benção que ele traz consigo restaura o mundo (elixir)” (CAMPBELL, 1988, p. 242)

Iniciação Científica e pós-doc são os dois pólos, né? Eu acho que é importante para uma equipe... esse pelo menos era o meu sonho... mas [...] pelo menos aqui, nesse mundinho onde eu vivo, eu tenho sentido que isso, talvez, tá se deteriorando. A minha idéia era que a gente deveria ter uma Iniciação Científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado e os pesquisadores, já seniores do grupo. [...] Na minha cabeça, isso funcionava como... igual uma estrutura familiar, onde você tem os pais... responsáveis... os filhos mais velhos, os mais novos e os mais novinhos, entendeu? Onde aquele circuito de interações iria propiciar a formação de todos, sabe? [...] Porque, pra mim, o conhecimento... ele teria aqui uma difusão, sabe? O pequeno aprendia com mais velho, que aprendia com do meio... o do meio aprendia com o mais novo... [...], mas o mundo não tá assim mais, sabe? [...] Então, eu me desgastava demais, intermediando pessoas. [...] Eu fiz isso durante muito tempo, isso mais no início da minha carreira, sabe? Quando eu estava [...] muito próximo dos meus alunos de Iniciação Científica, de mestrado e doutorado... não tinha muito pós-doc e eu procurava fazer esse exercício. Isso me desgastava tanto! Mas era muito mesmo, sabe? Muito desgastante! Acho que foi bom, acho que contribuí pra formação de pessoas com essa ideia da integração. Eu vejo como que eles atuam profissionalmente hoje e acho que isso foi importante. A partir do momento que o Laboratório tomou essa outra dimensão, maior, eu acho que eu... primeiro eu tive que deixar de fazer isso porque eu não tinha tempo mais... eu tive que delegar funções. Achei que o grupo perdeu esse caráter integrado, sabe? É... vejo que existe uma certa integração, sabe? Ainda assim, até superior àquela encontrada em outros grupos, sabe? Mas não é a que eu queria que tivesse, sabe? E acho que o grupo tem hoje... fragmentos que estão colocados juntos!

Diluída em todo esse trecho, há uma luta interna entre dois modelos de grupo, na visão do pesquisador-narrador: o modelo tradicional – representado pelo seu predecessor – e um novo modelo que ele aspira, mas que por ser desafiador, exige dele boa dose de desprendimento;

exige reinventar-se. Um primeiro modelo onde ele exerce o controle e um segundo modelo em que ele o delega. Parece haver aqui uma espécie de recusa de retorno ao mundo comum – uma recusa em deixar para trás as forças transcendentais. O pesquisador-narrador parece procurar uma síntese que o permita ocupar o lugar de “pai” em um novo modelo, diferente daquele de Brener – um líder “suficientemente bom” (SAMUELS, 2002).

Eu trabalho muito assim... aqui dentro, como uma estruturação meio familiar, sabe? [...] você tem a estrutura parental, filial e depois a próxima geração. Você, enquanto está só nessa aqui, você tem controle, você tem domínio, você dá todas as diretrizes, comanda tudo. Quando passa a ser a sua segunda geração, depois a terceira geração... que é o que já acontece... eu não posso intervir na forma de atuação de uma pessoa que eu formei ou de uma pessoa que está aqui comigo [...] eu, hierarquicamente, estou responsável por ele, mas ele tem a sua própria raiz agora; os seus próprios galhos, vamos dizer assim. E o outro também tem os dele. [...] A ramificação tomou uma magnitude tão grande, que às vezes nem eles têm condição! [...] O tempo inteiro a minha luta tá sendo assim, para mostrar para as pessoas que existe uma metodologia científica. E a metodologia... ela tem que ser padrão. O que acontece é isso! É igualzinho a vida, sabe?... social... é a mesma coisa!

Ao longo desse trecho fica claro o movimento rumo à superação/reencontro com o pai. Parece evidenciar-se uma tendência de migração do modelo tradicional de relação, anteriormente citado, para o segundo modelo “bom o bastante”: a sintonia com o pai (CAMPBELL, 1988) se avizinha. Essa atitude “boa o bastante” – intrínseca ao ato de compartilhar o conhecimento de uma forma que auxilie os liderados a se tornarem pesquisadores criativos, inovadores e competentes – assume um papel central no desenvolvimento da pesquisa e evoca a análise de Sá (2015):

O ensino da pesquisa na orientação acadêmica trabalha o conhecimento, intrinsecamente, nas dimensões explícita e tácita. A explícita é aquela em que o conhecimento encontra-se formalizado, em livros, revistas ou certificado por meio de títulos acadêmicos. A dimensão tácita é aquela que já encontra-se interligada à prática, à experiência no fazer alguma coisa, como por exemplo o conhecimento que o orientador passa nas conversas de supervisão (NONAKA; TAKEUCHI, 1997). O decorrer da orientação é marcado pela troca de conhecimentos tácitos, embasados em conhecimentos explícitos e que irão culminar no conhecimento explícito dissertação ou tese. (Sá, 2015, p. 14)

O amadurecimento, uma percepção que sinaliza a volta “para casa” do pesquisador-narrador como o senhor dos dois mundos, é evidenciado no trecho a seguir:

Então chegou um ponto que... eu já tô na minha quarta geração, entendeu? Eu não vou fazer mais isso não... porque, na verdade, se eu fizer alguma intervenção [...] vai causar atrito entre as pessoas. Vão achar que eu estou querendo invadir a

orientação que ele tá dando pra outro aluno. [...] Então, o meu papel ficou muito mais esse de liderança, de buscar recursos, de escrever artigos e tal.

Nessas quatro gerações, visualiza-se que o narrador assumiu definitivamente o lugar do pai e transita entre os dois mundos, utilizando o “elixir” para ajudar a todos no “mundo comum”:

Então eu acho que o quê eu contribuo hoje para o grupo é ajudar na finalização para publicação dos artigos científicos, sabe? [...] Chama-se garimpagem dos dados gerados... tirar aquilo ali de uma forma coerente, consistente, transformar a história que foi construída em uma história apresentável... e é o papel que eu posso ter para contribuir para o grupo, sabe? Não estou mais à frente da liderança do dia-a-dia, da bancada; não estou mais à frente da liderança de reuniões internas e é isso. Eu acho que vai caminhar assim, é o caminho natural. Eu acho que a partir da próxima década a minha contribuição vai ficar igual dos pesquisadores seniores que tinham aqui, que ficavam, às vezes, mais como consultores. Alguém ia lá conversar um pouco, para saber disso, saber daquilo... Talvez não vou nem escrever tanto mais. Mas eu acho que é o caminho natural das coisas.

O pesquisador-narrador vislumbra, então, um futuro imaginário no qual ele assume em definitivo o lugar de mentor e se propõe a preparar as novas gerações; novos heróis-pesquisadores que terão que, cada um a sua maneira, assumir o seu lugar no mundo. O pesquisador-narrador parece movimentar-se segundo a proposição de Chauí (2002) em sua descrição das dialéticas ascendente e descendente. Dessa forma, o personagem, em sua ideação de futuro, sente-se impulsionado a executar o movimento inverso – após ter executado o movimento ascendente rumo às chaves para o entendimento do seu mundo e ao esforço para determinar qual é a essência do trabalho do pesquisador.

Ele deseja retornar à calma, exercendo, na condição de um mentor pleno (um auxiliar/conselheiro) o papel de disseminador do conhecimento tácito que adquiriu ao longo da sua carreira para os seus orientados. Executar, por assim dizer, um movimento descendente, reduzir toda a complexidade por ele apreendida em elementos simples que, gradualmente apresentados aos seus orientados, permitam-lhes evoluir, passo a passo, até a reconstrução, por si mesmos, do quadro complexo.

6. Considerações finais

Ao analisar – através da utilização da leitura que Campbell (1988) faz da jornada do herói como uma metáfora conceitual – a narrativa que o pesquisador/líder de um grupo de pesquisa de excelência faz da sua formação, trajetória e carreira, o presente estudo buscou ilustrar como essa representação, ao ser estruturada em seu imaginário como uma jornada mítica, teve um

duplo valor em sua experiência. Primeiramente, auxiliando-o na construção das bases que o tornaram reconhecido primeiro como pesquisador respeitável, depois como o líder e, ao longo desse processo, mentor desse grupo. Depois, auxiliando-o a converter esse grupo em um espaço de referência na produção de conhecimento dentro do seu campo específico de conhecimento.

Considera-se que, ao fazer isso, tenha ficado evidente o significativo papel de elementos do imaginário na composição de sentidos que orientam e parametrizam comportamentos e auxiliam na compreensão das forças que atuam no mundo em geral, e no universo acadêmico em particular. Ao considerar que a gestão inconsciente e fortuita desse processo permitiu alcançar esse sucesso, pode-se especular como uma ação mais coordenada poderia potencializá-lo. Acredita-se, ainda, que essa leitura tenha deixado vislumbrar indícios de que uma avaliação mais atenta dos indícios originados no imaginário e dos símbolos a ele inerentes nos relatos dos grupos de pesquisa possa abrir portas para uma melhor compreensão das intrincadas relações entre a história e o ciclo vital dos líderes desses grupos de pesquisa com os modos como se dá a capacitação de seus integrantes e a formação de novos pesquisadores envolvidos com a criação de conhecimento.

Finalmente, retomando a Figura 1 para discorrer sobre a influência da figura do líder de grupo estudado e das significações relacionadas a ele no processo infocomunicacional, pode-se afirmar que seu personagem não apenas detém a liderança acadêmica e intelectual no ambiente de pesquisa, mas, parafraseando o glossário do CNPq (2017, online), além da responsabilidade sobre a coordenação e planejamento dos trabalhos de pesquisa do grupo, sua influência simbólica aglutina os esforços dos demais pesquisadores e, pela via do imaginário, aponta horizontes e estimula seus companheiros na busca por novas áreas para a inovação e criação de conhecimentos

7. Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Eliane Pawlowski de Oliveira. (2013). *Tomada de decisão organizacional e subjetividade: análise das dimensões simbólico-afetivas no uso da informação em processos decisórios*. Dissertação - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação. Belo Horizonte.

BACHELARD, Gaston. (1999). *A psicanálise do Fogo*. São Paulo: Martins fontes.

- BENJAMIN, Walter. (1994). *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense.
- BETTI, Irene C. Rangel; MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. (1997). *História de vida: trajetória de uma professora de educação física*. Motriz, Rio Claro, 3(2), p.108-15.
- BOURDIEU, Pierre. (1975). The specificity of the scientific field and social conditions of the progress of reason. *Social Science Information*, 14(6), p.19-47.
- BRANDÃO, Junito. (1999). *Dicionário mítico-etimológico*. Petrópolis: Vozes.
- CAMPBELL, Joseph. (1988). *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento.
- CAMPBELL, Joseph. (2007). *Para viver os mitos*. São Paulo: Cultrix/Pensamento.
- CHAU, Marilena de Souza. (2002). *Introdução à história da filosofia*. 2.ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Cia. das Letras, 4 v.
- CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp>>. Acesso: 12 ago. 2017.
- DURAND, Gilbert. (1997). *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes.
- DURAND, Gilbert. (1986). O imaginário português e as aspirações do ocidente cavalheiresco. In: Gabinete de Estudos de Simbologia. *Cavalaria espiritual e conquista do mundo*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- FLICK, Uwe. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3ª ed. Porto Alegre: Artemed.
- GAZZINELLI, Giovanni. (2003). Professor Zigman Brener. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, 36 (1), p. 133-136.
- HUBERMAN, M. (1992). O Ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Portugal: Porto Editora, p. 31-61.
- KNORR-CETINA, Karin. (1981). *The Manufacture Knowledge. An essay on the constructivist and contextual nature of science*. Oxford: Pergason Press, 189p.
- KRAHL, Mônica et al. (2009). Experiência dos acadêmicos de Enfermagem em um grupo de pesquisa. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 62, p. 146-150.
- KUHN, Thomas S. (2013). *A estrutura das revoluções científicas*. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 323 p.
- LAPASSADE, G. (1977). *Grupos, organizações e instituições*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. (1997). *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relumé Dumará, 310p.

- LEITE, Fernando César Lima (2006). *Gestão do conhecimento científico no contexto acadêmico: proposta de um modelo conceitual*. Universidade de Brasília. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade de Brasília.
- LYNCH, Michael. (1985). *Act and artifact in laboratory of science*. London: Routledge, 180p.
- MACULAN, Anne-Marie Delaunay; SOARES, Cláudio Furtado. (2000) Os pesquisadores e a transferência de conhecimento para a indústria. In: XXI Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica, 2000, São Paulo, SP. *Anais...* São Paulo: NPGT/USP.
- MELLO, Marco Aurélio Ribeiro de. (2017). *Sobrevivendo na ciência: um pequeno manual para a jornada do cientista*. Belo Horizonte: Edição do Autor. 384p.
- NÓBREGA-TERRIEN, Sílvia Maria; ALMEIDA, Maria Irismar de; ANDRADE, João Tadeu de. (2009). *Formação diferenciada: a produção de um grupo de pesquisa*. Fortaleza: Ed. UECE.
- OSINSKI, Marilei; ROMAN, Darlan; ERDMANN, Rolf Hermamm. (2015). Expectativas do pesquisador líder acerca do desempenho de grupos de pesquisa em Administração. *Unoesc & Ciência*, v. 6, p. 151-164.
- [PAIVA, Vera Lucia Menezes de Oliveira e.](#) (2008). A pesquisa narrativa: uma introdução. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, (Introdução em português da Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 8, n.2).
- PROPP, Vladimir. (1992). *Morfologia do conto*. Lisboa: Vega.
- QUEIROZ, Tatiana Pereira (2014). *O bom filho a casa sempre torna: análise do relacionamento entre a universidade federal de minas gerais e seus egressos por meio da informação*. 2014. 202 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- REGO, Teresa Cristina. (2014). Trajetória intelectual de pesquisadores da educação: a fecundidade do estudo dos memoriais acadêmicos. *Revista Brasileira de Educação*, v.19, n.58, p. 779-800.
- SÁ, Rosilene Moreira Coelho de. (2015). *Compartilhamento do conhecimento e o processo de orientação de discentes de pós-graduação stricto sensu*. Dissertação - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação. Belo Horizonte. 159f.
- SANTOS, Geisa A. do Carmo. (2012). As narrativas e as trajetórias das histórias de vida dos educadores: olhares singulares e estruturantes da docência. *Cairu em Revista*, Salvador, 1(1), p.51-65.
- SAVIANI, Dermeval. (2002). O choque teórico da politecnia. *Trabalho, Educação e Saúde*, 1 (1), p.131-152.
- STEWART, Thomas. (1998). *Capital intelectual*. 2.ed. Rio de Janeiro: Campus.
- TODOROV, Tzvetan. (1979). *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 205p.

VOGLER, Christopher. (2002). *El viaje del escritor*. Las estructuras míticas para escritores, guionistas, dramaturgos y novelistas. Barcelona: Ma Non Troppo (Ediciones Robin Book).